O FOLCLORE DA CAIXA

CONTOS

ANTENOR PIMENTA MADEIRA
WALDIR DE LUNA CARNEIRO
WALTER BAZÍLIO
ALDA ÁLVARES TORRES BOTELHO
CARLOS ALBERTO MEDEIROS NÓBREGA
CESAR BENVENUTO PALVARINI
DAN ALVES PEREIRA
EDMUNDO MOGADOURO
FERNANDO ANTONIO LIMA DE MELLO
FLORIVAL DE ASSIS FERREIRA
JOÃO BATISTA MELO DOS SANTOS
JOSÉ AUGUSTO MAZUCO
JOSÉ COELHO DE BARROS
JOSÉ ROBERTO DA SILV
LOTÁRIO NEUBERGER
LUIZ MANOEL DA SILVA OLIVEIRA
MANOEL CRISÓSTOMO SILVA
MÁRIO MEDEIROS JÚNIOR
MIGUEL ANGELO GARAVELLO
PAULO ROBERTO MACHADO DA SILVEIRA
REGINA CELI DE OLIVEIRA TAVARES
ZENI ISQUIERDO DANELON

"Hei por bem
e autorisar a
creação de uma
Caixa Economica
e um Monte de
Soccorro nesta
Côrte..."
12 de Janeiro de 1861



"A miopia crescente não a impedia de ficar horas a fio mergulhada na leitura das páginas clássicas de Dostoiévski, Machado de Assis, Pirandello e Anatole France. Muitos pensavam que a pobre velhinha já caducava quando ouviam suas gargalhadas homéricas ponteando os capítulos de 'O Falecido Mattia Pascal'. Não dava ouvidos aos mexericos. Vivia sozinha e feliz, tendo como única companhia o gato Amílcar — homônimo do companheiro de Silvestre Bonnard. (...)"

"A Caixa de Pandora", de Antenor Pimenta Madeira.

1º Lugar no **Prêmio Literatura da Caixa.**

"Chegou em casa meio entontecido, como se o uísque da véspera só agora lhe tivesse subido à cabeça. Mal beijou Carminha e descreveu tudo: a viagem, a chegada, o casarão frio, cachorrada latindo, fungando e por fim lambendo; café em xícaras enormes, duas mocetonas empertigadas, cheiro de funcho e alfazema, um relógio que mais parecia de igreja e o cômodo das armas, armários envidraçados até o teto: fuzis, carabinas, mosquetes e garruchas, almas raiadas e almas lisas. Indicava-se uma daquelas e lá vinha o Boanerges despencando histórias, 'causos', episódios de caça, revoluções, apostas, tocaias, assassinatos. (...)"

"Nasce um Gerente", de Waldir de Luna Carneiro.

2º Lugar no **Prêmio Literatura da Caixa.**

"Noitinha já quando nos despedimos.

Atravesso vagarosamente a Praça da Sé. Para que pressa? O espelho da memória reflete uma praça cheia de bondes. O ponto inicial era em frente da Caixa. Belém, Penha, Rubino de Oliveira, Vila Maria, Parque São Jorge, que saudade dos bondes, que saudade de mim.

Chego ao Metrô, começo a descer a escada-rolante.

Bem na frente, a Catedral toda iluminada.

Olho para trás, a tempo de ver, ainda, os mármores negros da Caixa, roupagem da velha 'Mãe Preta' (...)"

"Aposentados", de Walter Bazílio.

3º Lugar no **Prêmio Literatura da Caixa.**

PRÊMIO LITERATURA DA CAIXA

Diretoria da Caixa Econômica Federal

GIL GOUVÊA MACIEIRA
Presidente

ALEXANDRE PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE
Diretor de Programas

ÁLVARO FERDINANDO DUARTE BARCELOS
Diretor de Recursos Humanos

CHRISTIANO GUIMARÃES FONSECA
Diretor de Aplicações e Financiamentos

HENRIQUE HELION VELHO DE CÓRDOVA
Diretor de Depósitos e Operações Diversas

MECHEL WOLLER
Diretor Financeiro

MIGUEL ETHEL SOBRINHO
Diretor de Habitação e Hipoteca

O FOLCLORE DA CAIXA

CONTOS

ANTENOR PIMENTA MADEIRA
WALDIR DE LUNA CARNEIRO
WALTER BAZÍLIO
ALDA ÁLVARES TORRES BOTELHO
CARLOS ALBERTO MEDEIROS NÓBREGA
CESAR BENVENUTO PALVARINI
DAN ALVES PEREIRA
EDMUNDO MOGADOURO
FERNANDO ANTONIO LIMA DE MELLO
FLORIVAL DE ASSIS FERREIRA
JOÃO BATISTA MELO DOS SANTOS
JOSÉ AUGUSTO MAZUCO
JOSÉ COELHO DE BARROS
JOSÉ ROBERTO DA SILVA FONSECA
LOTÁRIO NEUBERGER
LUIZ MANOEL DA SILVA OLIVEIRA
MANOEL CRISÓSTOMO SILVA
MÁRIO MEDEIROS JÚNIOR
MIGUEL ANGELO GARAVELLO
PAULO ROBERTO MACHADO DA SILVEIRA
REGINA CELI DE OLIVEIRA TAVARES
ZENI ISQUIERDO DANELON

FICHA CATALOGRÁFICA
(Preparada pelo Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal
Núcleo de Documentação e Pesquisa)

C13f Caixa Econômica Federal. Conjunto Cultural
O folclore da Caixa: contos, por Antenor Pimenta Madeira e outros. Prefácio de Luis Fernando Veríssimo. Apresentação de Gil Gouvêa Macieira. Brasília, CEF, 1984.
322 p. ilust.

Contém 25 contos selecionados pela Comissão Julgadora do Concurso "Prêmio Literatura da Caixa".

1. Conto brasileiro — Folclore — CEF
2. Caixa Econômica Federal — Contos 3. Folclore — Contos — CEF I. Título

CDD — 869.9301

Bibliotecária responsável:
Arlete Xavier Bitencourt Bezerra
CRB/1:0733

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
CONJUNTO CULTURAL

O FOLCLORE DA CAIXA

CONTOS

Antenor Pimenta Madeira
Waldir de Luna Carneiro
Walter Bazílio
Alda Álvares Torres Botelho
Carlos Alberto Medeiros Nóbrega
Cesar Benvenuto Palvarini
Dan Alves Pereira
Edmundo Mogadouro
Fernando Antonio Lima de Mello
Florival de Assis Ferreira
João Batista Melo dos Santos
José Augusto Mazuco
José Coelho de Barros
José Roberto da Silva Fonseca
Lotário Neuberger
Luiz Manoel da Silva Oliveira
Manoel Crisóstomo Silva
Mário Medeiros Júnior
Miguel Angelo Garavello
Paulo Roberto Machado da Silveira
Regina Celi de Oliveira Tavares
Zeni Isquierdo Danelon

BRASÍLIA
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
1984

Copyright © 1984
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Reservados todos os direitos autorais.

Edição especial fora do Comércio, especialmente preparada pela Caixa Econômica Federal.

Apresentação: Gil Gouvêa Macieira.
Prefácio: Luis Fernando Veríssimo.
Coordenação: Comissão organizadora do Prêmio Literatura da Caixa: Álvaro Robin Romano, Carlos Eduardo Maya Viana, José Guilherme de Oliveira, José Olegário Ferreira Aganete, Nadir Rodrigues Pereira e Zélio da Fonseca Motta.
Coordenador da Comissão: Antônio Carlos Mariani Mansur.
Capa: Zéllo Visconti.
Diagramação e projeto gráfico: Claudio Dallago.
Revisão do texto: José Luiz Nunes.
Ilustração: Diversos.

CEF — CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
SBS — Quadra 04 — Lote 34
70.070 — Brasília — DF
1984

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1825, de 20 de Dezembro de 1907.

"PRÊMIO LITERATURA DA CAIXA"

O "Prêmio Literatura da Caixa", que agora se materializa na publicação dos 25 contos selecionados pela Comissão Julgadora do concurso, abre uma nova frente para as atividades culturais de nossa Empresa.

Voltado, num primeiro momento, para o público interno, pretende ter — e efetivamente tem — duplo escopo:
— registrar a história humana da Caixa, retratada pelas crenças, valores e tradições que constituem seu riquíssimo folclore;
— fazê-lo através daqueles que foram e são, a um tempo, testemunhas e agentes dessa história: os economiários.

Com a reconstituição da memória da Caixa, estará sendo estimulado o surgimento de valores novos que, aliando-se aos nomes de economiários já consagrados na literatura nacional, poderão contribuir para o enriquecimento do acervo cultural do País.

Numa segunda etapa, que esperamos próxima, o "Prêmio Literatura da Caixa" será aberto ao público externo e cobrirá as muitas formas da manifestação literária brasileira.

Este projeto é mais uma demonstração concreta de que a Caixa assume em plenitude as responsabilidades sociais decorrentes de sua condição de Banco Social.

A medida de seu êxito, nesta primeira fase, é a dimensão intelectual da comunidade economiária, autora e personagem principal da história humana da Caixa.

Brasília, dezembro de 1984

GIL GOUVÊA MACIEIRA
Presidente da CEF

PREFÁCIO

Uma instituição não tem cara e não tem alma.

Tem História mas não tem histórias.

Cara e histórias têm as pessoas que trabalham na instituição. Que são também as que lhe fornecem a alma.

Isto parece um truísmo mas não é tão óbvio assim. Tendemos a atribuir uma personalidade às instituições e às empresas, independente das suas caras humanas. Uma imagem indefinida, uma fisionomia corporativa, algo que existiria mesmo que seus dirigentes fossem invisíveis e seus funcionários fossem robôs. Mistura de coisas tão variadas quanto a decoração das suas instalações, o 'layout' dos seus anúncios ou a letra do seu material de expediente. Sem falar, claro, na imagem pública que a instituição vai formando através dos anos com seu desempenho.

Muitas vezes esquecemos que mesmo a mais impessoal instituição é uma coleção de pessoas, de vidas, e por mais formidável que pareça nunca independerá do humano.

Estas histórias de funcionários da Caixa Econômica Federal, todas elas direta ou indiretamente sobre a Caixa, o seu passado, o seu folclore e o seu significado na vida dos outros, resgatam o humano detrás da fachada empresarial. Todas são — apesar da variedade de estilos e enfoques — manifestações de sensibilidade pelo humano. Aqui há coisas curiosas, engraçadas, pungentes, patéticas, enfim tudo aquilo que nos acontece por sermos desta espécie de mamíferos, condenados á autoconsciência e à compaixão. Clientes da Caixa ou não.

É bom ver uma empresa como a Caixa promover este tipo de coisa, pedir para ouvir as histórias de seus funcionários, ou ouvir sua própria história na experiência das pessoas, e provar que, decididamente, não são robôs do outro lado do guichê.

Não é sempre que se vê uma instituição expor sua alma assim, em público.

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO



"Aos economiários de ontem, hoje e amanhã. A Edmundo Mogadouro, que não viveu para ver seu trabalho publicado".

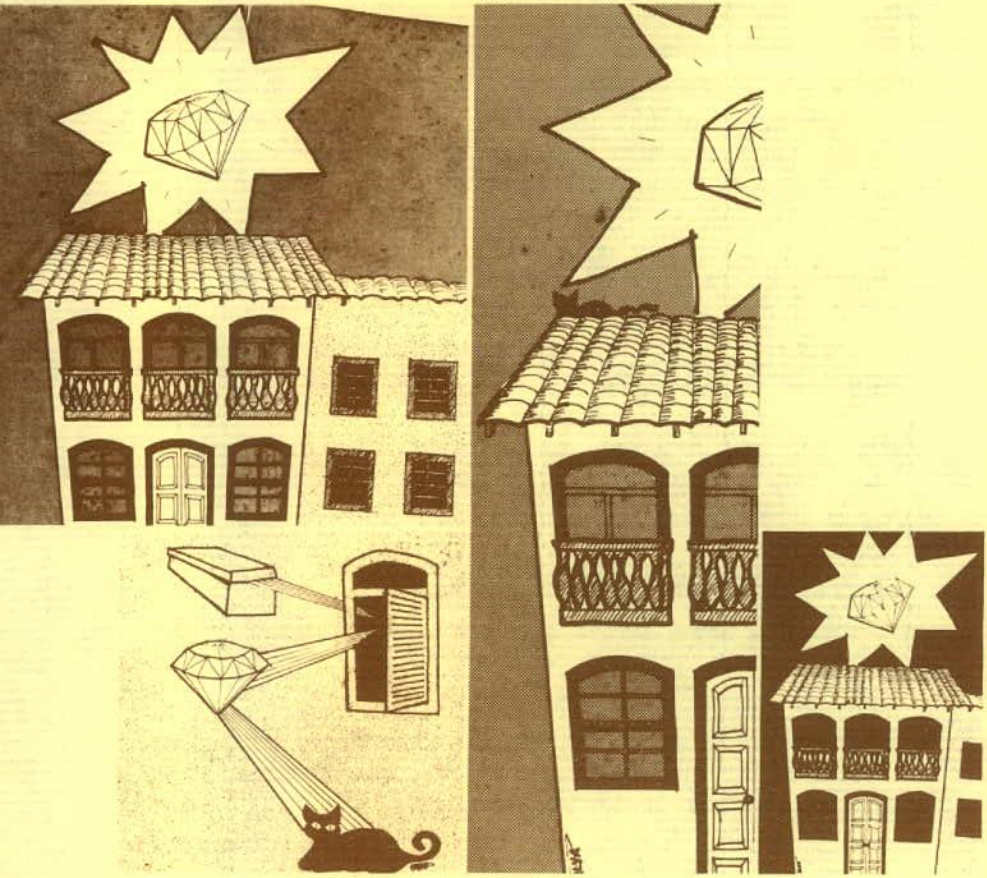
15 | A Caixa de Pandora
27 | É Pato ou Galo?
43 | Nasce um Gerente
65 | Cargo de Confiança
79 | Pé-de-Meia
91 | Aposentados
101 | Aconteceu em Setembro
113 | Promessa é Dívida
121 | Cérebro Eletrônico
127 | Garimpo: Esse Mundo Encantado que a Caixa Conquistou
159 | Armas e Bagagem
167 | Cobra Coral de Alagoas
181 | Palmares, Palmário, Palmério e Poupança
191 | Fechamento
201 | Um Conto de Negro
209 | Meu Pai Trabalha na Caixa
217 | É do Penhor?
225 | A Quina
233 | Alforria
247 | Financiando a Liberdade
263 | Mangabeira, O Presidenciável
275 | A Senha
289 | O Pattho (Aventuras de um Estafeta)
303 | Pelos Caminhos de Minas
313 | O Caso da Velha da Verruga

A CAIXA DE PANDORA

ANTENOR PIMENTA MADEIRA



Ganhador do 1.º Prêmio Literatura da Caixa, com o conto **"A Caixa de Pandora"**, *Antenor Madeira comparece nesta antologia com outro título:* **"É Pato ou Galo?"**. *Conciliando gostos por diferentes atividades que vão da música à engenharia mecânica, o Autor tem "no ato de escrever, juntamente com a música, o ideal maior de sua vida". Aos 24 anos, este mineiro de Santa Maria do Suaçuí, hoje trabalhando em Belo Horizonte, na Agência Tupinambás, define-se como um "indivíduo eclético" que tira o melhor de cada uma das escolas literárias e das atividades diversas que exerce. "Surpreso com o primeiro lugar neste concurso", Antenor pretende dedicar-se à literatura, exercitando-se e aprimorando o estilo até sentir-se habilitado ao primeiro romance.*
Com seu processo de criação que "tem no acaso o ponto de partida" e tema predileto — "o homem e seus conflitos existenciais" — o Autor busca alcançar o Universal.



A Mestra Conceição Flech, senhora octogenária, remexia seus fantasmas no guarda-roupa já quase totalmente destruído pelos cupins. Era uma mulher de traços firmes, embora um pouco rudes, o olhar oblíquo e brilhante (pareciam sempre molhados, os olhos), os dentes ainda perfeitos e brancos, sobrancelhas espessas e vasta cabeleira da cor do algodão. Mantinha o corpo ereto, apesar de usar para se locomover uma bengala com detalhes góticos esmeradamente esculpidos. E vivia sussurrando, como um sopro de vento tímido, uma bachiana de Villa Lobos. A miopia crescente não a impedia de ficar horas a fio mergulhada na leitura das páginas clássicas de

Dostoiévski, Machado de Assis, Pirandello e Anatole France. Muitos pensavam que a pobre velhinha já caducava quando ouviam suas gargalhadas homéricas ponteando os capítulos de O Falecido Mattia Pascal. Não dava ouvidos aos mexericos. Vivia sozinha e feliz, tendo como única companhia o gato Amílcar — homônimo do companheiro de Silvestre Bonnard.

Naquela tarde de abril, depois da sesta, recebeu um bilhete que perturbou sua ilha de paz. Comunicavam-lhe que o prazo da hipoteca do casarão se extinguiria dentro de uma semana. "Maldito Ilário", disse consigo, "não roubará minha casa!" Ao dizer isto, a voz de todos os seus antepassados e de todos os seus mortos ecoou pela casa afora e abriu infinitas comportas no seu íntimo. A princípio, sentiu que uma torrente a sufocava por dentro. Achava inqualificável a idéia de perder o casarão onde seu pai, um soldado remanescente da Guerra do Paraguai, construíra todos os seus sonhos e edificara as raízes da família. "Não, não perderei o casarão", disse, enquanto revirava o guarda-roupa.

Tinha a certeza de que o diamante só podia estar ali, em alguma reentrância da madeira, mas onde? Lembrava-se com nitidez da tarde remota em que seu marido, o velho garimpeiro de bolsos vazios, antes de cair fulminado por um ataque cardíaco, balbuciou de maneira quase ininteligível a frase acerca da existência do diamante que, infelizmente, não pudera terminar. Agora, aquela tarde longínqua lhe vinha com a nitidez de um cristal presente. Sentiu novamente o vento frio da Morte varrendo a casa, a conversa dos vizinhos e viu a si própria trancada no quarto de dormir, batendo a cabeça contra a parede, quase à beira da loucura. Fazia já tanto tempo. Tempo! Odiou, naquele momento, todos os relógios, todos os calendários. "Tempo, Tempo, Tempo!", disse em voz alta. Amílcar observava-lhe os gestos nervosos. Caminhou para ela e enroscou-se em suas pernas. Ela sorriu. Onde estaria o diamante deixado pelo marido?

***

Durante o jantar, passou longos minutos olhando para o teto, alheia ao repicar dos sinos anunciando o ângelus e a Amílcar que bebia leite numa travessa a seus pés. Nem mesmo notou o ruído que as últimas galinhas faziam no quintal, enquanto buscavam seus poleiros. Quando retirava a louça, riu dos ares de ingenuidade de Amílcar. "Pobre gatinho", disse. Desceu a escadaria que dava para o pátio de cimento, onde ficavam a pia e o tanque de lavar, ainda com o mesmo riso nos lábios. Aproveitou para aliviar a natureza, já que estava no pátio, e entrou na casinha. Ouviu ali as últimas palavras do sacristão no alto-falante da igreja.

Ao entrar na cozinha, não viu mais o gato. Gritou por ele. Olhou em seu quarto, no quarto de hóspede (que jamais receberia alguém), em todos os cômodos do casarão, contudo não logrou encontrá-lo. Deve estar em namoro pela vizinhança, o vagabundo, pensou. Fechou as janelas, as portas da cozinha e foi rezar a sua novena no oratório da sala.

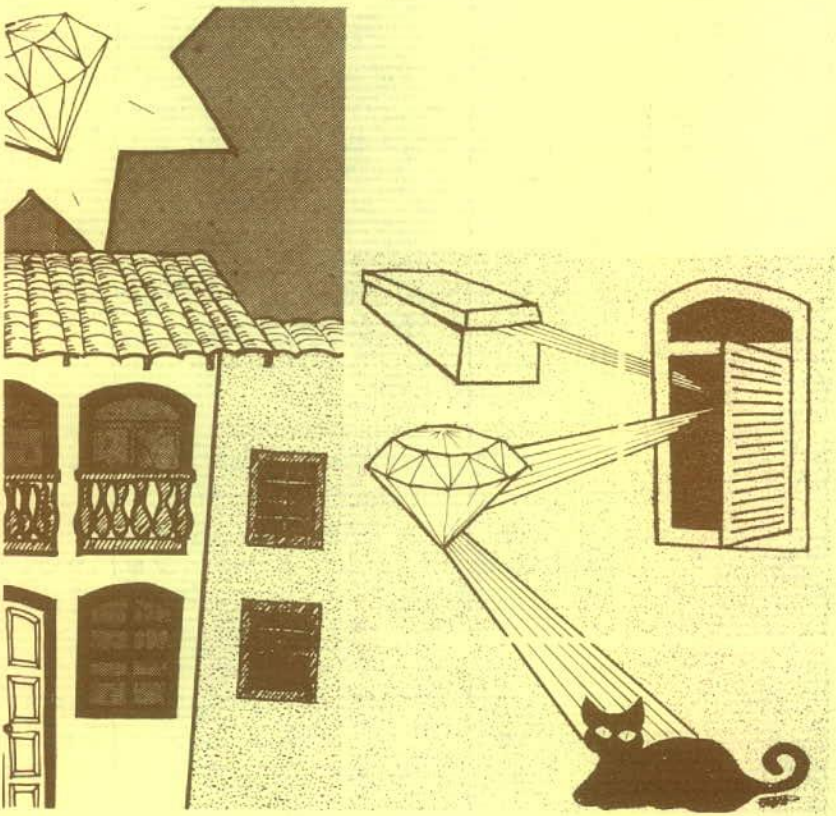
À noite, movimentando-se na cadeira de balanço, lia um pequeno ensaio sobre o Mito da Pandora, da autoria do Professor José Maria Godinho, titular da Escola Pública de Santa Maria do Suaçuí, quando o vento, à guisa de um visitante inesperado e fatal, escancarou a janela da sala, causou um rebuliço nos papéis sobre os móveis e lhe soprou aos ouvidos o segredo que ela ansiava por descobrir. "O Mito de Pandora", gritou. Só então pôde abarcar a compreensão de tudo. As peças do quebra-cabeças agora formavam uma imagem inteligível, clara e óbvia. Tudo finalmente se encaixava. Correu ao guarda-roupa, procurou entre os trastes a caixa de segredos que seu marido trouxera da mina, na última viagem. Lá estava ela, amarelada pelo tempo. Tempo, Tempo, Tempo. Não pôde conter o riso. Abriu a caixa de Pandora e quase caiu de costas ao ver o rosto do marido lhe sorrindo sobre a imagem do diamante que vislumbrou

no fundo. "Então esteve aqui o tempo todo", disse. Saiu pela casa gritando: "Amílcar, Amílcar!"

***

Na manhã seguinte, não vacilou. Jogou o xale sobre os ombros, despejou o leite na tigela de Amílcar e foi ter com o senhor Ilário, o agiota. O velho Sinclésio, de uma fealdade incrível, rangendo os ossos de velhice, veio abrir. Era o único empregado do senhor Ilário, cuidava de tudo. Com os olhinhos já olhando para o outro lado da vida, afirmou que o patrão dormia.

— Que acorde! — disse.



— Mas o senhor Ilário não gosta de acordar cedo — tentou se opor o criado. — Aliás a senhora bem sabe como ele é irascível.

— Estou me lixando — empurrou Sinclésio e entrou pelos corredores do sobrado — vá chamá-lo. Espero aqui. Ele terá todo tempo do mundo para dormir, depois de me atender — e fez uma careta enigmática.

Os passos ruidosos do homem ecoaram pelo corredor até que cessaram por completo. A fria fumaça matutina ainda mantinha seu lençol sobre Santa Maria. Pelo vidro, Conceição Flech via a fumaça que, aos poucos, ia deixando à mostra os morros, como uma mulher que se desnuda misteriosamente. Sentou-se numa cadeira de madeira rústica e colocou sobre a mesa a pedra embrulhada em papel de pão. Observou os detalhes da sala, os vidros coloridos da janela, a rusticidade dos móveis, os candelabros de prata e as flores artificiais. Tudo roubado, foi a idéia que lhe passou pela cabeça.

Não demorou para que o senhor Ilário aparecesse envolvido por um esquisito robe de chambre. Tratava-se de um homem muito alto, gordo e sangüíneo. Sua invencível papada balançava-se como bandeira ao vento. Enquanto falava, suava abundantemente e respirava como se estivesse sempre cansado. Para ouvir, levava a mão em forma de concha ao ouvido e pedia ao interlocutor que repetisse várias vezes o que falava, alegando ser um tanto surdo. Era voz geral que possuía uma fortuna incalculável. Ele negava com veemência, óbvio.

— Bom dia, Mestra Conceição — disse com sua voz de barítono.

— Bom dia, senhor.

— Então, a que devo sua visita assim tão cedo? — No relógio soaram sete badaladas.

A octogenária senhora tossiu sem vontade e disse:

— É sobre a hipoteca.

— Decerto trouxe o dinheiro e...

— Não, não o trouxe — disse, interrompendo-o. Ele pediu que lhe repetisse a frase.

— Não trouxe o dinheiro — repetiu — entretanto, gostaria que o senhor avaliasse isto.

Desfez o embrulho e a visão da pedra filtrando a luz da manhã maravilhou a sala num segundo eterno como um raio. Neste instante, entrou Sinclésio com uma bandeja de café. Os olhos do agiota, como os olhos do lobo diante de um infeliz cordeiro, soltavam chispas. Nem percebeu que o criado lhe falava alguma coisa.

— Pode se retirar — disse quase sem sentir. E virando-se para a mulher continuou — deixe-me ver, deixe-me ver... Ham? A Mestra disse alguma coisa?

— Não, senhor.

Fingiu desprezo quando tocou o diamante e se pôs a avaliar-lhe o teor. Esgueirando-se colado à parede, Sinclésio procurava chamar a atenção da Mestra, absorta e embebida com a visão da pedra. Lá fora, o sol já desfizera toda a névoa que cobria os morros e a cidade (a mulher misteriosa, enfim, se desnudava). Os raios principiavam a penetrar o universo do sobrado, quebrando, em parte, a solidão gelada que o habitava ao se encontrar com aquele sol de claridade e beleza imensuráveis ali no meio da sala. Atrás do senhor Ilário, o velhinho continuava a fazer as caretas mais horrendas, pedindo aos céus que ela se dignasse voltar o rosto em sua direção.

— O senhor acha que a hipoteca está liquidada?

— Hem? O que foi que a Mestra falou? — disse e levou a mão à orelha.

— Falei que assim a hipoteca fica liquidada, não é?

Esboçou um riso hediondo como se quisesse dizer: "simplória". Depois de colocar o diamante novamente na mesa, disse:

— Não, é impossível. A única coisa que posso fazer é aceitá-lo como valendo a quarta parte do total da hipoteca e dar um prazo maior para a liquidação do restante da dívida. É claro, com certo acréscimo em juros...

— Mas...

— Sinto muito, é o que posso fazer — a papada reluzia de suor — caso contrário, vejo-me na obrigação de tomar o casarão.

Mestra Conceição Flech sentiu que o chão se abria a seus pés, perdeu por instantes a coragem de se levantar e fugir dali, onde tudo cheirava horrivelmente a mofo. Seus pés pesavam toneladas. Olhou involuntariamente de lado e notou então o criado que lhe fazia negativas com as mãos e a cabeça. Demorou alguns instantes para compreender o significado dos sinais.

— O que você está fazendo aí, encostado na parede? — perguntou o senhor Ilário.

— Nada, só vim saber se precisavam de alguma coisa — disse, meio sem jeito, de uma forma que o tornava ainda mais feio.

— Pode sair, não precisamos de nada.

De súbito, Mestra Conceição Flech, como se tivesse sido acionada por molas invisíveis, colocou-se de pé. Embrulhou a pedra maravilhosa com gestos nervosos e jogou-a na bolsa. Virou de costas e se precipitou corredor afora com sua bengala.

— Espero que a Mestra mude de idéia — gritou-lhe.

Ela não lhe deu ouvido, engoliu em seco, ruminou meia dúzia de impropérios e deixou escapar, numa tímida voz, quando transpunha a porta:

— Maldito surdo!

— Surdo é sua... — disse consigo o senhor Ilário.

Na primeira esquina, Sinclésio saiu de entre as casas e agarrou os braços de Mestra Conceição Flech num contato nervoso. Respirava com dificuldade, devido à corrida que empreendera pelos quintais. Falou de uma vez só e atropeladamente como se algo terrível feito a morte o perseguisse; as palavras saíram-lhe numa velocidade impressionante.

— A pedra vale muito. Ande, vá agora mesmo à Caixa Econômica Federal, lá a senhora terá o valor exato. Ela vale muito.

E desapareceu no beco da mesma forma como tinha surgido, deixando a octogenária de boca aberta, estacada no meio da rua, sem saber o que dizer.

***

— Há uma velhinha que deseja falar com o senhor — disse o guarda da Caixa Econômica Federal ao gerente.

— Mande entrar... Ah, Mestra Conceição, como vai? Vamos, sente-se, por favor — disse Reduardo Eulálio ao

ver a octogenária entrar. O guarda puxou a cadeira e ela sentou-se timidamente. Mal pôde erguer os olhos e principiou em um pranto como jamais teria concebido. Pelos seus olhos fluíam, naquele instante, todas as perdas, as incontáveis ausências, os seus fantasmas íntimos, as derrotas havidas e ainda por vir. Chorou como se nela habitasse a fonte das intempéries. Chorava por si própria, seus mortos, Amílcar (o pobre gatinho), pela grande incógnita universal e até pelo inominável senhor Ilário. O gerente, Reduardo Eulálio, senhor alto, pele queimada, ar bonachão, porte elegante, observava atentamente a pobre velhinha. Procurando conter as lágrimas abundantes, ela enfiou a mão na bolsa e depositou o embrulho na mesa.

— Abra, por favor — disse entre soluços.

— Nossa! Mas este é um diamante maravilhoso! — exclamou o gerente ao abrir o embrulho.

Ela sacudiu a cabeça afirmativamente, não conseguia falar, os soluços bloqueavam sua voz.

— A senhora tem idéia de quanto possa valer o diamante?

— Não — disse, com certa dificuldade.

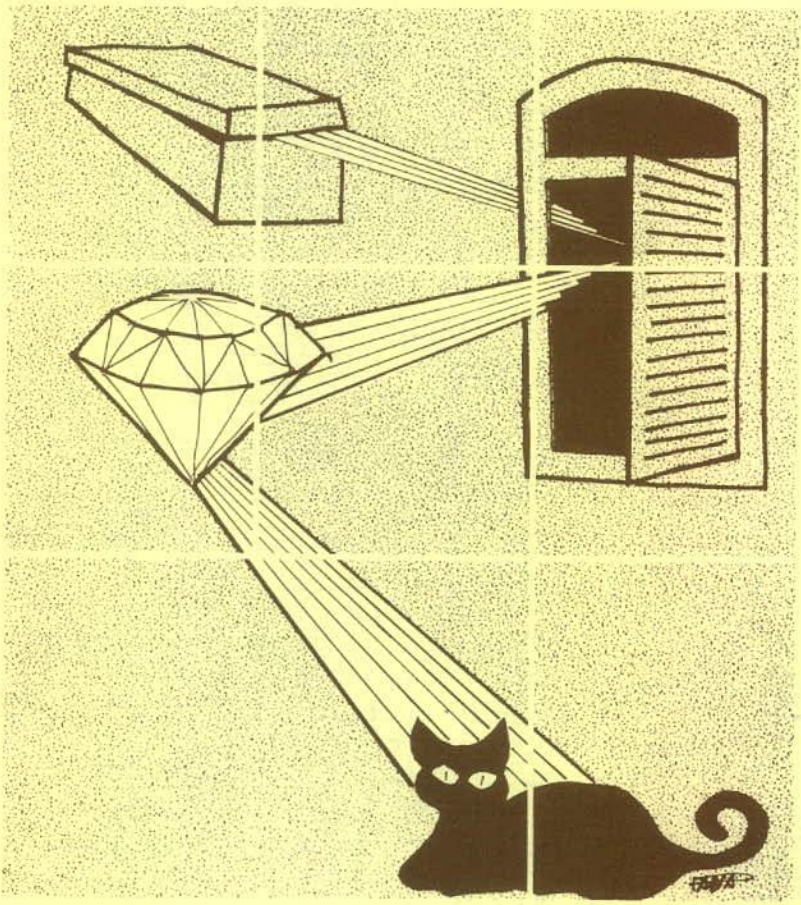
— Mestra, pois fique sabendo que tem nas mãos uma fortuna.

As lágrimas agora lhe escorriam pelo rosto entre sorrisos ora tímidos, ora incontidos. Não sabia se falava ou se subia aos Céus na primeira corda que lhe aparecesse (esta imagem lhe nasceu ao ler a Comédia, de Dante). Reduardo Eulálio chamou o avaliador de penhores e pediu que cuidasse do assunto. Não demorou muito para que o moço voltasse com a pedra que filtrava, na sua ciência, toda a luz e brilhava como um sol diminuto em sua mão,

e dissesse a cifra correspondente ao valor, em voz alta. O universo se tornou tão confuso na cabeça da octogenária que o desmaio, esse secular aliado das mulheres, veio ampará-la em seus braços.

Já recuperada, saiu com sua bengala pela porta da agência, envolta por uma luz fantástica. "Amílcar ficará feliz, muito feliz", disse consigo, pensando no adorável gatinho. A manhã se tornara esplêndida. "Tempo, Tempo, Tempo", murmurou. O casarão estava salvo.

***



É PATO OU GALO?

ANTENOR PIMENTA MADEIRA

João Cesário desligou o jipe, desceu de um pulo só e subiu rapidamente as escadas da varanda que formavam um estranho caracol. Soprava um vento leve e preguiçoso; o mundo dormia tranqüilo e sossegado, como se lhe faltasse a força motriz universal ou a mola mestra para impulsioná-lo. Ao longe, além de uma estradinha estreita e sinuosa, quebrando a morna monotonia, um bando de maritacas levantou um vôo incongruente sobre as copas da matinha de cedros e ipês ancestrais. João Cesário observava tudo atentamente; viajara muito para poder estar com Fulogênio Carvaes. Passara por Santa Maria do Suaçuí e trazia uma carta de seu tio, Reduardo Eulálio, amigo do Velho Carvaes, onde era recomendado como estudioso de costumes e crendices populares. Na inquebrantável transparência do ar, sentiu um cheiro bom de café e, levado pelo cansaço ou pela gostosa sensação de preguiça, caiu numa sonolência leve.

— Mas que vida de meio dia e sol de duas horas, sono que governa o mundo, hem? Então você é o sobrinho do Reduardo Eulálio, não é? Homem de ouro puro está ali. Você sabe, casa de Fulogênio Carvaes é casa de Reduardo Eulálio; o que é meu é dele e ao seu dispor. Aquele homem e a instituição que ele dirige são chaves que abrem qualquer porta.

Nem diga, não pense nada, já mandei trazer o café, é de garapa. Você, tenho certeza, há de gostar. Qual é mesmo o seu nome? Não, nada disso! Não o chamo João Cesário, vou chamá-lo Reduardo Eulálio e fim. A partir deste instante, para mim você passa a ser o Reduardo Eulálio.

Você é bem moço... Vê graça nas minhas maneiras? Leal; obrigado, gosto de gente assim do seu jeito. Então quer saber a verdade sobre o Pato-ou-Galo? É pura invenção do povo. Que fiquem com o capeta deles para lá. Ora, deixe dessa coisa de cansaço, amanhã você pensa nisso. Mando Bituca arrumar a cama e você poderá dormir o dia inteiro, à vontade, mas só amanhã. Hoje é dia de prosa... Nós dois. Visita de quem me é mandado pelo seu tio alegra demais.

Sim, sou solteiro, sozinho... sou... casar? Não quis. Mas tenho duas mulheres: uma mora aqui na fazenda, a Romualda; a outra amásia vive no Mindubim. Railda é o nome dela; é bonita, traços lindos, mocinha mesmo. Homem necessita de muitas mulheres, você não acha? A carne é fraca. Sou meio atrapalhado, eles dizem.

Tenho duas fazendas (e duas mulheres), esta e a Tapetinga, do outro lado do Ribeirão Sete Canelas, perto do Murubal. Isso! Lá mesmo, onde corre o rio Água Parada. Brancura de belezas se nadar naquelas águas. Dá muito peixe também. Se você quiser pescar por aqui, o José Loredo leva, aquele sujeito entende tudo de anzol. Não tenho paciência para pescar. Prefiro o peixe à pesca. O meu dinheiro? Você quer mesmo saber? Bem, está guardado lá em Santa Maria, nos cofres da Caixa Federal. Sei zelar pelo que é meu. Se preciso de um dinheiro, se estou meio apertado, chamado o José Loredo, ele liga o jipe e aí vamos ter com o seu tio, Reduardo Eulálio, que é o gerente. Aquilo sim, é que chamo de tratamento adequado, dinheiro seguro...

Her!... hum... Pois escute a história. Ouça bem atento, pois não sou de muita lorota. Se vê, não é? Falo pouco e detesto gente de língua solta. No Mindubim, de acordo com minha mão direita, atrás daquele morro desparambeirado, há muitos anos, por volta de 1915, moravam famílias inteiras com o mal de Lázaro. Faltavam pedaços no corpo dessa gente — já vi um sujeito assim, numa fazenda aqui perto; hoje ele está morto. Morava numa casinha de pau-a-pique, escondido no meio do mato. Ninguém gostava de vê-lo, pois era muito nojento — e o Mindubim nasceu com eles. Desabitado, aqui era cafundó nacional, cheio de matas virgens e onças bravas. Como diz a minha comadre Dona Vitinha: "Foi no tempo da zagaia de ganchos". Pois, Reduardo Eulálio, aqui já houve o tempo da maior ignorância possível. Não havia bancos, nem nada. O povo que possuía seus cobres, os seus contos de réis, escondia tudo era debaixo dos colchões ou dentro deles. Houve que um rapaz muito rico, cujo nome prefiro não dizer, guardava sua fortuna dentro de vários penicos, no forro da casa em que morava, uma espécie de sótão. Alguém, não sei de que maneira, soube disso, e... hum! Num certo dia de descuido do tal rapaz, adeus! Levou-lhe todo o dinheiro. E, era uma vez, um rapaz muito rico... Depois não, aí veio a Caixa Econômica Federal e a região mudou de aspecto. Certa gente, no início, estranhou, mas aos poucos foi se acostumando e, hoje em dia, ninguém procura outro lugar onde guardar o seu dinheiro que não seja lá com seu tio, gerente desde as velhas datas. Além do mais, se a gente fica apertado, não tem mais que se humilhar para os agiotas que, graças a Deus e à Caixa, por aqui já não existem mais. Ficamos livres deles.

Os lazarentos? Pois é, o povo das redondezas se reuniu e acabou por expulsar os morféticos para a Bahia, na fronteira mineira. Estrovenga, mas em pouco tempo, o lugar virou um comercinho até bom.

Bem, encurtando, eu digo: a minha mãe morava comigo aqui, na Várzea Branca, mas na época, esta fazenda era apenas um retirozinho e tinha o nome de Saracura. Éramos bem pobres e só tínhamos a terrinha insossa e as poucas criações em volta da casa. Não fazia muito tempo que estávamos aqui. O nome dela? Hum... hum... vou dar uma rapada na garganta, tenho o peito carregado, careço de um chá feito de folhas de hortelã. A Romualda me prepara um muito bom. Vivo assim, meio lá, meio cá, oscilando nessa tosse. Mas o nome de minha mãe era bonito (toda mãe tem um bonito nome) parecia uma santa, era Ana Luca Carvaes. Fico triste de saudade, esta saudade gris. É um frio fora do sério, que penetra em mim e me faz chorar com o brio de um homem emocionado. Adorava minha mãe. Sei apreciar quem trabalha e nós sempre fomos do batente. Criávamos galinhas e galos pelos arredores do terreiro. Naquele pedaço de mundo que foi o nosso, a casa acordava com o rebuliço deles. Tinha um galo que eu gostava demais, era o pé-de-esporas. Não sei; às vezes a gente tem certa queda pelos bichos. Dou exemplo. Tenho um curió cantador e só vendo se for de jeito nenhum, pois peguei estima e quando se pega estima, até parece amor, não é mesmo? O curió fica no fundo da cozinha, numa puxada da casa, e estrala de tanto cantar. Alegra as minhas manhãs e tardes. Você gosta é de canarinho cabeça-de-fogo? Pois aí está, dou-lhe um, quando de sua partida. É bom levar em alçapão para viajar; tenho uma porção. Como estava contando, do pé-de-esporas eu gostava demais. É tanto que, no dia em que fui vender a galinhada, só não vendi o galo e mais umas três ou quatro galinhas poedeiras. Fiz o negócio com um extremante nosso, um fulano João Redondo, que me pagou a bons réis.

Mas traz e leva, o mundo não sai do lugar. Veja só, Reduardo Eulálio, ficamos precisando de mais dinheiro, então resolvi vender o galo no Mindubim, porque lá dava para obter um dinheirinho maior. Foi o que você não

sabe, vai escutando. Nem conhecia o Mindubim direito, pois quase não saía daqui. Num dia de sábado, fui. Para chegar cedo lá, levantei-me sem o romper do dia e ganhei a estrada. Aconselho para você, quando voltar, viajar cedo. Vê-se o de maior beleza nesses campos sertanejos: a neblina orvalhada sobre o colonião. A friagem sempre acompanha os viajantes matutinos. Olhe só, no caminho do Joá tem um arroio d'água; pare lá e beba água; dói os dentes a frescura dela; nasce no alto, no meio de um bamburral, e vai descendo ladeiras, apanhando a ciência de seu sabor.

Reduardo Eulálio, já disse que não conhecia direito o Mindumbim, por isso mesmo, quando cheguei lá, vendi o pé-de-esporas para um tal Imídio Santana. Só depois fui saber: ele era o pior pagador de toda a região. Em suma: um larápio. Na minha inexperiência, fiz o negócio. Foi coisa do Destino. O homem viu o galo e gostou; ofereceu um tanto, aceitei. Ele falou: "Vou lá dentro buscar o dinheiro". E levou o galo. Esperei horas e horas, sentado num tamborete e o Imídio não voltava. Por fim, o espertalhão passou perto de mim e fingiu não estar me vendo. Mas falei, disse que queria o dinheiro, o meu dinheiro. "Dinheiro, que mané dinheiro?" Ainda insisti, dizendo que era o pagamento do galo. "Galo, que mané galo?" É... "Psiu, hoje só comprei um pato na mão de um ceguinho". Eu disse: "Não foi pato, vendi ao senhor um galo!" Ele, rindo: "Vai tentar enrolar outro, seu trouxa!" Vixe Maria, não consegui engolir aquilo. Minha vontade na hora foi de brigar, mas o homem tinha capangas e na mesma hora chamou por eles. Apanhei muito, muito mesmo, pela primeira e única vez na vida. E eles riam a não mais poder. Quando voltei para cá, vim com o rabo entre as pernas. Jurei me vingar dele, cedo ou tarde, um dia. Olhe, Reduardo Eulálio, vingança é uma coisa que dorme sensata, mas quando acorda deixa de ser semente. Chorei muito por causa disso e, você sabe, soluço de homem é pior que fungado de jararacuçu.

Oi? Hum... ali, é na frente. Isso! Depois da virada do morro, é o Barreirão-do-Jegue-Morto. Muito mais aroeira do que já se viu. Tudo é do velho Romualdo Machado. Você anda um dia inteiro nas terras dele sem achar cerca de arame. Só tem gado arisco. Houve época do velho conhecer bezerro que nascia somente depois do bichinho ter se tornado um garrote. Rico e não deixa de labutar. Anda à revelia, trabalhando. Este é um exemplo a ser seguido. Gente assim está deixando de haver. Parece mentira, mas o mundo dá a impressão de estar encurtando. Vai, tirando os noves fora, a vida é isso mesmo.

Pois bem, me arrisquei a sair da Várzea Branca, por uns tempos, com a finalidade de arranjar um plano forte e conciso e assim me vingar daquele homem. É tanto que desapareci por essas campinas afora, onde se vê muitos bois brancos, espalhados entre as ramagens, comendo brachiária. Caminhei demais, puxa vida! Muito embaixo, longe daqui, fiquei num lugar, durante pouco tempo, esse lugar era chamado de Ribeirão das Almas, mas hoje em dia, o nome é Ribeirão de Areia. Você riu? Pois sim, trocaram a Alma pela Areia. O seu riso é franco, Reduardo Eulálio, é o mesmo riso de seu tio. Do Ribeirão das Almas, viajei com um dono de tropas, Nhô João H. Honorato. Era um homem muito bom. Viajamos muito. Por fim, me despedi da tropa e fui parar em Santa Maria do Suaçuí.

Não gosto muito desse relembrar demorado como um fio que se desenrola infinitamente. Olhe a saudade! Santa Maria é um lugar que adoro. Quando fui parar lá, tudo era demasiado antigo e o lugar, bem atrasado. Hoje dá gosto ver a cidade, a arquitetura nova, a quantidade de construções que não a deixam parar de crescer. Tudo graças à política de habitação do Governo Federal, executada pela Caixa, que agiu ali como ponte e ponto de equilíbrio. E na vida, digo eu, o que vale é o equilíbrio. Antigamente não, o povo vivia mal, nuns casebres que

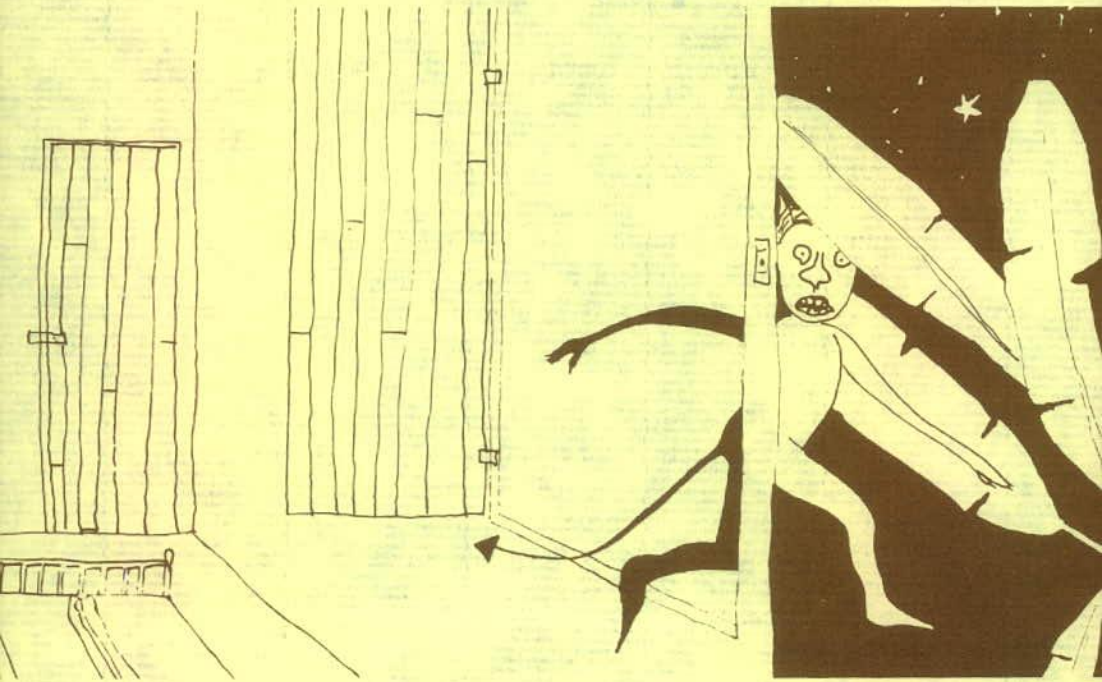
davam dó. Mesmo os ricos, os que tinham posses, moravam de mal a pior. O progresso, Reduardo Eulálio, não tem preço. Veja só como uma instituição desse calibre faz uma cidade, uma região, desenvolver. É bonito ver cada um na sua casa, descansando ou conversando fiado na varandinha, sabendo que aquilo é seu e que o conforto não é só material, mas o que é principal, é o verdadeiro alento do espírito. Naquele tempo, trabalhei com um moço entendido das leis, Ismar Kalil Sebe, filho de estrangeiros, homem de muita cultura e inteligência. Aprendi as coisas com ele, mas a velhice, inimiga inevitável, me traz certo esquecimento. Lá conheci seu tio, o Reduardo Eulálio. Ele era de Santa Maria mesmo, mudou para a capital e lá foi funcionário da Caixa por anos e anos; depois, com a fusão das vinte e uma Caixas Econômicas Federais que tinham jurisdição estadual e a integração delas ao Sistema Financeiro da Habitação, ele foi encabeçar a Agência de Santa Maria e ficou. O povo tem nele um Deus; o povo sabemos o que é bom.

Se valeu? Pois sim. Com Ismar Kalil Sebe ganhei dinheiro, aprendi as letras, adquiri cultura e até um certo traquejo. Desde então, me vesti melhor. Viver em cidade tem dessas coisas. Vai, um dia, percebi: tinha chegado a hora de voltar e revolver aquela chaga que me comeu por tantos anos o lado de dentro. Deixei Santa Maria do Suaçuí com escuro, era julho, fazia muito frio, então vim para a Várzea Branca. É como eu disse, aqui, na época, era chamado de Saracura.

Como é, Reduardo Eulálio? Não ouvi direito. Ah! O mato? Mato dentro da bacia é arroz. Foi a Bituca quem pôs para enfeitar a varanda. É um verde bonito, não é? Pois é, estou esperando chuva para a semana que entra. Ela vem, quando soprar um vento ali da serrinha. Mas a que vem deverá ser passageira; chuvinha para matar o calor e apagar a poeira da estrada. Você pode tentar pescar alguns mandis. Mesmo não sendo tempo de

grandes águas, dá muito no córrego. O melhor é nas enchentes de dezembro, virando para janeiro. A água fica suja feito barrela e os mandis gostam quando está assim; depois a gente traz fieiras cheias deles para comer.

Prossigo a contar, nós desviamos o assunto e olhe, não sou de falar sem estacas. Você é engraçado, ri e abre a boca com sono; é realmente maneiroso no rir. Também rio. Ah!... Num domingo, de tardinha, cheguei ao terreiro da Várzea Branca. Minha mãe tinha arranjado um mocinho para ajudar nos trabalhos da fazendinha, um tal Alegário, que desconheceu quem eu fosse, quando apeei. Dei-lhe um aperto de mão. Da cozinha, você note, minha mãe nem acreditou no que via. Me viu transformado em moço de cidade. Naquela hora, choramos de alegria. Vim meio trepe-trepe, às escondidas, e pessoa alguma da redondeza se lembrava mais de Fulogênio Carvaes, depois dos anos que fiquei fora. Isso foi bom, pois ajudou a



encobrir tudo o que aconteceria depois. Mas o que tem de ser já é antes mesmo de ter sido. Olhe só, nesse ínterim, Imídio Santana tinha adoecido, mas adoecido de quase morte. O pior é que por aqui não existiam boticários, era só a Jovita, benzedeira centenária. Reduardo Eulálio, e ela falava que remédio de farmácia era o que havia de curar o homem. Aqui, como eu disse, era muito atrasado. O povo carecia de tudo quanto houvesse. Havia pessoas que nem roupa de pano usavam, vestiam cardigãs de couro. Na Pederneira, mora um homem pelado; não veste roupa, mas é pelo não querer dele e é um sujeito muito feroz, esse João Sõe. A história deste vale do Suaçuí se divide em duas: antes e depois da instalação da Caixa Federal em Santa Maria. Foi como se tudo virasse da água para o vinho. Fui um dos primeiros a apoiar a empresa; o velho Romualdo Machado também apoiou; e muitos outros. Seu tio vai gostar de contar para você toda a história dele como gerente por aqui. De início, enfrentou a desconfiança do povaréu que estava acostumado com a safadeza dos agiotas. Esses agiotas venderiam a própria mãe por um prato de lentilhas. Com pouco, o povo seguiu nosso exemplo e agora a região caminha de vento em popa.



Bem, aproveitei a brasa na minha fornalha e veja o que imaginei: no Mindubim, passei dizendo ser um boticário viajante. Ninguém ousou duvidar de mim, pois fui bem vestido, com uma pasta escura, falando pausado, em suma, minha figura inspirava confiança. Ao saber que estava num boteco, Imídio Santana mandou me chamar. Era o que eu queria. Em instantes, fui parar no quarto escuro, onde Imídio dormia seu sono perrengue. O quarto fedia demais. Tinha um penico debaixo da cama exalando um ranço de urina azeda. Vi, naquela hora, o dia da desforra chegar. Você riu? A coisa pega fogo é agora! Vingança passa anos amadurecendo e jamais apodrece. Ah, esse mundo longarilho! Nós e o mundo... Fiquei sozinho com o Imídio, assim foi que vimos um olho do

outro, só nós dois. Observei bem a cara dele, taramelei a porta e soltei um riso doido. Não sabia bem porque estava rindo, mas ri demais. Ele arregalou os olhos, fez um em-nome-do-padre com medo da risada que dei. Num átimo, pulei como um gato sobre o catre e fiz um tatararatatão. Apertei, com as duas mãos, a goela do sem vergonha. Aí, falei que era o homem do galo. Gritei: "Seu miserável, o que vendi, lembra? Hem? Foi pato ou galo?" Peguei o urinol debaixo da cama e entornei em cima dele, fazendo uma lagariça. "É pato ou galo? Pato ou galo, miserável?" Ele ficou sem fala. Depois do fuá de briga, saltei a janela, dando gritos de "Pato ou galo?" e desapareci entre as moitas de bananeira caturra.

O povo se assustou. Imídio Santana, morre que não morre, falava de ter visto o boticário virar capeta e perguntar pelo Pato-ou-Galo. "Não era boticário, vi o Demônio. Vi, vi os chifres, o rabo, o espeto, o olho avermelhado, o fogo, tudo. O capeta apareceu; o danado é o satanás; perguntou pelo Pato-ou-Galo; é o Pato-ou-Galo". O trem esquentou. Chim de tudo se foi por aí. Notícia espalha por esses campos a galope e o arraial ficou às avessas.Ninguém queria sair à noite, pois se dizia que o Pato-ou-Galo viajava pelos arredores do Mindubim. A coisa não ficou só assim não, o mistagogo aumentou. Uma filha solteira de Siá Zenólia estava grávida, ia ter menino, não se sabia de quem. A mãe contou que o menino era do Pato-ou-Galo, pois sabia de cor que sua filha nunca tinha estado com um macho. Se o menino nascesse, ia ser um capetinha igual ao pai, o Pato-ou-Galo. O medo é coisa de arrasar e desdenhar o juízo. Você acredita que até relebraram a expulsão dos lazarentos? Talvez fosse por isso que o Demônio viera ao Mindubim, eles pensaram.

Você está gostando, não é? Esquece esse sono, nós dois ainda vamos jogar truco, depois do jantar. Como é? Carro-de-boi? Claro que pode! Amanhã você poderá

andar de carro-de-boi; o meu carreiro vai levar um feijão que vendi ao compadre Helberth Loredo. Lá você verá a Helenice, minha afilhada. É bem capaz de um rapaz do seu tipo gostar dela, pois é linda e prendada. Ponho fé nos dois.

Quando um homem deixa a cabeça inclinar para um lado, não há nada que o faça voltar à posição de equilíbrio. Imídio Santana dizia a Deus e ao mundo que o Diabo viera chamá-lo para que fosse para o inferno purgar os pecados. E cismou, não ia morrer sem os santos óleos, queria um padre para se confessar, alguém que lhe aliviasse a alma.

Bem, naquela ocasião em que aconteceu o caso do Pato-ou-Galo, havia os cacaieiros viajantes, desses que desciam das lavras do Cruzeiro, voltando para a terra natal. Por um desses cacaieiros viajantes, o povo do Mindubim soube que havia um padre passando uns dias na fazenda Poço do Tigre. Foi coincidência, pois o Imídio Santana, se fosse um rei, daria seu trono para ter consigo um vigário. Por intermédio de um tal Tõe Cachorro, mandaram buscar o padre. Nesse ínterim, você note, eu já tinha ido buscá-lo no Poço do Tigre. Fui na frente e escondido, com uma idéia desenfreada. Minha barba estava crescida e cerrada e eu não parecia nem de longe com o boticário que virou capeta. Aí, resolvi fingir que era padre para me encontrar de novo com ele.

O vigário, que se chamava João Teodoro, não hesitou em dizer um sim quando soube da necessidade de ir ao Mindubim. Tratava-se de um velho sangüíneo e de voz grave, rosto soturno e um ar de galo imponente. Não sorria nunca. Muitos anos depois, eu o encontraria em Santa Maria do Suaçuí, na Agência da Caixa Econômica Federal, onde tinha ido fazer um depósito. Ele estava lá; fomos apresentados e conversamos bastantes lorotas.

O pobre jamais se lembraria que me conhecera antes e nas circunstâncias que ora narro.

Pois bem, na Sapucaia, matinha no poente do Cruzeiro, resolvemos descansar na beira de uma lagoa. Lá, Reduardo Eulálio, as capivaras passeavam rente ao capinzal, nem se importando com a presença dos intrusos. Muito tranqüilo, Padre João Teodoro enrolou um cigarro, acendeu o isqueiro e se pôs a fumar. A fumaça de seu cigarro fazia um belo desenho que ia sendo desfeito pela aragem. Puxei a garrucha da cintura, mirei entre o azul de seus olhos e ordenei que tirasse a batina. Foi se despindo aos poucos; implorava por todos os santos que havia no céu e por aqueles que ainda iam chegar, entretanto, não vacilei e nem prestei atenção às suas lamentações. Você riu, hem? Realmente, lembrando agora, também acho engraçado, Reduardo. Então, vesti a batina e emprenhei meu cavalo pelos atalhos e estradas vicinais. O vigário ficou na Matinha da Sapucaia chorando, nu em pêlo.

A poucos quilômetros do Mindubim, dei de cara com Tõe Cachorro, o homem encarregado de buscar o padre, e fomos juntos o resto do trajeto. Boquinha da noite, meu cavalo já cansado, passamos o ribeirão e entramos no arraial. Quando paramos defronte à porta do Imídio, Tõe Cachorro pediu a bênção, se despedindo de mim. Abençoei o pobrezinho e entrei.

No quarto, uma velhinha preta, vestida com um estranho cavour, estava de joelhos na beirada da cama e murmurava uma oração que não entendi. Imídio Santana gemia alto como se uma tenaz implacável o torturasse. É a consciência, pensei.

Mandei que a velhinha preta saísse e nos deixasse sozinhos para a confissão. Tranquei a porta e caminhei em direção à cama. Ele falava num ai-e-ui, dizendo a toda hora: "Ai, meu santo padre". Segurei calmamente a mão dele e falei

baixinho, como se fosse um murmurar de folhas ao vento: "Galinha roubada não cozinha, meu filho". A princípio, ele pareceu não entender o que ouvia, mas pouco a pouco, foi estremecendo o corpo dos pés à cabeça, num arrepio que quase jogou as cobertas no chão. Sorri para ele um riso maligno, mas baixinho, baixinho. Talvez o riso mais malvado que já dei em toda a minha vida. O medo dessa vez foi o carrasco. A friagem de ver novamente o Demônio moía a alma daquele lobo. Assim que saltei a janela, seus olhos quase saltaram das órbitas. Numa viradinha do atalho onde entrei, ouvi os gritos: "O Pato-ou-Galo... É o Pato-ou-Galo."

Reduardo Eulálio, não vou desviar o assunto mais não, pois a noitinha já está chegando e, daqui a pouco, a janta ficará pronta. Gozado, falo tão pouco e hoje parece que não acho taramelas. É, você é mesmo sonolento. Não tem jeito; ande, esqueça esse sono bobo.

No Mindubim, quando acabava de morrer Imídio Santana, em meio a um enorme rebuliço, só se falava da figura do padre se metamorfoseando no Pato-ou-Galo. O arraial inteiro ficou acordado naquela noite. Acenderam fogueiras pelas ruas e puseram crucifixos nas portas das casas. O tempo foi de lua nova, as estrelas tremeluziam e quase podiam ser contadas, de poucas que eram. Deu meia-noite. Aquela hora, entrei no povoado, observando de certa distância o movimento na casa do homem. Daí, galopei. Um vento frio soprou umas rajadas e aumentou à medida que meu cavalo relinchou, rinchou, ringiu rincho, rangeu rinchadas rinchavelhadas e abriu ventas no ar. Cravei as esporas nele e gritei bem alto, tão alto quanto me permitiam as cordas vocais: "É pato ou galo?" Fiz um charivari.

Os meses foram se passando sem que a gente do Mindubim tivesse sossego. É o que digo, os homens acreditamos em tudo. Reduardo Eulálio, o arraial ainda é

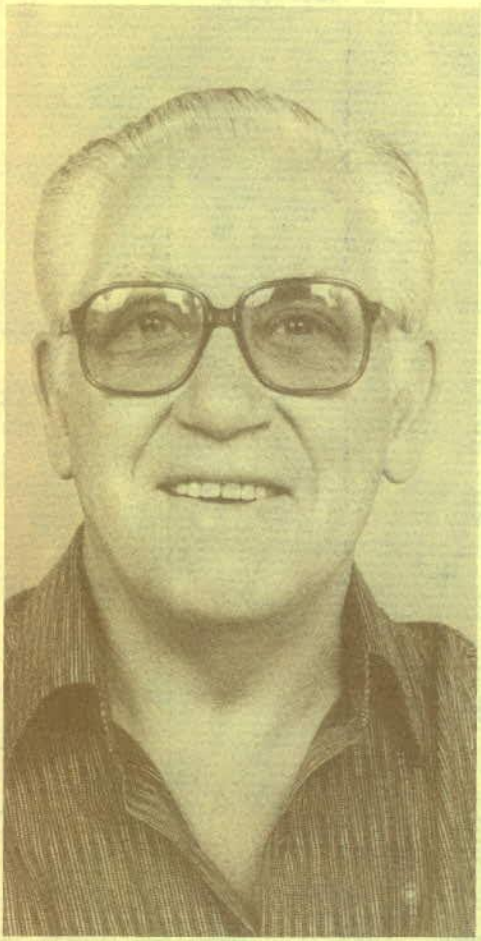
arraial ali, atrás do morro desparambeirado. É um lugarzinho pequeno, você sabe. Repito, esta região nem existia de tanto atraso, mas aos poucos, tudo vai se modificando. Quem imaginaria que Santa Maria melhorasse assim da noite para o dia? O segredo de todo esse desenrolar está lá mesmo, naquele sóbrio prédio, onde seu tio trabalha. Devemos erguer as mãos para o céu e agradecer a Deus pela Caixa Econômica Federal ter vindo para junto de nós. O povo até ficou menos triste depois que a Agência de Santa Maria foi aberta e, olhe só, este povo parece que traz a tristeza calcada de forma irremediável na alma. Mas a Caixa sabe o que faz: entra sem invadir, traz o novo sem negar a tradição, preserva as manifestações culturais do povo e vai tornando a gente mais confiante no homem. É o que digo: graças a Deus.

Gostou? Pois era uma vez, uma vaca vitória, caiu no buraco e acabou-se a história. Olhe a negrinha Bituca chamando, a janta está pronta. Cansaço? Ai, ai, ai, digo outra vez, deixe de lado, você se cansa por coisa nenhuma, parece que tem corpo mole, rapaz! Sem desculpas, depois teremos o jogo de truco. Compadre Anatório e José Loredo vêm jogar conosco. Nós dois seremos parceiros. Truco! Vale seis, rato da barriga branca! Coisa bonita é viver, não é mesmo? Assoma só o ângelus da fogo-apagou. Vai ser noite de escuro hoje.

***

NASCE UM GERENTE

WALDIR DE LUNA CARNEIRO



Um aposentado que escreve "por idealismo e prazer, por pura satisfação pessoal", foi o 2.º lugar neste Prêmio — com **"Nasce um Gerente"** *— classificando também* **"Cargo de Confiança"** *e* **"Pé-de-Meia"** *entre os 25 contos premiados. Mineiro de Santa Rita do Sapucaí, Waldir de Luna Carneiro vem, desde os onze anos, dedicando-se ao jornalismo e ao teatro, provando na prática que "o ato de escrever é anímico" e, por isso, segue pela vida afora "escrevendo varado de amor". No teatro, seu trabalho de autor, diretor, cenógrafo e ator chamou atenção de Paschoal Carlos Magno, Augusto Frederico Schmidt, Joracy Camargo e Sérgio Cardoso. Teve contos premiados pela revista Alterosa e roteiros montados pela TV Itacolomy. Em 1984, obteve o prêmio de montagem com sua peça "O Agiota", em concurso promovido pela Rede Globo Minas e Associação de Artistas Profissionais de MG. É diretor do Semanário O Alfenense e presidente da Biblioteca Municipal de Alfenas, depois de se aposentar como gerente da Agência da CEF naquela cidade.*

"Alma lisa, alma raiada..." José Maria coçava a cabeça, "lisa e raiada". A esposa assustou-se: há três dias ele estava assim. Na cozinha, entre dois goles de café quente, justificou:

— Se for preciso viro técnico em arma de fogo.

Carminha tentou sorrir, fazendo o pano de prato girar com maior velocidade na louça que refletia o sol dourado de maio. Ali estavam, naquela pitoresca cidadezinha, e o novo Gerente da Caixa Econômica não dormira outra vez. Era preciso aumentar os depósitos... aumentar... Sua agência era a quadragésima primeira no mapa de depósitos.



— Se não aumento...

— Acontece nada. — Carminha pendurou o pano de prato, abriu o armarinho de compensado e meteu dentro a louça. — Melhor que conserte este puxador.

José Maria foi à geladeira, deslizou os dedos pelas arranhaduras da mudança, xingou a transportadora e voltou-se para a mulher:

— Você sabe o que é alma lisa e alma raiada?

— O que estão pedindo agora?

— Aumento de depósitos.

— Na outra agência era a mesma coisa.

— Lá eu era sub, agora sou gerente, tenho que malhar, capinar e cavoucar.

José Maria consultou o relógio e bebeu mais um gole de café. Nem tocara no pão, nas rosquinhas de padaria e no leite ainda fumegante. Mal almoçava e no jantar só pedia vitamina de mamão com bolacha água-e-sal. Há dez dias recebera a nova agência, há cinco telefonaram da Filial falando nos depósitos e há dois deram-lhe uma vaga pista: o sujeito mais rico da cidade era o fazendeiro Boanerges Boaventura. "Inabordável" — ciciara-lhe o caixa com hálito de hortelã-pimenta. Vira o Boanerges um dia, do outro lado da rua, de frente para a agência; uma silhueta magra, ligeiramente pendida para a esquerda, como um caniço. Tentara armar um sorriso mas desistiu, um sorriso não atravessaria uma rua. A figura desaparecera e o caixa fizera um trejeito como se explicasse que o fulano vivia mesmo fugindo de gerentes, de vendedores de enciclopédias e de seguros de vida. Outra noite indormida, mas agora cheia de planos. Antes não dormia e não tinha planos mas agora sim, tinha-os.

Fez uma concessão à esposa e mordeu uma rosquinha.

— Enfim come?

— Enfim penso.

José Maria andou pela cozinha examinando o fogão e as prateleiras. Carminha observava o marido que não lhe parecia o mesmo. Aquela promoção revestira-o de nova postura e era preciso furar a carapaça, vasculhar-lhe o íntimo; tinha uma nova fisionomia, o bigode parecia maior, os olhos mais fundos e o queixo doce e meigo projetava-se como o de um herói de história de quadrinho. Envelhecera. Como era aquilo possível? Um simples ofício assinado pela Gerência Geral e o José Maria como que estalando sob o peso da nova responsabilidade. Até a voz ganhara outro timbre, os gestos eram mais duros e os beijos mais frios. Mas tudo haveria de passar. Ele voltaria como daquela vez em que lhe trouxera a notícia de sua classificação no concurso, os olhos brilhando como os de colegial recém-formado.

José Maria atravessou a copa, a sala minúscula pintada de novo, saiu para o alpendre e apoiou um dos pés na mureta. Carminha seguiu-o e ficou com ele olhando a praça de árvores pequenas, os bancos de madeira onde os funcionários costumavam ficar até que o relógio da igreja os chamasse para dentro da agência.

— Nem bem se instalou e preocupado com os depósitos?

Ele sentou na mureta consultando outra vez o relógio de pulso, depois coçou o pescoço sentindo por entre as unhas a barba mal aparada. A cidade, a agência, os funcionários o entusiasmaram um pouco, mas o pensar no Boanerges Boaventura deixava-o tão nervoso que nem a barba fazia direito.

— E a empregada que não veio? — continuou Carminha.

— Na entrega de ontem, do supermercado, faltou massa de tomate.

— Na agência faltam depósitos — cortou ele um pouco irritado. — Cristo! Você não sabe o que é uma gerência.

— Preferia você caixa ou subgerente, sei lá. Muito melhor. Sequer pensa mais no filho que vamos ter.

— Quero que ele encontre minha agência pelo menos entre as dez primeiras. Alma lisa, alma raiada, sabe o que é isso?

— Não. Nem quero — ela amuara-se. Será que promoção abala casamento ou o juízo? — Dez dias e você já quer ser citado em Brasília como o melhor?

Ele bateu a mão no bolso procurando cigarro e enfiou o dedo entre o colarinho e a nuca. Detestava gravatas mas achava que gerente deveria usá-las. Acendeu o cigarro e ficou olhando a praça por entre a fumaça azul. Carminha ia voltar para dentro da casa quando a deteve.

— Tenho uns minutinhos, gerente sempre chega quando a turma está acomodada.

Deu dois passos no alpendre e o sol iluminou-lhe o rosto moreno. Carminha se enamorara daquele nariz meio grego, o bigode preto, as sobrancelhas como dois arcos de carvão. Agora ele sorria, deixando entrever a ponta dos dentes que mordiam o cigarro, e disparou um estranho e eloqüente discurso: o homem mais rico da cidade era uma besta quadrada, tinha dinheiro capaz de afogar três agências de terceira classe numa só tacada, mas ninguém sabia onde ele o amoitara. Ações? Jamais. Poupança? Nunca. Talvez ouro em barra no porão da fazenda ou pedras preciosas escondidas em santos de argila; era partir uma imagem pela barriga e as pedrinhas voariam em

todas as direções, uma cesariana de esmeraldas. O homem viera do norte e se metera num fazendão vetusto. Solteirão? Amasiado? Ele, gerente, havia de descobrir, já tinha uma pista fornecida na véspera por um novo depositante: "É doido por qualquer arma de fogo. Prosa dele é alma lisa e alma raiada."

— Alma? — Carminha recuara a cabeça num espanto.

— As armas têm alma que podem ser lisas ou raiadas. É por onde vou agarrá-lo.

— Como?

— Não sei. Jogo o material para o subconsciente e resolvo depois.

— Graças a Deus. Pensei que estivesse ficando doido.

***

Na mesa da gerência ficou batendo o lápis, olhando o teto manchado. "Inspetor vem aí e quer saber..." Chamou o estagiário, mocinho de olhos espertos e cabelo cor de vinagre, desenvolto e falante. Como era mesmo o nome daquele depositante de ontem, o velhinho asmático? Enéas. Enéas Rodrigues. Trouxe-lhe a ficha: rua Sebastião Nepomuceno, trinta, professor aposentado. Enquanto cochichavam os funcionários iam suspendendo a cabeça e ajustando os ouvidos, o mocinho com apenas vinte dias de agência já se grudava no gerente. Fresco!

Assinou papéis, ouviu um e outro, examinou fichas cadastrais, explicou para a senhora magra as vantagens da poupança e deixou a agência meia hora antes do almoço, apanhando o professor Enéas quando ele entrava em casa, vindo da banca de jornais. Sorrisos, cumprimentos. "Clotilde, olha quem está aqui!" Que não se incomodasse

o professor, ele era apenas um gerente novo e meio às tontas pela cidade. "Satisfação em poder servi-lo." Jornal debaixo do braço, saiu o velho professor parelhado com o "mais novo cidadão..." conforme registrara o semanário local noticiando a posse do novo gerente. Que não se aborrecesse o professor, queria apenas — usou a fala da moda — inserir-se no contexto comunitário; conhecer o pessoal e dentre eles, especialmente, o senhor Boanerges Boaventura. Enéas parou e o encarou:

— Aquela mula?

Ficaram olhando um para o outro, hesitando se atravessariam ou não a rua que os levaria à praça. Não falaram até o banco de madeira.

— Ninguém sabe de onde ele veio. Sabe-se que é rico e comprou — l'argent sur la table — a fazenda mais importante do município e por lá fica, só aparecendo para comprinhas mixurucas ou quando temos filme de guerra. Tem gente armada na fazenda, mulheres variadas vindas de outras cidades e bem conduzidas por automóveis do último ano. De começo pensávamos que era veado.

José Maria recostou no banco enquanto o professor cruzava as pernas, consultando as manchetes do jornal.

— Tem dinheiro em banco nenhum. O que ele mais detesta são gerentes e vendedores de bíblias. Desista.

***

Não ia desistir. Aquele homem o espicaçava, foi o que disse à mulher enquanto partia o bife do almoço.

— Deve ter dinheiro em alguma parte e vou descobrir.

— Não será debaixo do colchão, respondeu Carminha tentando um sorriso. — Não pode forçar ninguém a depositar, está me saindo um gerente meio bobo.

José Maria levantou os olhos, pedaço de carne espetado no garfo.

— Não é forçar, é descobrir e persuadir. O homem tem a sua fraqueza.

Voltando para a agência passou pelo cinema local e estacou diante de um cartaz colorido onde aviões biplanos trocavam tiros: **John Phillip Law as the German air ace von Richthofen — the Red Baron...** O coração saltou. Ali poderia estar uma primeira arapuca. Na gerência atendeu rapidamente um pedido de empréstimo e chamou o estagiário para dentro do almoxarifado, provocando novos olhares, sorrisos e gestos. Uma funcionária chegou a se levantar e foi até a porta do almoxarifado, tentando ouvir alguma coisa. Nada. Falavam baixo e lá dentro o estagiário ouvia seu chefe, batendo a cabeça.

— Ele vai ver o filme — explicava José Maria. — Estarei roçando o velho na saída aí então você me pergunta...

***

Em casa explicou à mulher que ia telefonar da agência para um amigo na capital pedindo material de trabalho, e que depois iria ao cinema. Não a levava porque era filme de guerra.

— Esse amigo é da Caixa?

— Livreiro. Tiau, amanhã instalo a televisão.

Chegou cedo ao cinema, localizou o estagiário já com os ingressos comprados e aguardou. Inquietou-se: o homem

não aparecia, luzes começavam a ser apagadas e nem sinal... Andou pela calçada, indo e vindo, até o último momento e por fim, meio decepcionado entrou para ver "Duelo nos ares". Terminada a sessão, três fileiras atrás, se levantando e espreguiçando o Boanerges Boaventura! Puxou o estagiário pelo braço e avançou, dando cotoveladas. No saguão, perto da porta de saída, alcançou o objetivo e seu companheiro disparou a lição aprendida no almoxarifado. Com voz clara de locutor esportivo José Maria, ao pé do ouvido de Boanerges Boaventura, disparou: "Tudo errado, avião inglês não podia estar com aquele tipo de metralhadora!"

Um minuto depois, atravessando a rua, indagou do companheiro se a estocada verbal atingira o alvo.

— Ele botou os olhos em cima de você, juro.

— Bom, agora vamos tomar café em casa.

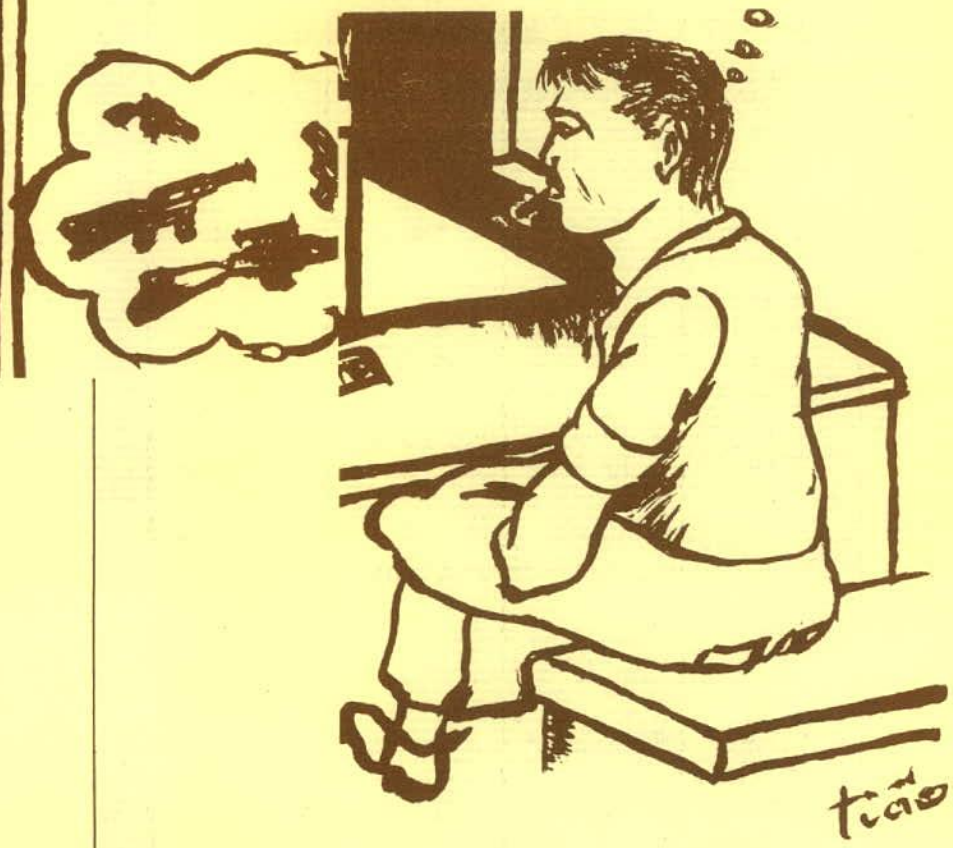
Enquanto Carminha enchia as xícaras o marido apresentou o companheiro:

— Adevaldo, funcionário e cúmplice.

O moço se embaraçou, agradeceu a fatia de bolo e disse estar toda a turma muito contente, mas que ninguém poderia imaginar um chefe tão jovem.

— Envelheceu com o cargo. Não come e nem dorme direito, era mais simpático quando subgerente.

Ao se despedir Adevaldo recebeu nova incumbência: conseguir uma relação de todos os filmes de guerra programados para a cidade. E aquela noite José Maria dormiu melhor. Entretanto, os dias que se seguiram foram os piores para Carminha. Todas as noites ele ia para a agência e lá ficava até tarde. Serões? Uma ponta de



ciúmes a beliscou quando soube pela lavadeira que uma certa funcionária, recém nomeada, era das caras mais bonitas que já vira na agência. Não hesitou e naquele mesmo dia, enfrentando chuva, resolveu ir buscar o marido. A janela baixa permitia ver toda a gerência iluminada e o José Maria sozinho, debruçado em cima de livros. Os manuais, pensou ela, mas não eram os livros de capa azul.

— Meu bem... — bateu no vidro.

Assustado ele abriu a porta, chuva e vento sacudiram os longos cabelos de Carminha.

— Estou trabalhando, meu amor.

Ela passou os olhos pelos cantos da agência.

— Só?

— E Deus — resmungou ele. — Não se esqueça de que tenho poucos dias de cargo e quero saber tudo de agência...

Ela espiou os livros empilhados.

— ... e de armas — çontinuou José Maria — lisas e raiadas, tenho em mira um excepcional depositante.

Adevaldo apareceu da rua, pediu licença, fechou o guarda-chuva para fora da porta e entrou com um papel na mão.

— A programação. Tem cinco filmes de guerra.

José Maria apanhou a lista como se fora a folha de pagamento e sorrindo examinou os títulos. Sentindo-se intruso, o eficiente estagiário despediu-se e Carminha ganhou, pela primeira vez, desde que chegara, um verdadeiro beijo do marido apaixonado.

***

Com dois meses de gerência José Maria já provocara vários encontros e esbarrões na porta do cinema, com insólitas explicações ao embasbacado Adevaldo: "É uma Luger de nove milímetros, semi-automática, alimentada por carregador de oito cartuchos em linha, massa de mira em lâmina e alça com entalhe em V!" Falava e gesticulava lançando curtos olhares ao Boanerges. Certa feita o fazendeiro, antes de entrar no carro, examinara-o rapidamente e numa outra ocasião chegara muito devagar

para perto dele. Adevaldo puxou a manga do gerente que apanhou a deixa, afoito e nervoso, como se ainda estivesse desembarcando com os aliados na Normandia: "Que arma de gangster, seu idiota, é a submetralhadora Thompson, modelo 1928, carregador com trinta cartuchos escalonados."

— O desgraçado me ouviu?

— Tudo — garantiu o Adevaldo, metendo um pastel na boca. Sempre que saíam do cinema iam à lanchonete mais próxima para discutir as ofensivas do gerente. — Ele tá ficando besta.

Quinze dias depois, para desespero de Carminha, José Maria caía em depressão. O Boanerges era inabordável, um jumento que só abria a boca para chupar balas e comer pipocas nas sessões de cinema; tinha um olhar parado de bagre, movimentos curtos e olhava todo mundo por cima, como se fora o principal poste de iluminação da cidade. Carminha ouviu os lamentos do marido que vestia o pijama e caía de costas na cama.

— O filho da puta só gosta de mulheres e de armas, tá me faltando sair com um vestido seu.

— Esquece. Tem o que fazer na agência e está muito agarrado com aquele rapazinho.

Ele se levantou para ir escovar os dentes e respondeu do banheiro, voz engrolada, boca cheia de espuma:

— O menino é inteligente, está dentro da jogada. Se botasse os outros a par me achariam doido. O fato é que o homem não tem depósitos na cidade, em banco algum. Nem tem financiamento no Banco do Brasil, é Drácula, chupa as mulheres no casarão e café com leite pelo cano do revólver. A fazenda é enorme, dia todo a cavalo para

lhe correr tapumes e divisas. E comprou tudo na nota, "l'argent sur la table", como disse o professor Enéas. Amanhã vou procurar o velhinho.

Enéas ouviu-o, balançando a cabeça, olhos fixos na ponta dos sapatos.

— Se não aumento os depósitos não posso emprestar e se não empresto de que me adiante estar aqui? Hipotecária não existe mais, Habitacional depende da poupança, consumos duráveis, suspensa. Se ao menos conseguisse o seu cadastro.

— De que adiantaria? O homem nem pertence à comunidade, nem procissão do enterro o apanha, só freqüenta o nosso cineminha. Soube que o vigário esteve na fazenda, querendo garrote pra leilão de gado e ele saiu pelos fundos, ventando poeira com o jipe.

Telefonemas da Filial pingavam, os mapas de depósitos cada vez mais cruéis, uma agenciazinha nos cafundós passara-lhe na frente, agora era a quadragésima segunda no Estado. Falou em pleitear outra gerência e Carminha estrilou: "Nem três meses! Agora que a gente vai-se acostumando e quer dar o fora?"

— Sou um gerente fracassado.

— Afobado. Estava para lhe dizer isso desde a lua-de-mel. Que tem nas veias, pólvora?

— Possível. Sei tudo sobre armas de fogo, tudo dos manuais de habitação, loteria, crédito pessoal, pis, só não sei aumentar depósitos.

***

No terceiro mês de gerência, empoleirado na banqueta da lanchonete, barba por fazer, observou um menino a seu

lado devorando um misto quente e uma história de quadrinho. Acabara de sair do cinema, mandara o Adevaldo embora, pois não avistara o Boanerges e, além do mais, o filme só mostrara uma cena de batalha, por sinal muito ruim. E era o último filme da programação trimestral. Esticou o pescoço, gostava daquelas historinhas e muito dos desenhos.

— Sabe que a arma na mão do detetive é a Walther P38?

— É uma automática Colt, modelo 1911, seu ignorante!

José Maria levou um susto e voltou-se. A meio metro dele uma cara cor de tijolo: o Boanerges Boaventura. Estremeceu. O cheiro do homem chegava-lhe pela primeira vez, mistura de chocolate, baunilha e amendoim torrado; olhos pequenos, queixo afilado, quase pontudo. Na banqueta parecia-lhe ainda mais alto e mais terrível. Viu dois dentes de ouro meio ocultos pelo bigode despencado, lábios ridículos, quase um traço debaixo do nariz grosso.

— É Walther, meu senhor.

— É uma Colt quarenta e cinco, alimentação por carregador destacável de sete cartuchos. Massa de mira em lâmina e alça de mira de entalhe quadrado!

O menino parou de morder o sanduíche. O homem apanhara-lhe a revista e metia-a no rosto do outro:

— A Walther é mais curta e a alça de mira é de entalhe redondo.

José Maria sentiu o coração pinotear. Estaria no anzol o bagre? Sorriu devagar, adoçou e iluminou sua fisionomia botando nela todo o seu charme de aluno embasbacado diante do mestre. O homem entregou a revista ao menino, agora chupando uma laranjada mas atento ao curioso

diálogo. Boanerges meteu a mão no bolso, puxou um bolo de notas, destacou uma cédula e pediu bebida. José Maria continuava entalado, não sabia como aproveitar aquele raro e precioso momento. "Jesus que me ilumine! O filho da mãe já está empinando o copo e vai embora. Vai para o castelo sugar o mulherio!... Santa Teresinha do Menino Jesus, ajude-me! Ai, ai, ai... ele baixou o copo, correu as costas da mão pelo bigode e eu engasgado. Provocar ou não? Insultar?" Raspou a garganta e disparou, trêmulo:

— Entalhe redondo? Mas tem uma...

— É a Mauser 1916, outra de entalhe redondo.

José Maria foi à ebulição, derramou-se e bateu a mão na mesa de marmorite fazendo o menino soltar o canudinho do refresco.

— Isso, claro! Eu me confundo com as automáticas, nem sei distinguir uma Webley de uma Beretta. O senhor sabe, meu senhor?

Boanerges mostrou mais alguns dentes.

— Qual Beretta? São inúmeras, como as Brownings.

José Maria começou a crescer, o homem metia o pescoço no laço.

— O senhor conhece a Mannlicher?

— Tenho duas.

— Jesus!

Boanerges já mostrava os caninos. Bateu a mão pesada no ombro do gerente.

— Tenho até uma automática Nambu, japonesa, modelo catorze, oito milímetros.

Acomodava-se na banqueta o fazendeiro Boanerges Boaventura pedindo uma vitamina de abacate, depois puxou pelo maço de cigarros, deu uma pancadinha no fundo fazendo saltar um que ofereceu ao maravilhado José Maria Tavares, Gerente.

***

Passava da meia-noite quando acordou Carminha com um beijo. A mulher sentou na cama, olhos redondos de susto.

— Tá no papo.

— Hein?

— Me apanhou na lanchonete. Disse que estava de olho em mim desde o filme da briga de aviões. Ficou me cozinhando, ouvindo meus despautérios e minhas asnices; andou encafifado pois jamais imaginou poder encontrar, no interior, alguém capaz de descrever, com detalhes, o sistema Smith & Wesson de cano basculante, conforme eu fiz enquanto ele sorvia um copo de vitamina. Carminha, juro! Só a coleção vale todos os depósitos que tenho. O desgraçado está tentando agora adquirir um fuzil de paraquedista alemão e botou deputado no negócio; me contou ter pago milhão e meio por uma Tokarev, espingarda russa. Tive que engolir três doses de uísque.

— As mulheres...

— Parentada. Atrás da cara de machão, um bocó com dinheiro até a cumeeira e que acaricia armas como se elas fossem gatinhos. Vou lá, me convidou para ver a coleção.

Apagou a luz, beijou a esposa mas voltou a acender o abajur, apanhando debaixo da cama um dos volumes que

o amigo da capital lhe enviara: "Pistols, Rifles and Machine Guns".

— Preciso estudar a lição.

***

Pela manhã anunciou aos funcionários que só estaria na agência pela tarde: ia almoçar na fazenda do senhor Boanerges Boaventura. Foi como se o balcão afundasse, clientes debruçados ergueram a cabeça.

— O Adevaldo vai comigo. Não conheço a estrada.

Passou pela casa do Enéas que não acreditou, queria detalhes, fez perguntas sobre o mulherio. Parentes? Todas aquelas boasudas? Vai nessa. Por fim estava rindo:

— Puxa, você o trouxe no pio, como inhambu!

Despediram-se e quando José Maria dobrava a esquina, passo rápido, batendo os braços, Enéas não se conteve: "Gerentinho filho da puta".

Ao meio-dia Carminha telefonou para a agência. José Maria ainda não chegara e hora mais tarde chofer de caminhão leiteiro dava recado: "Gerente manda dizer que só vem tarde, favor avisar a mulher dele". O caixa telefonou acalmando a jovem esposa: "Pode a senhora estar certa que nunca vimos gerente igual. E olha que tenho vinte e cinco anos de Caixa".

Afinal, quando as sombras começam a invadir a praça, surge o fusca amarelo do pai do estagiário, e dele salta o afobado e empoeirado jovem gerente. Dentro do carro o Adevaldo sorrindo, polegar para cima. José Maria entra, pede a papelada para assinar, malote já em cima do balcão e a turma em suspense aguardando a última

assinatura no último documento. Telefone toca. "Chegou, minha senhora."

— Vou já. — Uma voz diferente, meio rouca por causa do pó, empostada, quase grave.

E como se fosse pela primeira vez, o gerente encara o seu pessoal. Percebe melhor agora cada fisionomia: o caixa de rosto afilado, testa quadrada, mãos longas e nervosas coçando o nariz; o subgerente ainda esquivo, rechonchudo, ar maroto de beira de férias; os escriturários, todos jovens, saudáveis, com sorrisos espontando; dona Jurema a veterana, olhos azuis por cima de óculos presos por correntinha dourada; os guardas desajeitados, posturas derramadas de fim de expediente. Ali estava a sua gente e a ela deveria anunciar o resultado da expedição.

— O Boanerges nos promete — fez uma pausa proposital — cinqüenta milhões na poupança. Amanhã!

Ninguém se mexeu, o silêncio total, na rua uma motocicleta passa estalando e do fundo, onde lava as mãos, a risada do Adevaldo deflagrando outras risadas e palmas. Encabulado, vermelho, o gerente é cercado e agradece as pancadinhas. Bebeu um copo d'água e com a ponta do lenço finge limpar o canto do olho avermelhado. Teve vontade de entrar em detalhes, descrever o casarão da fazenda, o gado, o pomar a perder de vista e a batalha final. Entrara intimidado amante de armas e saira Gerente, com o Adevaldo pescando no bolso da camisa ficha de depósito e cartões de assinatura. "Estagiário jóia."

Chegou em casa meio entontecido, como se o uísque da véspera só agora lhe tivesse subido à cabeça. Mal beijou Carminha e descreveu tudo: a viagem, a chegada, o casarão frio, cachorrada latindo, fungando e por fim

lambendo; café em xícaras enormes, duas mocetonas empertigadas, cheiro de funcho e alfazema, um relógio que mais parecia de igreja e o cômodo das armas, armários envidraçados até o teto: fuzis, carabinas, mosquetes e garruchas, almas raiadas e almas lisas. Indicava-se uma daquelas e lá vinha o Boanerges despencando histórias, 'causos', episódios de caça, revoluções, apostas, tocaias, assassinatos. Era de família rica, do norte, que viera descendo aos poucos, acobertando políticos matreiros e apoiando deputados, ora opositores, ora governistas. Queria sossego e dera com aquela cidadezinha dorminhoca mas já começando a ser despertada pelas motocicletas. "Tenho mais medo de motociclista do que de cachorro louco." Comprou a fazenda do Paredão, mil e tantos alqueires, largada e judiada. Queria prosa com ninguém. Só tivera um amor na vida que ficara enterrado lá para as bandas de Francisco Sá. Dinheiro vinha de cima com ordens de pagamento pelo Banco do Brasil; recebia direto, no caixa, caboclo junto, com trinta e oito na cintura e carro roncando na porta. Tiau para gerentes, contadores, funcionários e fiscais. "Detesto banco, mas você, garoto,



me desafiou. Pessoal daqui nem conhece revólver de espoleta e um enxerido no cinema apontando armamento errado nos aviões. Estrilei, o filme estava certo!''

— O almoço deixou meu estagiário com cara de cabrito vigiando horta de couve. Quase nada comi e o apetite foi de vez quando o velho me promete, na bucha, cinqüenta milhões na poupança. O Adevaldo engasgou e eu senti como que o coração esfriado e vontade de urinar. É isso aí, meu anjo, vamos para a primeira dezena no mapa de depósitos.

.....

— Interurbano, doutor José Maria.

Afastou-se do balcão. Gostava de estar ali, de frente para o depositante e de onde poderia ser o primeiro a ver Boanerges Boaventura surgindo na porta. Duvidariam ainda? Carminha, depois de lhe ajeitar o nó da gravata duvidara: ''Como é que ele vai carregar cinqüenta milhões?''

— Alô! — calibrou a voz — É o Tavares, gerente.

A vozinha parecia distante, sotaque nordestino, vinha aos arrancos, misto de uivo e berro.

— Hein? É o gerente da agência, o Tav...

— Desgraçado... — chicoteou a voz esganiçada — você me furou, colega. O Boaventura quer que transfira para essa sua merda de agência os cinqüenta milhões que tem comigo. Como é que pode? Como se explica, seu gerentinho de meia pataca?

José Maria, assustado, afastou o aparelho do ouvido e viu a silhueta de caniço pendido que aparecera na porta: o Boanerges Boaventura que parecia estar entendendo aquele telefonema e se dobrando de rir. Encheu os peitos e disparou o seu mais eloqüente e curto pronunciamento desde que tomara posse da agência:

— Como explico? Muito simples, distinto colega, vou lhe enviar o meu novo manual de depósitos: "pistols, rifles and machine guns!..."

CARGO DE CONFIANÇA

WALDIR DE LUNA CARNEIRO

02
02

— Pedro segundo, ida, de primeira.

— Cento e oitenta mil e oitocentos.

Dagoberto deu uma nota de duzentos e ficou esperando o troco depois de apanhar a passagem, olhando o túnel pintado de verde do guichê. Apanhou o dinheiro sem conferir.

— Engraxá, moço?

— Não tenho tempo.

— Trem nem chegou e aqui é ponto de almoço. Ainda tem manobra.

Dagoberto subiu na cadeira alta e botou o embrulho em cima da perna. O coração bateu mais forte e instintivamente apertou o pacote. Teve vontade de dizer



ao menino: "Sabe o que é isso em papel de jornal para disfarçar? Quinhentos mil!". Acendeu um cigarro e começou a olhar. Olhava para todos que passavam. Como era esquisito, nas viagens anteriores nunca olhava para ninguém, descia nas estaçõezinhas, bebia café, comia pastel e não via ninguém, mas agora...

— Quer tinta?

— Não.

— Na sola?

— Não precisa.

E se encontrasse um amigo ou um conhecido? Não. Ali não, seria muito azar, estava muito longe de sua agência, mas se os encontrasse saberia o que dizer: "Numerário para a capital". "Mas as agências da capital precisariam de numerário?" "Ah! Cédulas dilaceradas, uma porcariada de dinheiro velho". Quem se preocuparia? Bobagem. Que tinham com isso? Apertou o embrulho e sentiu a mão do menino acariciando o sapato. Olhou para baixo, era um rapazinho de cabeça loira, de um loiro encardido e pastoso, cabelos subindo pelas orelhas, mãozinhas ágeis.

— Cuidado com a meia.

Cuspiu um fiapo de fumo e atirou fora o cigarro. Estranho, estava se apoderando de quinhentos mil cruzeiros e tinha cuidado com as meias. Sorriu e imaginou se seria um sorriso cínico, o sorriso que vira nos filmes de gangster quando assaltavam um banco. Quinhentos mil cruzeiros! Para onde? Argentina... "Habla castellano... se puede me informar adonde..." Era melhor. Eles entenderiam, sumiria por lá, aquele vigarista de Ituiutaba também sumira por lá. Dez anos... dez anos de

Remington, tec-te-tec, os colegas passando na frente, rapazotes fazendo carreira e ele lá no fundo, perto do WC, batendo aviso de vencimento, tec-te-tec. O gerente às vezes se aproximava, estalando os dedos magros e compridos: "Como é, poeta? Gostei daquele soneto do "Estandarte." Ele sorria, esmagava a ponta do cigarro no cinzeiro e soprava a fumaça para baixo, evitando que fosse na cara do gerente. E, sem querer, acompanhava o picotar da máquina: "Arbusto estéril que a estrada beiras,
Orvalhado de pó, solitário à margem..."

— Pronto?

— Prontinho sim senhor.

Pagou o garoto, deu uma nota e achou graça na alegria dele. Por que não? Não tinha quinhentos mil ali, ali apertado na barriga? Foi à beira da plataforma e ficou olhando uma velha locomotiva de manobra.

— Quinhentos mil!

Levou um susto.

— Federal para hoje.

Não respondeu, procurou um bar na estação, pediu café e saiu de lá mastigando um sanduíche de queijo. Seria melhor alimentar-se, os restaurantes da estrada de ferro não eram bons e teria que ficar agarrado ao embrulho. Diante de uma banca de jornais viu um título: "Os craques paraguaios..." Paraguai também seria bom, ouvira dizer que por lá dinheiro do Brasil era mesmo que ouro. Andou pela plataforma numa forçada tranqüilidade e ficou observando a cidadezinha cuja única importância era a de ser um entroncamento ferroviário. Lembrava-lhe a própria cidade, os telhados escuros, as mangueiras nos quintais embandeirados de roupas secando. Na outra

extremidade da estação, a velha locomotiva engatava vagões que iam formar o "Expresso" que o levaria ao seu destino: quinhentos mil da sua agência para a co-irmã que necessitava de numerário. Viu um soldado de polícia barbudo, com o cinturão acima do estômago e não sentiu absolutamente nada, nem teve medo, chegou a roçar nele apertando o embrulho e só então reparou que levava uma vara de pescar. Sorriu e imaginou um daqueles meganhas correndo atrás dele, boca aberta, língua de fora, meio frouxo: "Cerca... cerca!" Giraria nos calcanhares — conforme escreviam as revistas de detetive — entraria por uma daquelas portas da estação e responderia ao fogo com a mauser enferrujada que lhe fora emprestada por um colega da agência: "Carregar dinheiro é perigoso!" Que desprezível tudo aquilo, um pobre soldado levando chumbo por causa de quinhentos mil cruzeiros de algum pecuarista idiota que acabaria botando tudo no Prazo Fixo. "Você é comunista, Dagoberto" — ouviu uma vez o tio Onofre — "Todo poeta é meio doidarrão e meio comunista". Mais tarde falara ao gerente: "Comunista u'a merda, tenho fita de mariano". Alguém na agência tinha rido, um cliente de bota e cinto largo cheio de bolsinhas, cada bolsinha um pacote de cinqüenta mil. "Essa rapaziada é toda revoltada, meu menino que estuda no Rio também é."

— O Globo?

— Não.

— A Folha.

O jornaleiro seguiu e Dagoberto ficou olhando os trilhos chatos, enferrujados; o pau podre dos dormentes, manchas de óleo e cinzas. Não viu a locomotiva barulhenta, negra e quente, penetrando ruidosa na estação e com ramos verdes nas jarrinhas do limpa-trilhos. Rosto e malas apareceram nas janelas, mulheres de óculos

escuros, homens de boina e guarda-pó. Foi a um canto, apanhou a mala e entrou no carro, coração dando saltos. Essa droga vai demorar e vou ficar que nem besta olhando pela janela, esperando, esperando.

Esperou muito. Esperou que todos os sacos verde-amarelos do correio se ajeitassem, as vasilhas de leite, os cestos compridos de queijo, os engradados de galinha, as latas de filme. Seguiu todas as evoluções do carrinho de três rodas que anda no cimento da plataforma com um som cavo e fazendo zigue-zagues.

Por fim a pancada violenta do sino e o assobio do chefe da estação despachando o trem. A locomotiva demorou a responder, o maquinista estava com a metade do corpo para fora, conversando, viu-o tirar o boné, coçar a cabeça, cuspir e fazer um gesto de despedida. Foi então que escutou o apito penetrante como uma agulhada e sentiu o vagão movendo-se, quase sem ruído. Viu caras passando, o vendedor de bilhetes, a menina desdentada do bar, um homem gordo, o menino engraxate curvado, escovando, escovando, escovando com as mãozinhas vivas e sujas. Adeus! Vou-me embora. Vou sumir. Tenho quinhentos mil! Adeus, minha gente, bobões, palhaços. Adeus, meganha, pegue lambaris, muitos lambaris, quinhentos mil lambaris.

O ar fresco entrou pela janela, cercas, bananeiras, casas baixinhas passavam rápidas agora. Seguiu com os olhos os fios do telégrafo que subiam e baixavam, iam e vinham, imaginou um telec-tec crepitando dentro deles: "Detenham moço moreno..." Procurou a carteira de cigarros, escolheu um e com as mãos trêmulas riscou o fósforo inclinando-se para frente por causa do vento. Puxou uma tragada e olhou o vagão, um velho carro de poltronas remendadas que tinham pontinhos negros de brasas cuspidas pelas locomotivas; anúncios de seguro de vida, lombrigueiros, xaropes e o rum creosotado: "Veja ilustre

passageiro..." Fechou os olhos como se estivesse num avião Douglas forrado de azul celeste, indo para a Argentina. Nunca tinha voado, seria capaz de vomitar no avião. E se vomitasse em cima dos passageiros? "Tem saquinhos", dissera-lhe uma vez o inspetor que voara até o norte do Estado. Cruzou as pernas e olhou a meia para ver se estava suja. Dei uma bela gorjeta e o moleque me sujou a meia, pensou. O coração continuava pinoteando, tinha a impressão que estava ali bem debaixo da camisa como um passarinho querendo fugir. Só o sentira assim quando beijara Marina pela primeira vez. "Antes de meus lábios coração já te osculava..." Achava bonito "oscular", seus poemas estavam cheios de ósculos. Raios! Estava virando poeta de novo. Atirou com força o cigarro pela janela, sabia-lhe velho e mofado. E o sanduíche que engolira quase sem mastigar? O pão era fofo, o queijo macio e no entanto...

Subindo a serra a máquina preta lá na frente expedia fagulhas. Pensou em fechar a janela mas viu uma lagoa, um pássaro em vôo baixo e sem querer fez "têi" com uma imaginária espingardinha vinte e dois. Ah, a infância! Para onde tinha ido a infância da beira das lagoas, das arapucas e dos pinhões assados? O lago passou rápido como se o arrebatassem de seus olhos. Vou dormir, pensou, dormir é melhor. Apertou o embrulho contra o peito e fechou os olhos, abriu-os depois, meio apatetado, lembrando-se de um colega que o instruíra: "Pacote tem que ficar meio atirado num canto, como roupa suja embrulhada". Dormir de que maneira? O sono não viria nunca e tinha quase certeza de que vomitaria no avião; o Tadeu vomitara quando fora à capital levar processos hipotecários, a Sinhana Emboaba saíra desacordada de um DC-3. Ali no trem seria mais fácil, era só botar a cabeça para fora da janela.

— O Estado? Esporte Ilustrado?

— Quero nada.

— Seria incapaz de ler o que fosse, nem aquelas historinhas resumidas das "Seleções". Nada. Por cima de uma poltrona, nas mãos de um passageiro careca entreviu um pedaço de manchete: "...UARDO GOMES." Imaginou sua fotografia de caderneta de reservista bastante ampliada lá naquelas páginas: "FUGIU COM O NUMERÁRIO." Depois a reportagem detalhada, o delegado ouvindo as testemunhas: o rapazinho engraxate, o vendedor de bilhetes, a menina sem dentes: "Ah, eu vi! Não era um moreno alto, de cinzento, terno cheio de listinhas?" Era. O soldado diria: "Bem que suspeitei, apertava um embrulho no peito como se fosse mulher, um pacote deste tamanho". E faria um gesto largo como se mostrasse um enorme peixe. E lá na sua terra, na cidadezinha cheia de eucaliptos e ruas íngremes? "Brigou com a namorada, pediu transferência, deram-lhe dinheiro para ele transportar e rozetou a mula!"

Numa das estações entrou um padre enorme com aspecto de galo de briga, vermelho, fumando charuto. Sentou a seu lado, fungando e soltando baforadas azuis.

— Sobe a serra?

— Subo.

— Cruzeiro?

— Rio.

Não falaram mais. Não quero prosa com ninguém, vou fazer cara de protestante, que amolação. Ficou olhando de soslaio a batina preta e de novo a infância pulou-lhe à frente; a infância grudada no negrume daquelas vestes: a primeira comunhão das gravuras com margens douradas onde Jesus segurava uma hóstia para o menino de fita no braço; o nome dele escrito pela mãe em cima da figurinha ajoelhada: **Dagoberto.** A igreja da pequena praça rodeada

de casas, o sino... "Sino como este não há em parte alguma". Os filhotes de pomba que pegava no forro subindo pela escada desconjuntada do fundo da sacristia, o vinho da missa, **hic este enim calix**. Era o melhor coroinha da cidade, sabia até a parte do padre. Que diria agora o padre João se visse o retrato dele no jornal?
Tentou afastar o pensamento, mas pensar em quê? No que estaria lendo o passageiro careca? Prestou atenção no estalar das rodas nas emendas dos trilhos: numerário-numerário... numerário-numerário. Era aquilo, as rodas falavam, que coisa cretina é a imaginação. "Usted puede me infor..." Ia empacar no espanhol, sabia um espanhol de tango, um espanhol inventado.

O padre agora estava lendo. Espiou curioso, tinha sempre curiosidade pelo que os outros liam. Procurou o título na cabeça da página. Inglês. 'The Heart of the Matter.'
O padre percebeu:

— Gosta de ler?

— Muito.

— Lê inglês? Isso é bom — voltou a capa e bateu nela com os dedos — há traduções por aí.

— Sei.

— É a história de um homem que vai para o purgatório.

Ele iria para o inferno com os quinhentos mil cruzeiros. E se o avião caísse? Pois avião não estava caindo todos os dias? Imaginou o Douglas embicado, motor soltando fumaça, os passageiros batendo os braços e ele gritando Jesuuusss!...

— Olha a brasa.

— Obrigado, senhor padre.

— Vai chegar tempo que tudo será elétrico.

— O senhor é de onde?

— Holanda.

O padre voltou à leitura; ele, aos seus pensamentos e, quando o trem entrou num túnel, lembrou-se do trenzinho de corda, 'made in Germany' que corria sobre trilhos prateados e passava em tunelzinhos de lata. Numerário-numerário...

— Quer ler alguma coisa? — era o padre de novo.

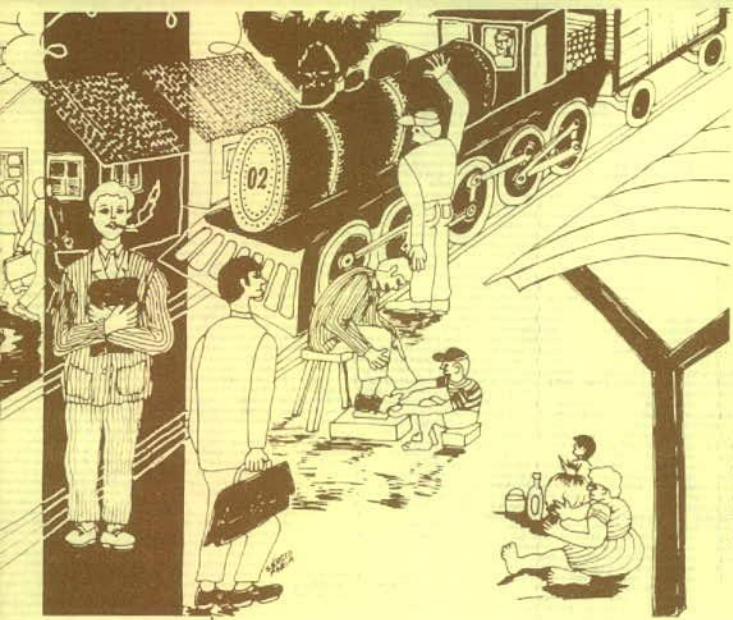
— Não sei inglês, só espanhol.

— Tenho livros em português, agora já estão traduzindo Bernanos.

— Não gosto de ler em viagem. Sacode muito.

Num dos bancos mais distantes, voltada para ele, a moça de olhos tristes, olhos postos nele. Pensou em Marina, como era diferente de Marina, lábios sem cor, nariz muito curto. "Olhos tristes pensativos, olhos doces meditativos". Ia botar aquilo no jornal. Hein? Que jornal? Estava era fugindo para a Argentina. "Pois é, meu bem, quem diria que fôssemos encontrar assim. Meu destino era Buenos Aires quando você..." Besteiras. Por ser até mulher perdida, era assim que sua mãe as classificava. Pensou na dona Eulália, mãe de Marina, lá na sua horta de couves gritando por sobre o muro: "Pois não viu nos jornais, dona Léa? Estava com u'a mulher da vida e pegaram ele quando subia no avião. E ia se casar com a Marina, vê como Deus é grande".

Procurou mais um cigarro. Por que se deixava assim prender por pensamentos idiotas? Nós somos o que são os





nossos pensamentos. Onde lera aquilo? Marden? Smiles? Sim, era um livro do tio, o tio só lia Marden e romances policiais. "Romance policial é melhor que poesia e às vezes lá na agência pode-se aplicar o aprendido com Rafles ou Nick Carter". "Usted tiene un guia de la ciudad?"

— Cruzeiro! — a voz do chefe do trem recolhendo passagens — Cruzeiro!

Olhou pela janela, o ar agora era quente, a locomotiva bufava no plano, fazendo curvas que balançavam o padre ainda fascinado pela história de alguém condenado ao purgatório. E se ali caísse de joelhos? "Padre, dê-me sua bênção". "Confessar-se, moço? Aqui no carro?"

— Já Cruzeiro?

— Sim, fim da linha. Para onde vai?

— Lorena.

— Deixe as malas por minha conta.

— Ora, seu moço.

Mal o trem se deteve saltou rápido para a plataforma e ajudou o padre holandês a descer a bagagem. Deu-lhe subitamente uma ânsia de ajudar todo mundo, uma prestimosidade febril e atabalhoada; correu à menina de olhos tristes que ia para Aparecida do Norte, levou-lhe as malas até o ônibus, discutiu com o chofer: não queria lugar em cima da roda.

— Obrigada seu moço, foi tão bom.

— Não tem de quê, menina, você se parece com minha noiva. Foi um prazer.

— Até a vista, rapaz, Deus o abençôe.

— Passar bem, senhor padre.

O ônibus partiu, o pó saindo debaixo dele às golfadas. Dagoberto ficou olhando o veículo sacolejar até muito longe e sua infância retornou: o pai se despedindo para fazer tratamento em São Paulo de onde não voltaria com vida, a partida do irmão mais velho, morto na Itália e que lhe prometera um capacete alemão. Quantos ônibus como aquele que vira partir levando gente amada que nunca mais veria? Não o veriam também. Era só subir naquele "Rápido" que vinha do poente e nunca mais. Estranho e amargo dia. Entretanto, todos tinham sorrido para ele: o menino engraxate, a mocinha do bar, o padre holandês, a jovem de olhos tristes. Até o maneta vendedor de bilhetes. E não teria vislumbrado um ar simpático na fisionomia plácida do soldado que ia pescar?

Foi à plataforma de onde tomaria o trem para o Rio e lá ficou, indo e vindo, pacote debaixo do braço. Era preciso tomar uma decisão, diabo, era preciso. O Dagoberto de Lima, o poeta do "**Estandarte**", o congregado mariano ali estava como que hipnotizado diante do guichê de passagens. Apertava contra o corpo, cada vez mais, o

horrível embrulho já com as quinas furadas de tanto bandeá-lo de um braço para outro. Não o soltara nem para conduzir as malas da moça. Como pesava aquele dinheiro amarrado com barbante e em tijolinhos cor de laranja. Queria fumar outra vez, nunca fumara tanto em sua vida. Meteu as mãos no bolso em busca de cigarro. Nenhum. Puxou para fora a carta de Marina, a cartinha que recebera mal chegara na nova agência onde o tinham acolhido tão bem, e cheia de boatos: unificação viria logo, economiário teria outra pose. Marina explicava tudo com a sua letra empinada e redonda, os desentendimentos, os ciúmes sem razão. "Habla castellano, usted, usted, usted..."

— "Apertem os cintos, vamos a uma aterrisagem forçada! Calma, calma!"

Quinze minutos depois, perguntando aqui e ali, estava no posto telefônico, apertado na cabine por causa do pacote e explicando ao gerente a desastrada viagem:

— Apanhei trem errado.

Entrecortando as palavras, mais divertido do que assustado, o seu chefe parecia rir.

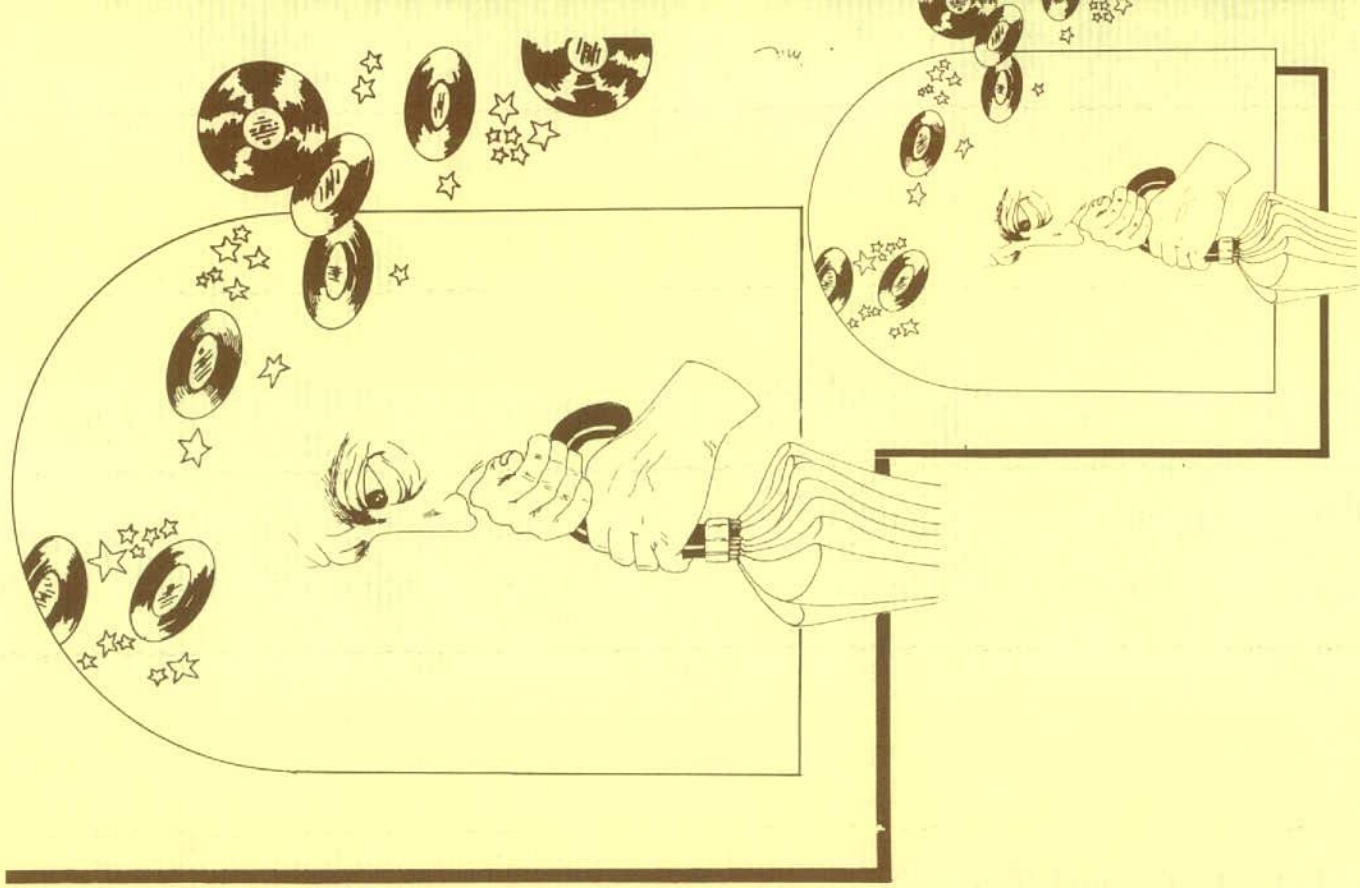
— Poeta carregando dinheiro é nisso que dá.

— Quero que avise a outra agência. Podem ficar preocupados.

— Que é isso, Dagô? Todo mundo te conhece. Tome seu trem de volta, aviso ao colega que chegará pela noite. E escute aqui, seu Castro Alves, pelo menos enquanto estiver carregando numerário esqueça rimas e trovas, tá bem? Não é qualquer um que pode ficar zanzando com quinhentos mil cruzeiros. Escolhemos você porque é cargo de confiança!

PÉ-DE-MEIA

WALDIR DE LUNA CARNEIRO



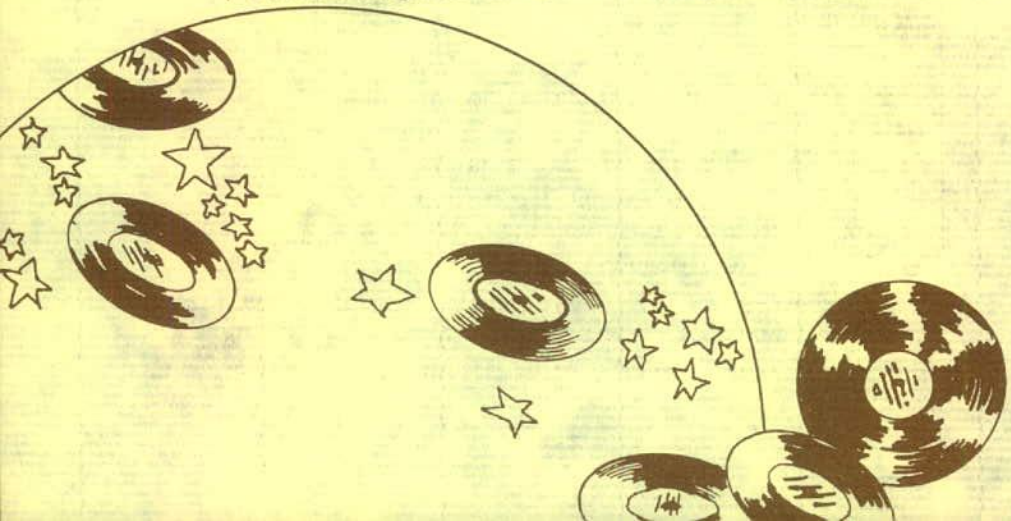
Aquilo deixou Carlinhos com os olhos molhados de tristeza: o caixote, descendo do caminhão, se espatifara na calçada e seu avô caíra de joelhos, como se lhe tivessem batido na curva da perna com um pedaço de pau. Todos acorreram e o velhinho foi posto em pé. Genaro desvencilhou-se da filha, do genro, dos netos e subiu a escada sem querer ouvir ninguém, trôpego e entontecido como se estivesse bêbado.

— Os discos, papai! — disse Carlinhos olhando o pacote que se abrira, espalhando no chão pedaços pretos e vermelhos como se fossem cacos de panela manchados de sangue.

O menino, também querendo chorar, olhava o pai e a mãe, coração apertado, e por fim dobrou os joelhos para juntar os fragmentos num dos quais com esforço leu: "Giunto sul passo estremo", "Mefist..."

O pai coçava a cabeça, o chofer do caminhão dizia palavrões ao ajudante e a mãe amarfanhava a ponta do avental sem saber que decisão tomar. Acabou indo para dentro da casa e em seu encalço o filho, não menos aflito. Puxou-a pelo braço e ela voltou-se, olhos alagados, apertando o nariz pequeno, sufocando um soluço. Eram os discos que seu pai fizera vir da Itália como se fossem imagens milagrosas e que agora lá estavam, na calçada, pedacinhos negros como asas de besouro.

O avô não aparecera para o almoço. Comeram como se estivessem na igreja, sem odor e sem sabor; o menino levantava os olhos do prato, punha-os no pai, na mãe, nos irmãos menores e ninguém dizia nada. A porta do quarto de seu Genaro parecia-lhe um tampo de túmulo. Lembrava-se que de lá às vezes vinha alegria, sons de música da vitrola que seu pai comprara para o velho. Seu Genaro viera da Itália há poucos anos e no porto de Santos filha e genro foram buscá-lo enquanto o neto debruçado na janela, ali na sua pequena cidade, imaginava que aspecto teria o velhinho quando ele descesse do Nash que seu pai comprara em São Paulo, um carro amarelo, capota preta que se encolhia para trás, rodas sem raias, bem diferente das rodas de Chevrolets e Fords da praça. Foi daquele carro que seu Genaro descera, trazendo apenas duas malas cor de cobre. Não queria ficar no Brasil, viera apenas ver a filha, conhecer o genro e os netos, mas os dias iam passando com notícias excitantes: morrera Pio XI, Mussolini enviava votos de pesar ao cardeal Paccelli e aqueles espantosos discursos: "ai dos desarmados... crer, obedecer, combater." De tudo aquilo o menino se lembrava: à mesa, nas refeições, ouvindo fascinado o avô que falava da Abissínia, Tunísia, Djibuti, canal de Suez. Procurava entender aquele adorável velhinho, papai Noel sem barba, que tudo sabia da Europa: o embaixador Attolico, Ciano, anexação da Checoslováquia... Ia dormir com aqueles nomes na cabeça



e na escola repetia-os aos meninos. "Ele não vai mais voltar". E Genaro virou atração na cidadezinha. Com bom ou mau tempo nunca se despegava de seu guarda-chuva a que chamava de bengala de batina e que manejava como se fora lança ou espada. "Milioni di italiani, dalle Alpi alla Sicilia, na terrible avventura..." Gostava de estar sempre na cozinha e lá cantava para a assustada preta Ordalina: "Se quel guerrier io fossi! Se il mio sogno se avverasse!"

— O velhinho está biruta.

Foi aquele avô maravilhoso que o menino viu chorar quando os discos se espatifaram. Os discos que tinham chegado da Itália pelo último navio. Gostava de vê-lo vociferando contra Hitler e Mussolini mas nunca prostrado e derreado, trancado no quarto, a vitrolinha muda. Sua mãe explicou: os discos eram a única fortuna do avô, mandara-os vir da Itália como se fossem telas de Ticiano ou Rafael e mal chegaram, o desastre.

Por fim Genaro apareceu, pela noitinha, para tomar sopa e todos se reuniram a sua volta. O assunto não era mais a guerra européia, os discos, mas as dificuldades do Brasil. Carlinhos se esforçava para entender a fala do avô, seu pai ajudava e a mãe traduzia.

— Ele diz que o brasileiro é como o estorninho, pássaro dispersivo que joga tudo fora... mas que enfim tudo acaba mesmo em cacos, como seus discos. Desde moço tinha a mania de colecionar discos, guardava seu dinheirinho na "cassa di rispármio".

— Onde?

— Na caixa econômica. Tinha o seu pé-de-meia.

E Carlinhos descobriu que Caixa Econômica existia em toda parte do mundo. Contou a descoberta para os

companheiros de escola e passou, daquele dia em diante, a olhar com curiosidade e reverência aquela casa de fachada cinza que existia na sua cidade e onde seu Macedo, companheiro de pescarias de seu pai, era o gerente.

***

Faltavam poucos minutos para encerrar o expediente quando Olavo Macedo deu com o novo cliente, fitando-o do outro lado da mesa.

— O senhor tem cofrinho?

— E como é que se haveria de economizar sem cofre?

E Carlinhos ouviu atentamente seu Macedo discorrer sobre as virtudes da economia. "E quais são os planos para a aplicação de seu capital?"

O menino, sem jeito, não soube o que responder. Macedo parecia se divertir.

— Um presente para o meu avô. — Tirou do bolso uma folha arrancada de seu caderno escolar e a estendeu ao seu Macedo. O gerente ajustou os óculos.

— Quê?

— Quero juntar dinheiro para comprar o que está aí.

Macedo jamais vira aquilo em toda a sua vida. Era a mais estranha lista em que já pusera os olhos. Levantou a cabeça.

— Onde arrumou isso?

— Copiei da cadernetinha preta do vovô, letra por letra.

Entre divertido e fascinado, o gerente da Caixa Econômica foi lendo o que o garoto escrevera com a sua

letrinha carregada e tesa: 52066 CARUSO Vesti la giubba "Pagliacci" (Leoncavallo) 1904/52392 MAURI Prendi l'anel "Lucia di Lammermoor"/BADINI Pari siamo "Rigoletto" (Verdi) 1909-52771.

Macedo coçou a cabeça com a caneta Parker e colocou o papel na mesa.

— Já vi gente juntar dinheiro para comprar terra, automóvel, vaca e cabrito, mas isso nunca.

— Tenho uma porção de pratas no meu cofre de porquinho. Vou guardar tudo aqui.

***

Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, seu Genaro não saiu mais de casa. Desaparecera da praça o espevitado italianinho que vivia brandindo o seu guarda-chuva e muitos afirmavam ter sido proposital a quebra de seus discos, pois a Itália não era inimiga?

Genaro definhava mordido de saudades, reclamando do clima, da comida, dos amigos. Porém Carlinhos continuava mais vivo e atilado, pactuando como o Macedo no ajuntamento de pratinhas. Por fim o pai tomou conhecimento de tudo e ouviu espantado o gerente da Caixa:

— Abri uma conta para ele. Quero que assine o papelório incluindo uma retirada.

— Que tolice, o velho não vai durar muito.

— Seu filho está fascinado por ele e já localizei em São Paulo uma importadora.

— Por que tanto trabalho por causa de um garoto e de um velhinho? Quanto juntou ele?

— Não posso revelar saldo de meus depositantes. Bom seria se contribuísse também.

— "Aderi à lista" — foi o que disse à esposa quando chegou em casa.

— Há seis meses este menino vem guardando dinheiro, vendeu a bicicleta e já o apanhei convencendo os irmãos menores a lhe cederem o que possuíam nos cofrezinhos: "presente de Natal para o vovô".

A mãe sorria e depois chorava. O pai, que tinha escritório de advocacia e ensinava História no ginásio, sentia-se na obrigação de falar da guerra para os seus alunos, dos bombardeios da RAF em Turim, Milão e Gênova. Em cada um daqueles rostinhos pálidos voltados para ele entrevia o Carlinhos e imaginava milhares de crianças gritando pelos pais enquanto granadas despencavam do céu.

Quando o Brasil embarcou os seus primeiros expedicionários, o velho Genaro caiu de cama: era como se visse o neto tomando o navio apesar dos seus doze anos. Depois vieram as "pirâmides metálicas", povo ajuntando ferro e alumínio de caçarolas, pára-lamas de bicicletas, latas de toda espécie e feitio que seriam remetidos não se sabia bem para onde, mas que voariam pelos ares como Spitfires e Boeings. Faziam discursos, descobriam quinta-colunas. O bar mais antigo da cidade, o "Ítalo Brasileiro", foi apedrejado e seus proprietários correram com escadas e tintas para apagar o "Ítalo".

— Seremos linchados — dissera o gerente da Caixa para Carlinhos e o pai, os três no meio do jardim da praça — se souberem que estamos juntando dinheiro para o italiano.

Na escola encantoaram o menino:

— Seu avô é mesmo "intaliano inimigo?"

Carlinhos ficou encarando os moleques e se lembrando da mãe que lhe contava a história do "Pequeno vigia lombardo" e do "Escrevente Florentino", dois meninos valentes que estavam no livro que seu avô trouxera da Itália. Para ele todos os italianos eram bravos, meigos, afáveis e dóceis. Papai Noel tinha cara de italiano e ele vira seu avô italiano chorar por causa de discos de Caruso, e era para ele que estava juntando dinheiro lá na "Cassa".

Não dormia, pensando nos companheiros de escola, na professora, no seu Macedo, no pai que aderira ao complô, naqueles nomes que sabia de cor: "Parmi veder le lacrime", "Di quella pira", "Recondita armonia..." Que diriam estes nomes que seu avô trazia escritos na caderneta? Sim, o nome dos discos quebrados, mas o que estariam dizendo os cantores? Aquilo era a vida de seu Genaro e ele queria levantar o velhinho que se consumia de saudades da Itália e que ia morrer logo, segundo ouvira do médico diante de seu pai carrancudo.

Um dia o pai o chamou no escritório. Ele sentou na beirada da cadeira, olhos fixos naquela figura magra, cabelos colados na cabeça redonda e firme. Sempre admirara no pai aquele porte marcial a que seu avô chamava de "maresciallo".

— Vou vender o Nash, gasolina está difícil e achei bom preço em São Paulo. — Andou pela sala, ajustou dois volumes na prateleira da estante. — O Macedo ficou impressionado com você. Seu pé-de-meia vai alto.

— Vender o carro?

— São discos importados e o Macedo descobriu boa parte em São Paulo.

Carlinhos sentiu como que um arrepio na nuca. Genaro engolia a todos, o velhinho que só possuía a filha no Brasil e que só viera às custas de lamentos, conduzia a alma e o coração da família. Era maestro.

— O Nash...

— Troco por um fordeco V-8 a gasogênio e me sobra alguma coisa para o seu pé-de-meia. Os discos já foram despachados.

***



Macedo recebeu o caixote na agência e botou os funcionários para carregá-lo. "Cofre novo?" O peso era demais e ninguém podia atinar com o conteúdo daquele volume. Entretanto, duas pessoas além do gerente estavam sorrindo: Carlinhos e o pai. Luz acesa, instrumentos em punho, iniciaram a operação como se estivessem com bisturis abrindo um corpo humano. Saltam tiras metálicas, lascas de madeira, invólucros pardos de papel grosso, outra caixa, papéis finos, papelão, os envelopes com círculos no centro e o grande olho vermelho de "La voce del Patrone". Carlinhos não se conteve, ali estava o tesouro redivivo de seu avô. Agarrou um envelope e quis sair correndo.

Cuidado! — disse o pai — isso quebra.

— Já existem os inquebráveis — falou um funcionário curioso — é um tal de long-play. Isso agora é museu, não, doutor?

Carlinhos venceu, saiu com um dos discos apertado no peito, pisando leve. Atravessou a rua e chegou em casa com o coração na garganta.

— O vovô?

— No quintal — respondeu a mãe. — O médico pediu que caminhasse um pouco. Jesus, vocês conseguiram?

— Pé-de-meia — sorriu o menino entrando no quarto do avô — papai ajudou, seu Macedo mandou buscar e eu trouxe um.

A mãe acompanhou-o aflita. O quarto de seu Genaro era amplo, cômoda enorme, janela larga que dava para o quintal, retratos de Verdi, Garibaldi e de Amicis pendurados nas paredes em coloridos medalhões ovais. Num canto a vitrola portátil de tampo azul.

***

Genaro caminhava pelo quintal apoiado no guarda-chuva, contemplando mangueiras, mamoeiros e no fundo bananeiras rente ao muro, em sereno vaivém. Tudo diferente da Itália, dos olivais, das parreiras. O sol filtrado por entre folhas largas desenhava mapas de luz no solo. Morreria ali. Ali naquela cidadezinha seria sepultado, bem longe da sua amada Josefina, dos irmãos, primos, sobrinhos e afilhados... Imaginou seu corpo magro estendido na sala de estar do genro, chama de velas evolando-se de pavios negros, perfume ardido de flores tropicais, a filha dizendo "povero... povero", o cicio dos visitantes ou grito de crianças trocando taponas em cômodo próximo. Confessar não se confessaria. Era livre pensador, só lia Campanella, Leopardi, Carducci e Croce, o último dos Hegelianos e no entanto tinha lá o retrato de Amicis, o manzonista feliz, e de Dante jamais se esquecera. Tentou evocar o "dolce color d'oriental zaffiro..." mas o céu ali era quase branco, azul desmaiado de aço. Não deveria ter vindo para o Brasil com aquela idade, mas "Il Duce" o apavorava. Conseguiu a custo, ajudado pelo genro e depois quis, a todo preço, os discos que vieram judiados pelo transporte e esmigalhados aos seus pés. Naquele dia morrera diante da

filha, do genro e dos netos que nada podiam compreender. Lembrava-se do último caco que atirara no lixo, "Eri tu". Sentiu as pernas vacilarem e se firmou no guarda-chuva. Desabotoou o colete e procurou, no canto onde costumava ficar, a velha cadeira trazida pelo neto, ressecada pelo sol, capenga e áspera. Sentou, apoiando o queixo no cabo do guarda-chuva e de súbido percebeu um estalido, um zumbido vindo da janela de seu quarto e uma voz de lamento, dor e angústia. Ergueu-se, coração disparado. Avançou e à medida que caminhava chegou-lhe a voz, nítida, forte, desesperada. Não se conteve e avançou mais. Estaria sonhando ou seria assim o começo de um derrame?

Na janela filha e neto observavam o lento caminhar de Genaro em direção a eles, pressentiam os olhos turvados pela emoção e bem ouviram a sua voz embargada:

— Otelo! Giovanni Martinelli...

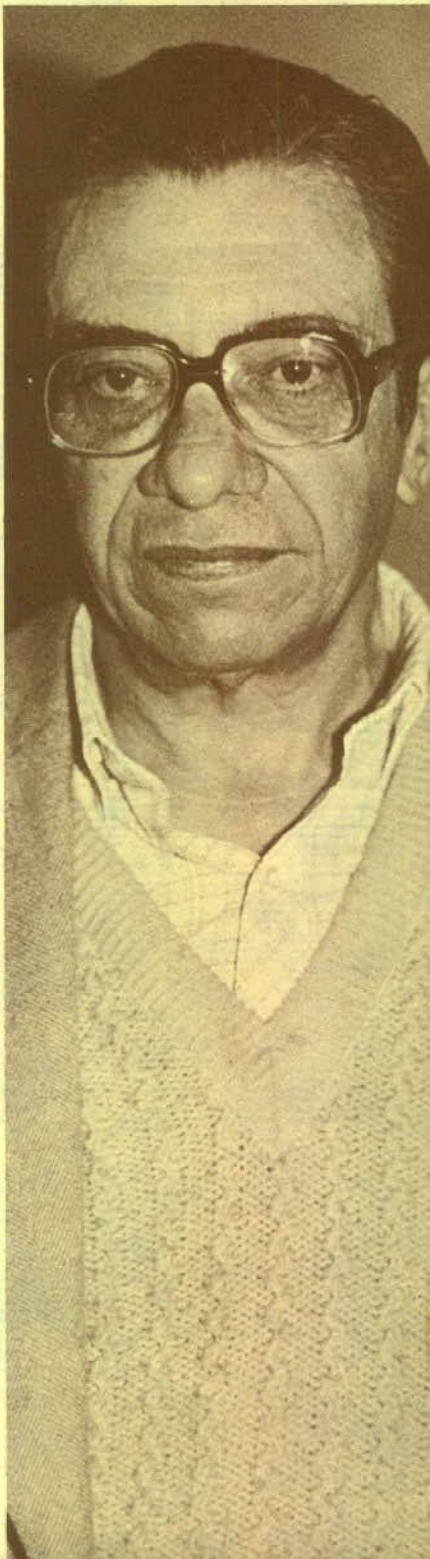
Entrou em dueto com o tenor fazendo de sua "bengala de batina" o punhal do mouro: "Niun mi tema... Ecco la fine del mio cammin..."

***

Na sala de estar não mais o caixão cercado por velas de chamas agudas, nem lágrimas, nem flores mas pilha enorme de discos ladeada por dois cidadãos que sorriam, um dos quais, o mais gordo e de bigodes, lhe dizia, batendo no ombro: pé-de-meia, seu Genaro, pé-de-meia...

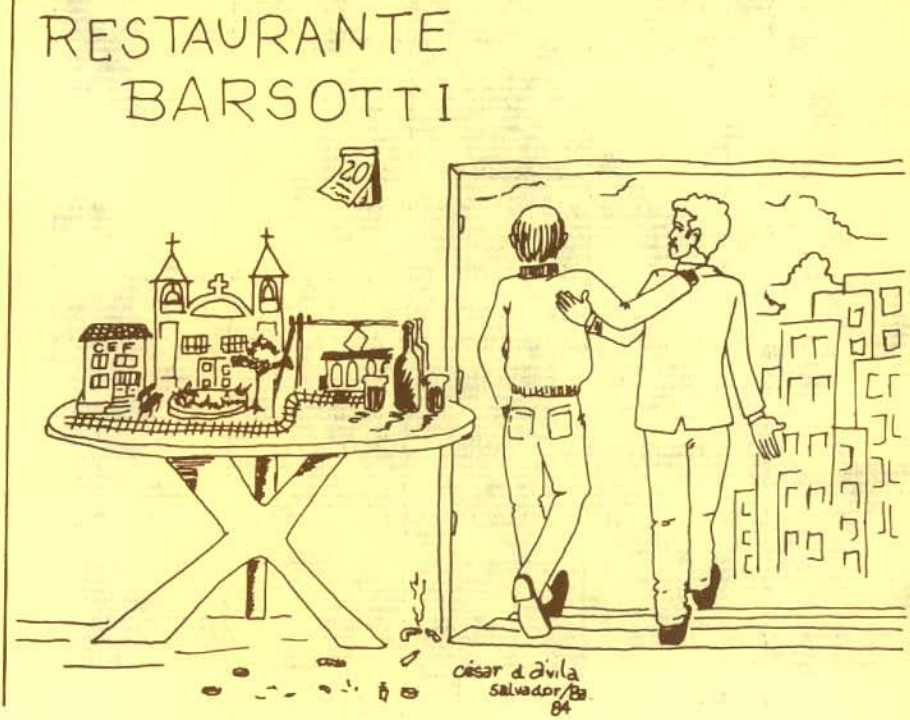
APOSENTADOS

WALTER BAZÍLIO



Paulista de S. Joaquim da Barra, 56 anos, 3.º colocado neste Prêmio com o conto **"Aposentados"**, *Walter Bazílio escreve por "necessidade catártica, às vezes com raiva", preferindo a temática social. Formado em Letras "pela saudosa Faculdade de Filosofia da rua Maria Antonia (USP)", encerrou como inspetor sua carreira na Caixa em São Paulo. Considera a empresa como "um celeiro de assuntos para quase todos os gêneros literários". O conto que figura nesta antologia nasceu das vivências do Autor nas reuniões em que partilha com outros colegas a saudade dos velhos tempos e as esperanças de aposentado: "O espelho da memória reflete uma praça cheia de bondes... que saudade dos bondes, que saudade de mim".*

Dia vinte, dia de pagamento. E aqui estamos nós, num hábito que dura e já é tradição. O restaurante é o Barsotti. As mesmas mesas, as mesmas cadeiras, o mesmo tudo de há trinta anos. Os outros restaurantes antigos do centro da cidade não existem mais, foram trocados por lanchonetes. É o caso do Lucchesi, por exemplo. Não resistiu às investidas da modernosidade e hoje é todo fórmica e plástico de cores berrantes, com nome americanizado. Mas o Barsotti, não. Queira Deus que resista por outros trinta. A freguesia antiga é que se vai desfalcando, levadas aos poucos para a grande viagem. Uma das últimas deserções sentidas foi a do Adoniram Barbosa. Parece-me que ainda o vejo, chapéu na cabeça, gravata borboleta, a voz rouca e inconfundível num cavaco com o garçom mais velho.



— Quantos sambas teriam nascido aqui? — indago-me em silêncio.

— Sabem quem morreu?

Quem pergunta é o Leo.

Cabelos brancos, magro, a mesma pele rosada de sempre, sempre bem vestido e vaidoso. Agora mora no Rio, mas não consegue apartar-se de São Paulo por mais de quinze dias seguidos. Aqui estão seus amigos, aqui está a melhor parte de seu passado, aqui, nesta Paulicéia que um dia foi desvairada e hoje está além de toda a loucura.

— Sabem quem morreu?

A pergunta se repete todos os meses, todos os meses o Pedrão leva um, às vezes dois. Em julho foram três. Tomara que o recorde não seja quebrado.

— A velha-guarda da Caixa está mesmo acabando.

Falou o Bernardino, o Mosquitinho Elétrico. Pequenino por fora, grande por dentro, no dizer do Mário.

— Chega de conversa de velório, ó Pintor-de-Rodapés!

Mário Braga e seu bom humor quase moleque, piadas cabeludas, apelidos bem na mosca, roupas sempre novas e um tanto extravagantes, coração de freira num corpo lusitano atarracado e safado.

— Os meus avós vieram de Portugal, lá da aldeia de Fezes...

— Vem de Santos, todos os meses, especialmente para o almoço. Às vezes traz o Ernâni; então, o consumo de cerveja dobra, triplica.

— Hoje o Ernâni não veio, está de ressaca.

E lá vem uma história qualquer, que até pode ser a do velório do defunto trocado, em que o Ernâni e outro colega aposentado só foram dar pela troca dois dias depois.

O Nilton acabou de almoçar e passa por nós. Pára ao lado da mesa, cumprimenta, brinca. Um metro e oitenta, negro, espadaúdo, bem humorado.

— Como vai, Benedito?

Finge zangar-se:

— Benedito é o outro, o branco. Eu sou o Nilton.

Relembramos o caso, pilheriamos.

Benedito é o Rabelo, branco que nem folha de papel, que um dia desabafou com o Nilton:

— Este mundo é mesmo injusto. Eu, branquinho deste jeito, me chamo Benedito. E você, que é um negrão, se chama Nilton. Tá tudo errado mesmo.

Daí a brincadeira de sempre, a da troca do nome.

Alguém nos acena da calçada. É o João Francisco.

Pernambucano, mudou-se para o Recife, depois da aposentadoria. Mas aparece, de vez em quando.

Há trinta anos, todo mundo tinha medo dele, pensando que aquela cara feroz fosse a verdadeira. Até o dia em que soubemos da pregação evangélica.

João Francisco era pregador, nas horas vagas.

Casualmente, um colega testemunhou uma dessas pregações.

Foi num domingo à tarde, no bairro da Penha. João Francisco, Bíblia aberta, pregava para um vasto círculo, trepado num caixote.

— A Bíblia é a salvação...

Um bêbado, lá atrás, gargalhou.

João Francisco repetiu:

— A Bíblia é a salvação...

O bêbado gargalhou de novo.

Depois de não sei quantas gargalhadas, João Francisco desce do caixote, larga a Bíblia, pede passagem, agarra o bêbado pelo colarinho. Usando a mais feroz das caras disponíveis, arma o braço direito para um soco. E pergunta:

— A Bíblia é ou não é a salvação?

E o bêbado, vendo tudo aquilo prestes a desabar em sua cara:

— É sim, é sim.

— Então repita.

O bêbado repetiu, e repetiu, e repetiu.

No dia seguinte, na Caixa, soubemos do acontecido e gozamos o João Francisco o dia todo:

— Vá ser pregador assim no inferno, João. Ninguém

consegue mesmo uma conversão tão rápida. Nem os profetas conseguiriam.

Foi a última vez que usou cara feroz. Com os colegas, pelo menos.

— Como vai, Pinto?

Alberto Pinto. Sempre sorrindo, sempre amável. E sempre com pressa. Já se foi.

O Leo pergunta:

— Por onde andará a Lair?

Sorrimos, evocando a cena.

Dona Lair, mãe da ingenuidade, baixinha, cabelos grisalhos, encarregada do setor. Os sanitários eram no subsolo. Quando dizíamos "fulano desceu", todo mundo entendia: fulano tinha ido aos sanitários.

Acontecia todos os dias. Dona Lair, que perguntava sempre e por todos, acabava indagando, aflita:

— Cadê o Pinto?

Olhávamos para o Vítor.

E o Vítor, com a cara deslavada de sempre:

— O Pinto desceu, dona Lair.

Dona Lair fungava. E ordenava:

— Manda o Pinto subir.

Passam outros colegas, relembramos mais coisas, o almoço termina. Saímos.

— Vamos até a sala dos aposentados?

Fomos.

Lá estão o Aderbal, o Cazella, o Castilho. Uns jogam bilhar, outros jogam cartas. As cartas são grandes, próprias para míopes. Cartas de Itu.

— Continue empunhando esse taco, Aderbal. Um dia você acaba aprendendo a jogar.

Alguém fala de salários, de custo de vida, de aperturas.

— Bem que o Gil podia estender a gratificação aos aposentados. Vocês não acham?

Todos achavam.

Depois de algum tempo, Mário Braga finge desabafar:

— Vamos embora. Eu não gosto de velho, e aqui só tem velho. Isto está precisando é de naftalina.

E arremata:

— Que tal um chopinho no Alemão?

Lá vamos nós para o Alemão.

Noitinha já quando nos despedimos.

Atravesso vagarosamente a Praça da Sé. Para que pressa? O espelho da memória reflete uma praça cheia de bondes. O ponto inicial era em frente da Caixa. Belém, Penha, Rubino de Oliveira, Vila Maria, Parque São Jorge, que saudade dos bondes, que saudade de mim.

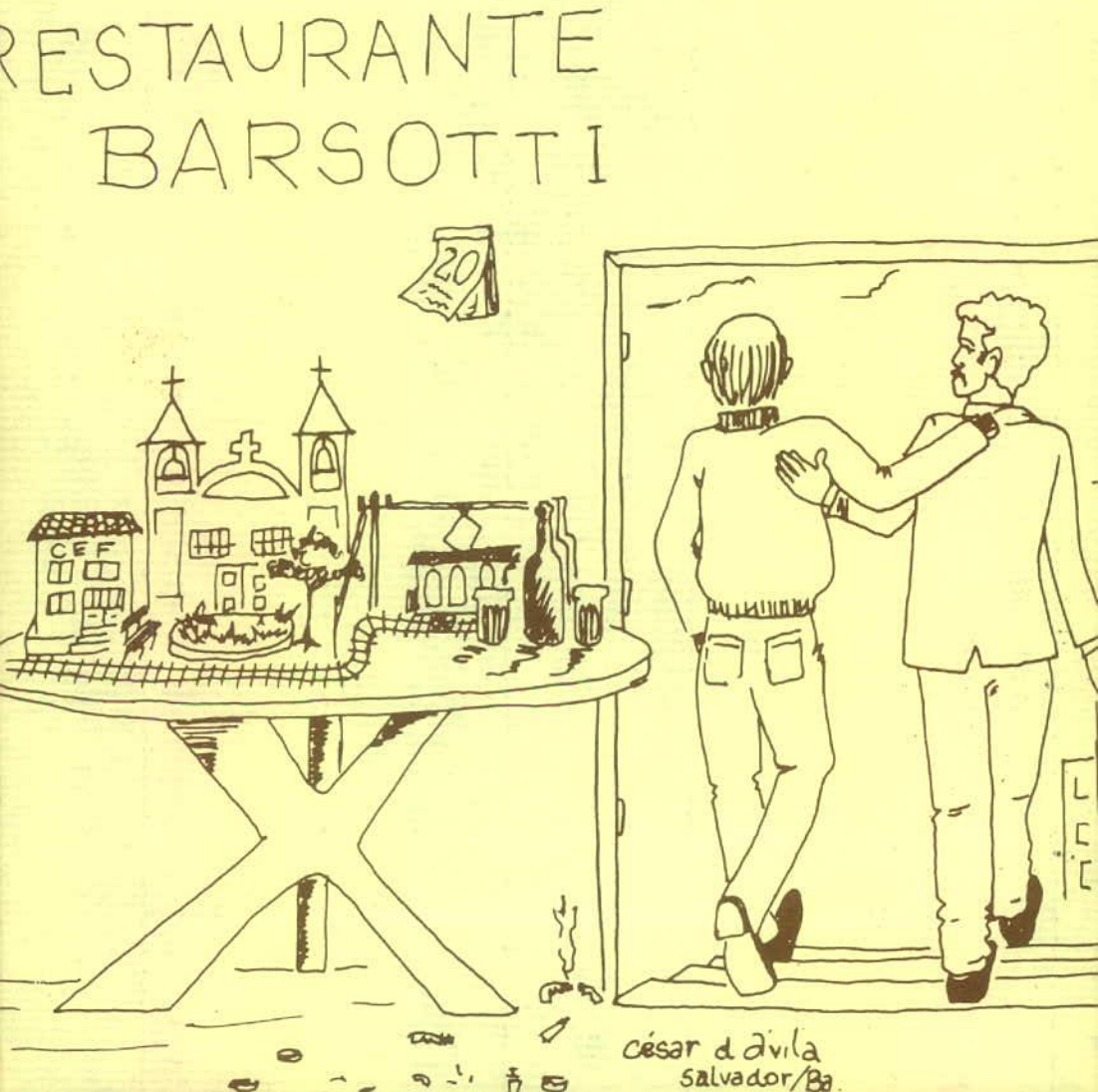
Chega o Metrô, começo a descer a escada-rolante.

Bem na frente, a Catedral toda iluminada.

Olho para trás, a tempo de ver ainda os mármores negros da Caixa, a roupagem da velha "Mãe Preta".

Dia vinte tem outro almoço.

Se o Pedrão não atrapalhar.



ACONTECEU EM SETEMBRO

ALDA ÁLVARES TORRES BOTELHO

Provando que o escritor nasce do bom leitor, a Autora "venera os livros, julgando mesmo que possuem alma e respeitando-os como a seres vivos". Nascida em Pitangui (MG), em 1918, "ao término da Grande Guerra e início da Grande Gripe", Alda Botelho teve educação "mineiramente exemplar" e a experiência profissional da "velha Caixa" (de 1935 a 1968).

Ela guarda de tudo doces reminiscências, do que pode ser amostra seu conto **"Aconteceu em Setembro"**. *Além de contos, tem ainda inéditos seus "Diários", que vêm sendo escritos há 46 anos, num trabalho de tecedeira alheia ao escorrer do tempo, que "em sua ação medicinal" tem, para Alda, a verdadeira dimensão do trabalho dos "moinhos de Deus que moem sempre e lentamente".*





Chamava-se Sara, contava 18 anos e era muito bela.

Seu rosto, de um oval muito puro, lembrava o das castas madonas renascentistas; os olhos ligeiramente oblíquos, negros e luminosos, revelavam uma ternura doce, que encantava.

Era da esguia esbeltez do junco de beira-rio e o andar, seguro e flexível, apesar dos sapatos à Luiz XV, salientava uma natural distinção de maneiras e de movimentos.

Mas o que de fato a todos seduzia eram os cabelos longos e espessos, cor de mel, enrolados em bastas tranças que circundavam a pequena cabeça como um original e raro

diadema. Por vezes, elas lhe desciam pelas costas, ondeantes e preguiçosas, terminando em laçarotes de fitas coloridas ao nível da cintura.

O sorriso brejeiro descobria dentes miúdos e muito claros, que faziam a inveja das amigas menos dotadas.

As faces eram morenas, despidas de qualquer artifício de pintura. Jamais fora vista usando jóias ou enfeites.

Na simplicidade permanente de sua saia escura e blusa branca, o luxo talvez estivesse em suas luvas de pelica preta e no chapeuzinho de pelúcia verde no "estilo boneca" que, por vezes, trazia ao alto da cabeça ou, displicentemente, lhe pendia da mão.

Fora uma das seis primeiras moças a ingressarem no augusto recinto da Caixa Econômica Federal, na Rua Tupinambás, em meados da década de 30, contratadas como modestas "auxiliares de escritório", com o invejável salário de 450$000.

A mulher ensaiava seus primeiros e medrosos passos fora do lar, para o qual fora, até então, exclusivamente educada, causando escândalo entre as tradicionais famílias mineiras e a admiração das amigas mais tímidas.

As feministas apoiavam-na e o direito ao voto lhe fora facultado há muito pouco tempo.

Algumas até, mais afoitas, já se aventuravam mais longe, atravessando os sagrados umbrais das faculdades...

Duas delas — suprema coragem! — dirigiam seus próprios automóveis em Belo Horizonte, causando a mesma curiosidade que os OVNIs atuais.

O fato era tão excepcional que os sinais de trânsito jamais lhes eram fechados, os sinaleiros saudavam-nas tirando os

quepes e os motoristas dos táxis chegavam a deslocar seus veículos, para que lhes fosse facilitado o estacionamento nas avenidas de maior tráfego.

No ambiente até então estritamente masculino da Caixa, Sara e suas cinco colegas eram o alvo dos olhares irônicos e desconfiados dos homens, que viam com descrença o trabalho de mulheres no serviço público.

Por isso mesmo, e para lhes provarem o valor, ela e as outras eram zelosas nos encargos, pontuais, corretas no procedimento e respeitosas para com superiores e chefes.

Três, mais tarde, chegaram à honra de chefes de serviço, apesar dos pesares...

Num clima de recato e de férrea disciplina, onde a autoridade era soberana, falava-se pouco e trabalhava-se muito. Não havia o auxílio de computadores e de outras "máquinas maravilhosas": os cálculos eram feitos a mão nas "Facit", e os balanços semestrais levantados em simples máquinas de escrever. Demandavam horas extraordinárias e noturnas de penosos esforços, após o que eram conferidos pela escrita central, com o cuidado requerido, para que fossem evitadas as "diferenças".

A exatidão via-se sempre recompensada com os elogios dos fiscais e diretores do Egrégio Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais — Órgão Supremo — com sede no Rio de Janeiro.

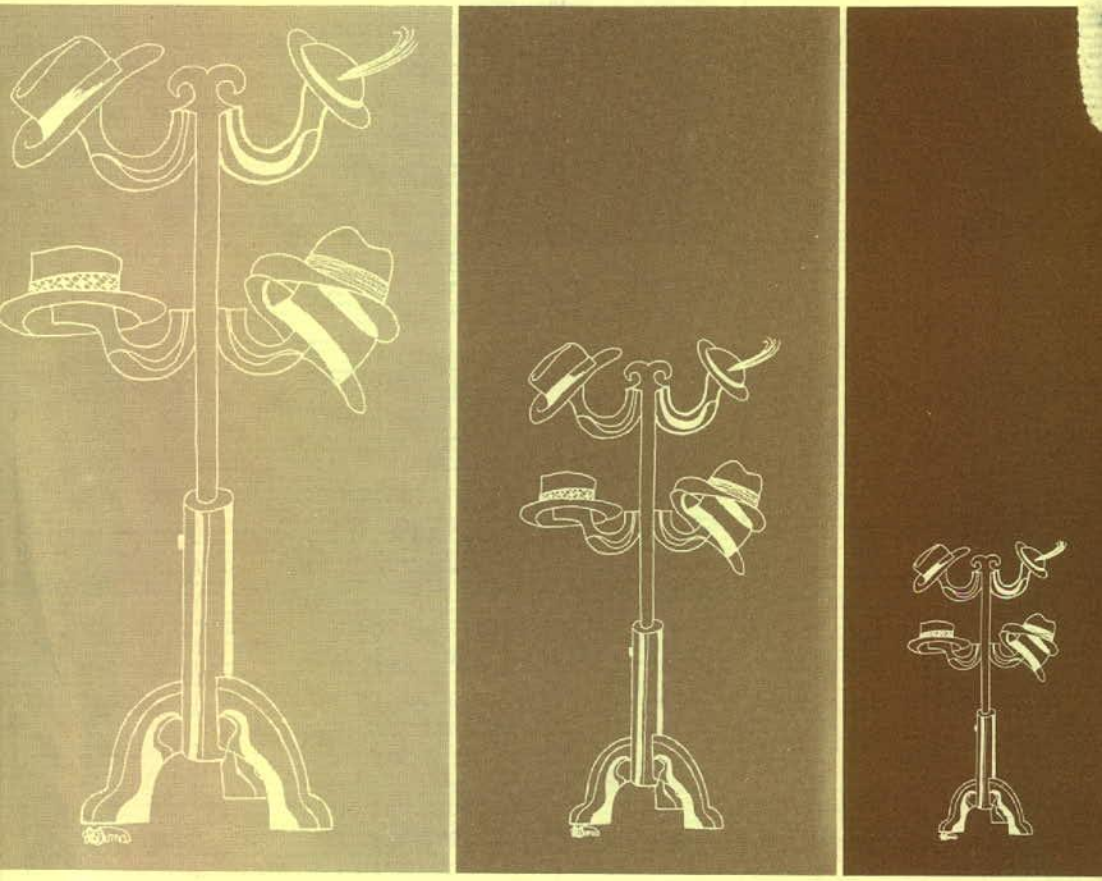
Eram freqüentes as promoções por merecimento e, em anos de próspero resultado econômico, os funcionários recebiam gratificações juninas e natalinas, o que era motivo de júbilo geral.

Havia o coleguismo e confiança recíproca entre a maioria; as festas familiares eram muito concorridas e os

piqueniques em Sabará, quando das jabuticabas, fizeram época.

Na Caixa, o dia-a-dia das funcionárias seguia uma linha rotineira: — logo à chegada, às 11 horas, as moças descalçavam as luvas e tiravam os chapéus, que eram guardados no próprio recinto de trabalho, até ao final do expediente. Algumas usavam boinas semelhantes à de classes militares de hoje.

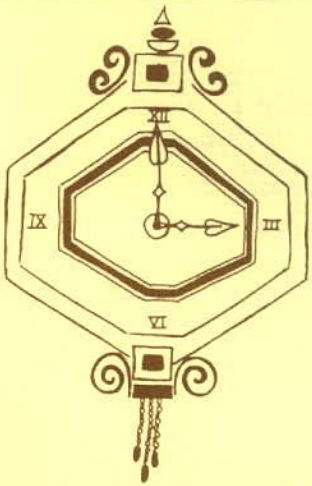
Após luta árida com números e a escrituração manual das contas, que requeria uma especial atenção com débitos e

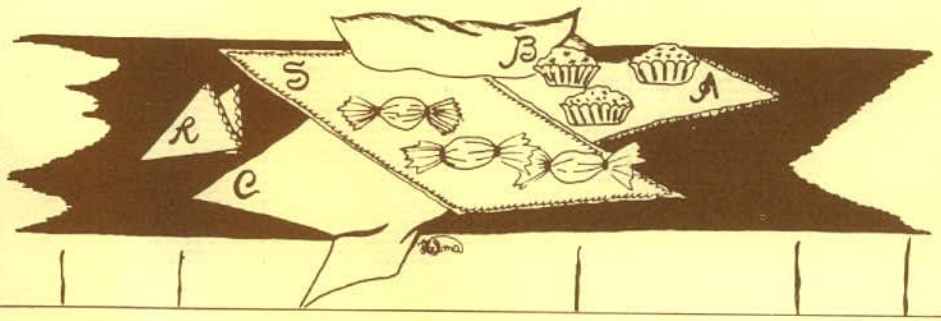


créditos, elas se reuniam às 15 horas, no último pavimento do prédio, em torno à solene mesa das sessões administrativas que por generosidade da diretoria lhes era emprestada, para a merenda de 30 minutos.

Aí, distribuía-se o café preparado por um silencioso servente negro, cheio de rapapés e salamaleques, porém uma das mais vivas inteligências da Caixa, apesar de quase analfabeto.

Sara, Célia, Cláudia, Bárbara, Antonieta e Rosa se ofereciam, mutuamente, seus lanches, envoltos em alvos





guardanapos e saboreavam os biscoitinhos de coco e os bombons de nozes feitos por D. Maricota, mãe de Célia e perita doceira.

A conversa era amena e impessoal: falava-se de cinema — era a época das grandes produções da Metro e da Warner —, de música, romances e festas recentes.

Antonieta cantarolava as últimas canções de sucesso, pois era exímia pianista e dotada de belíssima voz de soprano.

A discrição era tacitamente aceita e obrigava a que jamais se referissem a namorados, colegas ou assuntos da Caixa.

Por vezes, fatos inéditos sucediam abalando a estrutura de seriedade e de disciplina da instituição sem que lhe causassem prejuízos. Tal foi o caso de Quinzinho e de Lucas.

Quinzinho era o servente especial do Contador Geral e só a ele servia. Entrara para o serviço quase menino, de calças curtas, trazendo do lar o apelido que lhe ficara, muito embora já homem feito.

Era um rapaz quieto, cortês, de poucas palavras, sempre envergando o uniforme muito limpo de servente. Mantinha-se de pé, ao lado da porta do corredor que ligava a contadoria ao gabinete dos diretores, com as mãos às costas, numa postura quase militar.

Chamado por toques de campainha, quando necessário, transmitia ordens de serviço, levava papéis e trazia correspondência.

Lucas, igualmente servente, era um homem já maduro, grisalho, de olhos vivos em órbitas profundas, de andar firme e lépido. Era encarregado da limpeza de alguns dos departamentos da Caixa, ao final do expediente.

Por ocasião do verão e das grandes chuvas de fim de ano, era acometido de desequilíbrio mental crônico, que não o incapacitava para o trabalho mas que atingia — profundamente — a sua personalidade, mudando-lhe o temperamento.

De silencioso e tímido, nas fases normais de saúde, passava a loquaz e desenvolto, quando o afligia a moléstia. Todos os colegas tratavam-no então com respeito e carinho, porque ele era — realmente — um homem bom.

Nessas ocasiões, era comum se aproximar das funcionárias, solicitava licença para sentar-se ao lado delas e pespegava-lhes, de súbito, 'Vozes d'África' de um só fôlego, ou sonetos de Bilac, Cruz e Souza e até de Verlaine, num francês excelente. Ao declamar — "il pleut dans mon coeur comme il pleut sur la ville" — nas tardes cinzentas e chuvosas de dezembro, era comovente notar-se, em seus olhos brilhantes, lágrimas furtivas...

Pois foi numa dessas tardes sombrias que o relógio de Lucas deve ter-se adiantado e ele chegou à contabilidade ainda em pleno expediente, para começar a faxina diária.

Alguns dos funcionários haviam colocado seus guarda-chuvas atrás da porta do corredor. Não longe dali, se encontrava o Quinzinho. A água escorrendo havia formado uma pequena poça no pavimento da seção. Lucas vindo do corredor, parou bruscamente junto a Quinzinho, fitou-o gravemente e exclamou em alta voz:
— "Foi você quem fez isso? Que vergonha, Quinzinho!"

A insinuação fora tão óbvia que toda a seção parou, numa única e espontânea gargalhada. Contador, chefes, funcionários dobravam-se sobre suas mesas de trabalho em acessos de riso. Quinzinho ficou rubro e não sabia mais onde pôr os pés e as mãos...

Lucas em seguida atravessou, imperturbável, o recinto, de vassoura em punho, meneando a cabeça de um lado para o outro num ar de profundo desgosto, e desceu a escada em caracol que ligava a contadoria à seção de depósitos. Fora à procura de um pano de limpeza, para corrigir o suposto "descuido" do colega.

Querida Caixa... Queridos amigos há tanto tempo mortos...

E foi nesse ambiente de paz, de trabalho e de alegre convivência, que Sara veio a conhecer Júlio, da seção Hipotecária, um rapaz robusto, alto e desempenado, de cabelos pretos e sempre bem penteados, tratados à brilhantina, e um bigodinho maroto à Clark Gable. Era o centro da admiração da pequena equipe feminina e por ela eleito, por unanimidade, o homem mais charmoso da Caixa.

Sara logo percebeu suas atenções e intenções quando, numa fria manhã de maio, ao passar junto à máquina do ponto onde apenas ela se encontrava, ele cantarolou baixinho: — "Ah! Se tu soubesse como eu sou tão carinhoso e o muito e muito que te quero..." Mas, moça de juízo, não queria saber de namoro em serviço e fingiu não ouvi-lo.

Morando junto à Praça da Liberdade, Sara sempre tomava, pela manhã, o bonde que descia a Rua da Bahia em direção ao Centro. Por coincidência, Júlio era seu acompanhante diário e sentava-se logo atrás dela. Nunca mais lhe dirigiu a palavra, em trânsito ou no trabalho, mas o seu olhar o traía, pois o coração também fala pelos olhos. Ele a amava... e quanto!

Era comum Sara aparecer na Caixa com as tranças enfeitadas com flores, sorrateiramente escamoteadas por Júlio nos jardins da praça e jeitosamente presas aos

cabelos da moça sem que ela o percebesse. Sendo a Rua da Bahia muito íngreme, os bondes — saudosos bondes — desciam-na em velocidade, ao som de sinos, para alertar os transeuntes.

E então aconteceu...

Aconteceu que numa serena manhã de setembro, azul e ensolarada, o bonde perdeu os freios e precipitou-se pelos trilhos em vertiginosa correria. Os passageiros, pressentindo o perigo e o desastre iminente, começaram a saltar dos estribos, ficando alguns gravemente feridos sendo que, dois deles, faleceram no Pronto Socorro.

Sara, como os outros, tentou também saltar. Uma força irresistível, contudo, a impedia de levantar-se do banco, mantendo-a sentada. Quando teimava em pôr-se de pé era violentamente arrastada pelos cabelos para o banco. No seu desespero e na confusão caótica do momento, a moça não compreendia o que lhe estava acontecendo.



Ao chegar ao Bar do Ponto — esquina da Avenida Afonso Pena — uma zona plana, o bonde parou bruscamente. Encontravam-se dentro dele o motorneiro apalermado, debruçado sobre a roda escura do leme; algumas poucas senhoras idosas, aterrorizadas, acocoradas junto aos bancos; Sara soluçando de pavor, e Júlio, muito pálido, logo atrás dela, desatando as fitas que prendiam suas tranças a uma das traves do banco.

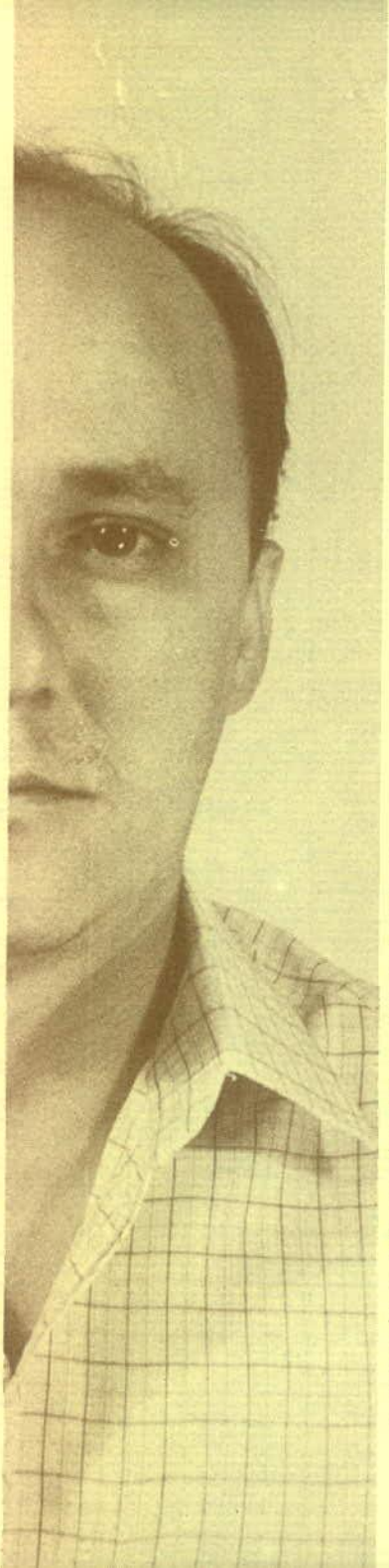
A travessura do rapaz salvara-lhe, talvez, a vida.

Seus braços, num gesto muito meigo, enlaçaram o colega, na demonstração inequívoca de gratidão e de amor.

Dizem que a neta do casal é funcionária da Agência Tupinambás, em nossos dias. Mas ela não tem, infelizmente, a louçania e o adorável encanto de sua avó...

PROMESSA É DÍVIDA

CARLOS ALBERTO MEDEIROS NÓBREGA



Nascido em Fortaleza, em 1955, o Autor sente-se mais à vontade escrevendo poesia. Tem poemas inéditos reunidos num volume que aguarda publicação.
A matéria de seus escritos é o "ser humano — seu estar no mundo — e a denúncia de seus erros". Em **"Promessa é Dívida"**, *Carlos Alberto une o pitoresco ao religioso, mostrando que bem sabe aproveitar a matéria-prima do seu cotidiano como gerente de agência em Limoeiro do Norte (CE). Antônio, seu "inveterado pagador de promessas", pode bem ilustrar a preocupação do escritor "com a condição humana", fator principal que o motiva a escrever.*

I

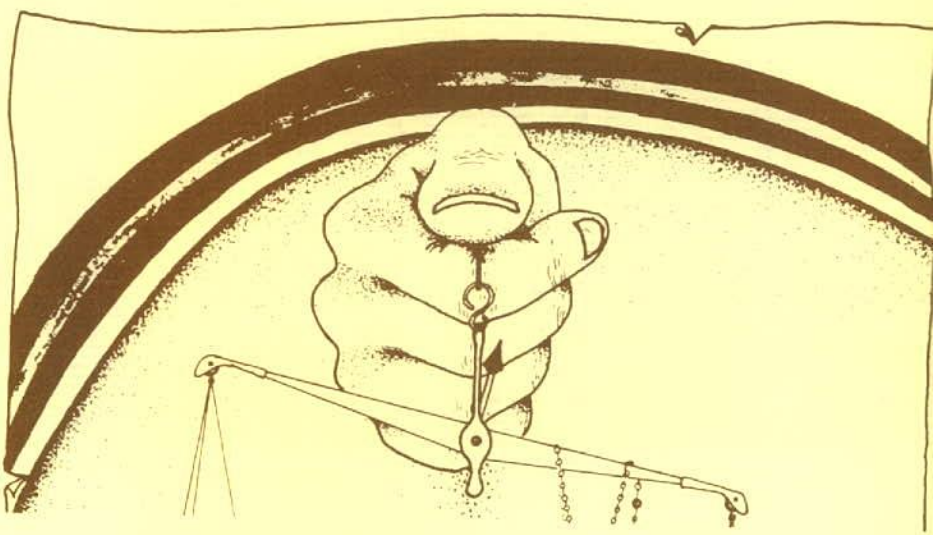
Prometedor inveterado desde tenra idade, Antônio recorria a São Francisco de Canindé em qualquer situação de dificuldade ou esperança. Por exemplo, aos primeiros sinais de uma simples prisão-de-ventre, imediatamente substituía os sais e laxantes oferecidos pela mãe extremosa pela rápida ação de seu santo protetor. E dava certo, sempre deu certo.

Até que um dia surgiu a grande oportunidade de sua vida: tornar-se economiário. Tão logo informou-se do concurso, aquele dos idos de 1972, antes mesmo de cuidar do lado burocrático da coisa, isto é, as fotografias, certificado de conclusão de curso etc., apelou para o "Das Chagas", que era como intimamente tratava o milagroso.

— Se eu conseguir classificar-me, juro que vou a Canindé de pau-de-arara rezar dois rosários.

E inflacionava:

— Dois, não: quatro.



Ao comparecer ao local da inscrição, meu Deus, que se passava?, tanta gente junta só tinha visto nas romarias de outubro. Era um inimaginável mar de cabeças, braços, papéis e vozes, num verdadeiro Maracanã em jogo do Flamengo. Pense aí uma fila numa agência da Caixa no primeiro dia útil do mês e multiplique por qualquer número acima de cem. Pois era assim aquele ajuntamento.

Alguns desmaios depois, é chegada a vez de Antônio. Exigidos seus documentos e estes postos sobre a mesa da responsável pela inscrição, destacava-se um santinho de seu protetor.

— Moço, isto aqui não é preciso.

Antônio quis reagir com o descaso daquela ímpia. Porém seria de pouca serventia, porque não se converte um descrente de uma hora para outra e além disso seu estado psicológico ali era de quem vai pedir emprego: necessário haver humildade e resignação.

Dias depois, a imprensa fez saber ao distinto público: mais de 127 mil candidatos, menos de 10 mil vagas e o desalento de quem compara estas cifras.

E agora, Francisco? Promessa, é claro. Se o rapaz lograsse classificação, o jeito que tinha era se deslocar de Fortaleza a Canindé com suas próprias pernas, num passeio agradabilíssimo de 23 léguas de sol e fadiga.

Assim se dava o investimento de Antônio, matematicamente baseado num princípio seu de justiça: quanto mais difícil a tarefa atribuída a seu padroeiro, maior seu sacrifício. Sacrifício deve ser a moeda que vigora lá entre os santos.

Antônio fez sua parte. Noites em claro, problemas insolúveis resolvidos à custa de coca-cola e café, olheiras

profundas, esgotamento. E o santo, a dele: publicados os resultados, entre as pequenas listras negras dos jornais, brilhava com todas as letras o nome de Antônio, constelação da felicidade em seu peito, plena satisfação dos eleitos.

E assim o romeiro morto de cansaço e alegria, inchaço e leveza nos pés, adentrou, quatro dias depois, a praça principal de Canindé, em cuja basílica, lágrimas, poeira e gratidão no olhar, orou contritamente durante quatro horas seguidas, que, convertidas em rosários, davam para mais de vinte.

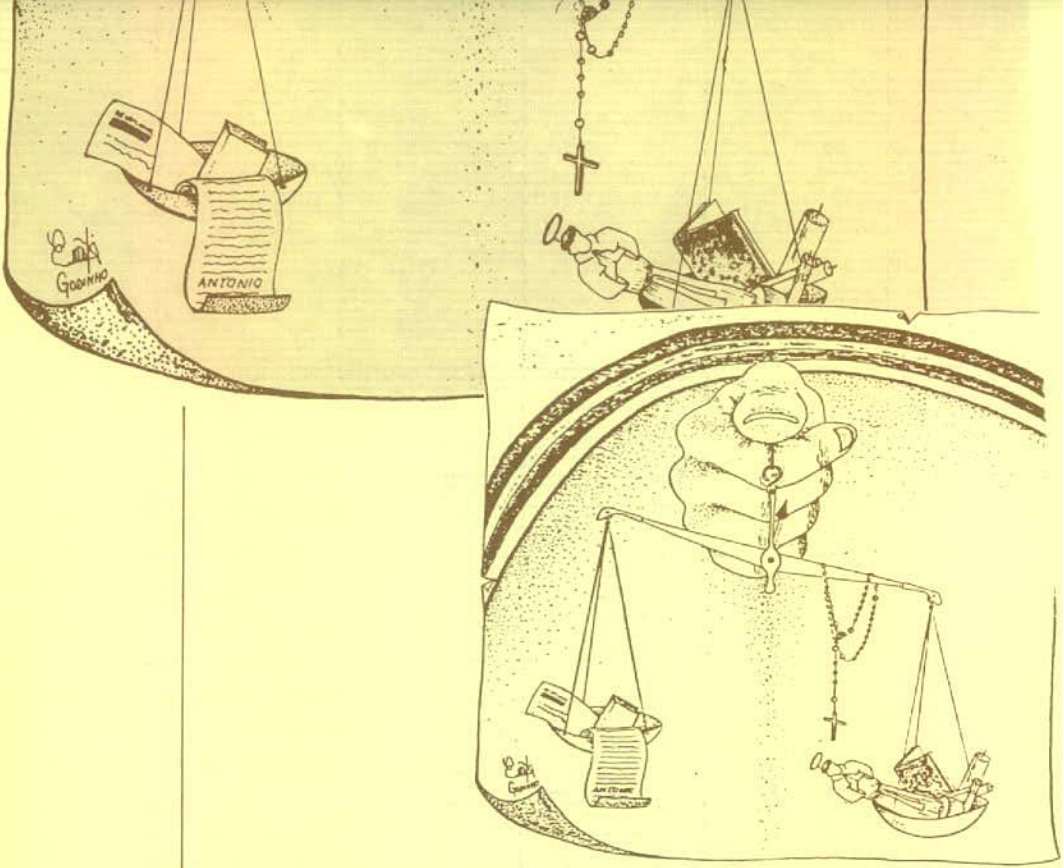
II

Se o inimigo é mais forte, una-se a ele. O inimigo, porém, chamava-se tempo, era muito mais forte e não aceitava união. Alheio à vã sabedoria dos mortais, invicto em todas as lutas, declina de qualquer tentativa nossa em realizar uma aliançazinha. Já se tentou de tudo contra a fera: elixires, fontes de juventude, venda de almas a preço de banana, mas nada. Insensível, sabe que vence e pronto: azar dos fracos e de suas frases feitas.

Com um inimigo desse porte, Antônio, classificado em 5348.º lugar, deparou-se, e sua espera inicialmente tranqüila pela convocação para assumir o emprego, foi se degenerando em expectativa, depois em ânsia e, passados quase dois anos da época dos exames, já às vésperas da caducidade do concurso, nosso amigo só tinha desespero e impotência em seu arsenal.

Foi quando o guerreiro resolveu reagir e lançar mão de sua arma mais secreta, estrategicamente guardada para uma situação extrema.

— Se acaso eu for convocado, reservarei meus dois primeiros salários para distribuí-los entre os pobres de uma favela, em nome de São Francisco.



E aconteceu. Apenas a poucos dias da expiração do prazo de validade do processo seletivo, o branco envelope de letras azuis ali estava, as cores do sonho as materializando em suas mãos.

III

Sobral é um lugar de pretensões. Própria para coroar as grandes conquistas, a cidade naturalmente conta com seu arco-do-triunfo.

Antônio foi lotado em Sobral.

E a vinte de novembro de 1974, o pagador de promessas, com os bolsos abarrotados de cédulas miúdas, iniciou sua memorável subida ao "Alto do Cristo", bairro paupérrimo da periferia sobralense, ofertando uma "nota

grande'' de 10 cruzeiros ao primeiro garoto que encontrou.

Em seguida, a um outro menino, de carinha triste e dilatado ventre, depois a um velho magricela e curvo, depois a um bêbado macilento, a uma mulher que mancava um pouco e bastante pálida; depois ele não mais conseguia distinguir rosto de rosto, de forma que, enquanto seu séqüito de desgraçados engrossava em ritmo assustador, as notas rareavam como por encanto.

Positivamente, ele não fazia a menor idéia do mecanismo do milagre dos peixes. Portanto, já quase no topo da elevação, com toda a multidão em seu encalço e pouquíssimo dinheiro em um dos bolsos, Antônio, afinal, se apercebeu do perigo. O morro não oferecia uma saída alternativa e ele teria de descê-lo pela vereda antes percorrida.

Deu meia volta no alto do morro e encarou toda a gente.

Silêncio. Centenas de olhares famintos em seus olhos de medo.

Resistindo ainda em manter a calma, exclamou, ocultando pavor e compaixão numa voz firme e paternal:

— Acabou, minha gente. Próximo mês tem mais.

Ninguém quis entender. Na verdade, ninguém estava interessado em esperar o outro mês: aquelas pessoas, por questões óbvias, acreditavam somente na realização imediata das coisas.

Avançaram, então, sobre o rapaz com tal determinação, que ele iniciou uma desabalada carreira morro abaixo.

Era descendo, mas mesmo assim o santo não ajudou: pedradas e xingamentos atingiram-no em cheio. Com o vexame de todo aquele povo atrás dele e temendo o imprevisível, nosso herói, atônito e esbaforido, fez sua última promessa.

— Oh meu São Francisco das Chagas, se eu conseguir me sair dessa, nunca mais lhe prometo coisa nenhuma.

O santo, talvez cansado de tantos pedidos, de bom grado concedeu-lhe a nova graça, permitindo-lhe chegar ileso ao quartel de polícia da cidade.

Após contar-me essa história, Antônio me confessou do cumprimento que vem dando religiosamente ao seu derradeiro voto, e, com uma ponta de saudade dos bons tempos de sagrada cumplicidade, acrescentou, melancólico, que seria para todo o sempre, amém.

CÉREBRO ELETRÔNICO

CESAR BENVENUTO PALVARINI

Nascido em Campos do Jordão (SP), em 1943, Palvarini teve, desde cedo, uma experiência profissional variada que culmina, hoje, com seu trabalho de assessor na área de operações com o governo em Brasília. Escrevendo por passatempo, o Autor "classifica **'Cérebro Eletrônico'** *como o registro bem-humorado da esperteza de um funcionário em apuros por uma diferença de caixa". Ligado à música popular como letrista, Palvarini também desenha, tendo participado como ilustrador de bilhetes da*



Loteria de 1970 a 72. Nesta antologia fez o desenho que acompanha o conto **"A Caixa de Pandora"**. *Para ele, os ilustradores economiários "trazem um colorido maior a este trabalho, mesmo sendo as ilustrações em uma única cor".*



O dia havia sido particularmente difícil.

Enquanto enxugava pequenas gotas de suor que teimavam em escorrer-lhe pela fronte, correu os olhos do relógio para a pracinha em frente à agência, e notou que o anoitecer já se avizinhava.

Realmente estava muito cansado, porém, mais do que cansado, nervoso. Os antecedentes demonstravam que, em dias de pique de movimento como aquele (com a coincidência de liberação do pagamento de várias empresas), o menor descuido e...

Nesses dias, em todos os meses, repetia-se a mesma rotina: a quebra de recordes de autenticação, a camisa mais molhada de suor e, infelizmente, de vez em quando, prejuízo para um caixa mais desatento.

Estava nervoso e tenso porque, ao iniciar-se o expediente da tarde, trabalhara por algum tempo com o pensamento bem distante do que fazia, o que, na sua atividade, era extremamente arriscado.

Entregou o último lote de documentos à retaguarda e após engolir rapidamente o café pôs-se a contar o dinheiro.

Enquanto contava, lembrou que o dia todo a agência estivera superlotada e que as férias e compras de uns, as despesas e ganhos de outros haviam feito passar pela boca de seu caixa quantidade considerável de dinheiro. Ele era apenas um dos dezesseis caixas da agência, porém este pensamento deixou-o particularmente orgulhoso.

Havia feito planos para a noite daquela sexta-feira, nos quais não se incluía diferença no caixa... e ela ocorreu. No batimento dos documentos com o numerário, falta de cento e oitenta mil cruzeiros.

Conferidos novamente os documentos e recontado o dinheiro, a diferença caiu para cento e trinta e cinco mil cruzeiros, e aí permanecia apesar das procuras e pesquisas.

Sentado, era a própria imagem da tristeza.

Mecanicamente repassava os cheques sacados, tentando, sem grande esperança, identificar qualquer pista que pudesse levá-lo à diferença.

Já estava quase desistindo da busca, quando um cheque de quinze mil cruzeiros chamou sua atenção. Lembrou-se de que ele fora apresentado logo no início da tarde e ao portador pagara com um pacote de cem notas de mil cruzeiros e mais cinqüenta notas de mesmo valor.

A identificação, primeira parte de seu problema, foi resolvida facilmente com o auxílio da lista telefônica da agência, já que o cheque, por sorte, fora emitido nominativamente. Quanto ao recebimento de seu valor...

Em minutos tocava a campainha de bonita casa em bairro não muito distante e era atendido por uma senhora a quem contou o ocorrido. Esta convidou-o para sentar-se na ampla varanda, enquanto iria consultar o marido que, àquela hora, jantava.

Enquanto aguardava, preocupado com a receptividade que encontraria por parte do proprietário, soltou o pensamento, e este na velocidade do raio o fizera viajar no tempo e no espaço, depositando-o, ainda garoto, em sua cidade natal, encravada algumas centenas de quilômetros Brasil a dentro, numa das mais secas zonas do Nordeste.

Revia então suas primeiras descobertas do que costumava chamar "as pequenas malandragens da natureza": os espinhos que guardam a umidade do mandacaru, a troca de cores do camaleão e a imobilidade total de alguns pássaros quando da aproximação de estranhos.

Havia sido também nessa época que começaram seus primeiros contatos com as, nem sempre pequenas, "malandragens" utilizadas pelos habitantes sofridos de seu meio, na difícil luta pela sobrevivência.

Naquela terra inóspita e árida, nem sempre vivia o mais forte: às vezes só o mais esperto, o mais inventivo.

O ruído dos passos da senhora trouxe-o de volta ao seu problema.

Com muita educação, ela comunicou-lhe que seu marido havia conferido o dinheiro recebido por várias vezes e nele, infelizmente, não havia sobra.

Percebendo no mínimo má vontade e provavelmente uma alta dose de má fé, e não tendo condições de sequer pensar em arcar com qualquer prejuízo, por pequeno que fosse, sem pensar duas vezes disse em voz alta para que pudesse ser ouvido dentro da casa:

— Minha senhora, eu acredito, mas o computador da Caixa não. Ele está lá piscando o nome do seu marido há mais de uma hora, e só vai parar quando eu levar os

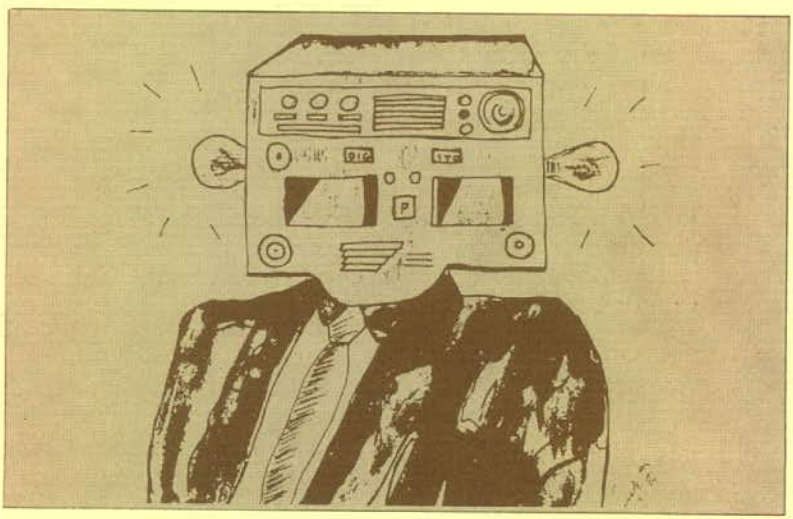
cento e trinta e cinco mil cruzeiros que pertencem a um nosso cliente.

Nem bem tinha acabado de falar e o tal marido, com um sorriso amarelo, apareceu e entregou-lhe um pacote de notas dizendo:

— Está aí o dinheiro. Diga ao computador que me enganei ao contar, e principalmente que pare de piscar o meu nome, pois me deixa nervoso! E acrescentou bem baixinho: — Esses cérebros eletrônicos são espertos mesmo, né?

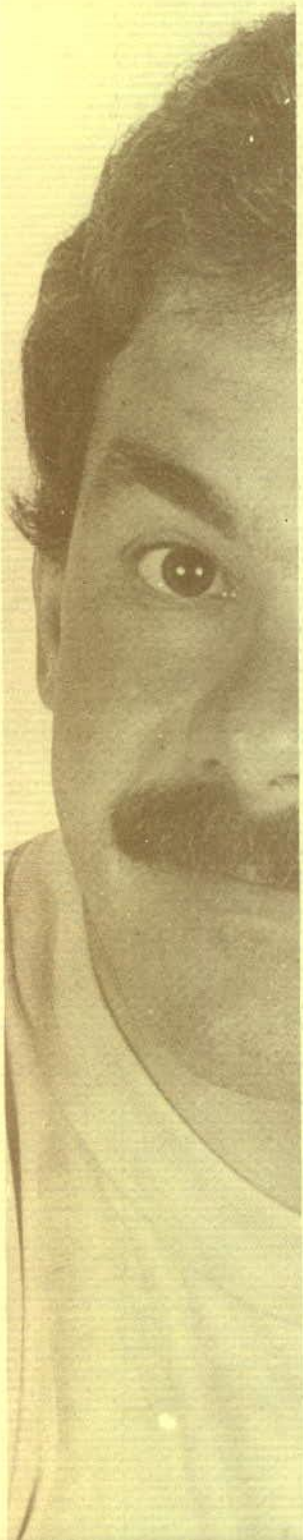
Não temos informação de como terminou a noite de sexta-feira de nosso herói que, com presença de espírito e inventividade, conseguiu transformar um prejuízo líquido e certo em uma recuperação no mínimo original e engraçada; porém há quem garanta que na segunda-feira subseqüente a CEF ganhou mais um cliente, impressionado com a "garra" com que os computadores da Caixa guardam o dinheiro de seus depositantes.

(Estória baseada em fato verídico ocorrido na Filial Ceará)



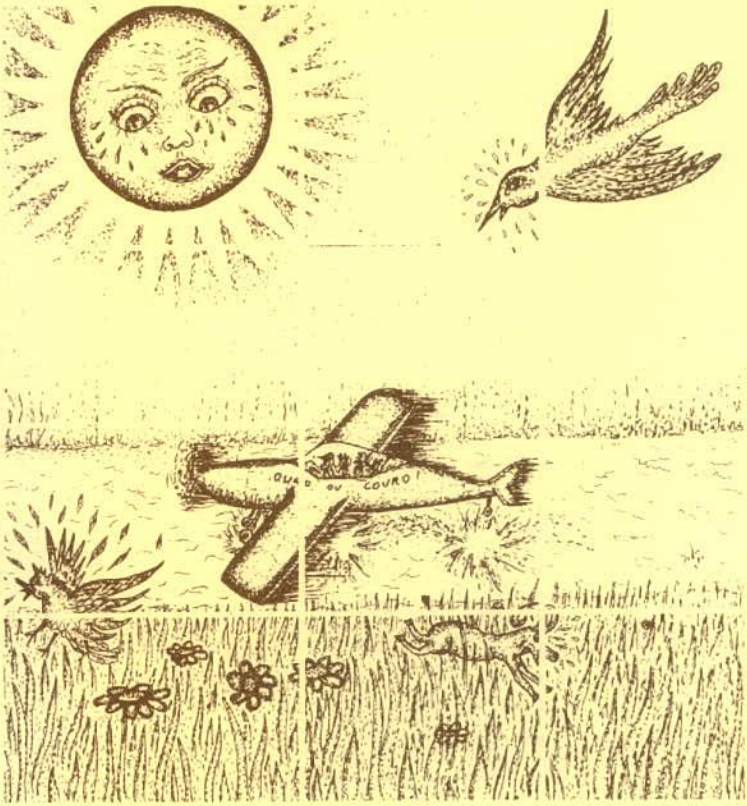
GARIMPO:
ESSE MUNDO ENCANTADO QUE A CAIXA CONQUISTOU

DAN ALVES PEREIRA



Nasceu em São Paulo a 25 de janeiro de 1952, mudando-se, quando criança, para o Mato Grosso, onde viveu alguns anos com os índios Bororós às margens do rio Lageado.

Ganhador de vários concursos literários, com destaque para o 1.º lugar no "Prêmio Ferreira Gullar — 1979" (poesias) e 2.º lugar no "3.º Concurso Nacional de Contos do Paraná", Dan Alves Pereira publicou, em parceria com Marcus Mendra e Wanderlei Batista, o livro PÁ-LAVRA/DORES em 1977. Para teatro escreveu "Como Era Gostoso Brincar na Casa da Vovó" (infantil) e "O Quinto Cavaleiro do Apocalipse". Confessando-se "fascinado pela palavra", o autor de **"Garimpo: Esse Mundo Encantado Que a Caixa Conquistou"**, *lançou mão de sua experiência de três anos como empregado da "Operação Ouro" da Caixa. Além de escritor, Dan é compositor de música sacra, tendo obras gravadas pelo conjunto "Novo Viver".*



"Confesso que me fatiguei um pouco; que importa! Combatemos, mestre, vencemos e sou feliz".
N. Kazantizakis.

Foi então que o aviãozinho urrou forte levantando poeira e espantando as galinhas que, numa histérica algazarra, debandaram do cisca-cisca do meio da pista. Até o bode Belzebu que pastava a massega do campo de pouso, meteu-se no mato a dentro berrando, bufando e escoiceando o vento. Havia flores no matagal.

Depois de tremer por inteiro, o teco-teco levantou do chão. O aviãozinho amarelo completou um círculo no espaço, foi lá na frente, e acompanhando o curso da

pista, veio de lá para cá num vôo rasante, arriscado e barulhento. Os manetes injetaram mistura, o manche veio para trás e o Piper berrou como um búfalo, erguendo o focinho para o céu. Subiu como uma andorinha e lá de cima mergulhou feito um 'kamikaze'. Quase a tocar no solo empinou-se com rapidez, e na vertical, furou novamente o céu aberto. A hélice de curva reversa cortou mais depressa pedaços de ar, os 'flaps' movimentaram-se e uma volta de noventa graus foi efetuada com perícia. O teco-teco ganhou a linha horizontal do vento e, com o sol rebrilhando nos flandres, tornou-se tal qual um condor, um falcão, um urubu, um marreco, um beija-flor, uma borboleta, até que restou somente um pontinho negro na vastidão do espaço. Beleza pura.

Desci em Peixoto de Azevedo daquele avião. Eu seria o primeiro avaliador da Caixa Econômica Federal, para compra de ouro naquele lugar. "Ben-Vimdo a Terra do Oro", dizia uma velha placa pintada a mão. A minha frente, um barracão de madeira — versão tupiniquim dos 'saloons' de John Ford — vendia pinga e pães-de-queijo aos viajantes. Entrei, pedi café e cigarros. Continental sem filtros. Só então conheci Dolores. Ela me atendeu e me mostrou o seu sorriso com dois dentes de ouro. Pendurado no seu pescoço, um São Jorge também de ouro matava o dragão e se afogava entre as bochechas de seios fellinianos. Descobrindo que eu era da Caixa, Dolores me olhou feito Raquel Welch, e até me ofereceu um rabo-de-galo. Fiquei no meu café.

A notícia da minha função correu na cantina, e eles me olharam como se olha um marciano. Não. Eu não usava um capacete espacial, nem retornava de Jedi. Só então dei conta da gravata fina, que pendia ridícula do meu colarinho suado. Sorri sem jeito, falei "tá calor", e me libertei daquele negócio que dizem que bota a gente elegante. Quase fui aplaudido. Eu não viera de outra galáxia, mas estava num outro mundo.

Fui submetido a um vendaval de perguntas. Perguntaram meu nome, donde eu vinha, quando iria começar a compra do ouro, qual o seu preço, e houve até um garimpeiro que não se conformou quando eu disse nunca ter visto o Major Curió que ele próprio conhecera em Serra Pelada. Em meio ao burburinho, Dolores sugeriu dividir sua cama comigo. Num 'flash', lembrei de Cumaru, no Pará, garimpo onde não é permitida a presença de mulheres, e local de meu treinamento em campo após o curso em sala de aula no Rio de Janeiro. Lá, o alojamento feito de tábuas, tinha pregado entre posteres do Corinthians e do Clube do Remo, algumas fotografias de mulheres nuas. Um retrato da Playboy em que a Sônia Braga aparecia molhada e pelada, era o predileto. Abaixo do retrato da Gabriela, encontrei uma quadrinha, que alguém em hora de profunda carência afetiva escrevera:

"Sônia Braga, Sônia Braga!
És bonita pra chuchu
És meu único consolo
No Projeto Cumaru!"

Bem, aquilo era passado. Depois a gente se fala, Dolores.

Ganhei a rua. Valdique Soriano, um rapazola malárico e um tanto fabiano, caminhava descalço levando a minha mala. Trazia consigo um quati que o seguia feito um cãozinho de estimação. Bichinho engraçado o quati. Ia fuçando daqui e dali, arrepiava os pêlos, fazia "Ss" com o rabo, metia-se entre nossas pernas saltitando de um lado para outro. Manhã azul. Azulinha.

O caminho entre o aeroporto e o Posto da Caixa Econômica Federal passa por uma rua tortuosa, cheia de buracos. De um lado, um templo da Assembléia de Deus; do outro, um barracão de madeira, misto de cabaré e pensão. Valdique Soriano caminhava a meu lado

falando com raro entusiasmo da produção de ouro de Peixoto de Azevedo, aquele povoado encravado no encontro da BR 080, Cuiabá-Santarém, com o rio que lhe dá nome. Não parou de falar um instante. Com o quati roçando nas pernas, seguia impávido carregando a minha mala, como se ela fosse da pessoa mais importante do mundo. Digamos, do meu gerente. Quis ajudar, mas ele refugou com forte sotaque potiguar. "Otoridade num carrega imbruio". E lá fomos nós. Eu, ele e o quati.

Dias depois, Valdique Soriano foi dar um jeito na sua malária em Itaituba, e me deixou o quati de presente. "Plasmodium Falciparum", dissera-lhe um enfermeiro da Sucam. O pessoal da Caixa adotou o quati como mascote e até lhe deu um nome: Caixolino. O bichinho lindo, uma festa. Mexia com tudo e com todos. Um dia Caixolino não brincou mais com a gente. Amanheceu morto picado de jaracuçu. Tristeza de rachar o peito. Nesse dia desabou um temporal. Acho que Caixolino meteu-se sob as saias de São Pedro.

Meados de 1982. Aquele pedaço de terra situado no extremo norte do Mato Grosso vira-se, de uma hora para outra, tomado pela febre do ouro. O sonho do bamburro tomara de assalto aquele pedaço de Brasil e, quem sabe, jogara para o fim do mundo o último guerreiro txucarramãe.

A primeira visão que eu tive do garimpo foram aquelas casas que mais pareciam pedras de um dominó mal amontoado. Construídas da noite para o dia, as casas não obedeciam sequer a um mínimo senso de proporção. Ou as janelas eram muito altas, ou muito pequenas, ou não havia janelas, ou as portas eram muito estreitas, coisas assim. E, nesse rebu, a aldeia subia um descampado que dá para a muralha natural feita pelas gigantescas árvores da selva amazônica. Ali perto, a casa de tábuas onde funcionava o posto da Caixa abrigava mais dois órgãos

da "Operação Ouro": Receita e Polícia Federal. No quintal ao lado, o DNPM. No lado contrário, um caminhão da COBAL.

O Posto da Caixa Econômica Federal foi inaugurado com muitas festas. Afinal, já não seria preciso guardar dinheiro nas barrigas dos colchões de capim. No primeiro dia, houve discursos, Hino Nacional, foguetes, gente de Brasília e, em frente ao meu balcão, uma fila que só terminou por volta das vinte e três horas. Comprei ouro aos quilos. Os garimpeiros riam de rosto inteiro. Vibravam por verem na Caixa a solução imediata de um problema maior: onde comercializar o ouro. Deveras, antes de a Caixa chegar àquele sertão, o ouro era vendido por um preço muito inferior ao real. Compradores particulares fizeram verdadeiras fortunas comprando ouro a um preço mínimo e revendendo-o em seguida, por muitas vezes mais, no mercado Rio/São Paulo. Anteriormente vigorava na aldeia uma espécie de cartel que tabelava o preço por baixo. Resultado: ou o garimpeiro concordava com o preço oferecido, ou não tinha como comercializar seu material. Era o negócio da cruz e do punhal. Com a instalação daquele posto, esse problema dixou de existir. O preço foi elevado e os garimpeiros falavam da Caixa com respeito e gratidão. Nunca me esqueci de Severino Silva, cearense da gota, que além de garimpeiro era fazedor de cordel. Foi o dito que, num momento de grande arrebatamento, poetizou:

"Eu sou um cabra do norte
Vim de lá do Juazeiro
Lá eu era cantadô
Aqui virei garimpeiro
O côco — dá nas altura
O ouro — no meio do chão
Com a chegada da Caixa,
Num vendo mais pra ladrão!"

Riu e fez um Mi-Maior caprichado.

Logo nos primeiros dias de compra, conheci Ze-Bebim. Como o próprio nome indica, seu Zé só andava de pileque. Certa manhã, depois de aguardar a sua vez cambaleando na fila, Zé-Bebim chegou ao balcão, arreganhou a boca, meteu o fura-bolo e o pai-de-todos lá dentro e arrancou da gengiva melosa a dentadura de dentes de ouro. Não foi fácil convencer o meu cliente que a Caixa Econômica Federal só comprava ouro 'in natura', não comprava ouro já trabalhado e, muito menos, dentaduras. "Mais os dente é di ouro", insistia banguelo. "Tô a fim di tumá uns mé, tô brefado, qui é qui faço?" Só depois de explicar a mesma coisa quinhentas e oitenta vezes, foi que seu Zé voltou a dentadura ao lugar. "É sim mesmo; ninguém gosta d'eu". Choramingou, cuspiu e saiu num passo vai-lá-vem-cá. Benza Deus!

Seguindo pela BR 080, chegava-se a uma velha ponte de aroeira sobre o rio Peixoto de Azevedo. Embaixo, misturava-se com o barulho das águas o ronco dos motores das balsas que sugavam o cascalho do rio. Homens, mulheres, meninos e meninas transitavam de uma margem a outra nuns barcos apelidados "avoadeiras'. Era comum ver por ali grupos de pessoas curtindo o mormaço do dia em profundos mergulhos. Outros, mais otimistas e desavisados, arriscavam uma pescaria jogando os anzóis na água. Besteira. As matrinchãs, os pacus, os pintados, as curvinas não dariam sopa ali. Só mais embaixo no remanso do Camargo. Assim mesmo com isca de macaxeira ou tripa de galinha carijó. Peixe é bicho inteligente.

Sempre que eu passava ali, vinha-me à mente a melodia de uma canção do Simon & Garfunkel, 'Bridge Over Troubled Water', que por diversas vezes escutei nos bares de Belo Horizonte, e em nosso clube na Pampulha. A beleza é universal, não tem idiomas. Pena que aquele rio não era nas Minas Gerais. Tudo ali era música. Pudera,

aquele era o lugar preferido da garimpeirada que para lá levava suas raparigas para banhos e bacanais noturnos. Nunca faltariam Pitu, Cerpinha, o som de um violão e canções de Tonico e Tinoco.

O garimpeiro é um ser feliz. Não quer outra vida. Com certeza é o cliente mais alegre da Caixa. Ama sua profissão e se sente satisfeito quando identificado e reconhecido como tal. Geralmente anda em grupos que, na sua maioria, são oriundos do Pará, Maranhão, Goiás e Pernambuco. E era essa gente que em Peixoto de Azevedo andava de bodega em bodega para tomar pinga e encontrar novos amores. O assunto era sempre o mesmo: ouro. Esse metal amarelo, dúctil, de simbologia química "AU", de dureza 2,5 e de densidade 19,25; que mesmo antes do bíblico Salomão, do inca Atahualpa, ou dos espanhóis, já despertava paixões e fascinava o homem. E nos botequins de Peixoto de Azevedo, entre juras de amor, formavam-se sociedade, vendiam-se barrancos, arrendavam-se garimpos, trocava-se o metal por bugingangas que variavam dos sofisticados gravadores japoneses ao prosaico radinho a pilhas. Os preços oscilavam entre o irreal e o absurdo. Um relógio podia alcançar dezenas de vezes o seu valor real, como um revólver Smith & Wesson atingir o preço de um automóvel. Não havia crise. Não se ouvia falar em eleição direta, dívida externa, FMI ou em Ana Maria Jul. Quando um garimpo sofre falta de dinheiro, "não é mais garimpo; está garimpo". E foi nesse mundo de quase ficção que um certo garimpeiro bamburrou, e deu-se ao capricho de fretar dois monomotores até o seu garimpo. Um avião para levá-lo o outro para levar seu chapéu!

A única vez em que vi por lá alguma preocupação política, ou referências a personagens do mundo político, foi numas estrofes tipo "adivinhe quem é?"

"Trocou piano por ringue,
Quibe cru, pelo feijão

Prefeitura de São Paulo
Por governo, em convenção.
Pelo poder trocaria
Presidente por sultão!"

E nessa:

"Do seu queixo cai um papo
Que pela FAZENDA desce
Da camisa, que atura
A barrigona que cresce!
Nem mesmo na AGRICULTURA
Ele encontrou linimento
Pra murchar a tal barriga
Com todo PLANEJAMENTO!"

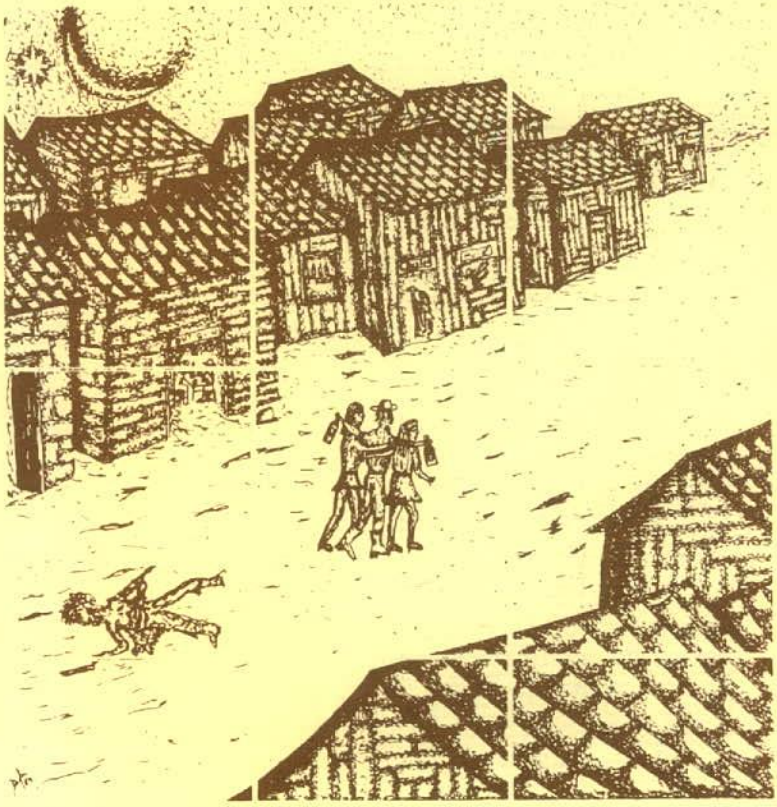
"Garimpo tem que ter sangue e rapariga", dizia-se na aldeia. Só nos primeiros dias de minha estada ali, assassinaram dois a tiros de carabina e um a golpes de facão. Por diversas vezes, vi Paraíba, o fazedor de caixão, exercendo seu ofício na rua central de Peixoto de Azevedo, enquanto o cadáver, exposto às moscas e ao público, aguardava, sobre uma mesa e entre quatro velas, o caixão que geralmente consistia numa armação de Pau-Terra e de morim negro, barato. Enquanto isso, nos cabarés em frente, entre eles o "Dama da Noite", a gafieira corria solta. Vira-latas, gatos e galinhas misturavam-se na rua. Morrer era tão rotineiro como achar um novo veio de ouro. A violência campeava com um cutelo afiado. Em garimpo não existem carpideiras.

Porém, nos anos em que passei ali, três mortes abalaram a corrutela. A primeira delas foi do Tracajá. Tracajá era um sarará de cara de jaboti espantado. Certo dia encontraram o moço todo varado de balas e... salgado. Literalmente salgado. O sangue empoçado em volta do cadáver tornara-se uma salmoura fedida e aquosa. A cabeça, despregada do corpo, jazia horrorosa no meio da poça de sangue, como uma bola de futebol, de olhos

opacos pavorosamente esbugalhados. O verdugo, após descarregar o ódio da Papo-Amarelo e de degolar o infeliz, semeara sal grosso em cima do defunto como quem salga carne pra churrasco. Vingança.
Disseram que foi por causa de uma mulher. Uma tal de Rita-Bunda-De-Tanajura.

O segundo crime foi feito por um maranhense que, cego de paixão, deu seis tiros na amante e matou o rival a porretadas, transformando a cabeça da vítima numa massa disforme de miolos, cabelos e sangue pisado.

O terceiro crime foi o de um moço que teve seu namoro proibido pelo sogro. Como insistisse em manter o romance, o "dândi" foi seqüestrado, levado para a beira



do rio e castrado. Morreu como um porco. Esvaído em sangue.

A violência era tamanha que o coordenador da "Operação Ouro" em Peixoto de Azevedo determinou a nós, componentes da sua equipe, que jamais andássemos sozinhos. Pelo menos, em três. O próprio destacamento da Polícia Militar já sofrera suas baixas com o assassinato, de tocaia, de um cabo e um soldado. Nosso mais eficiente contato com o mundo dito "civilizado" era através de um rádio-transmissor, que ficava no alojamento da Caixa Econômica Federal. Não se poderia correr o risco de uma emergência.

Os trabalhos da Caixa naquele lugar abriram-se com um gerente de núcleo, um caixa executivo, um auxiliar de escritório e eu. Nosso dia de atividades iniciava cedo. Levantávamos às seis horas da manhã. Às sete era o café. Quinze para as oito, assistíamos perfilados ao hasteamento da Bandeira Nacional. Nos primeiros meses também cantávamos o Hino Nacional. Tanto é que eu aprendi de uma tal maneira o nosso Hino, que nunca mais inverti as estrofes. Nos meus tempos escolares, não sei por que cargas d'água, eu era dado a cantar primeiro "Brasil, de amor eterno seja símbolo...", quando o certo seria cantar "Brasil, um sonho intenso, um raio vívivo..."

Vamos em frente que atrás vem gente. Oito horas, iniciávamos a compra do ouro e demais atividades bancárias. Meio dia almoçávamos. Sempre tínhamos à mesa carne das pacas, dos caititus, das galinhas d'água com que a garimpeirada nos presenteava; além, naturalmente, da carne dos bichos que eu e mais dois amigos caçávamos aos domingos. Caçar e pescar era nosso lazer. Afinal, não se tem muita coisa pra fazer dentro da selva da Amazônia Legal.

Nosso dia de atividades só terminava depois do arriamento da Bandeira Nacional. Recolhíamo-nos

geralmente às vinte e duas horas. Antes, porém, dávamos umas voltas pelo arraial. Às vezes até pintava uma namorada.

A Caixa Econômica Federal contribuiu de maneira notável para a diminuição da violência naquele lugar. Basta dizer que, com sua ida para ali, ela levou consigo, mesmo que indiretamente, os três órgãos federais já citados anteriormente, que gravitavam em torno da "Operação Ouro": Receita Federal, Polícia Federal e o DNPM. Esses órgãos passaram a influenciar no comportamento da população de modo bastante positivo. A própria população percebeu que o governo federal traria melhorias para o lugar, mas que, para isso, precisava de um dado fundamental: o seu apoio. E isso foi conseguido. E a Caixa Econômica Federal participava de todo o processo de formação de uma cidade. E nós, empregados da Caixa, víamos a "criança" nascer, engatinhar e dar seus primeiros passos.

Entretanto, a maior contribuição que a Caixa deu àquela gente foi no plano de orientação financeira. O garimpeiro é, de modo geral, um homem que não pensa no futuro. Vive o presente e joga nele o último sopro da sua existência. É um ser existencialista, como diriam com ares de intelectualidade (sic) os leitores de Jean-Paul Sartre. Só que, nesse existencialismo caboclo e exacerbado, os nossos sartreanos que bamburraram hoje, poderiam passar meses seguidos sem pegar uma grama de ouro. Pra quem não sabe, garimpeiro tem de ter estrela.

Toninho-Tropeiro pertencia a essa corrente filosófica. Só que ele não possuía garimpo. Possuía uma tropa de burros, donde seu apelido. Bem, Toninho-Tropeiro carregava a sua tropa de gêneros alimentícios, e os vendia de porta em porta nos baixões de garimpo. A tropa ia carregada e voltava de bruacas vazias. Não se sabe se pelo cansaço da viagem, ou se pela necessidade de consumir,

o fato é que Toninho-Tropeiro entrava no primeiro cabaré que encontrava e gastava até as imbiras. Certo dia ele apareceu lá na Caixa querendo fazer financiamento de uma draga e propondo deixar os burros como garantia do financiamento. Aquele posto da Caixa Econômica Federal não fazia financiamento de dragas, e nunca aceitou burros como garantia de coisa alguma. "Mas os burros é bão, dotô. Eu quero mudá de profissão; cumerço é bicho incravado. O dinheiro vem mais vai...", argumentava estalando os dedos. "Quem sabe si nu garimpo o dinhero é mas abençuado..."

Então o Carlitos, na época nosso gerente, jeitoso como ele só pra essas coisas, convenceu o nosso amigo a abrir uma Caderneta de Poupança. Dito e feito. Daí um tempo Toninho-Tropeiro já tinha ajuntado dinheiro suficiente para comprar sua draga de garimpo. Um belo dia ele apareceu lá na Caixa vestindo um impecável terno de linho branco. "Olá, dotô", foi dizendo abrindo os braços pro gerente. "Vim buscá os cobre qui tenho aí". Eu, que de um lado observava a elegância e a felicidade do nosso cliente, não resisti à tentação de uma pergunta: "Como é, Toninho, vai comprar a draga?" Ele apertou os olhinhos lá longe:

— Vou conhecer o mar!

E partiu pra São Luís do Maranhão.

As notícias de casa sempre chegavam atrasadas. As cartas que chegavam, quando chegavam, eram trazidas de Alta Floresta. Fazíamos revezamento com a equipe daquele lugar. Lá havia um posto do correio e telefone. Só esses privilégios nos deixavam mais que contentes. Nesses anos, os meus melhores dias eram quando eu recebia notícias da minha gente. Creio que para o resto da turma também. O Eliel, por exemplo, lia uma folha de carta por dia. Quer dizer, se ele recebesse uma carta de cinco folhas, tinha

carta nova para ler cinco dias seguidos. Sem contar com o sexto dia, no qual ele dava uma recapitulada geral. Já o Roberto sabia dezesseis cartas da namorada, as quais recitava de cor, como poesias.
Viver em grupo não é fácil. Morávamos na mesma casa, trabalhávamos no mesmo lugar, comíamos da mesma comida. Dessa convivência que, às vezes, na privacidade da nossa casa resultava em desencontros, aprendemos que as pessoas, enquanto indivíduos, precisam de tempo e espaço para se acostumarem umas às outras, respeitando-se e valorizando as diferenças de personalidade, para poderem, de igual para igual, compartilhar as alegrias e as tristezas. E, quando aceitamos as pequenas diferenças individuais que a vida nos oferece, aí descobrimos o fascínio do relacionamento humano. O "ser" perfeito, com "minúscula", não existe. Os valores de cada pessoa nunca são iguais: são semelhantes. É o nosso livre-arbítrio. Mas isso só se aprende exercitando a convivência do dia-a-dia. Estávamos na mesma situação. Longe dos amigos, dos livros e dos discos mais queridos. E ali, naquela lonjura, na lentidão com que os dias passavam, as derrotas e as vitórias pessoais afloravam com mais nitidez. Éramos um grupo de Economiários que, mesmo enfrentando as difíceis situações de uma frente de trabalho avançado, não poderia deixar que os conflitos da vida em comum se refletissem no cumprimento das tarefas recebidas. Estávamos ali para servir a comunidade através da Caixa. Isso era prioritário. E a Caixa Econômica Federal nos proporcionava todo apoio necessário para o bom desempenho das nossas funções. Estávamos no mesmo barco. Navegar era preciso.

"Ui, ui, ui. Garimpu, dotô? É uma dispuita du cão. Si u fela da puta bamburra, a nutiça corri qui nem fogu na massega. Já vi fofoca iniciá cum dois homes, i numa sumana tê para mais di mil. É briga di foici nu iscuru. É biju mordenu tapioca i tapioca mordenu biju. Ouru é sim

mesmu. Bichu isquisitu. Infeitiça. U briu du metal entra pelus zói da genti, entra nu sangui, bati nu curação i bota a alma imbriagada, bebinha! Êta lasquera! Ucê livanta pensanu neli, comi pensanu neli, verti água pensanu neli, dromi pensanu neli, i chega a sonhá cum eli. Juru pelus zói di Santa Luzia qui já sonhei faiscanu ouru num certu barrancu. Cedim botu us pé nu chão, tumu café sem açucra, jogu um puquim di farinha na boca i metu us peitu nu mundu! Nesse dia eu tava cum a macaca. Nigacio aqui, pircuru ali, i achu u tal barrancu. Tuc, tuc, tuc. Lap, lap, lap. Metu u inxadão nu cascai, dô umas oito pazada, metu a terra na batéia, i u qui qui aconteci? Divinhôôô! O disgraçado croa qui nem frô di girasol! Ai, ai, ai. Chiiiii! Meto as pipita na boroca, vortu pru barracu, num digo prá ninguém — eu num sô fio di rapariga — passu nu urivi i mandu fazê dez anel! Um pra cada dedo! Óia qui: nu Minguim, Seu-Vizim, Pai-Di-Todus, Fura-Bolu e Mata-Pioi. Tantu faiz na mão direita cuma na canhota. Só muda u batedô, mas a taca é a mesma. Ouru du mió. Ouru ruim num presta. Zinabra. Qui isso dotô! Num é disageru não! Nem isperdiçu. Usu pruque pissuo. I tem mais. Já vi médicu virá garimperu, adevogado virá garimperu, puliça virá garimperu. Intão nu é prufissão da muléstia?"

— Tudo bem, seu Pantoja. Vai vender uns graminhas hoje?

— Não sinhô. Vim só tumá um cafezim.
E depois de me contar essa história pela centéssima quinquagésima vez, ele bebia o café das mãos da Dona Maria, e saía feliz com seus dedos reluzentes. O Pedro andou dizendo que seu Pantoja andava de namoro com a nossa cozinheira. Um dia, quando ela estava de bom humor, me arrisquei:

— E seu Pantoja, dona Maria?
Ela me fuzilou com os olhos.

— Eu quero lá sabê daquele véi dos dedo anelento? Deu a resposta, jogou a cabeça para trás, e ficou uma semana sem falar comigo. Pior, me proibiu de entrar na cozinha.

Praticamente morávamos dentro da Caixa. O cômodo onde funcionava o posto de atendimento e o nosso alojamento, era dividido apenas por um pequeno espaço e por uma parede de tábuas. Tanto é que, enquanto trabalhávamos, sabíamos pelo cheiro o cardápio do dia. Pois bem. Dona Maria era chegada numa pinguinha. Vez e outra ela abandonava as panelas no fogo e ia tomar seu trago no boteco do Raimundo, em frente. Só que às vezes ela tomava mais de um trago e esquecia das panelas no fogão. Ruim com ela, pior sem ela. Naquela região, a coisa mais difícil do mundo era arrumar uma cozinheira. As mulheres do ofício eram poucas. Estas, quando não se prostituiam, geralmente iam cozer nas balsas, onde ganhavam percentagem sobre o ouro apurado. Outra coisa: quem sabia as manias de cada um, era dona Maria. Ponto pra ela.

Numa sexta-feira, ganhamos um jaboti e resolvemos almoçar o bicho. Dona Maria desencapou o jaboti, botou numa panela de pressão e tacou fogo embaixo. A gente, do posto, escutava o puf-puf e o fiu-fiu da panela resfolegando e assoviando como uma "maria-fumaça". Nesse ínterim, nossa abnegada empregada resolveu tomar seu traguinho, e a panela parou de bufar e assoviar. De repente, a explosão. O susto. O corre-corre. A terra tremera e dona Maria gritara do boteco: "Valei-me, Nossa Senhora do Bom Parto!". Um forte odor de jaboti escaldado inundou o posto da Caixa. Fui à cozinha ver o acontecido. Era caldo pra tudo que era lado e pedaços de jaboti acebolado até nos esteios da casa.

Na época da Copa do Mundo, sentimos como nunca saudades de um lugar mais desenvolvido. Lá, que não existia um mínimo de conforto, pensar em televisão era

sonhar muito alto; era querer mordomias demais. Então conseguimos um velho alto-falante, ligamos num rádio e o amarramos no alto de um poste. Daí, sentávamos com grande parte da nossa clientela à sombra do prédio da Caixa e sofríamos, via Rádio Nacional da Amazônia, os vexames da nossa Seleção Canarinho. Que agonia! A gente sofria pacas. — A gente, quando está perdendo, sofre muito mais ouvindo o jogo que vendo o jogo. — Deu no que deu. O nosso futebol-arte perdeu para o futebol-vigor dos italianos. Foi uma decepção geral. A gente tinha alimentado tantas esperanças no nosso time e tinha tido tantas dificuldades para amarrar o alto-falante em cima do poste! Haviam sobrado alguns rojões quando da inauguração da Caixa, e nós os tínhamos guardado para aquela ocasião. Presumo que estes foguetes estão por lá até hoje.

Nessa altura do campeonato, o "time da Caixa" já havia sido reforçado com a chegada de mais três colega. A Caixa sempre "jogou" com arte, mas também com vigor. Já há algum tempo eu fazia dupla com um outro avaliador. Éramos quatro ao todo, só que uma dupla ficava em Alta Floresta, e a outra dupla ali em Peixoto de Azevedo. Nesse tempo, meus colegas chegantes conheciam pouco da região e, dado aos comentários da violência e dos perigos do lugar, estavam sempre com a pulga atrás da orelha. Numa tarde, Simão, o garimpeiro que tomava conta da lancha do DNPM, descarregou em frente a Caixa uma enorme Onça Pintada. Morta, é claro. Nunca em toda a minha vida eu tinha visto um felino maior. Com certeza aquele animal seria capaz de matar um boi com meia dúzia de golpes, e um ser humano com uma só patada. Ajuntou gente. Meus novos colegas observavam boquiabertos a pintada no chão. Mais boquiabertos ficaram quando souberam que ela tinha sido morta ali pertinho, às margens do rio. A multidão, em volta da fera, tecia excitada comentários de admiração. Simão, olhando por cima aquele povo estupefato ante a

sua proeza, vendia ares de um gladiador romano que acabou de vencer o leão. E foi sem perder a panca de gladiador romano que semicerrou os olhos, levantou o braço pedindo silêncio, apontou a fera e dirigiu-se ao povo:

— Vou atrás da qui fugiu!
Pálido como uma vela, meu colega Ananias engoliu em seco e falou engasgado:

— Vou voltar pra Brasília!
E se trancou no alojamento .

O "Pregador" era um desses clientes que a gente não esquece. Ele era dessas pessoas com que a gente faz questão de ir "além do cliente", pois a quer como amigo. Estava sempre lá na Caixa vendendo seu ourinho. Era um garimpeiro que, nas horas de folga, fazia suas pregações apocalípticas: era protestante pentecostal. Mesmo sem saber, gostava de repetir uma frase agostiniana: "O homem não descança, enquanto não descançar nos braços de Deus". Sempre que ele aparecia no meu balcão para vender seu ouro, eu gostava de brincar com ele, dizendo que ele estava ficando rico. O "Pregador", sempre com um sorriso de dentes muito brancos, revirava os olhinhos para o céu e apontava dizendo: "Irmãozinho, meu tesouro tá lá em cima, onde a traça nem a ferrugem corroem". Recebia seu dinheiro e partia como chegava: feliz. Uma vez, estávamos eu e o Eduardo na azáfama de uma segunda-feira, quando vi um cortejo passando à minha frente. Na frente da procissão, dois garimpeiros traziam nos ombros uma rede traspassada por uma vara, e dentro dela alguma coisa que pingava sangue vivo. Num impulso pedi ao cortejo que parasse. Abri a rede. Lá dentro o "Pregador" jazia morto. O sangue que escorria e vazava a rede, saía dos orifícios do seu rosto. Morrera soterrado. Um barranco despencara por sobre ele enquanto trabalhava. Porém seu

rosto, mesmo retorcido, não tinha expressão de dor. Mas de paz. De profunda paz. "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima; e a morte já não existirá. Já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras cousas passaram". Apoc. XXI:IV

A rua da Caixa Econômica Federal era a mais movimentada da corrutela. Por ali passavam, com os transeuntes do lugar, a dor, a alegria, a feiúra, a boniteza, o egoísmo, o desprendimento, o ódio, o amor e, no meio de um milhão e cem de facetas abstratas, as lendas que povoavam o lugar e que corriam de boca em boca. A mais comum era a que falava de Maria, a louca. Maria, a louca, era uma morena de acentuados traços nhambiquaras, que andava descabelada e quase nua pelas grotas dos garimpos, pedindo comida e pousada. Devia ter seus vinte e três anos. Enlouquecera após parir um sapo. Quer dizer, um monstrengo com corpo de gente e cara de sapo. Diziam que a infeliz se apaixonara por um garimpeiro, dera-se a ele e o moço, ao vê-la grávida, negara-se a assumir a paternidade. Nessa ocasião Maria lhe dissera: "Miseravi! Perfiro parir um sapo que ter um filho sem pai!" Não deu outra. O moço foi pra Serra Pelada, completaram-se os dias, e ela pariu o monstrengo. Ela mesma cortara o cordão que une o útero à placenta com uma faca de castrar porcos. Depois esganara a cria com as próprias mãos. Enlouquecera.

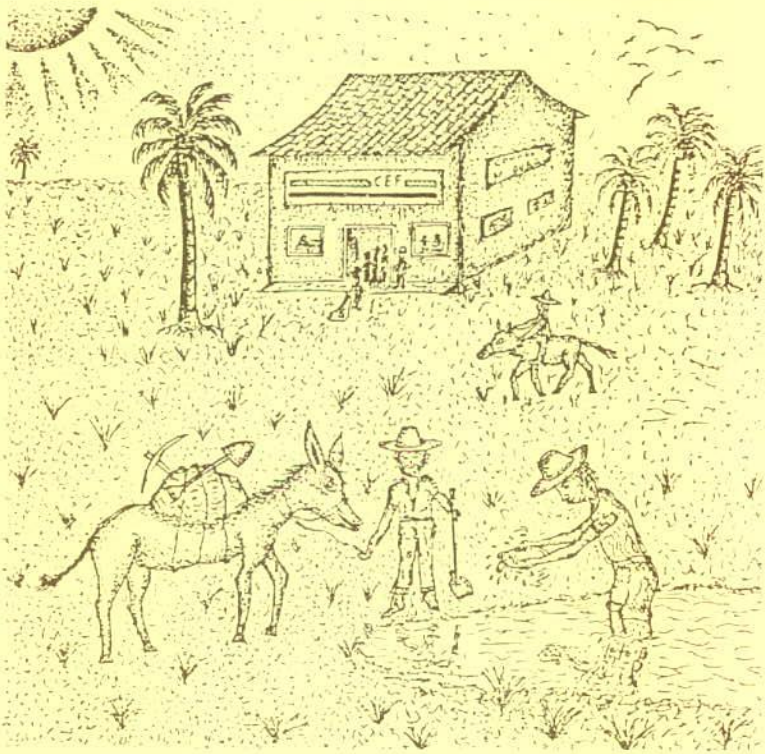
"Seu" Marinho, cliente da Caixa, caçador destemido e dono de um açougue lá em Peixoto de Azevedo, era danado para contar esses causos. "Olha patrãozinho", ele sempre iniciava assim, "tem mais mistero na terra qui arubu nu céu". E uma noite contou pra gente o causo do Jacobino-Boca-Trancada. Segundo seu Marinho, Jacobino-Boca-Trancada era um desses garimpeiros que andam de garimpo em garimpo atrás da fortuna. Porém, não rompia na vida. Seu cascalho não produzia ouro, seu barranco só vivia desmoronando, sua grota só vivia cheia

d'água, afora a malária que o perseguia há vários anos. Resumindo: o homem era um azarado. E, como não poderia deixar de ser, só vivia se lamentando da sorte. Lamentou-se tanto e se maldisse tanto que um dia um homem vestido de preto apeou de um fogoso cavalo à porta do seu rancho. Bateu palmas e Jacobino-Boca-Trancada atendeu. O chegante perguntou-lhe se ali, na sua casa, tinha algum crucifixo ou alguma réstia de alho. Jacobino-Boca-Trancada respondeu que não tinha dinheiro nem pra comprar farinha, que dirá pra comprar temperos. Quanto ao crucifixo, não tinha visto que era ateu? O homem de preto respirou aliviado, entrou e sentou. Uma catinga de bode velho infestou o ar. Jacobino-Boca-Trancada sentiu o fedor, perguntou-lhe o nome e não obteve resposta. Mas era o Cão.

Conversa vai, conversa vem, o Quenga disse que Jacobino-Boca-Trancada iria ficar rico, iria passear na Bahia, iria se casar com uma mulher bonita, iria sarar da malária, enfim prometeu mundos e fundos, desde que Jacobino-Boca-Trancada expressasse seus desejos em "voz alta". Porém, prosseguiu Belzebu, "só quero uma coisa". "Pode pedi, uai". E o Capeta continuou: "Quero que você vá ao mato, mate um lagarto, espiche o couro e coloque ele dentro dum pote de barro. Quando o couro acabar eu venho lhe buscar a alma!" Rapidinho, Jacobino-Boca-Trancada fez seus cálculos: "Um couro bem curtido deve durar pelo menos cem anos". E topou a parada. O Sem-Nome disse "até mais ver", retornou ao cavalo e sumiu num redemoinho.

Mal a poeira se assentou, Jacobino-Boca-Trancada foi numa lagoa, matou um jacaré — o que não deixa de ser um lagarto — tirou o couro do bicho como quem descasca uma banana, curtiu-o ao sol e o guardou num pote de barro que lacrou em seguida. Resultado: Jacobino-Boca-Trancada sarou da malária e desgraçou a encontrar ouro. Começou a andar enfeitado de correntes e

anéis, achou uma pepita de meio quilo (vendeu em Itaituba), comprou um FÊ-NÊ-MÊ, foi a Bom Jesus da Lapa, voltou pro garimpo, casou com uma sergipana e, numa tarde de agosto, resolveu dar uma espiada dentro do pote. Levou um susto tão grande que caiu seco no chão, sem sentidos. Depois de três dias retornou a si e encarou a realidade. O couro do jacaré estava do tamanho do couro de uma lagartixa! Sentiu a garganta seca e pediu um copo com água para a sua linda sergipana. Mal acabou de pedir, olhou para dentro do pote e viu a pele se mexer sozinha, como uma minhoca. Pior, o couro se encolhera ainda mais! Só então descobriu a verdade: a cada pedido seu, em "voz alta", mesmo que fosse de um simples copo d'água, a pele diminuía de tamanho, visto que qualquer "pedido era um desejo!" Lembrou-se do que lhe dissera Satanás: "quando o couro acabar..."



Desse dia em diante nunca mais abriria a boca para mais nada. Agarrara-se ao couro como um louco, e passava dias e noites segurando aquela pele entre as mãos! "Nas mãos trêmulas e pálidas segurava a própria existência!" — enfatizava seu Marinho com ar canastrão de dramaticidade. A qualquer desejo dele, a vida poderia escorregar-lhe por entre os dedos! "Por isso, meninos, Jacobino-Boca-Trancada nunca mais falou na vida!"

Quando o seu Marinho contava esses causos lá no alojamento, o Roberto se arrepiava todo, benzia o corpo e não dormia de noite. Vôte!

Como o espaço da compra de ouro ficava anexo ao da agência (posto), eu sempre observava meus colegas da Caixa resolverem as questões cotidianas que por lá apareciam. Era um cliente que não concordava com os juros da caderneta, era um outro querendo saber seu número de conta, era alguém querendo financiar um rancho de palha pelo BNH, era um guri pedindo para vender pastéis dentro da agência, e na maior parte das vezes, devido à pouca instrução do lugar, era alguém pedindo para um de nós preencher seu cheque avulso. E foi assim que vi chegar um velho, cliente nosso, com seu filho de quinze anos. O velho pediu uma guia de retirada, mandou o filho preencher, só restando a ele, por sua vez, dar a assinatura final. O rapazola pegou o cheque da mão do pai.

— É di quanto, meu pai?

— Seiscentos mil cruzeiro. — falou o grisalho abaixando o tom de voz. O adolescente começou a escrever.

— Pai, seiscentos é iscrito cum dois esse..., cum cê-cidilha...?

O velho respirou fundo, coçou a cabeça, torceu as pontas do bigode à portuguesa, fungou feito um touro acuado.

Outros, seriam mais eficazes numa agência que numa filial, e assim por diante. Porém, sempre tem um porém, mesmo sabendo disso, muitas vezes adiamos nossos desejos de mudança, não lutamos para realizá-los e assumimos uma postura ambígua, sem encontrar a duidade homem/empresa compatível com nossas aspirações e talento. Aí, a gente começa a mascar as cabeças dos lápis e a destruir clips. Por sinal, o ser humano parece ter sido criado com a vocação irresistível de destruidor de clips. Não sei se é porque esse objetozinho de metal vem torto e enrolado e a gente tem necessidade de desentortar as coisas tortas; ou se é pelo inconsciente pedratório que de quando em vez vem à tona, que isto acontece. Porém, a razão de o clips existir é o seu enrolamento e a sua tortuosidade. Nunca soube de uma só pessoa de escritório que nunca tenha desenrolado, desentortado e finalmente destruído um clips pelo simples prazer de fazê-lo. Isso vai do mais alto executivo ao mais humilde office-boy. Mesmo distraído é possível pegar um clips, abri-lo, ir-se embora, sem perceber que jogou o clips no chão. O ser humano é engraçado. Quem nunca destruiu um clips que atire a primeira pedra.

Afora o lance do clips, era mais ou menos isso que a gente discutia e questionava por lá. A maioria da turma, e eu me incluo nela, se sentia atraída por uma vida economiária de mais movimento e pelo setor de penhores da Caixa. A função de avaliador de penhores era nosso alvo, e um modo de conquistá-lo era ser primeiro avaliador para compra de ouro. Por isso não nos importava renunciar, por um mínimo de dois anos, ao conforto da vida numa cidade boa. Embrenhamo-nos naqueles sertões. Lutávamos pelo que queríamos. Isso era gratificante.

Mesmo naqueles confins, recebíamos todo apoio da assessoria ouro da Matriz. Em operação, recebemos as visitas do doutor José Carlos e do doutor Odenato,

assessores especiais junto ao Dr. Gil Macieira, nosso Presidente, para a "Operação Ouro". Éramos apenas um pequeno grupo distante de uma família de mais de 35.000 irmãos. Mas não estávamos esquecidos e os nossos irmãos, tenho certeza, torciam pela gente.

Quando a "Operação Ouro" completou seu primeiro ano de atividades em Peixoto de Azevedo, comemoramos a data com festas. Não era para menos, companheiro. A Caixa Econômica Federal havia desempenhado sua função com absoluto sucesso. E, cá para nós, a gente se sentia até vaidoso por ter, de alguma forma, contribuído para tal êxito. Éramos, na verdade, apenas um posto de serviço de modestas instalações, mas com uma garra impressionante para progredir. Eu me lembro (já dizia Pedro Nava que ninguém esquece nada) de um cliente que chegou do Rio de Janeiro para tentar uma nova vida ali e, observando aquela casa de tábuas, brincou dizendo que éramos o Patinho Feio da Caixa. Pena que não o encontrei depois para mostrar-lhe nossa evolução e desembaraço. Os depósitos cresciam de uma forma espetacular, nossa clientela aumentava dia após dia, e até fizemos um "puxado" na meia-água do nosso posto.

O que era mesmo que eu estava dizendo? Ah, isso mesmo, sobre a festa de um ano. Pois bem, o primeiro aniversário da "nossa" Caixa foi comemorado com festejos e com a ativa participação da população local. Era a integração perfeita da CEF com a cidadezinha. Foi feriado e nós, empregados da Caixa e demais colegas da "Operação", organizamos para a comunidade variadas modalidades de jogos e brincadeiras, que iam do pau-de-sebo ao futebol. Cada integrante da equipe foi encarregado de organizar e de atuar como juiz de uma modalidade. Os jovens participaram entusiasmadíssimos das brincadeiras. Não era para menos. Eles nunca haviam tido um dia de atenções só para eles e jamais haviam

disputado lindas medalhas ou brilhantes troféus. Durante os jogos houve distribuição de caramelos (os comerciantes ajudaram nisso), chocolates, coisas assim. Com isso, a Caixa ganhou novos clientes, pois muitos pais foram torcer pelos filhos, e acabaram como nossos amigos e depositantes. As pessoas não exigem muito da gente. Às vezes só um minutinho de atenção. É pedir muito?

Nesse dia, um nosso colega de "Operação Ouro" se fantasiou de palhaço para a alegria da garotada. Foi o maior barato. É importante frisar que o nosso "palhaço" nunca tinha sido palhaço. Era engraçadíssimo perceber seu esforço e afobamento para fazer graça. O coitado, de nervoso, tremia, revirava os olhos, gaguejava e a garotada morria de rir. Só que no fim da festa, nosso colega, atacado de disenteria, jurou que se no próximo ano o escalassem para palhaço ele iria protestar com todas as forças, e quem sabe, poderia até aceitar ser o engolidor de fogo. Mas palhaço, nunca mais!

Entretanto, nosso palhaço fez tanto sucesso entre a pixotada que, mesmo depois de meses da festa, sempre aparecia alguma criança no balcão perguntando:

— Cadê o paiaço?
Aí a gente dizia que o palhaço tinha ido embora, mas que voltava para o ano. Foi um pé de briga convencer disso Joaninha, uma garotinha de 4 anos. Ela não se conformava, batia o pezinho no chão e soluçava dizendo que o nosso palhaço estava lá nos fundos, pois o vira saindo do nosso alojamento no dia da festa. Dalton, nosso gerente na ocasião, tentava convencer a pequena e até gambirou com ela um ano por alguns dias.
E Joaninha perguntava com os olhinhos molhados:

— Uns dia é assim??

E espalmava as mãozinhas mostrando os dedos gordinhos.

O Dalton ainda tentou melhorar a sua imagem junto a nossa pequenina cliente — ela possuía uma Caderneta de Poupança — oferecendo-lhe um cofrezinho da Caixa. E ela:

— Num quero cofinho não!! Eu quero é o paiacinho!! Só diminuiu o "auê" depois que o pai, acabando de fazer o depósito, botou ela no colo, prometeu umas palmadas, prometeu um chocolate, depois desistiu das palmadas e do chocolate e saiu com ela para a rua. Ufa!

Quando se formou em Peixoto de Azevedo o primeiro Sindicato Regional de Garimpeiros, foi convidado para inaugurar a sua sede o Ministro das Minas e Energia César Cals. Foi uma verdadeira festa quando souberam que o Ministro aceitara o convite para a inauguração. Capinaram-se as ruas, removeram-se os entulhos dos quintais, pintaram-se as casas, organizou-se um churrasco e os organizadores fizeram questão de que os integrantes da "Operação Ouro" participassem desse churrasco de boas-vindas ao ministro. "Afinal", diziam, "vocês são autoridades na corrutela". Antecedendo à chegada da comitiva ministerial, chegaram por lá os órgãos de imprensa, inclusive a televisão, para a cobertura do evento. A Globo foi à Caixa para fazer algumas tomadas do comércio de ouro, e solicitou a um nosso colega entrevista a respeito de nossa vida ali. Então nosso vaidoso "porta-voz" tomou minha gravata emprestada, alegando ser falta de respeito para com o público do "Fantástico" aparecer sem gravata na televisão. Aí já viu: foi uma gozação geral. Apelidaram o moço de Sérgio Chapelin e ele ficou uma fera.

No dia da chegada do ministro, espocaram foguetes desde a madrugada. A população recepcionou S. Ex.ª no aeroporto (já haviam construído um mais seguro no outro lado do arraial), e dali foram direto para o palanque oficial perto da Caixa, em frente à sede do Sindicato. Discursos, foguetes, vivas. Vivas, foguetes, discursos.

O povo aplaudiu.

E assim passaram-se os dias. Um tempo em Cumaru, um ano em Alta Floresta, um ano em Peixoto de Azevedo, alguns meses no Território de Roraima, até que recebi convocação de Brasília para fazer o curso de avaliador de penhor. Nessa noite não consegui dormir, e passei o tempo ajeitando as coisas na mala. Haviam-se passado quase três anos desde os tempos em que conheci Dolores.

Abri a janela do quarto. Lá fora a aurora rompia feliz. Por um tempo fiquei observando a chegada do novo dia e, tentando controlar as emoções de voltar para casa. Peguei a mala, saí e tranquei o quarto. Duas beatas passaram por mim indo para a primeira missa. Um velho garimpeiro me deu bom dia. Um bando de passarinhos cruzou o céu numa colorida algazarra. Olhei pela última vez a paisagem, numa cerimônia de adeus. Senti o coração disparar. Chutei uma lata no meio da rua e fui para o aeroporto.

ARMAS E BAGAGEM

EDMUNDO MOGADOURO (1928-1984)



Falecido em sua cidade natal (São Paulo), com 56 anos de idade e 22 de atividade em diversas áreas da Caixa naquela cidade — jurídico, cofre, contabilidade, patrimônio e, por último, comunicação social (Projeto Cultural) — Edmundo Mogadouro não pôde ver realizado, em vida, o sonho de publicação de seu trabalho: o conto **"Armas e Bagagem"**. *Sua mulher Maria Elza e sua filha Márcia, empregadas da Caixa, poderão colher, postumamente, os frutos do interesse de Edmundo pelas atividades culturais, de seu amor à leitura, à escrita e ao teatro. O Autor deixou inéditas peças de teatro e contos, tendo atuado no Teatro de Arena, onde contracenou com Jardel Filho na peça "Plantão 21".*



Mariano achou graça da expressão do ascensorista.

— Armas não, que eu não sou de briga... mas bagagem está certo. Afinal, a gente fica o dia inteiro aqui dentro... só falta trazer a cama...

— A gente passa mais tempo na Repartição do que em casa...

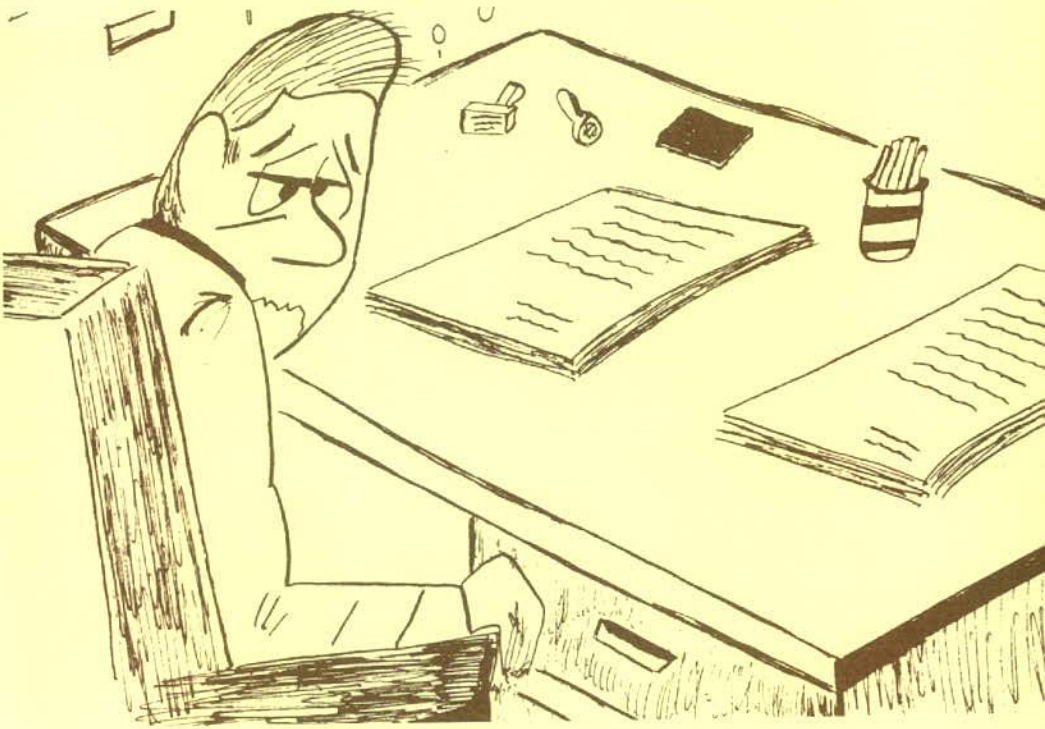
A estrepitosa gargalhada ecoava ainda pelos corredores e já Mariano separava, no chaveiro — hábil e ágil — a chave da seção "encaminhamento e registro".

Só depois da cerimônia diária da "arrumação da casa" é que o guichê era aberto. Era por isso que os auxiliares das várias seções só começavam a aparecer depois das dez na porfia, também diária, de obter a liberação dos respectivos processos.

Mariano trazia uma parte da "bagagem" diária, para não sobrecarregar a mulher: as frutas, os legumes para as saladas e também a sobremesa. Josefa chegava sempre mais tarde, com o almoço propriamente dito semipreparado.

Era sistemática, também, antes do início dos trabalhos, a verificação fiscal da despensa — cognominada, eufemisticamente, pelo almoxarifado geral de armário, — com o objetivo do levantamento diário dos estoques de molhos, sal, azeite etc., não sucedesse a desagradável constatação da falta de algum condimento bem à hora do almoço. Era sopesada, igualmente, a quantidade de biscoitos, torradas e os outros vários acompanhamentos provenientes da cooperativa. Com esmero e indisfarçável deleite, Mariano aproveitava a ocasião para passar em revista, também, a parte de cima — a dos remédios —, uma autêntica farmácia em miniatura, apesar dos protestos de Josefa: — uma pequena enfermaria...

Ele, na realidade, se considerava um médico frustrado. Apenas — vejamos bem — tão somente no sentido da inexistência de qualquer diploma e não que ele não se



julgasse cabalmente apto à ministração da medicação adequada a qualquer tipo de doença, por insidiosa que fosse. Podia-se afirmar — a bem da verdade — que este tema — doenças e remédios — constituía a tônica da seção. Entre uma carimbada e outra compareciam as enfermidades desde as comezinhas às mais sofisticadas. Não impunemente, porém, pois lhes era pespegada a medicação indicada: muitas vezes chazinhos singulares de camomila ou erva-cidreira, mas também, com alguma freqüência, remédios de considerável especificação científica.

As considerações de Mariano se tornavam mais peremptórias quando referendadas pela mulher:

— Né, Zefa?

— Certo, Mariano.

A sala havia sido sabiamente dividida em duas partes, a grosso modo: nos fundos jaziam os processos muito bem acondicionados em pesadas caixas de madeira, e na parte da frente a copa e a cozinha, sem, porém, território específico a cada um destes dois misteres. A junção das duas prosaicas escrivaninhas compunha, dentro das limitações compreensíveis, a mesa de refeições, propriamente dita. Guardanapos e talheres eram guardados nas gavetas, envoltos nos sacos plásticos que serviam, usualmente, para cobrir processos. Nada mais prático.



— Então, seu Mariano, cadê o meu processinho?

— Olá, Juca. A esposa melhorou?

— Ah! Ela já está boa, obrigado. Quem não está boa é a minha chefinha... A dona Gracinda é que não está nada boa...

— O que é que ela tem?

— Bofes... Tá que tá soltando brasa... Ela quer o processo para amanhã, sem falta.

— Endoidou de vez... Isso não é assim. Eu tenho que estudar o processo... E é só no extra, que eu posso...

Juca se intrigava:

— Mas, seu Mariano, não é só carimbar?

— Só carimbar! Tem graça, você... Depois a bomba estoura pra cima de mim...

Zé do Bafo era o segundo:

— O engenheiro diz que não pode tocar a construção... Está tudo estragando.

A razão do apelido era óbvia:

— Bebendo desde cedo, Zé? Você não está tomando o chá que eu receitei?

— Claro que estou. Vamos com calma...

— Vai com essa calma que você chega mais depressa no inferno...

— O que é que eu digo para o homem?

— Diz para o doutor engenheiro que até o fim do mês vai dar para quebrar o galho...

— No fim do mês? Ele me mata...

— O que te mata é a pinga, se você não abrir o olho... Desculpa, que está na hora de preparar a bóia...

A hora do almoço, a qual, aliás, nunca era singular, contava, o mais das vezes, com um convidado, sem falar do Souza, que este era comensal fixo. A sua marmita, sempre bem fornida, era previamente encaminhada para ser esquentada no amplo aquecedor.

O almoço era então competentemente servido por Josefa, sem esquecimento de um ponto de cerimônia, o que sempre caía bem...

Acepipes e guloseimas eram então transacionados com extrema liberalidade e o café, feito na hora, que o da repartição era intragável, era servido em canecas de barro para que não esfriasse ao longo do papo vivo e colorido, versante às vezes sobre a boa pinga de alambique e sobre a excelência da lingüiça de Bragança Paulista, recebida pelo malote.

Lá pelo meio da tarde Josefa terminava com a louça e ia para casa. Jamais faltava ao expediente, embora não fosse funcionária.

Estava tudo na mais santa paz, quando veio a bomba. Modo de falar, que a tragédia não se fez sentir de imediato e não teve efeito instantâneo, mas nem por isso foi menos fulminante.

Sucede que a reprogravura ganhava foros de aceitabilidade. É isso: as cópias advindas do novo sistema já transitavam, sem qualquer restrição, pelos escalões mais nobres da repartição, levando as respectivas chefias, cada vez em maior número, a adotarem a sistemática da elaboração de "Processos Cópias" que consistiam na edição de processos em sucessivas reproduções, para tramitação simultânea em conseqüente fluidez. Óbices redundantes em demoras, não os havia mais e os auxiliares, devidamente industriados pelos respectivos chefes, passavam a exigir pronta equação para os seus

dossiês. Surpreendentemente, a tramitação passou a ser automática e eficiente. Já não cabiam as desculpas de outrora, as delongas passaram a ser simplesmente descabidas, e, dessa forma, os procedimentos deixaram de ser, pelo menos no que diz respeito à sua configuração, unos e indivisíveis.

A seção de encaminhamento e registro literalmente agonizava. Claro! Cessada a dependência, acabaram-se os dependentes. Mariano e 'troup' assistiam, horrorizados, ao seu lento, gradual, mas decisivo esvaziamento.

Até o Souza dera para "mancar" e usou um argumento barbado de insubsistente: "a forja do Alfredo é uma beleza. A comida esquenta toda por igual, não desfazendo..."

Mariano passou a desconfiar das pessoas. Ainda no outro dia surpreendeu o ascensorista com aquele rizinho idiota. Conferiu e percebeu, por sua vez, a impropriedade do abotoamento da camisa, corrigindo-a a seguir, sem comentários. Noutros tempos ele bem que teria urdido qualquer piada, tipo: "O botão também tem que respeitar a casa dos outros".

Já nem mais atrevimentos desse tipo eram dirigidos a Mariano. Surdo respeito e sóbrios cumprimentos tomaram a vez dos esfusiantes comentários e largos elogios. Todos sabiam e compreendiam o motivo da derrocada.

Mariano, por seu turno, não desapontou ninguém. Mil nomes foram dados ao insidioso esfacelamento. Ele até chegou a achar graça no nome dado às sucessivas licenças médicas: "para tratamento de saúde", como se saúde houvesse. O seu enterro foi bastante concorrido.

COBRA CORAL DE ALAGOAS

FERNANDO ANTONIO LIMA DE MELLO

Às sete da manhã, já eram muitos e muitos e muitos — uma fila incalculável, cobra coral das Alagoas, que serpenteava desde os velhos portões da Faculdade de Direito, dando a volta em todo o quarteirão e aparecendo, teimosa, na outra esquina.

Maceió, 1977 — era o começo da grande missa do PIS.

— Seu moço, dá licença. Tenho que passar para bater o ponto...

Não, não dava. Muito apertado, explicou. Empurrei aqui, acolá e só com algum esforço consegui chegar ao portão. Urros. Gritarias. "Estão furando a fila!", reclamam.

Primeiro sacro mandamento da liturgia: a fila, esta é sagrada. Só mulher grávida ou de resguardo. Demais mortais, queiram se dirigir, por favor, para o final, pelas direitas, porque pelo outro lado é bem mais longe.

"Seu" Paulo não havia explicado que era assim. Reunira toda equipe, em dias anteriores, dera instruções cuidadosas, recomendações exatas, procedimentos adequados. E só. Não falou nos fiéis. Eu ainda era criança, não tinha sequer um ano de Caixa. Falavam-me do PIS como um acontecimento capaz de parar o trânsito na secular Praça do Montepio, Barão do Rio Branco em mármore, dedo em riste, apropriado, pedindo calma. Mas parar os carros em Maceió nunca fora sinal de grandes alvoroços. — Até bem pouco tempo, era bastante um cantor famoso se hospedar no velho Beiriz e a meninada toda atrapalhava o tráfego.

— "Seu" Paulo... Pagamento do PIS é sempre assim?

E ele ria, certamente lembrando de outros carnavais e consolava:

— Este ano, eles estão muito organizados...

Organizados na grande fila, os filhos do PIS aguardavam, enquanto o festival de vozes anunciava as atrações:

— Pipoca doce!

— Olha o amendoim cozinhado!

— Sorvete do bom!

— Pamonha e tapioca, quem vai querer?

Dentro do templo, ninguém iria permitir esses sacrilégios. Mas quem poderia impedir a multidão de vendedores, vendendo pequenas alegrias, espalhados pela rua?

Fascinada, ela tomava o sorvete. A roupa desbotada, manchada de barro, as mãos ásperas e tristes, olhos brilhantes com os mistérios deliciosos da grande cidade. Nunca alguém tomara sorvete com aquele jeito lúdico, quase deslumbrado. Haveria sorvete em sua cidade? O brilho do olho denunciava que viera dos matos, das brenhas, da grande floresta onde os sorvetes não existiam.

Fiquei no portão de entrada, boca de serpente, organizando o pessoal.

— Entrar, só de dez em dez... — avisara "seu" Paulo. Mais que isso era confusão na certa. Por um sistema de senhas, transmitido desde o grande altar até o vigilante, e deste para outro vigilante e, por fim, até a mim, chegava o sinal:

— Mais dez!

— Mais dez!

— Mais dez!

Separar mais dez era difícil. Onde ficava mesmo a boca da grande serpente?

— Eu sou o primeiro, eu sou o primeiro!

— "Mintira", que eu estou na sua frente desde as quatro da manhã!

Vão entrar os dois, não precisam discutir. Identidade e cartão do PIS, por favor.

Ficavam algo fascinados com o "por favor". Gente humilde, quieta, capaz de ficar inibida com o poder representado pela minha gravata, senha que me transformava automaticamente em "doutor".

— Você tem jeito de psicólogo, vai se sair bem recepcionando o pessoal...

"Seu" Paulo superestimava meu segundo ano de Psicologia. Mas eu torcia para ser designado para a linha de frente. Receber, orientar, informar datas certas e documentos necessários, que pagamento do PIS não é brincadeira.

— "Imagine se alguém vem aqui e recebe seu dinheiro, como é que fica? É por isso que tenho que lhe pedir documentos, para sua própria segurança". E ela não quer nem saber. Faz muxoxo, levanta a sobrancelha e garante que só sai dali se for para receber o seu dinheiro, mesmo sem nenhum documento. Rolam por terra todas as sociologias. "Gente humilde precisa ser tratada com respeito", avisara "Seu" Paulo. Falara bem e bonito, antecipando cuidados e atenções que precisariam ser tomados. Mas — e agora? Como convencer a velha cortadora de cana que não é possível receber o PIS sem documentos?

— Quero falar com o dono da Caixa! — bradou.

— Minha senhora, a Caixa não tem dono. Todos aqui somos empregados...

Não acredita e diz que vai fazer chegar aos ouvidos do dono.

Não posso descumprir os mandamentos. Sem documentos, ninguém. "Seu" Paulo tinha sido bem claro: "Fora da data de nascimento, nem pensar". — Os carnês sequer haviam chegado.

— "O PIS é como uma religião" — explicou ele. "Tem mandamentos, rituais e tudo precisa ser seguido à risca. Caso contrário..." — e não completava o verbo, insinuando no ar sabe lá Deus o que não poderia fazer o público. Mas não era muito difícil de imaginar. Centenas de cabeças, sol escaldante de Maceió, barulho e um grande prêmio final a que todos se arriscavam: o valioso rendimento do PIS, capaz de estampar no rosto mais sofrido um riso fácil, transbordante de alegria. Para um ritual assim, são necessários cuidados especiais ou a grande cerimônia é bruscamente interrompida. Indispensável tomar medidas de precaução, antever dificuldades, antecipar problemas.

E os sacerdotes pensavam com carinho em seus fiéis. Nenhum cálculo sobre o que a Caixa poderia ganhar. Nenhuma cogitação de se colocar uma abertura de poupança no grande altar de pagamento. Não. Nenhuma frase, nenhum cálculo, nada a ganhar. — Para os fiéis do PIS reservavam-se todos os altruísmos. Dias seguidos, sem nenhuma instrução expressa, todos haviam cuidado dos detalhes:

— "Seu" Paulo, é preciso uns bancos para o pessoal poder sentar.

— "Seu" Paulo, um dos sanitários não está funcionando, o pessoal do PIS vai ficar sem um banheiro...

— O bebedouro está sem gelar a água, "Seu" Paulo, é preciso providenciar o conserto...

Ah! A água gelada. Que fila fascinante, eterna, deslumbrada com o filete de água, fio misterioso de gelo naquele calor, milagre da tecnologia incompreensível para milhares de bocas sedentas, camponeses, cortadores de cana, operários, motoristas — povo do meu país.

De repente, a cobra coral abre a boca. Todos se afastam, respeitosos, quase mágicos, para uma operária grávida entrar no templo. "Pode entrar, a casa é sua". Agradece com um sorriso, como pedindo desculpas por modificar os planos da sacristia.

A sacerdotisa da Faculdade de Direito chama-se Marta. Pois "seu" Paulo era chefe da divisão, indispensável no gabinete e só ocasionalmente podia aparecer na Faculdade, ao lado do prédio da Caixa. Dona Marta cuidava de tudo. Enfermos, desesperados e desassistidos, todos pareciam conhecer a senha esotérica que abria as portas para todos os problemas:

— Quero falar com dona Marta..

— Onde é que está a dona Marta?

— Eu sou cunhado de dona Marta...

Dona Marta, tão solicitada, virou figura conhecida, freqüentava as conversas dos bares da cidade:

— Trabalha na Caixa? Conhece dona Marta?

Um dia, de fadiga e brincadeira, dona Marta deixou escapar o comentário:


Hélvio
1984

— Virgem Maria! Hoje estou mais solicitada do que santa...

Pegou. Virou Santa Marta do PIS, padroeira de todas as filas.

Paixão, estagiário travesso, não deixou por menos.

Havia uma caixinha de madeira, na qual se guardavam as solicitações de quotas do PIS. Todos os dias a caixinha peregrinava com os pedidos de retirada, ora na Faculdade, ora no prédio da Caixa. Era levada no braço, à semelhança de como os cristãos carregam a imagem da Virgem Santa pelas novenas. Pois, na tampa da caixinha, Paixão promoveu a beatificação particular de dona Marta com traços de caneta: uma mulher cercada por uma multidão de peregrinos, cartões do PIS em milhares de mãos e nome santo, em letras góticas. Um dia, apareceu uma oração, autor misterioso, que louvava suas graças: "Santa Marta, que estais no PIS, solicitado seja o vosso nome, venha a nós, às nossas filas, seja feita a vossa vontade, assim na Caixa como na Faculdade de Direito. O pagamento nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos impede o pagamento, não nos deixeis sair da Relação (*), livrai-nos do cancelamento. Amém".

Súbito, senti o volume no bolso, misterioso. Baixei a vista e reconheci as cédulas, frutos do sagrado pagamento do PIS. A operária grávida havia retornado e fazia questão de me oferecer dinheiro. Heresia capaz de promover excomunhão: nada mais injusto do que receber o seu suado dinheirinho. Argumentei e ela pareceu aceitar, relutante. Até que, encontrando-me distraído, sorrateiramente depositou o dinheiro em meu bolso e sumiu, num salto. Fui alcançá-la já na esquina da igreja e

(*) — Referência à "Relação Anual de Salários", RAIS.

a muito custo aceitou receber de volta seu dinheiro, seu moço.

11 horas, sol a pino, chega a primeira pagadora de promessas. Conta a sua história, mal se sustentando de pé. Havia caminhado desde Paripueira, quarenta quilômetros de Maceió, sol na cabeça. Não tinha dinheiro para o ônibus e nem em pensamento poderia agüentar a fila. Os pés descalços e manchados de estrada confirmavam sua história. "Não agüento, seu moço...".

E haja psicologia. Trata-se de um caso excepcional mas, se deixo entrar, a grande cobra vai se alvoroçar a nossa frente. Quando se está diante de uma multidão agitada, convém repensar todos os seus princípios humanistas. Única saída é falar com "Seu" Paulo, na Filial. E ele vai, solícito, buscar o carnê de pagamento dela, deixa por instantes sua sala, confere ele mesmo os documentos e efetua o saque. Quando a mulher vai embora, ele confessa seu segredo:

— É sempre assim. Todo ano, ela vem a pé.

Chega um pescador, uma corda de caranguejos pendurados, presente para dona Marta que atendera bem suas preces. Não pode aceitar, o regulamento da Caixa não permite. "Por que o senhor fez uma coisa dessas?, que trabalho!" — e ele fica com raiva. Código não escrito do povo do interior: presente não se recusa, é ofensa. Dona Marta explica, paciente, que fica muito agradecida, mas — imagine! — não pode receber sua oferenda. Com raiva e vermelho, o caboclo responde à ofensa, que não é homem de agüentar desaforo:

— Não vou voltar com isso pra casa. Se a senhora não aceitar, eu vou "sortá" esses caranguejos aqui no pátio...

No pátio interno da Faculdade, mesmo com a contagem dez a dez, reunia-se uma pequena multidão. Pátio

pequeno, pouco espaço, caranguejos soltos no meio do povo é uma ameaça de se quebrarem todos os vidros, de começarem o maior alvoroço — as filas, os velhos e as mulheres grávidas. Uma cobra contorcendo em dor. Entre o medo e o dever, os caranguejos terminaram ficando no PIS.

— Meu Deus do céu! O que é que faço agora com esses caranguejos?

À tarde, foram presenteados a um crente, cujo PIS, alegava ele, havia sido transferido para uma outra cidade, outra viagem, outros dinheiros.

Mas nem só de folclores se movia o PIS. Havia as histórias tristes, os dramas humanos. O filho de dona



Hortência morreu no cais, seu moço, espremido entre o navio e o paredão de pedra. Homem bom de braço, sustentava a mãe com o suor despejado numa transportadora que, por pecado, não cumprira a lei dos homens nem a de Deus e não inscrevera o Zé Maria no PIS, como de direito. E dona Hortência, que só lhe tinha o filho, se arrastava desesperada, com a herança do PIS, que não iria receber.

Por um desses milagres, dessas estranhas coisas que modificam as empresas e os homens, a Caixa se incumbiu de ressarcir o pagamento, mesmo para os trabalhadores esquecidos por suas empresas. Para receber o PIS, é preciso cadastramento e inclusão, que RAIS é coisa séria, seu moço. E à Caixa, coube-lhe a tarefa de refazer os PIS esquecidos, fosse pouco a tarefa de administrar aquele fundo, que — orgulho do "seu" Paulo — era o maior no mundo inteirinho. Ressarcimento do PIS — "Virge Maria, seu moço! Que nome é esse?" — nasceu assim.

Mas dona Hortência não podia andar. Imagine, procurar transportadora lá pelos cais de Jaraguá, não tem cabeça nem pernas pra fazer isso, doutor, que os anos passam rápidos e o pensamento fica atrás. Bem que queria receber seu dinheiro, juntar os panos e morar com a irmã na Serra da Barriga, três léguas depois de União. Mas podia andar, sem leitura, cansada e daquele jeito?

Dona Hortência tinha que receber seu dinheiro, PIS de direito, do filho que morreu espremido entre o navio e o paredão de pedra. Ninguém disse nada e nem foi preciso. Ofício pronto e assinado, sacerdotes e coroinhas se prontificaram para a tarefa. Hoje vai o Hélio, que a fila não está muito grande. A estagiária Alzira mora na Pajuçara, bem pertinho de Jaraguá — pode fazer um esforço, avisa. "Faltou a Carteira de Trabalho, dona Hortência. Sem ela, nada feito". E lá vai o Augusto com dona Hortência, que o ressarcimento é demorado e o processamento nem é feito em Maceió. E pouco a pouco faz-se o milagre, o mais simples deles e o mais belo. Milagre que faz o

homem ser sensível às lágrimas de seu semelhante, comover-se com seu sofrimento, deixar-se tocar por sua dor.

Não está nos regulamentos, mas foi assim que o pessoal do PIS resgatou o PIS do Zé Maria, filho finado de dona Hortência. Processo longo, demorado, cheio de teclas, teclados, tecnologia. Muitos dias passados. Quando a beata dona Hortência recebeu a lista dos computadores com o nome do finado e os cifrões, apareceu na Caixa para que algum santo lhe decifrasse aqueles sinais. Lembro do seu rosto, cansado rosto brasileiro, de anos e trabalhos, lágrima caindo por entre as rugas. Nunca fui capaz de esquecer sua voz:

— Que Deus abençoe a Caixa Econômica...

Nas filas do PIS, ainda acontecem os milagres.

Que Deus abençoe!

PALMARES, PALMÁRIO, PALMÉRIO E POUPANÇA

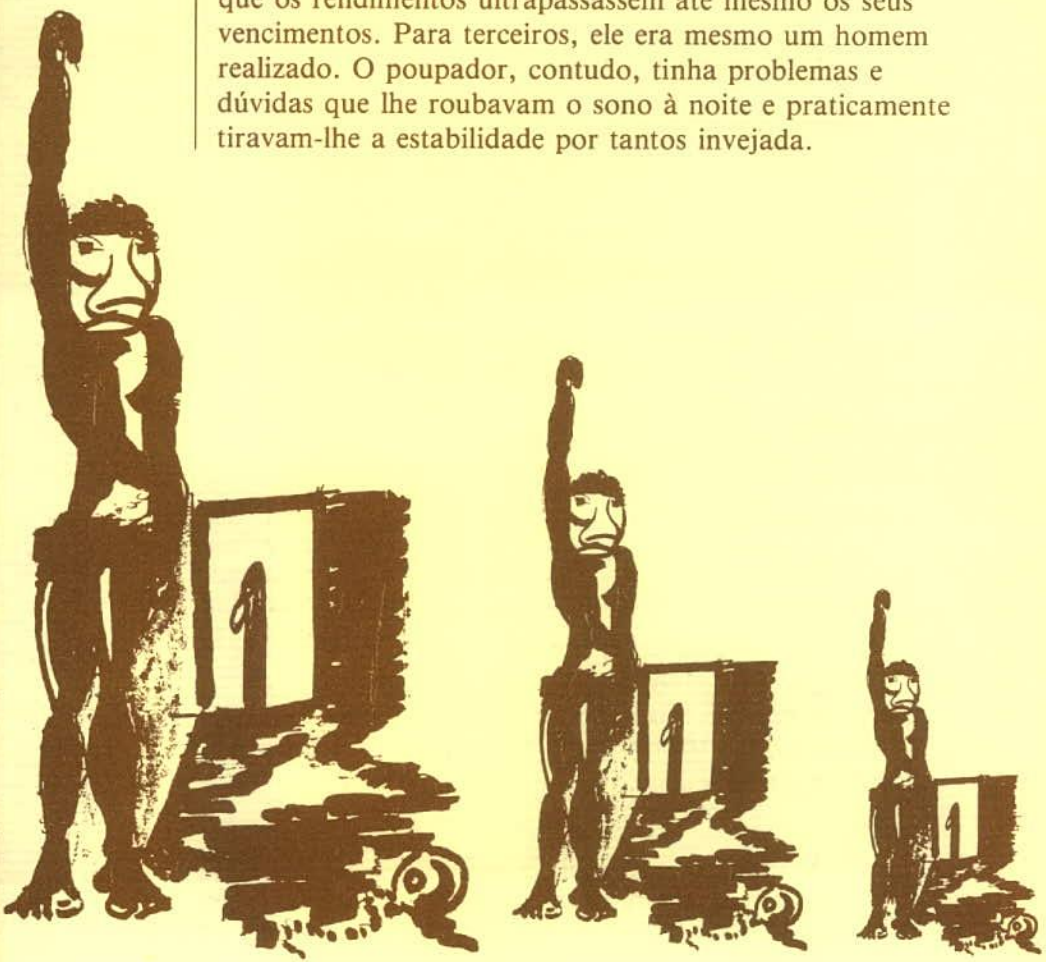
FLORIVAL DE ASSIS PEREIRA



Natural
de Bonança,
município de Varzelândia (MG).
30 anos, Florival Pereira é formado em Direito pela Faculdade de Montes Claros, tendo na forte ligação com o interior de Minas a peculiaridade de sua criação literária.

Além de seu trabalho na CEF, atua em Paracatu como redator e colaborador dos dois jornais locais e repórter de rádio. Em razão das suas vivências, Florival prefere escrever o que denomina "literatura do dia-a-dia", exercitando o jornalismo. Ele procurou com este primeiro conto — **"Palmares, Palmário, Palmério e Poupança"** *— "dar ênfase à luta dos negros pela liberdade, registrando a participação da Caixa na libertação dos escravos".*

À primeira vista, tudo corria bem para aquele homem elegante naquela manhã de sol. Palmério acabava de abandonar o guichê da Caixa Econômica Federal, deixando depositada uma quantia considerável, embora não fosse astronômica nem mesmo para os menos afortunados da sorte. Só que, com aquele depósito, um ato sistemático de economizar, ele acabara de incorporar mais uma parcela às suas reservas pessoais e familiares. A sistematicidade de "guardar alguma coisa" havia feito com que a conta dispusesse de um saldo suficiente para que os rendimentos ultrapassassem até mesmo os seus vencimentos. Para terceiros, ele era mesmo um homem realizado. O poupador, contudo, tinha problemas e dúvidas que lhe roubavam o sono à noite e praticamente tiravam-lhe a estabilidade por tantos invejada.



A verdade é que Palmério, ao deixar o guichê, levava um sorriso nos lábios, sem que o caixa pudesse definir até que ponto o seu sorriso era triste ou alegre. Ele acabara de praticar um gesto heróico e altivo, uma vez que, na sua concepção, aquilo que juntava jamais serviria a ele próprio. Iria, isso sim, amparar a sua esposa, futuramente viúva sem filhos. Uma mulher que depositara todas as suas esperanças e anseios naquele negro simpático, inteligente e cortês. Mas que não tivera, até então, a oportunidade de ter um filho do homem amado. Palmério estava convicto de que o problema tinha raízes bastante profundas, seculares, quase divinas, e, para o seu desalento, acreditava ele que era um caso irremediável...

— Meu filho jamais nascerá, mas minha esposa poderá ter os seus filhos quando eu pertencer ao mundo dos mortos. Sinto que isso não tardará — pensava amargurado e, ao mesmo tempo, com uma resignação estóica.

O drama de Palmério começou quando passou a pesquisar e decifrar as coisas. As pesquisas relacionadas às suas origens foram despertadas por um programa de televisão, retrocedendo dezenas de anos e ultrapassando várias gerações. A decisão de instituir poupança metódica teve como base atitude mais ou menos idêntica, adotada pelo seu tetravô e quase xará, de nome Palmário, por volta de 1874. Seu ancestral, mais de um século atrás, aproveitara o Decreto Imperial 1593, de 18 de abril de 1874, que autorizou a instalação de Caixas Econômicas com seus "Montes de Socorro" nas províncias. Reunira suas economias e depositara na Caixa com a intenção de conseguir a "Carta de Alforria", uma vez que ainda imperava no Brasil a escravidão negreira. Ele era um negro...

Seu tetravô fora um homem inteligente, inexplicavelmente culturalizado, embora sofresse restrições violentas por isso. Poupara para comprar a liberdade, visto que os seus

filhos eram livres, pois nasceram após a Lei do Ventre Livre promulgada em 1871, que concedeu liberdade para filhos nascidos de escravos. Poupando, ele conseguiu libertar-se dos grilhões históricos. Passou a ser um negro respeitado que transmitiu aos descendentes profecias e conhecimentos que remontavam à época do seu tetravô. E esses conhecimentos, sempre transmitidos de geração a geração, eram o drama de Palmério já nos tempos modernos. É que, dentre os diversos ensinamentos do tetravô do seu tetravô, um homem que herdara a sabedoria do Quilombo dos Palmares extinto em 1695, havia uma profecia: "O TATARANETO DO MEU TATARANETO TERÁ O NOME DA TERRA DA LIBERDADE E SERÁ O ÚLTIMO DA NOSSA RAÇA".

A terra da liberdade à qual fazia referência o tetravô do seu tetravô era o Quilombo dos Palmares — descobriu Palmério. O seu nome quase coincidia (coincidência?) com o autêntico país negro que existiu de 1630 a 1695, ocupando cerca de 400 quilômetros quadrados dos atuais estados de Pernambuco e Alagoas, até capitular diante das tropas comandadas por Domingos Jorge Velho. Querer que os nomes fossem idênticos era exigir demais, pois pequenas divergências podem ser constatadas até mesmo nas célebres profecias de Nostradamus contidas nas suas "Centúrias". Mas a previsão ganhava força para o nosso homem moderno a partir do momento em que observava a esdrúxula coincidência de datas, quase todas finalizadas pelo número "4". E também pela coincidência cultural e quase genética: o primeiro da estirpe fora inteligente; seu tetraneto, também; por fim, Palmério, tetraneto do tetraneto, era dotado de inteligência singular, formando uma cadeia de negros sábios, intercalada por ascendentes ou descendentes que jamais procuraram ou conseguiram a libertação pelo saber.

Em suas pesquisas, Palmério descobriu que tudo começou com Gangazumba, homônimo do primeiro rei de

Palmares. Em 1754, num período extremamente crítico da escravidão negra, nascera o filho de Gangazumba, cujo nome não foi encontrado na pesquisa. O filho desse anônimo (e portanto neto do primeiro da estirpe), veio ao mundo em 1794, recebendo o nome de Zambão.
De Zambão nasceu Zaqueu (1814) que, por sua vez, foi o pai do trineto de Gangazumba, nascido em 1834 e que recebeu o nome de Zumbi, em homenagem ao grande líder de Palmares. Coube a Zumbi ser o pai de Palmário. Nascera Palmário (1854), tetraneto de Gangazumba, cumprindo-se, assim, o primeiro ciclo da genealogia negra.

O segundo ciclo começou com o inteligente Palmário. Seu filho nasceu em 1874, já sob o advento da Lei do Ventre Livre, datada de 1871. Não herdou a inteligência do pai e nem procurou poupar pensando no futuro. Morreu na miséria, livre legalmente, mas escravo da sua condição social. Deixou apenas seu filho e neto de Palmário, batizado com o nome de Joel (1894). Joel poderia ter tido amplas chances de vencer na vida pois, se não herdara do pai, poderia ser sucessor do seu avô na sabedoria. A esse fato junta-se outro de singular e marcante importância na História do Brasil: se Joel nasceu em 1894, o seu nascimento deu-se após a promulgação da Lei Áurea, datada de 13 de maio de 1888. As pressões financeiras e sociais da época, contudo, fizeram com que os escravos continuassem escravos.
E foi nesse clima que nasceu Manoel (1914), já no século XX e que, por sua vez, gerou Joaquim Preto (1934).
Por fim, chegamos a Palmério, filho de Joaquim Preto, vindo ao mundo em 1954.

Palmério analisava a sua ascendência e concluía: não só devido aos dispositivos legais, todos foram escravos. Uns, por definição pura e simples da lei; outros, porque não lutaram ou não puderam arrebentar as amarras que tolhiam a sua liberdade. Analfabetos, agrilhoados, sofridos, imolados sociais, todos seguiam para onde

determinassem seus senhores no passado distante, seus patrões num passado recente. Que diferença real poderia haver? Todos escravos, na verdadeira acepção da palavra! Como exceções, apresentavam-se ele próprio; seu tetravô Palmário; e, de certa forma, o tetravô deste, o profético Gangazumba. E o pior é que latejavam em sua mente os dizeres do primeiro da estirpe: "O TATARANETO DO MEU TATARANETO TERÁ O NOME DA TERRA DA LIBERDADE E SERÁ O ÚLTIMO DA NOSSA RAÇA".

Vaticínio maldito, pensava Palmério. Aquele negro tão distante, no batuque infernal das senzalas, conseguia delinear os seus passos em pleno transcurso da era espacial. Se era assim, se a influência era tão sábia e irresistível, só restava volver as vistas ao passado e seguir o exemplo do seu tetravô que, poupando na Caixa, nos idos tempos dos "Montes de Socorro", conseguira a sua alforria. Isso poderia vir a ser de suma importância para aquela mulher que lutava e sofria (mas que apesar disso sorria) ao seu lado. É certo que ele tentara gerar um filho, mas jamais conseguiu "acertar na veia". A esposa insistia para que fosse a um médico, mas Palmério nunca admitiu tal idéia. Afinal, acreditava piamente que as linhas mestras do seu destino tinham sido traçadas muitos anos atrás. A sua esterilidade fora profetizada, e era impossível para os filhos da terra romperem as leis ditadas por poderes terríveis, dos quais seu distante ancestral teve conhecimento.

A prosperidade conseguida poupando, por si só, não foi suficiente para solucionar o seu drama pessoal. É bem verdade que o saldo médio facilitara o financiamento da casa própria, agora quitada. Mas o fantasma da esterilidade rondava seus sonhos à noite. É, pensava consigo, o veículo, a casa e o diploma de curso superior — conseguido através de anos de estudos financiados pelo Programa de Crédito Educativo — não foram suficientes para que uma felicidade completa reinasse no lar. Afinal,

casa sem filhos é uma casa vazia. Um homem casado que passou pela vida sem deixar quem perpetuasse o seu nome não pode ter sido realmente feliz... Paciência, não pude!

Tantos e tão insistentes foram os apelos da esposa que, um dia, Palmério resolveu ir ao médico.

— Escute, doutor, o meu problema é mais sério do que pode supor a medicina. Ele tem raízes profundas, seculares. Estou aqui apenas por insistência da minha mulher, mas sei de antemão que o senhor não poderá fazer nada...

— Você pode até estar certo, mas o meu dever profissional é tentar resolver o caso. Depois dos exames comprovaremos o acerto ou o erro das suas afirmações — disse o médico.

Convencido de que o cliente precisava também de um lenitivo para a alma, o médico conversou bastante. Explicou que a esterilidade em pauta poderia advir de "Hipospadia", uma deformação do órgão genital que faz com que o sêmen masculino seja lançado em parte pouco profunda do órgão genital feminino. Como segunda alternativa, apresentava-se a possibilidade de decorrer de deficiência hormonal, ou seja, os hormônios masculinos não eram suficientes para provocar a reprodução. Havia ainda uma terceira hipótese, a de que a infertilidade decorria de "Varicocele" que, em outras palavras, são varizes nos testículos. Confirmada a "Hipospadia" ou "Varicocele", o problema poderia ser perfeitamente resolvido através de cirurgia. Se houvesse deficiência hormonal, tratamento à base de injeções de "Testosterona" seria a solução.

Ainda cético, Palmério aceitou fazer os exames que comprovaram deficiência hormonal. Durante cerca de dois meses, tomou injeções de "Testosterona". Pouco tempo

depois, um caso novo aparecia em seu lar: sua esposa não parava de vomitar, exigia que ele e seus amigos fossem fumar no quintal, pois não suportava o cheiro do cigarro, e exigia alimentos incomuns no seu dia-a-dia. Para completar, como se fosse um capricho, enjoava de tudo, inclusive dele, mas esse período era singularmente saudável. Afinal, eram "os desejos", a sua esposa estava grávida, o que poderia ser o começo ou o fim de tudo. Quem sabe?

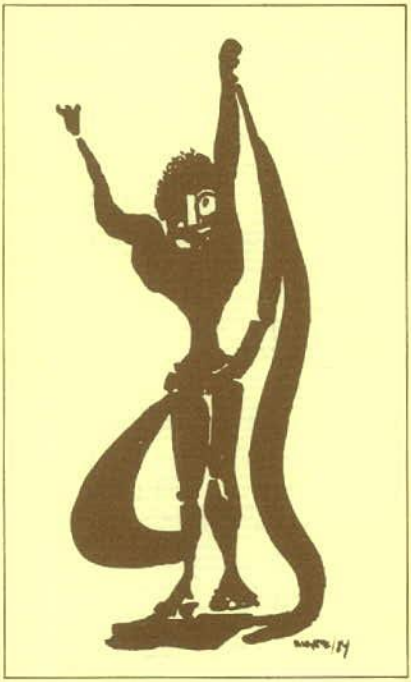
Palmério lutou até o limite das suas forças para que o filho nascesse, embora o temor da profecia ainda rondasse seus pensamentos na calada da noite pois, conforme o vaticínio de séculos atrás, ele seria o último daquela raça ou família. Meses depois, uma surpresa mesclada de lágrimas e arrebatamento fez com que explodisse o seu coração: nascera, e em perfeitas condições de saúde, o seu primeiro filho. Estava rompido o elo maldito que tanto angustiou seu coração, que tantas e tantas conturbações levou à sua mente, que em tantas noites roubou o seu sono e rondou seus sonhos. Preocupação? Nenhuma, pois os recursos familiares haviam sido depositados na Caixa durante os anos de sofrimento e desespero. E Palmério correu de novo às pesquisas...

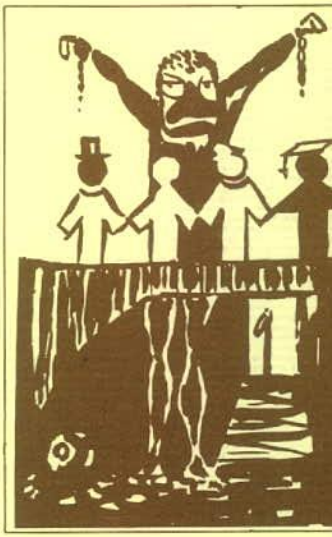
Pesquisando, descobriu que o destino não era tão fatal quanto aquilo que descreveu Gabriel García Marquez em "Cem anos de solidão" para uma família de Macondo. Descobriu também que as profecias, às vezes, têm um sentido figurado. Na verdade, o tetravô do seu tetravô fora escravo e, sendo inteligente, previra que os seus descendentes também o seriam. O seu tetravô (e tetraneto de Gangazumba), o negro Palmário, vira os rumos que tomaram os seus descendentes, concluindo que inevitavelmente seriam escravos, não da lei, já que os movimentos abolicionistas varriam aos poucos a escravidão do Brasil, mas da sua própria situação social. Palmério concluiu, por fim, que aquela criança que nascia

desvendava todo o mistério gerado por uma interpretação errônea da profecia e praticamente confirmada por coincidentes problemas de ordem biológica. Em sua prosperidade e dado à sua condição sócio-econômica, ele não seria o último elo que poria fim à raça daquela família negra, mas à **"raça"** dos escravizados pelas leis ou pelas circunstâncias.

A raça de toda aquela genealogia negra estava mantida. Mas, através da poupança, da sabedoria libertária e do conhecimento, estava para sempre extinta a **"raça"** de escravos ou escravizados...

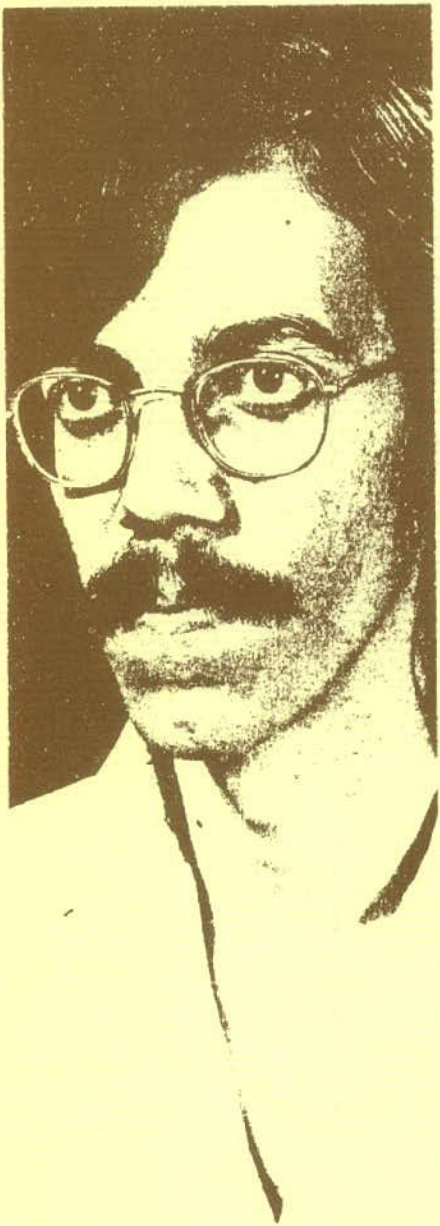






FECHAMENTO

JOÃO BATISTA MELO DOS SANTOS



Mineiro de Belo Horizonte, 24 anos, João Batista é comunicador social e crítico de cinema do jornal "Estado de Minas", além de atuar no Conjunto Cultural da Caixa naquele estado. Tem na literatura uma atividade bissexta e embrionária, dedicando-se muito mais ao cinema. Foi diretor e roteirista do curta-metragem, em 16 mm, "A Quem Possa Interessar" (selecionado para os festivais de Bilbao, Niterói e Salvador) e técnico em diversos outros curtas. O conto presente nesta coletânea, **"Fechamento"** *— um exercício do realismo fantástico —, "é a continuidade de outros trabalhos anteriores em literatura e cinema, refletindo sobre temas como o tempo, a velhice, a mudança..."*
Da percepção desses elementos, permeando a realidade de pessoas com as quais cruzava na Caixa, foi que criou o conto.

Antônio tinha frio. Apertou-se mais de encontro à mesa, protegendo-se com a pilha de relatórios saídos do computador. As pessoas circulavam pela sala, indiferentes ao ar glacial que parecia descer do teto, uma chuva seca e invisível.

Aqui e ali, os carpinteiros martelavam as paredes da agência. O som ia e vinha, reciclado em meio aos estalidos das máquinas, ao zumbido frio e eterno dos aparelhos de ar condicionado. Antônio levantou-se, atravessou a fileira de mesas, diminuiu o volume do ar. A chuva parou suspensa no espaço, depois subiu e dissipou-se, dando lugar ao vento morno que vinha da rua.

— Liga isso aí, seu Antônio!

Antônio sorriu e correu os olhos até o menino sentado perto do gerente. Era um menino. O rosto liso sem marcas de vida, o cabelo escuro e cheio ajeitado para um lado, a gravata de crochê pendente sobre o peito.

— Tá bom! Hoje pode, seu Antônio! — retificou-se o menino.

A porta do banheiro produziu um estalo ao se fechar. Antônio deixou a agência para trás. O burburinho de

clientes e empregados cruzando-se no balcão, nas filas dos caixas, nas duas cadeiras geometricamente pousadas diante da mesa do gerente, converteu-se num eco distante, apenas um arranhão invisível na madeira da porta. Antônio estava sozinho.

Parou um pouco defronte do espelho pontilhado por pingos de água que agora escorriam pelo vidro. Alguém continuava a sacudir as mãos ao invés de secá-las na toalha de papel. Antônio não compreendia porque se recusavam a fazer algo tão simples. Bastava segurar a ponta do papel e ela descia docilmente, desenrolando-se dentro daquela caixa branca de lata. Lembrou-se das velhas toalhas de pano, colocadas no ganchinho atrás da porta, que todo dia dona Vera vinha buscar para lavar.

Girou a torneira. A água correu, empoçou-se em suas mãos, depois vazou por entre os dedos e rodopiou em volta do ralo, enquanto ele curvava o rosto, deitando as rugas na umidade que lhe restara nas mãos. Tremeu ao contato frio.

— Acho que agora acordo — sussurrou para o espelho.

Ainda tinha sono. O cansaço parece que se tornara um componente de seu corpo. Assim como havia dois olhos verdes em sua face, assim como havia as batidas cada vez mais espaçadas e reflexivas em seu coração, ele carregava o cansaço nos músculos e na mente. Chegava a hora de parar.

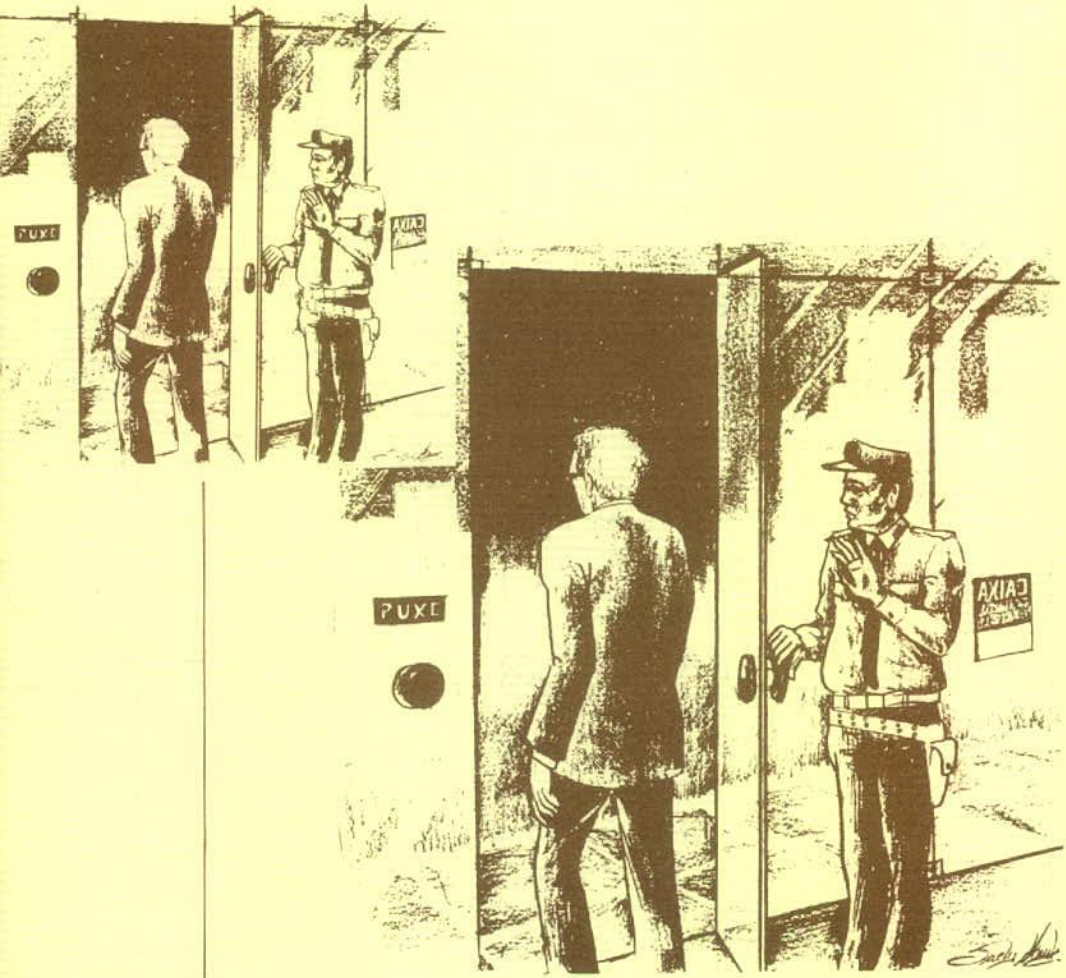
Por baixo da porta ainda entrava o zumbido das vozes e das máquinas lá fora. O agitar frenético das mãos, dos olhos e dos cérebros, somando, carimbando, pagando, escrevendo. Era um som lento e contínuo, como o som do vento correndo por uma fenda na pedra ou como o murmurar de um coro gótico.

O som cresceu, subiu e desceu de súbito sobre Antônio, que caminhou devagar para sua mesa. Alguém estava parado ali ao lado. Devia ser uma das empregadas recém-admitidas. Ele não se lembrava do nome. Demorava a guardar nomes novos, os papéis novos, as regras novas. E o gerente, às vezes, convidava-o para um café durante o qual lhe falava pela quarta, quinta, sexta vez, que as instruções foram mudadas, não era mais aquela a forma de se preencherem os formulários. Antônio memorizava, repetia para si um milhão de vezes; sabia que as mesas vizinhas o observavam de soslaio enquanto repetia baixinho, os lábios em reza sussurrada, guardando os novos códigos, os valores alterados. Mas, de repente, o tempo voltava. Numa lufada repentina os ventiladores paravam, as saias rodadas e os terninhos frouxos substituíam o estranho azul das calças jeans, as máquinas elétricas se despiam e sobravam teclas arredondadas, soltas no meio de um esqueleto de ferro negro. O tempo se enfiava pelas bobinas das calculadoras, pelas gavetas de madeira escura. E Antônio era levado ao café pelo gerente que, sorrindo, lhe explicava tudo novamente. Antônio recomeçava.

— O senhor vai sentir falta, não?

A empregada recém-admitida sentara-se numa cadeira ali perto. Antônio às vezes se desorientava ao cruzar pela agência com aqueles rostos em formação, como frutas verdes colhidas antes do tempo. Não que tivesse algo contra qualquer um deles. Houve épocas mesmo em que ele sentia sem sobressaltos a agência rejuvenescer ao seu redor. Alguém se aposentava, outro era transferido, e as pessoas se alternavam, sempre mais jovens, mais jovens. Mas já fazia alguns meses que Antônio se imaginava uma ruga plasmada nas novas paredes, nos letreiros luminosos. Assim ele percebera que chegava a hora de partir.

— A gente acostuma.



— Faz muito tempo?

— Quando a Guerra acabou. Foi uma época boa... Eu estava começando um emprego novo... parecia que o mundo também começava um caminho novo...

Antônio moveu a cabeça. Fitou a superfície reluzente dos arquivos, correu os olhos pelas mesas, pelas máquinas

tocadas e premidas como acordeons, a música jorrada em cliques-claques nas fitas que se desenrolavam em fina cascata rumo ao chão. Os carpinteiros ainda batiam e aparafusavam, plantando divisórias pela sala. Justapostas, elas iam-se espalhando em zigue-zague, moldando novas feições para a agência. O tempo continuava.

— É como se eu pudesse ver reunidos todos os móveis, todos os papéis preenchidos e por preencher, todas as pessoas, toda a vida que passou diante dos meus olhos em cada um desses anos...

Antônio olhou para o rosto da mulher.

— Ela é como uma árvore na qual você está pendurado; uma maçã que era verde, depois vermelha... Eu sei que isso pode parecer sentimental demais — Antônio sorriu — mas acho que eu sou sentimental. Um dia, daqui a vinte, trinta anos, você vai poder perceber a seiva que corre por essas portas, essas paredes, indo e vindo nos malotes todos os dias...

Quando as portas da agência foram fechadas, a luz do sol se coalhou numa penumbra transparente. Do teto, foi a luz metálica das lâmpadas fluorescentes que mostrou as máquinas sendo cobertas, os papéis instalados nas gavetas, os empregados correndo e se reunindo, numa coreografia ansiosa, em torno da mesa de Antônio. Um bolo coberto de neve passou de mão em mão até pousar no centro do círculo. O gerente cruzou os braços e sorriu tenso.
O menino de gravata, que se assentara toda a tarde à sua mesa, deu um passo adiante e falou. Foi solene o silêncio dos outros. Ninguém mais conseguiu que as palavras ultrapassassem o nó travado na garganta. Exceto Antônio.

— Eu só queria pedir que vocês não ficassem tristes por minha causa... Confesso que é melancólico ter estado, ter feito, ter sido... Mas eu não estou triste... Verdade!

O silêncio se tornou mais espesso.

— Porque algo vai mudar quando eu sair por aquela porta hoje. E enquanto se muda é porque se está vivo. Eu estou vivo... E ainda quero viver...

Através da janela, Antônio viu a tarde escorrer pelo ar, cedendo mais e mais espaço ao negrume da noite. Por fim se fez realmente noite. E os empregados partiram, depois de festejarem Antônio por um longo tempo.

Ele queria ser o último a sair. Desejava caminhar pela agência, conferindo os plugs fora das tomadas, os documentos guardados, as portas e janelas lacradas. Fizera aquele percurso solitário um milhão de vezes. Nunca encontrara nada fora do lugar. Mas agradava-lhe o ritual de ver o vazio ocupar aqueles espaços onde as manhãs e as tardes fervilhavam de sons e movimentos.

Puxou uma a uma as gavetas da escrivaninha. Procurou novamente entre os papéis algo de seu que ali ainda estivesse. Apanhou uma velha gravata amarrotada e colocou-a no bolso do paletó. Depois deslizou as gavetas para dentro da mesa. Girou a chave bem devagar, percebendo nos dedos a lingüeta se encurvar e penetrar fundo na madeira, vedando-lhe em definitivo aquele espaço. A mesa não mais lhe pertencia.

Atravessou a agência centímetro por centímetro. Acendeu e apagou cada interruptor, destrancou e outra vez trancou cada porta, cada armário. Se não fosse já tão tarde teria colocado todos os formulários no cilindro da máquina de escrever e os preencheria um por um. Naquele longo minuto não restou em sua mente nenhum processo sem ser despachado, nenhum cheque sem ser compensado. Fez e refez trinta e cinco anos num único momento.

Bebeu um copo de café e, em seguida, começou a partir. Caminhou lado a lado com as divisórias que os carpinteiros largaram ali, retalhando a agência em mil compartimentos, lavrando corredores onde antes havia somente a planície de mesas e arquivos. Dobrou uma esquina, parou numa saleta que não estava lá pela manhã. Saiu, avançou por uma porta entalhada na divisória e parou em outro cômodo. Pilhas de relatórios entulhavam um canto, enquanto em outro postava-se uma porta entreaberta.

Antônio entrou e saiu, andou e andou. A agência era agora um labirinto. Apalpou as paredes escorregadias do eucatex. O ar respirava, exalando uma névoa invisível que apenas os olhos cansados de Antônio percebiam. A luz parda das lâmpadas, lançada de encontro ao vazio e ao silêncio de máquinas paradas, de móveis quietos, de papéis adormecidos, parecia desaparecer antes mesmo de chegar ao chão. Simplesmente dissolvia-se no ar, absorvida pela noite que entrava pelas janelas, vistas por Antônio entre uma porta e outra.

Antônio se perdera. Uma metamorfose possuíra a agência no decorrer do dia. As paredes se enrugaram, contorceram-se e criaram novas divisões. Como sementes lançadas no piso sintecado, as divisórias cresceram e ocuparam o espaço ao redor de Antônio. Ele não sabia como sair. Pensou em gritar por socorro. Mas a imagem o perturbou: não queria ouvir o próprio grito, assim tão desconexo e deslocado. Preferiu atravessar mais corredores, abrir e fechar mais portas.

Parou, cansado. Se ao menos localizasse de novo a sua mesa, poderia recomeçar a partir de um ponto conhecido. Mas havia somente formas estranhas se entrelaçando à sua frente. Ouviu livros caírem ao chão após sua passagem. Não os apanhou. Com as mãos guardadas nos bolsos do terno, andou sempre mais rápido até que uma passagem o

levou à saída. Antônio respirou longamente. Retirou as mãos dos bolsos, ensaiando os mesmos passos, o mesmo ir e vir compassado dos braços com que atravessara, em dez mil dias, aquela grande porta de vidro. Observou o vulto do guarda, recortado contra a luz amanteigada dos postes lá fora.

Passou pela porta sem hesitações. Não havia o menor tremor em suas palavras quando deixou a voz penetrar o silêncio da agência:

— Até amanhã!

O guarda respondeu com um aceno de mão. Ainda por muito tempo ouviu os passos de Antônio estalarem no asfalto da rua.

UM CONTO DE NEGRO

JOSÉ AUGUSTO MAZUCO

amentar, nunca mais. Mas conto, que só assim sinto satisfa de poder desabafar, em confidência, que com isso, nesse meu proceder, espero denunciar que o mundo deste Deus passou, sim, um tempo de desinfelicidade.

Posso lhe facilitar sua lembrança, meu "sinhô", mostrando a chaga que ainda vive no meu corpo, e para isso é só descer este molambo, vê? Debaixo deste pano a cicatriz fala por si, está aí, nas minhas costas, apenas sinto e não vejo, e, como sinto, ainda parece coisa feita de recente, ainda sangra.

Peço socorro não, "seu dotô", e o mais agora digo: eu era posse de um senhor Bartolomeu. A Casa Grande era pequena pra abrigar a empáfia dele. Parece que vejo seu grosso e anelado bigodão, ele cofiando os pelos, chapéu abudo caído nos olhos, assuntando muito pra dar as ordens. Vejo através destes meus olhos também a sua senhora dele, minha ama, santa de mulher, que ali sob o mesmo teto conviviam ela-Deus, ele-Diabo, mas viviam.

Mundo vira, "meu sinhô", mundo evolui, e isso a gente também fomos sentindo, percebendo que lá nos terreiros da fazenda tinha coisa nova no ar. Quem trouxe pra nós tal sensação foi Antoninho de Jesus. Ele sabia das coisas, vivia fugindo do eito, apanhando de rebenque, mas nas fugidas ficava conhecendo as novidades, de modo que os desejos de nós todos, e a nossa vontade mais profunda foram caminhando pra um ponto só, "seu dotô".
Digo que não passou uma semana pra que a gente toda se entendesse só com um olhar, uma munganga só.

Não durou muito, não, esse estado de coisa, que a capangada do "seu" Bartolomeu descobriu tudo, toda a trama, e depois disso muito preto eu vi com este meu olho morrer e ser levado por bangüê. Outros vi que resistiram, com muito banho de salmoura depois de padecer no tronco, debaixo de azorrague. Nunca vi tanta absurdez.

Dava até antojo de ver, capataz não se apiedava, não. Entre esses infelizes que pagaram com a vida estava também o Antoninho de Jesus, aquele amigo nosso de todos que vivia a fugir pelos aceiros, pra depois trazer notícia fresca.

Eu por mim tinha a Mercês, uma bela de muleca que me albergava em seu coração dela, uma preferida da "sinhá-dona", que era fazedora de quitute pra toda a família da Casa Grande. A gente se gostava muito um do outro, se encontrava na Senzala, sob a chama da candeia, ouvindo a cantoria dos malungos. A gente queria ser negro forro, pra isso ela estava juntando dinheiro em Monte de Socorro, lá guardava os nossos tostões, a gente ia guardando aos poucos, amouxando, pra depois berganhar com nossos donos a liberdade... A Mercês tinha quengo, "meu sinhô", se tinha! Ela era mucama de um sinhozinho, tinha suas liberdades, não carecia de viver no meio de inhaca e do lubambo. Era faceira debruçada em seus quindins, em seus quitutes, quando não dando ensinamento aos curumins, livrando-os do Quibungo:

"Com Deus me deito, com Deus me levanto,
Com a graça de Deus e do Espírito Santo".

Isto é que ela ensinava, sim, na sua prosa de acalanto. Outras vezes fazia que nem akpalô, contando história. Em mim ela fazia era um cafuné, naquelas tardinhas de-após muito trabalho no eito, enquanto eu acendia cachimbo com minha binga, ficava pitando, assuntando muito amocambado nos meus quilombos de dentro. Do seu corpo dela recendia água-de-cheiro, "seu dotô". Negra limpa 'tava' ali.

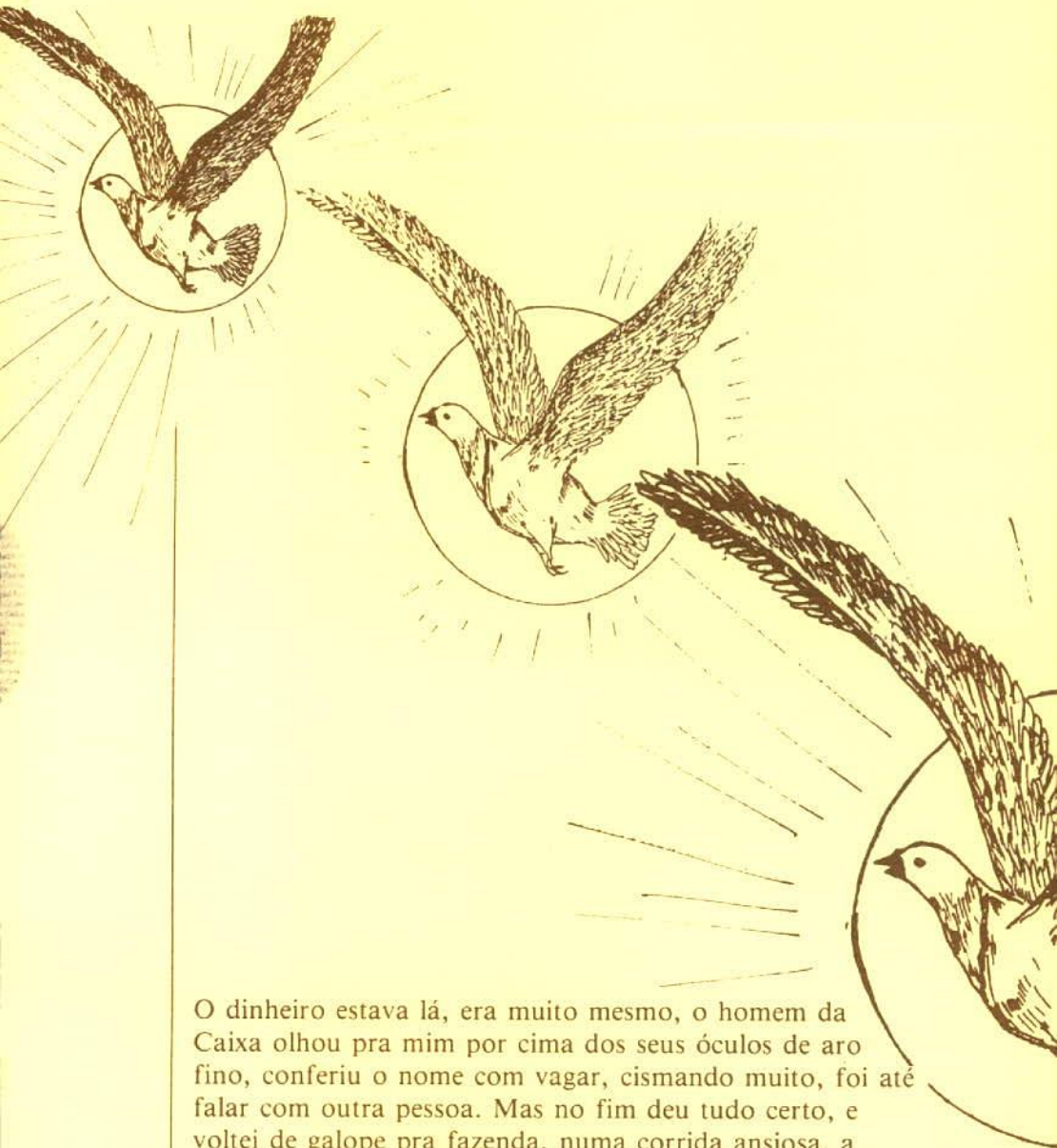
Mas porém a sina da gente não deixou isso prolongar, a tragédia aconteceu quando o dono dela descobriu suas vontades e sombreou nosso futuro. Mandou fustigar a moça com o açoite e a coitada não resistiu: morreu calada, sem a denúncia pretendida.

O que fiz eu, "meu sinhô"? Entreguei-me ao banzo, não. Tesconjuros! Não podia me acoquinar, isso não. O causo serviu pra reforçar minhas idéias e meus desejos de alforria. Jurava que um dia dono meu não ia mais me acoimar, não, eu tinha urgência de romper aquele meu grilhão, estava disposto mesmo a me abandar com outros da minha cor, que sofriam o mesmo destino ingrato.

Por outro lado pensava também naquela quantia guardada em Monte de Socorro, nem sabia seu montante. A Mercês conseguira juntar muito, devia chegar a um conto de réis, suficiente pra dois deixar o cativeiro. Isso ela fazia quando saía com sua dona. Sinhá, de olho grosso, deixava ela ir depositando lá naquela casa grande e vistosa que era conhecida também por Caixa Econômica. A Mercês falava sempre disso, dessa Caixa, tinha muita esperança nela porque sabia de outros causos. Muito negro vinha ali guardar economia pra um dia poder ganhar carta do seu dono.

Mas continuo a lhe contar, "meu sinhô", que a Mercês não estava mais ali; ficara só sua lembrança. Eu tinha que me escafeder, dar uma fugida pra retirar as importâncias. Consegui sair uma noite, madrugada já, era um sábado, durante um baticum lá na Casa Grande, quando sinhô e seus capangas estavam distraídos, assistindo a um fandango levado pelos negros. Confesso que um malungo me prestou adjutório e eu pude alcançar um cavalo e tocar pra cidade.

Noite estava linda, "seu dotô", só faltava a Mercês do meu lado pra gente sair por este mundão de Deus depois de conquistada a liberdade. No entretanto parecia que ela estava ali, esporeando com acicate o animal, dando força e alento pra eu poder chegar depressa ao meu destino. Eu fui, viagem longa, levava comigo documento, conforme ela sempre lembrava, pois quem podia retirar o dinheiro era só eu, tudo ela colocara em meu nome.



O dinheiro estava lá, era muito mesmo, o homem da Caixa olhou pra mim por cima dos seus óculos de aro fino, conferiu o nome com vagar, cismando muito, foi até falar com outra pessoa. Mas no fim deu tudo certo, e voltei de galope pra fazenda, numa corrida ansiosa, a bruaca cheia de dinheiro.

Fui ter direto com aquela santa mulher do senhor Bartolomeu, despejando sobre a mesa aquela dinheirama toda. Notei satisfação na cara dela, "seu dotô", ela correu a chamar o marido, com muita pressa. Quando ele

Adorava os aniversários: então podia soprar a vela, e havia o bolo, o salão enfeitado com fitas e bolas coloridas, e a criançada toda, impaciente em atropelos, naquela algazarra.

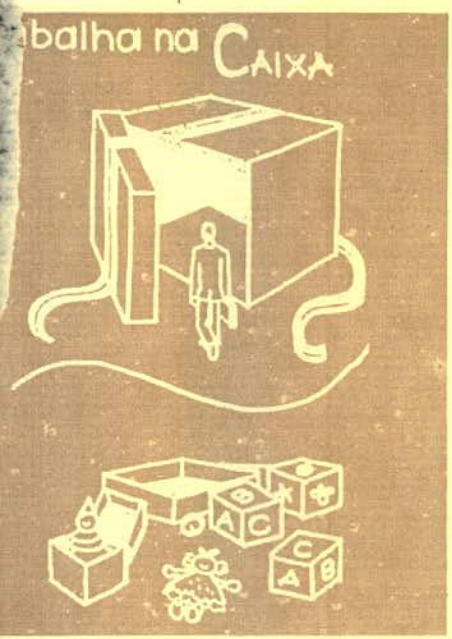
Gostava de festejar o dia da Mamãe, do Papai, da Vovó. Divertia-me e brincava com os colegas, fazia novas amizades. Havia a escola maternal, que tinha de freqüentar. Participava das danças e dos folguedos de São João. Ia à praia, à piscina e curtia um passeio de carro para visitar meus parentes numa cidadezinha do interior. Quantas surpresas e quantas novidades!

Em casa, vivíamos momentos de raro prazer, partilhando da presença bondosa e constante da mamãe e do papai. Andava agarrada às suas pernas, como que fiscalizando os seus passos. Sentia-me confiante e feliz, por saber de seu interesse e preocupação com nosso futuro e com nossa educação.



Sem dar por conta, às vezes, me distraio e fico assim, por alguns momentos, entregue a recordações sobre singelas ocorrências do meu tempo de criança.

Lembro-me, ainda, quando meu pai se encontrava ausente. Na minha ingenuidade, eu perguntava a minha mãe onde é que meu pai estava. Ela, mesmo ocupada, porém sempre solícita, respondia: "Seu pai está na Caixa, trabalhando". Na caixa? Achava isso estranho e ficava perdida num emaranhado de idéias e pensamentos. Caixas, eu já estava até familiarizada com elas, pois, desde os primeiros presentes de aniversário que gostava de receber, como fraldas, lenços, bonecas, perfumes, até as novidades do lar, como geladeiras, liquidificador, espremedor de frutas etc, geralmente, vinham todos embalados em caixas de diversos tamanhos, matizes e formatos. Aquilo me chocava e nos entreolhávamos, eu e meu irmãozinho. Como seria essa tal caixa? Comprida, alta, quadrada, achatada, apertada? Talvez grande, para



cabê-lo? Se fosse baixa e chata, teria ele que ficar nela deitado? E como agiria para comer? E a água para beber? E, na concepção que fazia como quem começa a entender as coisas, acreditava como papai, trabalhando trancado e preso dentro de uma caixa, devia sofrer durante o dia todo.

Depois das minhas brincadeiras e travessuras, como meu pai demorasse a voltar, esquecida da resposta da minha mãe, volta e meia tornava a perguntar pelo papai.

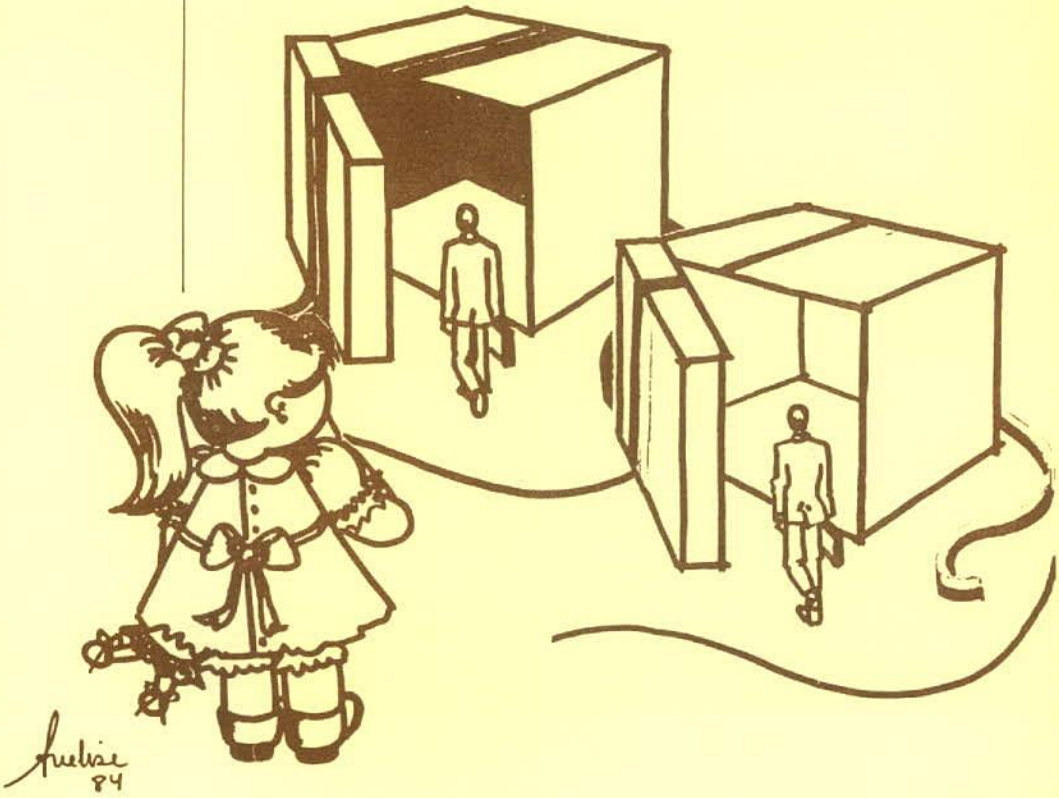
— Mãaaeeee, meu pai vai demorar? Aí ela vinha com uma resposta diferente: — "Ele está amarrado no serviço, minha filha. E vai pra lá que eu tenho que terminar meus afazeres". Era difícil acreditar, e por essa eu não esperava. Meu pai já trabalha numa caixa misteriosa, e agora ele está amarrado no serviço. Esse pessoal da caixa é maluco, ou minha mãe é que endoidou de vez, pensava eu.

E, passados meses, sempre que meu pai demorava a chegar, voltava eu com a mesma pergunta, como se tivesse esquecido tudo (e olha que eu tenho uma boa memória: "Mãe, e meu pai? Não chega?" Lá vinha minha mãe com outro tipo de resposta: "Dane-se, ele está fazendo balanço!" Bem, agora devia ser eu a pirada de vez. Trabalhar numa caixa, amarrado no serviço e ainda por cima fazendo balanço! Confesso que não entendia nada e ficava na mesma.

E assim passavam os dias. Nos momentos de pular amarelinhas, do chicote-queimado, de jogos de botões, de brincar com as bonecas e mesmo na hora do banho, da mamadeira, ficava imaginando as mil e uma situações difíceis que, por certo, meu querido papai estaria enfrentando durante o horário do expediente. Coitado! Como deveria estar cansado! Fazíamos de tudo, eu e meu irmãozinho, e torcíamos para que ele chegasse cedo em casa, na esperança de ver o nosso ídolo.

Agora, eu cresci e fui entendendo, por indicações, pelas leituras, pelos textos e gravuras, pela propaganda na televisão e também pelas tantas visitas feitas com a minha mãe à Caixa, e assim pude descobrir, e com que alívio, que:

— a "caixa" é a famosa Caixa Econômica Federal, um tipo de Banco, onde trabalham várias pessoas. Pude verificar que o papai trabalha num prédio de salas confortáveis, carpetadas, com móveis modernos e com ar condicionado e em condições humanas, cercado de todo o respeito e de amigos;



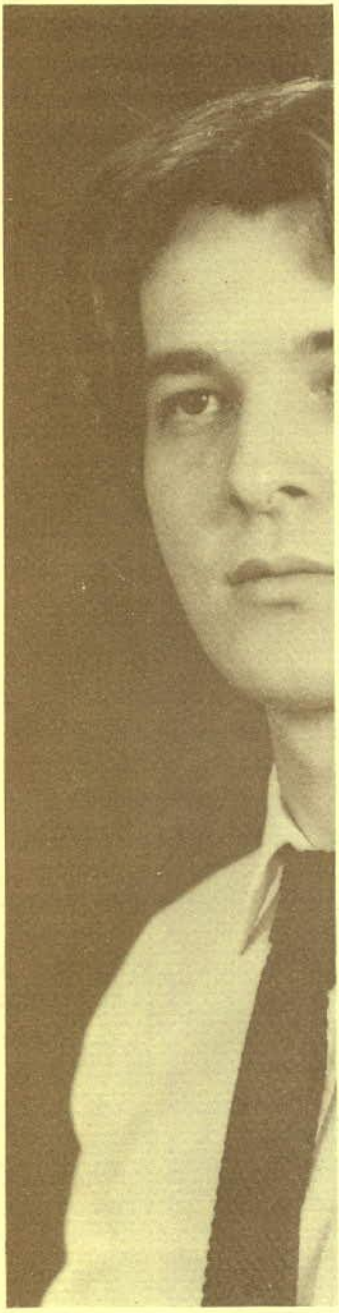
— "amarrado no serviço" significava, na verdade, que ele estava com muito trabalho e fazendo horário extra, para colocar as tarefas em dia;

— e "fazendo balanço" era como uma prestação de contas, que teria que fazer no final de cada mês, de cada semestre, de cada ano.

Hoje, sinto-me orgulhosa e feliz. Fico alegre e satisfeita quando sei que o papai é um empregado da CEF, e não um preso, dentro das paredes quadradas e escuras de uma simples caixa de madeira ou de papelão, corrigindo, assim, as distorções criadas pela imaginação fértil, pelo raciocínio ingênuo e infantil da minha mente de criança.

É DO PENHOR?

JOSÉ ROBERTO DA SILVA FONSECA



Natural de Aracaju (SE), 30 anos, José Roberto é estudante de Psicologia e trabalha no penhor de jóias da Agência Carijós, Belo Horizonte, de onde trouxe os elementos para seu conto classificado neste concurso. **"É do Penhor?"** *registra flagrantes do cotidiano de um empregado envolvido com as mazelas do atendimento a seus clientes.*
O Autor, que diz escrever "por passatempo", teve, anteriormente, experiências com o teatro, como diretor, autor e ator e com a literatura (vários poemas inéditos).



O relógio do ponto marcou 8:30 de uma manhã cansada de julho. O sol mirrado, fraquinho, nem chega a esquentar a máquina-de-escrever que está sobre o meu 'bureau'. Um vento friinho, cortante, me arrepia os pêlos. É um daqueles dias em que a gente acorda com vontade de ficar na cama, sentindo o calor das cobertas cheias de cumplicidade prazerosa. E ter de levantar, lavar o rosto, mijar e tomar aquele banho de restauração, com o hálito carregado da bebida da noite anterior. O quarto ficou lá, na conformidade da desesperança de ser arrumado e na solidão dos lençóis. O orvalho ainda molha algumas folhas sobre o parapeito da janela que fica atrás do meu instrumental de trabalho. Ensaio alguns toques na Facit e me permito continuar o sonho da noite, antigo sonho de criança, em que me vejo diante de um piano pretinho Ronish igual ao da dona Clotilde, aquela professora do Conservatório de Música que tocava maravilhosamente a Berceuse de Brahms para eu escutar e me extasiar.

Daí para um cochilo, acalentado pela canção de ninar que se repete automaticamente em meu corpo todo, é um pulo. O telefone-despertador toca e, por um segundo, me sinto confuso, sem saber se estou no meu quarto ou no setor de trabalho, melhor dizendo, no posto de penhores. Tenho ainda a oportunidade de ler o aviso pregado sobre o aparelho telefônico "Alguém, do outro lado, espera de você um atendimento AMÁVEL E OBJETIVO", antes de atendê-lo. Imposto a voz em tom de tenor, daquele jeito que muito tem agradado a algumas pessoas, motivo de vários elogios, rebusco toda a gentileza adormecida e atendo:

— Setor de Penhores da Agência Carijós, bom-dia!

Uma vozinha esganiçada indaga do outro lado, num leve acento de burrice cristalizada:

— É do Penhor?

E me vem aquela vontade de responder: "Não, é da puta que o pariu!" Mas o bom-senso não me permite tal ousadia. Reorganizo-me e volto com a resposta:

— Sim, é do Setor de Penhores da Caixa Econômica Federal, Agência Carijós.

— É daí que 'faz' empréstimo?

Não! É o fim da picada! Já não basta a insistência asinina, mais esse atentado contra a nossa gramática. Preciso ter uma conversinha com Jó para aprender com ele a arte da paciência. Hoje, como quase sempre, é mesmo um daqueles dias em que acordamos com o pé esquerdo, avistamos um gato preto antes de sair de casa e ainda passamos por baixo de alguma escada. Sinto-me quase estourando de ira, mas, num átimo, a consciência — aquela de asinha de anjo — me salva mais uma vez:

— Pode ter a certeza de que é, minha senhora.

— Meu senhor, será que o senhor podia me quebrar um galho?

Vejam lá se eu sou macaco gordo pra quebrar galho de alguém (por enquanto isso é apenas uma conjetura).

— Pois não, minha senhora. Vejamos em que posso ser-lhe útil.

— É o seguinte: eu tenho dois colares e uma pulseira, e estou querendo saber quanto a Caixa paga por elas.

Cadê minha bola-de-cristal, cadê? E eu nem sou avaliador!

— Minha senhora, pagar a Caixa não paga, pois apenas empresta! O melhor seria que a senhora trouxesse as peças para que fosse feita a avaliação.

— Mas, moço — já não sou mais 'meu senhor' — preste atenção! Essas peças são de estimação, sabe? Foi a avó da minha mãe que deixou de herança pra ela. Aí, minha mãe morreu e eu herdei elas pra mim. Eu estou com medo de guardar aqui em casa e vir um ladrão e roubar tudo. Sabe como é, né!? Hoje em dia a gente não pode facilitar muito não. Outro dia, uma amiga minha teve um troço com um ladrão que invadiu seu apartamento e carregou tudinho. Ela estava dormindo e não viu nada. Eu fiquei nervosa com isso. Imagine só, né, moço?! Que perigo! Valha-me Deus! Por isso que eu quero guardar minhas jóias.

— Eu sei, minha senhora, mas entenda o seguinte: a senhora traz as jóias aqui, entra na fila, vem até o divã, isto é, vem até o balcão — também, depois desta confissão, acho que vou começar a cobrar por sessão

analítica ou comprar um confessionário e virar padre — e faz a avaliação.

— Me fale só mais uma coisa, moço! Se a jóia estiver no valor de Cr$ 800.000,00, quanto que o senhor me empresta?

Bom, eu não empresto nada. A Caixa é que empresta. Minha vontade era de responder assim.

— Minha senhora, não tenho capacidade para lhe responder isso. O empréstimo da Caixa é dado sobre a avaliação feita por funcionários habilitados, aqui mesmo.

— Mas, nem assim por alto dá pro senhor me informar?

Ah, se eu pudesse responder como gostaria! Essa mulher me faz perder as estribeiras.

— Nem por alto nem por baixo, minha senhora.

— E que hora que abre, moço?

— Nove e meia, minha senhora.

— E fecha que hora?

— Quatro e meia da tarde, minha senhora.

— Fecha para o almoço?

— Não, não fecha para o almoço, minha senhora.

— E o empréstimo sai na hora?

— Sai, sim senhora.

— Demora quanto tempo?

— Demora uns quarenta minutos, minha senhora.

— Já tem gente aí, agora?

— Não, minha senhora. Agora são 8:30 e, como eu informei à senhora, aqui só abre às 9:30 horas.

— Ah, é. Desculpa, moço! É que eu fico tão apavorada com essas coisas, sabe!? Eu até acho que estou atrapalhando seu serviço, não é? Só vou fazer mais duas perguntinhas.

— Pode fazê-las, minha senhora.

— Quanto estão pagando 'a' grama de ouro?

Ainda mais essa! 'A' grama, e não o grama. Era só o que faltava! Tamanha inteligência!

— O grama de ouro, minha senhora, está valendo Cr$ 2.400,00.

— E quem eu devo procurar aí?

— A senhora procura o terceiro andar da Rua Carijós, 218. Entra na fila de avaliação e espera a vez de ser atendida.

— Ah, tá! Muito obrigada, viu moço!? Desculpe a amolação!

— Não há de que, minha senhora.

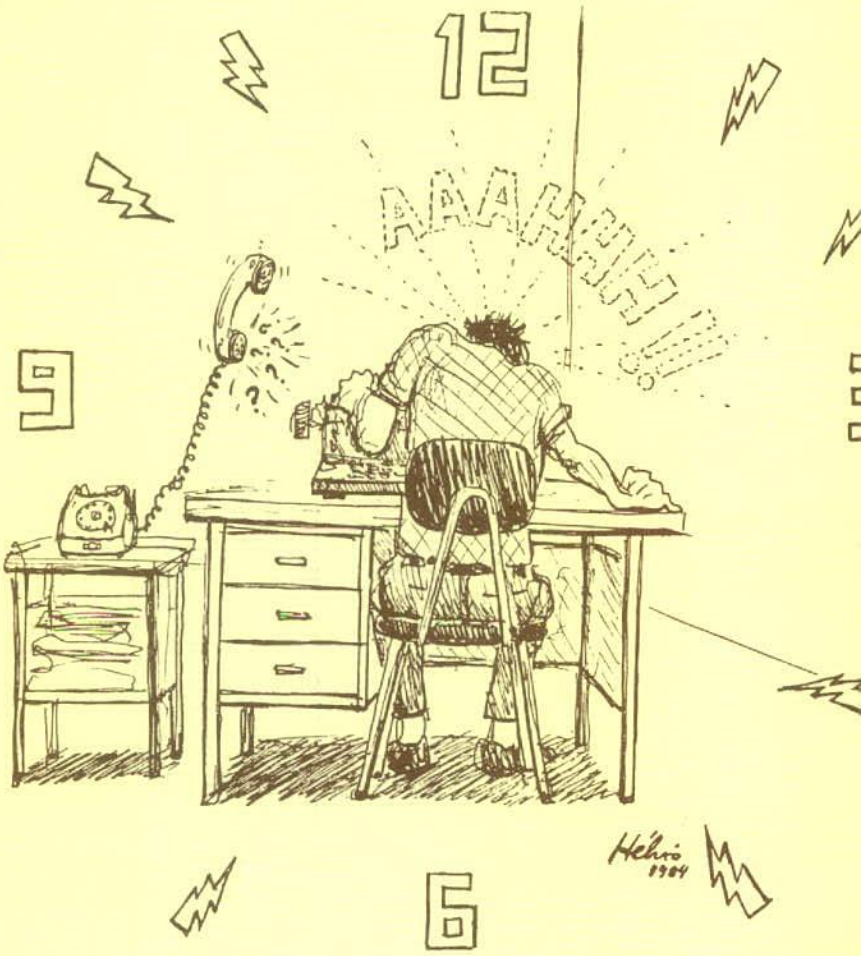
Depois de uma dessas eu precisaria de alguns minutos para me restabelecer. O dia lá fora já não tem mais aquele toque de ternura e bem-estar. Está sem graça, meio mortiço. A indisposição e o mau humor tomam conta de mim e me enervam. Que porra de dia chato! Procuro

relaxar e conversar com os colegas, me descontraindo. Afinal, isso é apenas o início de um dia que vai se estender por horas a fio. Recomeço, mais disposto, o trabalho, agora já relaxado. O telefone toca novamente:

— Alô! Aqui é do Setor de Penhores da Agência Carijós, da Caixa Econômica Federal! Bom-dia!

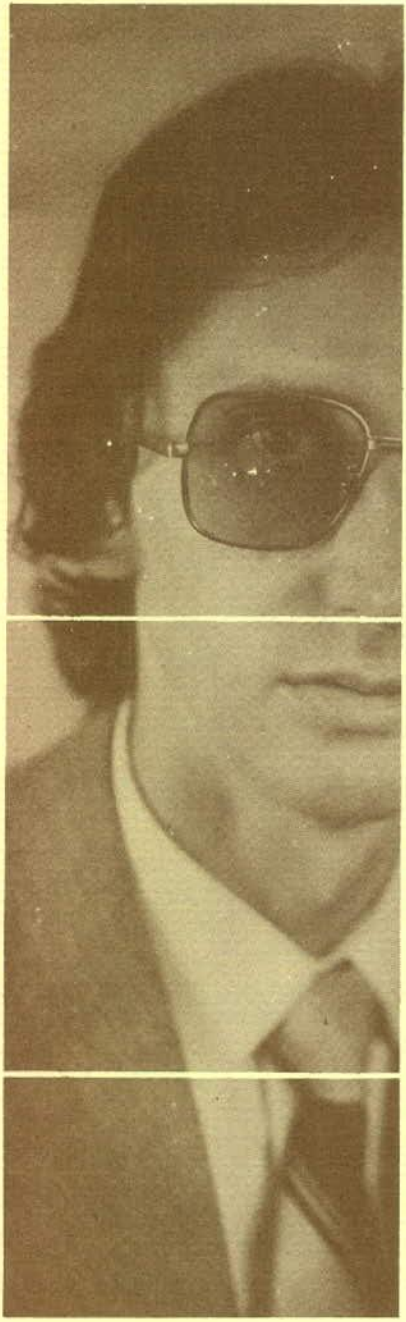
— É do Penhor?

Pronto! Vai começar tudo de novo!



A QUINA

LOTÁRIO NEUBERGER



Gaúcho de Taquari, 31 anos, formado em Ciências Econômicas e Comunicação Social, Lotário Neuberger, autor de **"A Quina"**, *trabalha na agência da Caixa na cidade de Lagoa Vermelha. Como membro do Círculo de Pesquisas Literárias de Porto Alegre (CIPEL), o escritor é responsável pelo levantamento da história da CEF no Rio Grande do Sul, e da poesia publicada em jornais do século passado, tendo colaborado na pesquisa histórica de jornais e periódicos sul-riograndenses. Além de diversos poemas, Neuberger tem quatro romances inéditos, destacando-se, entre eles, "Por Uma Mulher".*

Escrevendo há doze anos, Neuberger encontrou grande estímulo a prosseguir no ofício de escritor depois dos resultados deste Prêmio.

Um dia como qualquer outro, de movimento normal, entrou um cliente na agência. Olhou ao redor. Leu as sinalizações. Dirigiu-se, decidido, para "Abertura de Contas".

— Quero abrir uma conta... — foi falando.

— Pois não! Que tipo de conta? — perguntou o escriturário.

— Tipo?!... Poupança... Caderneta de Poupança da Caixa Econômica Federal.

Tomou assento, esperando por novas indagações.

— Trouxe documentos? — voltou o escriturário.

O cliente puxou do bolso uma Carteira de Identidade, meio amassada. Servir? Ah, servia.



— Nunca abri conta na minha vida — disse o cliente, que se chamava João Ribeiro da Silva e tinha 48 anos de idade, embora aparentasse ter mais.

Praticamente preenchida a ficha de abertura da conta, o cliente desandou a falar.

— Passei muitas vezes aqui em frente, mas nunca tive coragem para entrar e abrir uma conta. Quanto vou depositar? Pouquinho. Mil cruzeiros. É só para abrir. Mas como eu ia falando, eu não tinha coragem para entrar porque sempre tive pouco dinheiro.

— Não importa o valor do depósito. O importante é começar a economizar e depositar na poupança. Nunca é tarde.

— Pois é. Mas como eu ia dizendo... De repente, tive um pressentimento de que iria acertar na Loto. A Quina... Achei que seria bom já ter uma conta na Caixa.

— Sempre é bom!

O cliente efetuou o depósito e foi embora.

Depois que o cliente dobrou a esquina todo mundo da agência caiu na gargalhada. "Abrir conta porque acha que vai tirar a Quina". "Ponha esperança nisso!"

Passou-se uma semana. O cliente voltou à agência. Nessa altura dos acontecimentos todos da agência já sabiam o nome dele, pelo menos. Foi direto ao escriturário que abriu a conta.

— Como vai, seu João?

— Bem!

— E...

— Ainda não acertei. Mas um dia desses...

— Um dia.

— Agora eu queria é depositar mais um pouco.

Assim, semanalmente, sempre às segundas-feiras, seu João Ribeiro da Silva voltava à agência. Sempre falava com o mesmo escriturário e sempre depositava certa importância, mesmo pequena. E:

— Mas um dia desses vou acertar.

Passaram-se semanas, meses. E o cliente conquistou a simpatia de todos os empregados da agência, pela sua maneira simples de ser. Até que um dia:

— Acertei o terno! — vibrava.

E todo mundo vibrou com ele, num gesto de inteira simpatia.

— Minha sorte está começando!

Depositou o valor do terno na poupança e foi embora.

Voltava todas as semanas. Mas a mesma sorte não se repetiu. Uma coisa era certa: a esperança dele de acertar a Quina não cedia. Continuava apostando e continuava depositando.

Certo dia, não no habitual, mas numa sexta-feira, seu João veio à agência. Todo mundo estranhou. Mas por que estranhar? Às sextas saía o resultado da Loto.

— Acho que acertei!

— É mesmo?!

Todo mundo ficou eufórico. Era uma alegria geral, pela sorte do cliente. Talvez mais satisfação por estarem com um milionário. O gerente da agência começou a verificar o que podia fazer pelo cliente. Ainda mais pensando em manter o depósito na agência, ou a maior parte dele. Consultou manuais. Telefonou.



Todo mundo falava, chegando a abandonar seus postos na agência. Os outros clientes nem eram atendidos. Eles também rodeavam o acertador. João Ribeiro da Silva apenas sorria. Passou um bom tempo quando pediu para se sentar. Começou a falar, rodeado por todos.



— Eu acertei. Vi hoje. Foi há dois anos.

Todo mundo ficou inquieto.

— Mas então passou o prazo?

— Não! — disse o cliente, enquanto alguns já começavam a se afastar, decepcionados. — Esperem!... Foi há dois anos. Foi quando abri a poupança. Hoje verifiquei. O saldo da poupança é igual à quadra. Então? Acertei ou não acertei?

Todo mundo teve que admitir que sim. Foi economizando que o cliente conseguiu uma soma razoável em dinheiro, de forma sistemática e programada.

— Vai parar de apostar? Foi a pergunta geral.

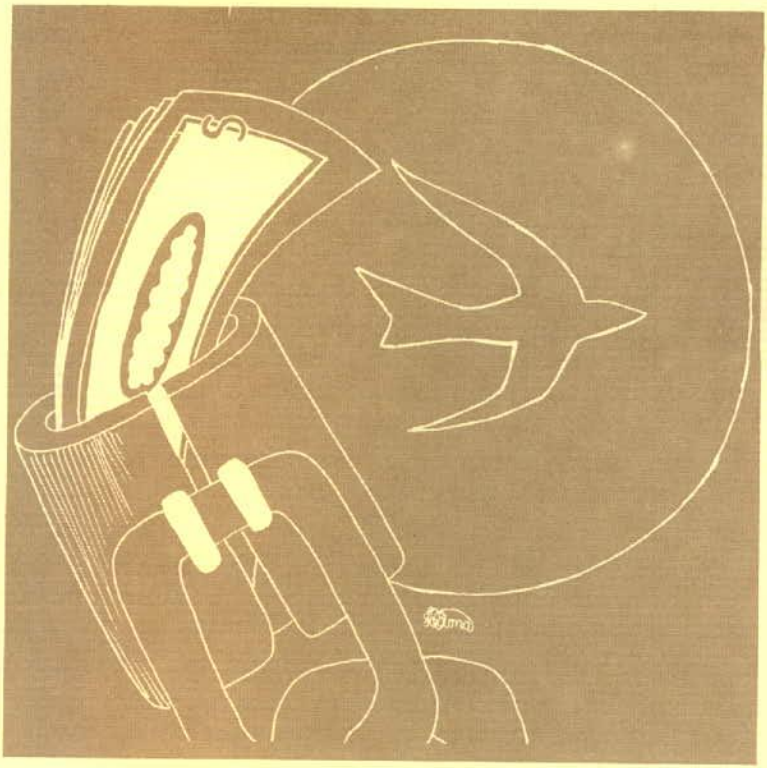
— Não! Vou continuar depositando e apostando. Um dia desses ainda tiro a Quina!

ALFORRIA

LUIZ MANOEL DA SILVA OLIVEIRA



*Autor do conto "**Alforria**", Luiz Manoel da Silva Oliveira, 25 anos, trabalha na Agência Madureira, no Rio de Janeiro. Licenciado em Letras, especialização em inglês, confessa "não escrever com freqüência, mas apenas de vez em quando", preferindo o conto. "Os temas que mais me tocam são os que envolvem as contradições humanas e suas paixões; o drama e o conflito do homem sobre a terra; a religiosidade e a compreensão da divindade..." — diz ele.*



I

Já havia passado dois meses desde que ouvira certa conversa de seu dono com alguns amigos, numa manhã de domingo, no jardim da casa. Não é que Ataliba tivesse o mau hábito de escutar as conversas alheias, muito menos as do senhor Epaminondas. O fato é que, dia após dia, sentia ele crescer em sua alma a vontade de vislumbrar algo inusitado e bom no seu tão limitado horizonte de escravo.

Tinha versado a conversa deles sobre assunto vário e, se porventura Ataliba fosse inquirido a respeito da referida prosa, quase nada teria a dizer, exceto quanto à parte em que fizeram alusões ao fato de estar crescendo o número de escravos que, seguindo o exemplo da população menos

favorecida economicamente, começava a depositar a soma de seus parcos vinténs na Caixa Econômica, com a diferença de que a gente cativa tinha a mover-lhe a intenção o mais nobre de todos os almejos do homem — a fuga à servidão e a conquista da liberdade.

Aquele mesmo almejo se tornara então a meta de Ataliba, e para engrossar aquelas fileiras não tardou a envidar seus esforços. Porém carecia do apoio de alguém para as primeiras providências e, quem sabe, para auxiliá-lo com dinheiro, pois o que de pessoal tinha era muito minguado. Seus poucos vinténs provinham da generosidade de "nhá" Nicácia ou eram conseguidos com a venda de pequenas esculturas em madeira, quase sempre de santinhos, as quais vendia na cidade quando lá era mandado.

Era bem verdade que Ataliba não era de fato um escultor de grande peso, mas seus santinhos envernizados tocavam tanto o lado piedoso de seus compradores que raras vezes retornava a casa sem ter negociado boa parte de sua mercadoria. Certo dia houve, porém, em que nada conseguiu com as vendas, o que o fez ficar de tal forma aturdido que teve a consciência da quase impossibilidade de um dia vir a ter a quantia necessária para atingir seu objetivo. Voltava para casa, em São Cristóvão, e o caminho lhe parecia mais longo que de costume, assim como lhe pareciam mais intensos seu desespero e falta de esperança. Desmoronavam sob o peso dessa evidência cruel todos os sonhos quiméricos de liberdade. Era como se de súbito ele permitisse que todos aqueles sonhos se fossem esvaindo e ele se tornando um nada absoluto, pois que já vivia em função dessa liberdade futura.

Apesar de escravo, Ataliba parecia sentir que nascera para ser algo que transcendesse a condição de propriedade de alguém; alguma coisa grande e fantástica que um dia afloraria do recôndito de sua alma e tomaria seu lugar no universo. Era assim aquela alma profundamente

humanística: rude pela condição social, todavia refinada de espírito, tanto pelos nobres ideais que cultivava, quanto pela educação que recebera de "nhá" Nicácia, que, a contragosto do marido, senhor Epaminondas, o iniciara nas letras e o havia livrado do trabalho árduo da fazenda que possuíam em Campos. Daí tornar-se um martírio para o jovem escravo o perceber que talvez jamais conseguiria juntar o necessário para negociar sua liberdade.

Dominado por uma indisfarçável perturbação que se estampava em sua fronte, entrou em casa. Estava tão absorto em sua repentina desesperança que não pôs reparo em "nhá" Nicácia sentada a um canto da sala, exposta a uns fugidios raios de sol que ainda insistiam em entrar pela janela. "Nhá" Nicácia logo percebeu a perturbação do jovem e dirigiu-lhe a palavra:

— Ataliba!

Ao som de sua voz, Ataliba instantaneamente retornou de seus devaneios.

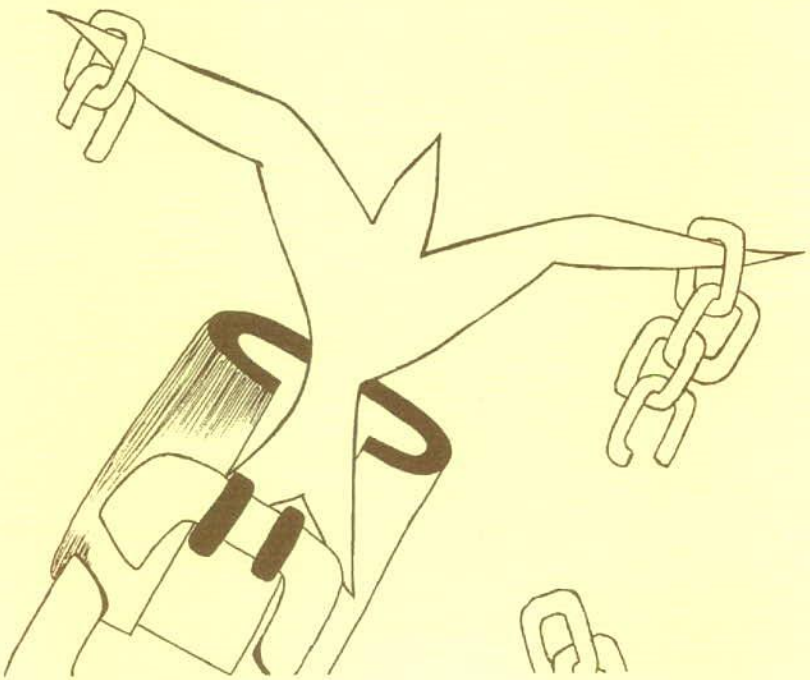
— Hã!? "nhá" Nicácia! me perdoe, eu não tinha visto a senhora.

— Eu sei que não, Ataliba. Como está distraído!

Enquanto era alvo das observações de sua dona, Ataliba começou rapidamente a sentir renascer com novo vigor a esperança, pois estava ali, na sua frente, a aliada de que precisava. Sim, "nhá" Nicácia provavelmente não deixaria de apoiá-lo no seu intento, ela sempre fora mais que sua amiga: fora mãe, mestra e protetora. Não seria possível que ela não o compreendesse nem deixasse de apoiar a sua idéia. Assim, a perturbação que há instantes se havia estampado em seu rosto deu lugar a uma inquietação meio eufórica, que acalentava, remota, a esperança de contar com a ajuda de sua dona. Mas havia o outro lado da

questão: — como poderia abordar tal assunto com ela sem magoá-la? Será que ela pensaria que ele não lhe era grato pela dedicação maternal que lhe vinha dando todos aqueles anos?

Ocorreu então uma cena insólita: encontravam-se, agora, no meio da sala, Ataliba e sua dona, frente a frente. Ele, angustiado pela batalha interna que se travava em seu coração entre o ímpeto de buscar apoio para os seus planos na figura de sua dona e o receio de magoar a pessoa a quem mais bem queria nesse mundo; ela, perplexa, sem nada entender, fixando nos olhos o jovem aturdido. O rapaz, cuja tensão era tanta que o fazia suar copiosamente, estava completamente paralisado. Ele nada falaria. Mas o dom intuitivo de "nhá" Nicácia permitia-lhe pressentir aquele mistério que transparecia no olhar cintilante do jovem. Era evidente que ele desejava confiar-lhe algo de muito sério. Onde, porém, as palavras



e coragem para fazê-lo? Foi ela quem rompeu o silêncio e interpelou o rapaz, pousando a mão sobre o ombro dele:

— Ataliba, o que se passa contigo? Estás estranho. Em teu rosto vejo só inquietação. Há algo que queiras me dizer ou estejas escondendo de mim? Vamos, fala!

Não foi sem sacrifício que ela conseguiu arrancar-lhe algumas palavras que resumiram o que se passava com ele. Entre surpresa e meio triste, tomou conhecimento do seu desejo de liberdade e da forma que escolhera para consegui-la. Logo ele percebeu não ser vã a esperança que nutria. É certo que não foi de imediato que conseguiu a adesão de sua dona à sua causa. Contudo, mais certo ainda é que, se houve alguma resistência da parte dela, pode-se atribuí-la inteiramente à preocupação com o futuro incerto que teria Ataliba, quando não mais dependesse deles. Não eram boas as histórias de que "nhá" Nicácia tinha conhecimento sobre o destino de escravos que tinham conseguido alforria. Não obstante, tornou-se de fato a aliada de que Ataliba precisava, não medindo esforços para ajudá-lo o quanto pôde, inclusive na difícil tarefa de convencer o marido a simpatizar com aquela idéia libertária. O senhor Epaminondas era extremamente apegado a tudo quanto lhe pertencia.

No fundo, "nhá" Nicácia era uma abolicionista em potencial, que nutria a esperança de um dia ver livres não só o seu querido negrinho mas todos os escravos do Brasil.

Uma figura que não cabia em si de contente por essa época era o próprio Ataliba. Aumentava a cada dia nele a ansiedade pelo grande acontecimento e sua capacidade de antecipar as emoções tornou-se tão forte que antevia seu futuro de forma bem clara, dando-se ao luxo, inclusive, de se permitir planos comuns aos cidadãos livres: imaginava sua própria casa; via-se casado com uma

negrinha formosa, com filhos, e tendo seu próprio meio de subsistência. Contudo, fantasticamente se destacava no universo onírico daquela alma cativa um sentimento tão estranhamente alvissareiro quanto indefinível, e era com esse mesmo sentimento, misterioso na sua essência, que mais se deleitava a imaginação de Ataliba, como a ousar decifrar-lhe a significação.

O mais curioso é que isso só se dava quando ele acorria ao prédio onde funcionava a Caixa Econômica, em visitas cada vez mais freqüentes, para lá deixar alguma quantia que conseguira com suas vendas ou ganhara de sua dona. Se ele descrevesse a alguém o que de fato lhe ocorria quando adentrava aquele prédio, talvez o considerassem um perfeito idiota, ou simplesmente seria vítima do escárnio dos insensíveis que só compreendem o que podem ver ou tocar. Mas isso pouco importava, uma vez que aquele sentimento era especialíssimo porque era só seu e indizível.

Verdade é que sempre tinham o mesmo sabor deleitante aquelas idéias e sentimentos que lhe invadiam o espírito sempre que entrava na Caixa Econômica. Mas experimentava revigorante sensação especialmente mais forte quando estava abatido ou desanimado, com a mente turva. Até para ele era estranho admitir aquela realidade, mas era algo assemelhado a uma sensação de comunicação intensa, como se aquela instituição fosse viva e também tivesse uma alma palpitante e sonhadora como a dele próprio, que desafiava a humildade de sua jovem existência com sonhos de liberdade, progresso e desenvolvimento.

Em meio a tudo isso havia também algo que medrava em seu coração com força espantosa: era a sede de liberdade. À medida que o dinheiro poupado ia crescendo e mais próximo ficava o dia de trocá-lo por liberdade, mais ansioso ele ficava. E foi assim que Ataliba se viu também escravo da própria ansiedade por longo tempo.

II

Passaram alguns anos até que chegou aquele que deveria ser o grande dia, o dia inolvidável da vida de Ataliba. Finalmente ele havia conseguido juntar o estipulado para a compra da sua liberdade. Tudo fora consumado. Estava ele de posse do documento que atestava a sua nova condição tão esperada. Todavia o que antes era uma ânsia desatinadamente louca, agora não passava de uma monótona desilusão e aquela sôfrega sede de liberdade, de que fora escravo por anos, continuava a atormentar-lhe o espírito, não como outrora, mas como uma satisfação inacabada e despojada de plenitude. Da mesma forma, seus sonhos permaneciam como que em hibernação, em algum canto obscuro da imaginação jogados, pois agora sofria esse grande homem, abatido pela realidade que antes não supusera ser da forma como se apresentava.

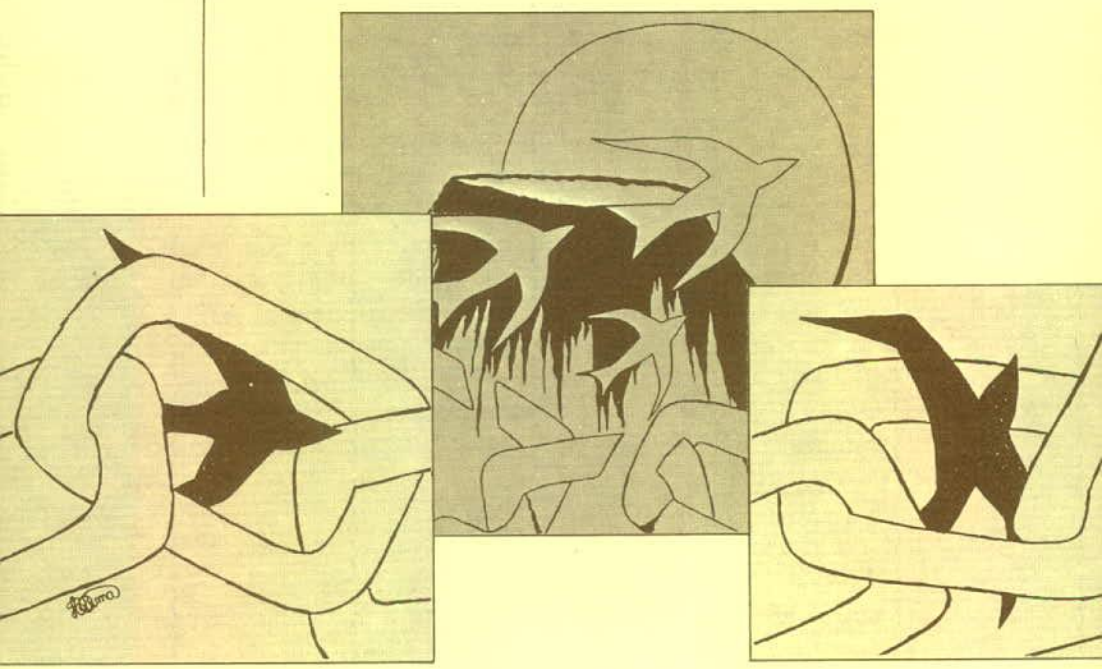
Sua luta pela subsistência adquiriu características de mais responsabilidade, visto que pretendia continuar a ter de "nhá" Nicácia somente a inestimável amizade e nenhuma ajuda mais. Se ser livre foi o que quisera um dia, cuidar de si próprio era então função só sua. Porém, não era o fato de ter de trabalhar muito mais agora e não depender da ajuda de ninguém que o fazia extremamente infeliz. Era algo bem pior para ele: como podia se considerar homem livre se toda a sua gente continuava na condição servil? Aquela sua pseudoliberdade incomodava-o muito mais que a antiga condição de escravo, por ele se sentir culpado por ter se esforçado para conquistar uma posição diferente da de seus irmãos. Só uma coisa confortava-o então: — a descoberta de que a liberdade com que sonhara um dia era muito mais ampla, social e humana do que a desfrutada.

Por outro lado era muito estranho aquele tipo de liberdade que vez por outra era posta em dúvida por alguns, obrigando-o a exibir o escrito numa folha de papel para fazê-la acreditada. Outro martírio para ele era

presenciar as tão comuns cenas de castigos públicos sofridos por um ou outro escravo quando desagradavam ao seu cruel senhor. Não faltavam, pois, motivos para amargurar a "nova" velha vida de Ataliba.

Era até mesmo comum uma certa nostalgia invadir o coração de Ataliba sempre que recordava daquela fase da sua vida cheia de esperanças. Agora, era só a realidade, nada de sonhos. Seu coração já não se sensibilizava com nenhuma forma de fantasia que pudesse sua imaginação produzir. Crescia em seu interior angustiante sensação de amargura.

Uma forma de penitência a que Ataliba recorria era perambular pela cidade. Todos os dias religiosamente ele andava por todos os cantos da sua querida cidade, a testemunhar os sofrimentos e o labor rotineiro da sua gente. Decerto muito sofrimento isso lhe trazia, mas era



uma forma solidária de se punir perante seus irmãos, mesmo que ninguém viesse a saber disso.

O ponto final de suas andanças tornou-se tradicional e inevitável, tanto que, mesmo quando em devaneios seu pensamento vagava, seus pés o levavam sempre para o mesmo lugar. Parava em frente à Caixa Econômica e ficava horas e horas em vigília silenciosa, procurando sentir de novo aquelas vibrações extraordinárias que tanto impulsionaram o dínamo da sua vontade e entusiasmo, alguns anos atrás.

Vã se tornava sua tola procura, pois nada sentia. Tudo parecia remoto e impossível; nenhuma resposta mágica ao seu mudo apelo emanava daquelas paredes. Pareciam tão frias!...

Fosse dado a Ataliba adivinhar o futuro e ele saberia que a alma embrionária reclusa naquelas paredes, tal qual ele, tinha um destino muito mais social, livre e abrangente do que o que aquele momento histórico permitia que tivesse.

Era inevitável que adviesse dessa caminhada longa e emocionada e dessa observação intensa, um cansaço mais intenso ainda, sempre acompanhado de amargura e desesperança. Isso se dava sempre que Ataliba saía do verdadeiro transe em que consistia a sua silente observação. Aí então ele caminhava para o mar, perto dali, e começava a observar as idas e vindas das barcas que ligavam os dois lados da baía, os barquinhos dos pescadores, o mergulho das gaivotas à procura de alimento e tudo mais que aquela paisagem da natureza oferecesse, tentando dela extrair um pouco da paz e da harmonia que faltavam em seu viver.

III

A rotina que Ataliba se impôs mostrou-se-lhe longa e penosa, até que foi quebrada por acontecimentos que

tiveram certa influência em seu ânimo. Era o pensamento abolicionista que saía das cabeças dos homens e começava a assumir formas reais. Primeiro foi a Lei do Ventre Livre; treze anos depois, a abolição da escravatura nas províncias do Ceará e Amazonas, e a Lei dos Sexagenários. A tudo isso Ataliba assistia atento e ansioso, pois enfim parecia chegar um novo tempo para ele e sua gente. Mas, como sempre, se via ele atormentado pela sensação impertinente que lhe suscitava o fortalecimento da ânsia por uma liberdade completa.

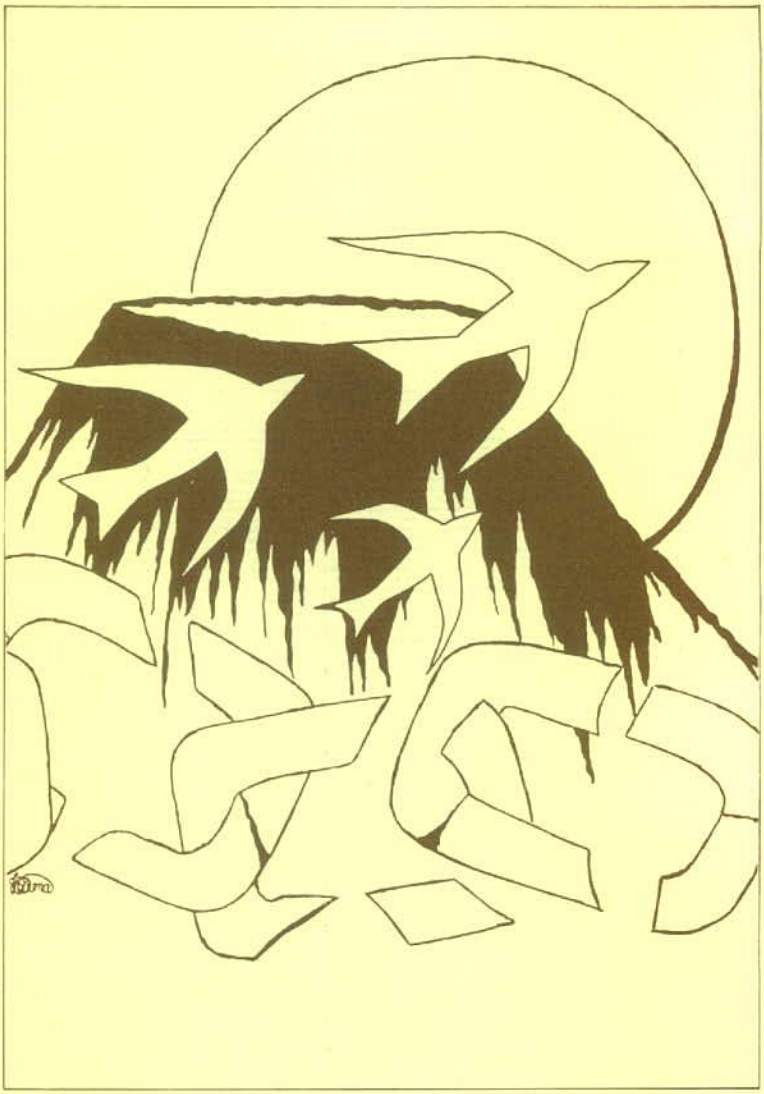
Transcorria na corte imperial o ano de 1888 e a época continuava a prenunciar grandes transformações sociais e políticas. Muitos rumores sobre a abolição definitiva da escravidão corriam de boca em boca; pelas esquinas e pelas ruas era esse o tema predominante nas conversas, e cada vez mais figuras ilustres manifestavam-se simpatizantes das idéias abolicionistas. Ataliba sentia-se então como que prestes a receber a quitação de uma dívida de vida. Continuava suas caminhadas pela cidade e observava o burburinho crescente. Finalmente ele viveu o grande dia esperado por tantos. Mal ele saíra a andar pelas ruas, percebeu grande algazarra e confusão: alegre irreverência e insubordinação descontrolada pairavam no ar. Parecia-lhe, também, que todos os escravos resolveram, naquele dia, compartilhar da sua ritual caminhada, antes tão solitária. Quando finalmente pôde compreender a razão de toda aquela confusão, seu andar transformou-se em correria, que, inexplicavelmente, levou-o ao mesmo local de sempre. Em lá chegando, deparou com outro grande grupo de negros folgazes, que brincavam e pulavam alegremente, em animada comemoração.

Ataliba deteve-se na frente da Caixa Econômica, repetindo o costume de tantos anos, e depositou todas as suas últimas esperanças naquele momento mágico, no afã de sentir de novo aquelas sensações magníficas que há tantos anos inspiraram nele os ideais de vida e liberdade.

Arrebatadoramente, Ataliba se viu tomado por estranha vibração e êxtase, pois naquele momento ele sentia, em toda a plenitude, que rompera para sempre os últimos vínculos com a escravidão, assim como depreendia daquela telepatia meio insana prenúncios de que mais mudanças sobreviriam. Dando vazão a todos os sentimentos amargos sufocados em seu peito desde a juventude, Ataliba expulsou-os num grito que se perdeu entre tantos outros, pois, apesar de muito estridente, não se fizera distinto, mas ecoara em uníssono com o da turba frenética.

Tinha início então o mergulho de Ataliba de corpo e alma naquele mar de liberdade, no qual ele pretendia se afogar e se perder para sempre, numa indissolúvel comunhão com a sua gente, absolutamente livre do ergástulo da servidão, cujas correntes do corpo e do espírito estavam irremediavelmente partidas. Agora, seu cálice estava cheio, muito cheio, e sua alma sorvia o vinho da liberdade, numa esfuziante euforia que nada podia conter. Desatinou Ataliba, então, numa correria louca, entrecortada por pulos, saltos, cambalhotas, vivas, hurras e falares destrambelhados que o seu íntimo extasiado despejava aos brados, sem deles fazer censura. Era este mesmo o primeiro sentido que podia dar àquele tipo de liberdade total e genuína de que, incipiente, tirava experimento.

Tantos quantos o viram cruzar as ruelas movimentadas do centro da cidade e atirar-se feito cego na frente das caleças e tílburis que as percorriam, decerto o confundiram com tantos outros que, com alegria incontida, celebravam a libertação nos lugares públicos por aquelas horas. Todavia juízo não faziam da singularidade da sua situação e do que lhe sucedera. Para ele, associado ao evento histórico recém-ocorrido, outro havia que significava o nascimento não só da liberdade individual para todos os escravos, mas também



de outra liberdade: a que serviria de degrau para passos mais largos para o país e para a expansão, com a Proclamação da República, daquele que posteriormente teria a cumprir o destino de ser o maior banco social latino-americano — a Caixa Econômica Federal.

FINANCIANDO A LIBERDADE

MANOEL CRISÓSTOMO SILVA

Natural de Prudente de Morais (MG), 32 anos, formado em Economia e Administração, Manoel Crisóstomo é assistente para Comunicação Social da Caixa no Paraná. Atua como diretor cultural da Associação dos Economiários daquele estado (AEP). "Fascinado pela leitura desde a infância", Cris escreve por passatempo, tendo no conto seu gênero preferido. "Mineiro parece predestinado ao conto" — diz o criador de **"Financiando a Liberdade"**, *que, em breve, vai publicar seu livro "Ser Tão Mineiro", reunindo contos escritos nos últimos dez anos, "carregados de mineiridade e trazendo seu jeito sertanejo que a cidade grande não desfigura".*



1845

América do Sul. Brasil. Os ingleses, antigos escravagistas, combatem o tráfico que ainda floresce. Criam, com o Bill Aberdeen, tribunais que julgam os traficantes sem consulta aos governos. Apesar disso e das medidas adotadas pelo Império Brasileiro, o contrabando de escravos prolifera, graças à extensão de nosso litoral e ao apoio oferecido pelos donos de grandes propriedades agrícolas e engenhos. Cerca de 30.000 negros escravos entram no país, anualmente.

Numa fria noite de junho, nas rústicas dependências de uma senzala, no interior do Mato Grosso, nasceu uma garotinha. Pura e inocente como qualquer recém-nascido. Negra e pobre como qualquer escravo. Mais um animal contado no rebanho da fazenda. O nome dos pais não se sabe. Só se sabe que eram escravos e que possuíam muitos filhos, prática incentivada pelo patrão. Assim que a negra pegava corpo, era induzida a se acasalar com um negro, forte, para dar boa cria. Existia até uma espécie de reprodutor. A esse anjo de ébano foi dado o nome de Joana. Homenagem ao santo cujo dia se comemorava.

1850

A partir de 1850, com a rígida execução da Lei Eusébio de Queirós, o tráfico negreiro foi extinto. Os escravos constituíam-se numa dupla fonte de renda: além de proporcionarem a mão-de-obra necessária à lavoura, aumentavam os haveres de seus proprietários com famílias numerosas. Apesar de alcançar preços elevados, essa mercadoria humana exigia a aplicação de considerável capital. Com a abolição do tráfico, expressivo volume de dinheiro, antes empregado na compra e transporte dos cativos, foi aplicado em empreendimentos que melhoraram o sistema de transporte, a organização bancária e comercial e os serviços públicos. Começam a surgir as primeiras idéias abolicionistas, um verdadeiro pesadelo para os fazendeiros e donos de engenho. "Libertados os escravos, quem os substituiria?", perguntavam. Mesmo se feita gradativamente, a abolição acarretar-lhes-ia prejuízo certo. Por essa época teve início a experiência de colonização com imigrantes europeus, principalmente em São Paulo, que provou a possibilidade de cultivo rendoso da terra por levas de colonos brancos.

1860

Crescendo com muita saúde, logo cedo joana foi mandada para o trabalho. No começo tomava conta da criação miúda. Depois passou a ajudar na cozinha. Mais tarde aprendeu a costurar. Tornou-se uma escrava muito útil e valorizada. Aos quatorze anos teve um filho com o escravo martinho, negro saudável, mais tarde vendido para a Baronesa de Poconé. Antes já havia tido experiências sexuais, de péssima lembrança, com um feitor da fazenda.

Durante o reinado de D. Pedro II não ficou o Brasil à margem dos progressos materiais que vinham transformando a Europa e América do Norte. Aqui foram

introduzidos o telégrafo, as estradas de ferro, linhas de bonde e iluminação a gás. Surge o Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

1861

Em clima de euforia, dois fatos importantes acontecem: — Realiza-se a Primeira Exposição Industrial do país e, através do Decreto-lei Nº 2723, de 12 de janeiro, Sua Majestade Imperial D. Pedro II autorizou "a creação de uma Caixa Econômica e um Monte de Socorro". Numa segunda-feira, no dia 4 de novembro, pelos portões da parte térrea do edifício da Câmara dos Deputados, situado na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, começa a entrar o público, a fluírem depositantes e mutuários de penhor, das mais diversas categorias sociais: pessoas notáveis e anônimas, expressões literárias, técnicas, artísticas e jurídicas, comerciantes e damas do paço. Expressiva e heterogênea massa humana estava destinada a consolidar a Caixa Econômica e Monte de Socorro como instituição de previdência aberta à defesa da economia popular. O Primeiro Conselho Inspetor e Fiscal, responsável pela sua administração, foi constituído com a seguinte Diretoria:

Presidente — Visconde de Itaboraí; vice-presidente — Conselheiro José Antônio Pimenta Bueno. Faziam parte do Conselho: Visconde de Ipanema, Visconde de Condeixas, Barão de Itamarati, Barão de Mauá e Visconde de Bonfim. Seu primeiro depositante foi o gaúcho Antônio Álvares Pereira Coruja, fugitivo da Guerra dos Farrapos, que depositou 10 mil réis.

1864

No dia 11 de novembro, Francisco Solano Lopes, Imperador do Paraguai, aprisiona o navio brasileiro "Marquês de Olinda", que levava para Mato Grosso o

Presidente daquela província. Começa a Guerra do Paraguai, que durou cinco anos e se incorporou à história da América Latina como seu capítulo mais infame. Essa guerra, cujas causas são ainda hoje discutidas e discutíveis, foi financiada, do começo ao fim, pelo Banco de Londres, a Casa Baring Brothers e Banco Rothschild, com empréstimos a juros leoninos que hipotecaram o destino dos países vencedores, no caso, Brasil, Argentina e Uruguai.

1865

Numa noite quente de verão, a fazenda foi invadida por homens de fala enrolada, que roubaram o gado, os cereais e frutas do paiol, e levaram tudo o que podiam carregar. Deixaram um rastro de morte e destruição, ateando fogo nas casas e plantações e trucidando pessoas. Mais tarde soube-se que eram paraguaios e que estavam em guerra contra o Brasil. joana conseguiu salvar-se, e ao filho, buscando refúgio na mata. Esses paraguaios eram tão ferozes que obrigaram soldados brasileiros, mais tarde, a uma grande retirada, de um lugar chamado Laguna até Porto Canuto. Pelo menos foi o que lhe contaram.
Com a destruição da fazenda, joana foi vendida para a fazenda pertencente à família Rondon, em Mimoso. Seu filho foi vendido para outra fazenda, que pagou preço melhor. Ela nunca mais teve notícias dele. Desesperada, depois de muitos dias de choro e sofrimento, jurou nunca mais ter filhos. Periodicamente tomava chá feito com uma planta chamada "dente-de-leão" misturada com outras ervas, conforme lhe havia ensinado uma preta velha. O certo é que joana não mais teve filhos, apesar das gostosas noites passadas com o negro lourenço, escravo da sua predileção, mais tarde incluído num acerto comercial entre seu patrão e o tenente João de Cerqueira Caldas. Apesar das agruras por que passava, a escrava conseguiu um certo prestígio junto a seu patrão, tenente do Exército, de nome José da Silva Rondon. Quando chegou a

Mimoso, encontrou um garotinho recém-nascido, batizado com o nome de Cândido Mariano da Silva Rondon, nascido no dia 5 de maio.

1870

— joana, 'cabei de chupá' um monte de manga madurinha! Será qui posso tomá uma boa caneca de leite?

— Tá doido, minino. Ocê morre invenenado, com as tripas preta. Num podi fazê misturança de comida não. E depois, Pituca, ocê tá comendo muito. Acho bão cê acabá de debulhá o milho. Vai, vai!

A escrava joana sabia que não estava falando a verdade. Esse negócio de misturar comida não fazia mal nenhum. Ela mesma já havia preparado e servido muitos pratos esquisitos. Abacaxi com presunto, carne com frutas, doce com salgado. E não esquecia de um pessoal de linguajar estranho, que apareceu certa vez, que comia feijão com açúcar e misturava conhaque no leite ou pinga no café. Comiam até um negócio parecido com lesma.
A recomendação de não misturar comidas havia partido do dono da fazenda, preocupado em reduzir a quantidade consumida pelos escravos. Principalmente na época das entressafras. Essa idéia ele havia copiado de outros lugares onde era utilizada. E a coisa funcionava. Também, várias vezes viu escravos que roubavam comida sendo obrigados a tomar boas porções de leite de mamão. Quando se sentiam mal, os capatazes diziam que era por causa da mistura de comidas. Além do mais, as cozinheiras e demais encarregadas da bóia eram orientadas para que confirmassem essas informações, aceitas com certa facilidade pelos escravos. Como a alimentação era fraca e pouca, qualquer comida mais forte e em maior quantidade provocava uma corrida mais freqüente dos negros às moitas da fazenda.

Dia 1º de março. Solano Lopes é morto em Cerro Corá, às margens do riacho Afuidabanajui, à frente de um exército de meninos que punham barbas postiças para impressionar de longe, dizendo: "Morro com minha pátria". E era verdade. O Paraguai morria com ele. O Império escravagista de D. Pedro II, cujo exército foi engrossado por negros alforriados e presos anistiados, ganhou novos territórios — mais de 60 mil quilômetros quadrados — e também mão-de-obra, porque muitos prisioneiros paraguaios marcharam para trabalhar em fazendas de café paulistas, com a marca da escravidão.

1871

Em 28 de setembro foi aprovada a Lei do Ventre Livre, considerando livres os escravos nascituros. Como não houvesse mais importação de escravos, o cativeiro acabaria desaparecendo. A medida não satisfez, no entanto, aos abolicionistas mais ardentes, mesmo porque para os descontentes ela se tornava um bom pretexto de oposição ao Governo Imperial. Alguns elementos de cor, dotados de certa cultura e de capacidade oratória, aproveitaram a ocasião para protestar contra a opressão de sua raça. Entre eles, destacava-se José do Patrocínio. Famosos poetas, em seus grandiloqüentes versos, condenavam a escravidão. Mas poucos se lembraram de estudar seriamente os processos que, realmente, de acordo com as condições e recursos do momento, poderiam permitir a introdução do trabalho agrícola livre em todo o país, sem trazer à sua economia abalo mais sério. Certos políticos, percebendo a impossibilidade de conter o movimento, esforçam-se para retardar a extinção do cativeiro, fazendo com que a mudança se processasse de forma gradual.

Mesmo tendo situação um pouco melhor do que a maioria dos escravos e gozando de certas regalias, joana não andava satisfeita com a sua vida. Desde que ouvira uma

conversa na sala da casa grande, seus anseios aumentaram. Um certo senhor Fernandes, homem de muita leitura, prosa fácil e modos finos, num jantar que lhe fora oferecido, falara de um tal Arrancadentes, mostrando a figura de um homem parecido com Cristo, com uma corda no pescoço. Tinha até um desenho esquisito, igual ao que havia na igreja e diziam representar a Divina Trindade, com uma frase de um escritor em país distante, no tempo do onça, chamado Sô Virgílio.
A frase, escrita na língua que o padre usava pra falar com Deus, significava, segundo o senhor Fernandes, "Liberdade ainda que tarde". E era isso que joana mais desejava. Ser livre. Independente. Se não como os brancos, pelo menos como os escravos alforriados.
Será que ninguém pensava na sua situação, igual a de milhares de outros escravos existentes no Brasil?

1872

A visita de D. Pedro II ao Rio Grande do Sul durante a Guerra do Paraguai, quando estabeleceu contato com pensadores e políticos platinos contrários à escravidão, a influência de acontecimentos na Europa e Estados Unidos, a mudança de mentalidade dos filhos de fidalgos que iam estudar fora do país e voltavam com outras idéias e a própria marcha demográfica e econômica da escravidão, convergiram para a retomada do problema escravagista. Em 1850 a população brasileira apresentava dois cidadãos livres por escravo. Em 1865 havia acentuada tendência ao declínio da relação. O recenseamento de 1872 (9.930.478 habitantes) acusou quase seis livres para um escravo. Paralelamente, e contrariando a opinião dos escravagistas que afirmavam que o país afundaria no caos e na miséria se o sistema fosse abolido, o mesmo decênio de 1860, apesar da sangria financeira provocada pela Guerra do Paraguai, revelou crescente prosperidade no comércio exterior. Pela primeira vez na história do país independente, as exportações superaram as importações.

A par dessa relativa eficácia, a Guerra do Paraguai gerara, paradoxalmente, uma das mais graves crises financeiras do país. No quadro da instabilidade patrimonial, a mão-de-obra escrava representava mais ônus do que vantagem. Abria-se o caminho para a mão-de-obra assalariada, responsável por seu próprio sustento. O Abolicionismo, que principiara como movimento de idéias, doutrinário, com o correr do tempo torna-se político e quase revolucionário. De 1870 em diante, o movimento antiescravagista tornou-se forte. Tratando-se de uma causa simpática, adotaram-na muitos dos que, por idealismo, ambição ou descontentamento com as autoridades, se batiam pela implantação da República. Em 1874 a Caixa Econômica e Monte de Socorro inicia a sua expansão para além da Corte, espalhando-se, posteriormente, por todo o Brasil. No Mato Grosso ela é instalada no dia 18 de abril daquele ano.

1876

É bem verdade que já existia a Lei do Ventre Livre, o que já era uma conquista. Mas nascer, joana já havia nascido. Só lhe restava aguardar que surgisse outra oportunidade. Ela acalentava essa esperança. Numa noite, na sala, o senhor Fernandes havia falado sobre um tal Joaquim Trabuco, ou um nome assim, não havia ouvido bem, que lutava pela abolição da escravatura no Rio de Janeiro, e recitou versos bonitos e tristes de um poeta baiano, cheios de revolta até contra Deus, que nem a que sentia nos momentos mais tristes. O senhor Fernandes falou também de um lugar onde os escravos podiam comprar a própria liberdade, ajuntando dinheiro em uma caixa. Estava até funcionando um negócio destes em Cuiabá. Desde então joana ouvia todas as conversas para conseguir saber mais coisas a respeito daquele assunto.

1878

Entre 1878 e 1881, Joaquim Nabuco, ilustre político da época, lançou campanha de arregimentação e propaganda pública junto às massas populares e aos próprios escravos e seus semelhantes étnicos ou descendentes alforriados, conquistando importantes e numerosos adeptos para a causa abolicionista. A nação já reagia favoravelmente.

1883

Demorou muito, mas a iniciativa de joana acabou dando resultado. Foi mandada para trabalhar na casa de um pessoal vindo de fora, os Vieira, que gostaram muito de seus serviços. Principalmente em função das crianças que muito se afeiçoaram a ela. Lá nessa casa, soube de todos os detalhes. O nome era caderneta e só poderia ser aberta por escravos com autorização do seu senhor e do Juiz de órfãos. Poderia ser depositado quanto pudesse e quando quisesse, com tudo sendo garantido pelo Governo Imperial. O nome do lugar era Caixa Econômica e Monte de Socorro. O nome, além de lhe agradar, reativou suas esperanças de encontrar algum apoio às suas pretensões. Quando voltou para a casa do seu legítimo dono, a escrava, após contar com a interferência favorável da família Vieira, solicitou ao tenente José da Silva Rondon que a autorizasse a abrir uma caderneta na Caixa.
O tenente resistiu. Um fato novo veio ajudar a escrava.
O tenente resolveu mudar para Cuiabá, por razões profissionais. Com o passar dos dias, vendo a dedicação de joana e ouvindo apelos de amigos, acabou por ceder ao desejo dela, não sem antes assuntar de onde ela tiraria o dinheiro necessário para os depósitos.

— Vô lavá rôpa, cozinhá, ajudá nas festa de casamento, tomá conta de doente e de criança, trabaiá na roça e no qui mais aparecê. O qui pudé fazê pra ganhá dinhêro honestamente eu vô fazê. Com a ajuda de Deus no céu e do patrão aqui na terra.

1884

O tenente gostou da resposta e abriu a Caderneta N.º 1657, no dia 25 de janeiro, depositando 50.000 réis, economizados pela negra joana. Entusiasmada, a nova depositante da Caixa se atirou ao serviço. Assim, já no dia 15 de fevereiro ela depositou mais 50.000 réis na sua conta. A mesma quantia veio elevar o saldo para 150.000 réis no dia 20 de fevereiro. Ajuda de pessoas amigas somada ao esforço de seu trabalho. As coisas pareciam correr bem. Em pouco tempo já conseguira ajuntar mais dinheiro do que havia tido em toda vida. Infelizmente, a situação não permaneceu favorável. Houve um período de pouca atividade, com raros serviços extras e escasso dinheiro, que perdurou até setembro. O inverno foi cruel naquele ano. Nos festejos de comemoração da Independência, naquele mês, pelos trabalhos feitos, joana recebeu e depositou mais 10.000 réis.

Naquele ano o Amazonas e o Ceará promoveram a abolição da escravatura. Nova lei é aprovada, em 1885, considerando libertos os escravos com mais de 60 anos e todos os que atingissem essa idade. Era a Lei dos Sexagenários. Os escravos vão poder morrer livres. Fecha-se o cerco à escravidão. A sociedade se movimenta, os escravos fogem das fazendas e o exército se recusa a caçá-los.

1885

O ano foi quase trágico. Trabalhou muito e ganhou pouco. Foi mandada para trabalhar numa fazenda em Minas Gerais. O dono era um tal José Maria da Silva Paranhos, figura eminente e de muita influência na Corte. Lá, joana, além de ficar longe dos amigos e do seu dinheiro, presenciou cenas de violência e crueldade. Na verdade não era uma fazenda de plantações ou gado. Era um local de mineração e garimpo de ouro. Os escravos

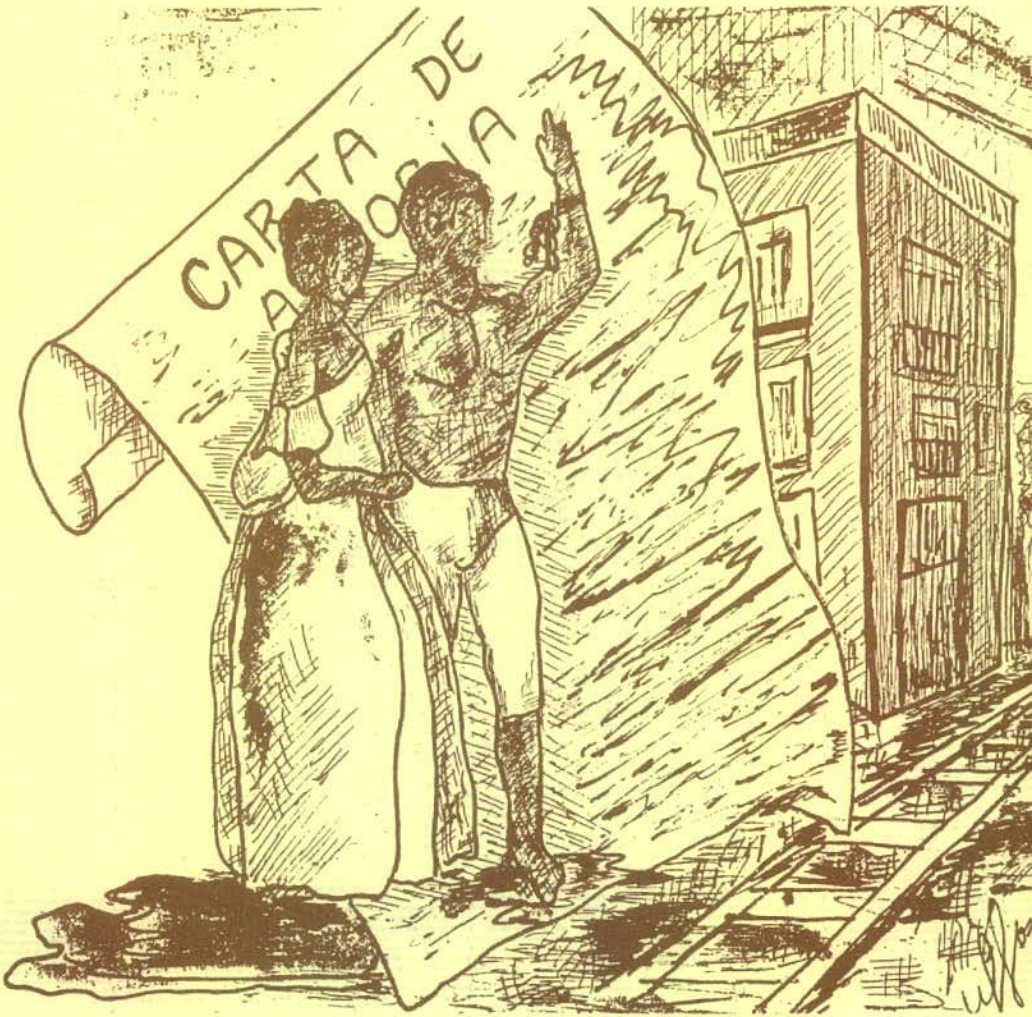
rebeldes ou doentes eram mandados para garimpar num local onde havia areia movediça. Trabalhavam amarrados pela cintura. Quando se tornavam imprestáveis, os feitores desatavam a corda e deixavam que fossem sorvidos pelos sumidouros. Em outubro foi mandada de volta. Junto com a lembrança dos amigos que fizera, das maldades que vira e ouvira narrar e do cansaço da viagem, trouxe saudades do queijo, do lombinho de porco, da couve rasgadinha e algum dinheiro. Quarenta mil réis engordaram a sua caderneta. Naquele ano foi promulgada a Lei dos Sexagenários. joana estava com quarenta anos e isso a desesperava. Se conseguisse sobreviver às maldades dos homens, às durezas da vida, às doenças e chegar aos 60 anos, só seria libertada em 1905. Se havia sido difícil sobreviver 40 anos, como seriam os próximos 20 anos? De qualquer maneira, alegrava-se pelos escravos que, mesmo depois de velhos e contando com pouco tempo de vida, poderiam morrer em paz.

1886

O ano começou movimentado. Muitas oportunidades surgiram. No mês de maio participou dos preparativos de vários casamentos. Alguns de pessoas de famílias ricas. Isso possibilitou-lhe fazer dois depósitos: um dia 18, de 30.000 réis, e outro no dia 31, de 20.000. A segunda metade do ano também apresentou muito trabalho. Muitas viagens, muitas horas de fogão. No dia 6 de dezembro mais 50.000 réis foram somados ao saldo da Caderneta 1657.

1887

No início do ano, o tenente José da Silva Rondon, já aposentado do seu posto, resolveu transferir-se para o Rio de Janeiro. Antes, foi dar uma olhada nas condições e tomar as providências necessárias à mudança. Deixou a negra joana a serviço do Presidente da Província do Mato



Grosso. Em maio daquele ano, quando voltou para a casa do tenente, que retornara do Rio disposto a se mudar, a escrava recebeu uma expressiva quantia de dinheiro — 265.000 réis — pelo desempenho irrepreensível de suas tarefas. Mais uma vez contou com a colaboração de amigos e de algumas pessoas influentes. Durante os últimos anos várias mudanças haviam ocorrido, com as idéias abolicionistas tomando corpo, conquistando novos adeptos

e alterando o relacionamento patrão/escravos.
Teve notícias de que nos lugares chamados Amazonas e Ceará já não havia mais escravidão. A esperança crescia.
No dia 25 de maio de 1887, depois de 41 anos de muito trabalho, sofrimentos e humilhações, 4 anos e 4 meses de Caderneta da Caixa Econômica e 600.000 réis de saldo, joana, escrava do tenente José da Silva Rondon, ouviu o Juiz de órfãos ler a seguinte declaração escrita na Caderneta 1657:

— CEDO E TRANSFIRO O DIREITO QUE TENHO NA PRESENTE CADERNETA AO SR. JOSÉ DA SILVA RONDON, POR HAVER DO MESMO SR. RECEBIDO A MINHA LIBERDADE PELA QUANTIA DE SEISCENTOS MIL RÉIS.

Joana já não era mais escrava. Os problemas e os desafios eram muitos. Mas a sensação de ser livre lhe dava força ainda maior. As lágrimas que correram dos seus olhos desta vez tiveram um sabor diferente. Um novo tempo começava em sua vida e Joana foi buscá-lo. Um tempo de fé. Um tempo de esperança. Tempo de ser livre e de ter o direito de ser considerada como gente.

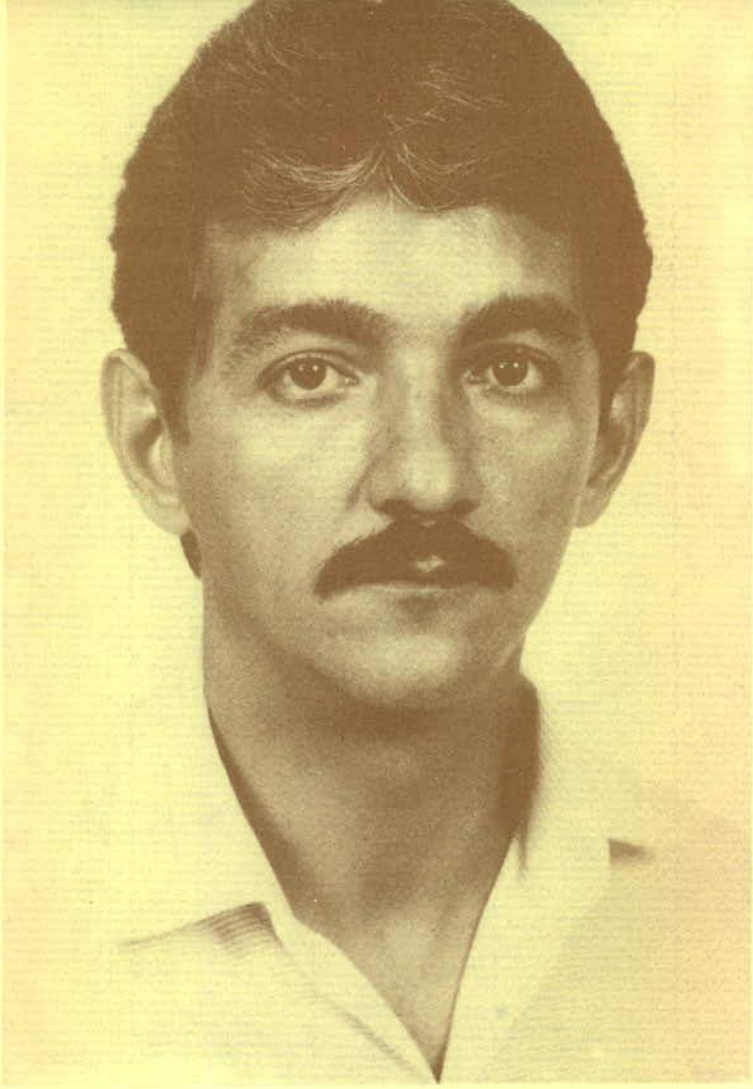
1888

Finalmente chega o tempo de extinguir-se a escravidão no Brasil. Depois de mais de 20 projetos protelando o ato final, já não há como adiá-lo. "Para aprovar a Lei Áurea o Parlamento não precisou de mais do que de cinco dias". A 13 de maio, desde as três horas da tarde a Princesa Isabel descera de Petrópolis, para aguardar o instante de sancioná-la. Em Milão, onde se encontrava, D. Pedro II ditou um telegrama: "Abraço a Redentora. Seu Pai Pedro".

Essa medida desagradou aos proprietários de escravos. Viram-se eles envolvidos em grandes dificuldades e retiraram seu apoio ao Governo Imperial. Aproveitando-se da desorientação vigente e do acentuado desprestígio do Imperador, num pronunciamento militar, sem encontrar qualquer resistência, o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República em 15 de novembro.

MANGABEIRA, O PRESIDENCIÁVEL

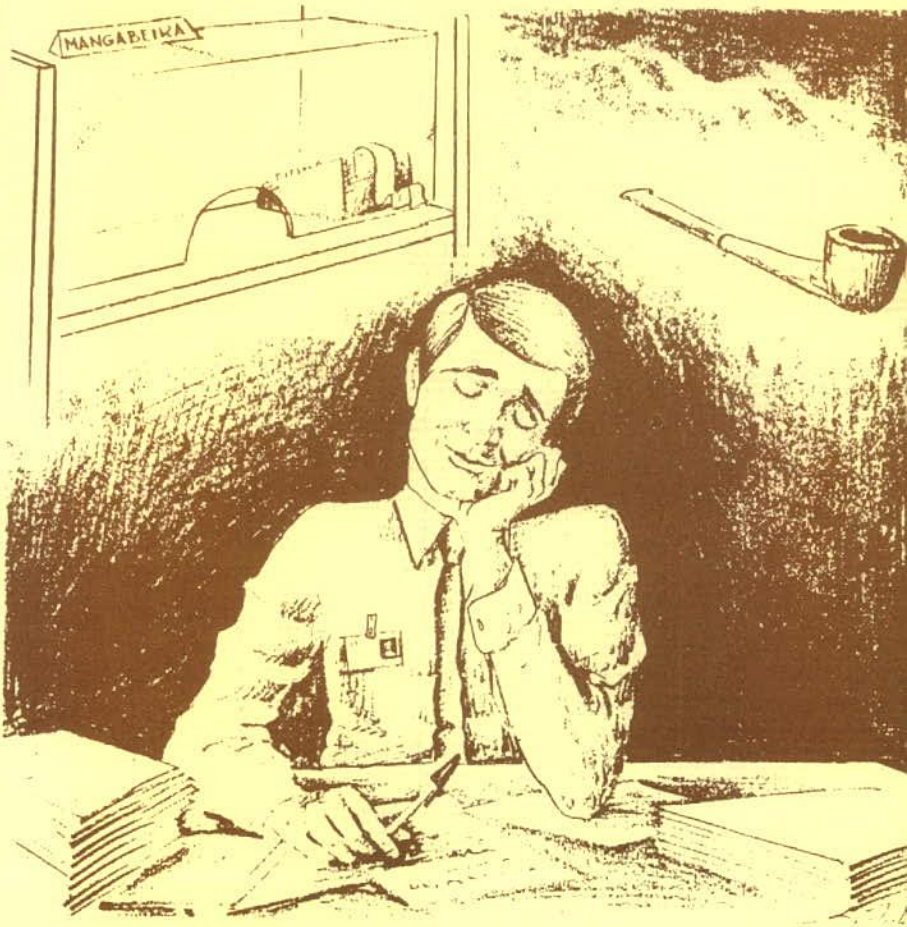
MÁRIO MEDEIROS JÚNIOR



Nascido em 1949, em Natal, trabalha atualmente na área de cadastro, depois de ter sido gerente de núcleo e presidente da Associação do Pessoal da CEF/RN. Mesmo considerando o conto o "início da grande caminhada rumo ao romance — sonho de todos os que escrevem", Medeiros Jr. tem na poesia seu gênero predileto de expressão, contando cerca de 300 poemas inéditos. O contista de **"Mangabeira, o Presidenciável"** *acha que "o ato de escrever, na verdade, é um ato de se dar".*

Mangabeira desceu a rua que liga a Junqueira Aires com a Caixa Econômica Federal. Um odor de cerveja, rum, vodka e suor pairava no ar, como se despedindo dos três dias de momo que findavam.

Desta vez tinha passado um carnaval da maneira como sonhara há tanto tempo. Afinal tinha conseguido juntar uns bons trocados na repartição onde trabalhava.
O mundo ainda girava todas as vezes que fechava os olhos na dormência do sono que já lhe afetava pernas e pensamento.



Eram dez horas da manhã ensolarada de quarta-feira de cinzas.

Com alguns tropeços, camiseta suada e rasgada, bermuda colorida e suja, descalço, sem ao menos ter certeza de onde se sujara ou perdera as sandálias, chegou em casa.

No portão, sua mãe, dona Alzira, sem dormir desde a noite de segunda-feira, preocupada com as andanças do filho que prometera gozar as folias de momo como nunca o fizera, olhou assustada para o aspecto físico do filho e suspirou aliviada quando verificou que o problema era só embriaguez.

Mangabeira sorria como se tivesse conseguido uma vitória que há muito arquitetara. Parou um instante, pôs o braço sobre os ombros de dona Alzira, enlaçou-a e tentou ensaiar alguns requebros ao som de um bloco de "sujos" que ainda batucava pela rua. Quase caem e rindo entraram casa adentro.

Natal nunca havia sido tão "Cidade do Sol" quanto neste carnaval. Quando o calendário indicou o fim de semana, a natureza doirou os céus com o bom tempo propício aos grandes carnavais. Os clubes haviam contratado excelentes orquestras. As escolas de samba ostentavam o melhor de suas fantasias e integrantes. O ar era festa. Os bares quase não conseguiam atender ao número imenso de foliões que se comprimiam em cada metro do espaço de seus salões. Nas ruas as meninas desfilavam suas tangas, biquínis, 'shorts' ou fantasias, dando um toque provocante, característico de todo carnaval que se preze. As orgias foram homéricas.

Natal, desde janeiro, começara a movimentar-se em torno das festas pré-carnavalescas. As ruas tinham o quê de ar festivo, palanques em construção e batuques de ensaios que anunciavam o carnaval.

Parecia que Mangabeira houvera escolhido o ano certo e preciso para dar vazão aos anseios reprimidos dos carnavais anteriores.

Quatro ruas praticamente definiam as passarelas obrigatórias do carnaval: Hermes da Fonseca, Potengi, Deodoro e Apodi. Muito embora já se cogitasse dos passeios pela Prudente de Morais, Duque de Caxias e Tavares de Lira. Esta última tinha a fama de acolher os amantes de cabarés, jogatinas e apreciadores de bebida alcoólica.

As lojas comerciais mais se assemelhavam aos já famosos pastoris interioranos. Ostentavam, dependuradas nos tetos, as mais diversas peças coloridas: lança-perfumes, lanças d'água, rolos de serpentinas, saiotes indígenas feitos de penas ou agave tinto, máscaras de "sujos" das mais diversas etc...

Mangabeira tentava lembrar-se dos nomes de todas as meninas que conseguira nas noitadas. Pensando nisso, entrou embaixo do chuveiro. Sorria feliz.

Tivesse ele 100 quilos a mais e entraria na justiça para requerer o título de Rei Momo Eterno. Afinal havia sido o maior dos foliões.

Pelo seu aspecto despreocupado dir-se-ia que se esquecera de que hoje, quarta-feira de cinzas, deveria retornar ao trabalho exatamente às 12 horas. Afinal, pelo calendário, o carnaval terminara precisamente à meia-noite da madrugada anterior. Foi dona Alzira quem lhe lembrou o fato. Mangabeira fez um ar de revolta e tristeza, esfregou os olhos que teimavam em permanecer fechados para alívio do ardor resultante de noites indormidas e de bebidas alcoólicas. Mesmo a contra-gosto ele pôs sobre a cama suas ferramentas de trabalho: calça, camisa de mangas compridas, gravata e adereços. Empurrou, quase

com violência, um par de sapatos ainda bastante limpos para debaixo da cama. Começava a ter consciência de que o carnaval terminara, a vida voltava ao cotidiano, o 'bureau' o esperava, assim como os malditos relatórios do processamento. Ficou imaginando a cara do chefe com aquele ar burguês. Ouviu um chamado de dona Alzira convidando-o para o café. Aprontou-se com lentidão, embebeu o lenço com um bom perfume, penteou bem os cabelos e sentou-se à mesa. Não conseguiu comer nada. O estômago recusava tudo. Levantou-se, beijou a mãe e saiu em direção à rua.

Maldito sono que não o deixava em paz. Haveria de matar quem inventou o trabalho naquela quarta-feira. Assim resmungando observava o trajeto que teria de cobrir.

Do folião, já pouca coisa se observava em Mangabeira, muito embora, para os que dele se aproximassem, viesse um odor de ressaca como prova indiscutível de que ali estava quem gozara das artimanhas momescas e usufruíra da condição financeira para se vislumbrar como um palaciano árabe entre odaliscas sonhadoras.

Mangabeira entrou na Caixa como um autômato. O seu cumprimento aos colegas foi apenas um aceno de mão. Tão cansado estava que não murmurava um só monossílabo. No pensamento a frase que o acompanhava desde que findara o carnaval: o mundo deixa sua dinâmica para entrar na estática da rotina.

O 'bureau' continuava com várias pastas contendo relatórios sobre contas bancárias. Listas de acertos, contas com saldo devedor, relação com saldos médios e outros. Mangabeira nem se atrevia a abrir qualquer uma delas. E foi nesse estado de reflexão que muitos pensamentos lhe vieram à mente. Pôs o queixo sobre as mãos, apoiou os cotovelos no 'bureau', tentou adivinhar o murmúrio que lhe

chegava da bateria dos caixas e viajou no mundo da imaginação.

O primeiro telefonema que recebeu foi para avisá-lo de que havia sido aceita sua inscrição para o curso de caixa executivo. Reconhecimento justo pelos serviços que executava na agência com tanto esmero.

Que beleza! Que maravilha! Eis o senso da justiça imperando! Enfim tiraram a "venda de Themis" para que ela observasse este funcionário íntegro e dedicado.

Foram duas semanas de aperfeiçoamento.

A abertura do curso foi feita pelo Gerente Geral, cujas palavras de incentivo ficaram gravadas na mente de Mangabeira como uma nova filosofia de vida:

— "A vida pela empresa".

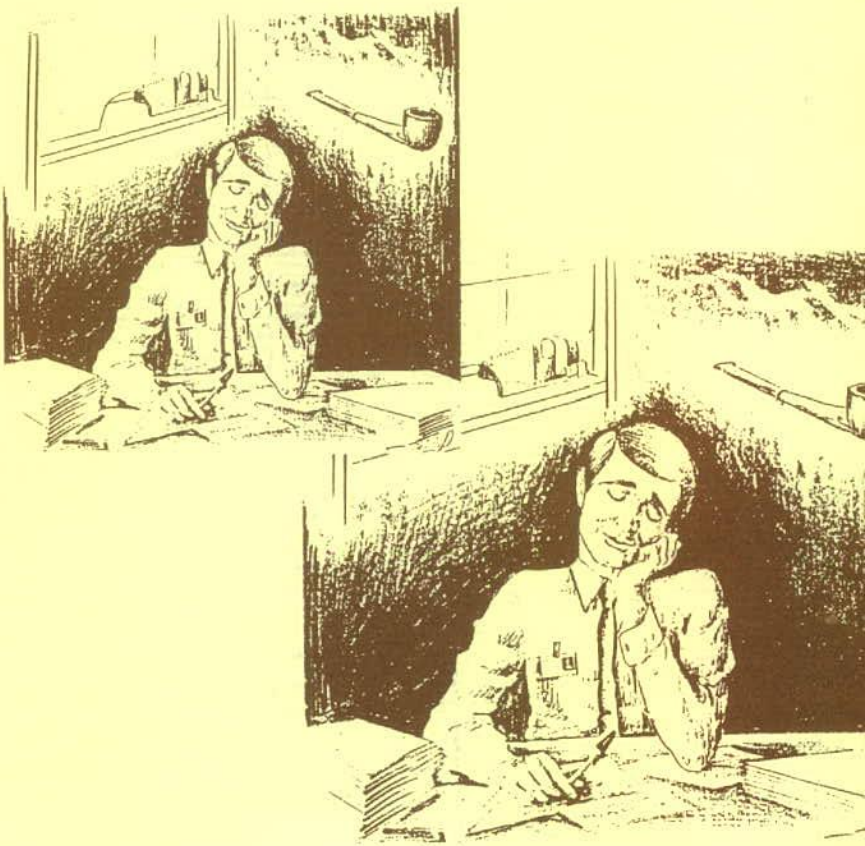
Mangabeira trabalhava com afinco. Os instrutores, multiplicadores e pessoal de apoio sentiam que, dentro de pouco tempo, aquele jovem seria um proeminente funcionário.

Nota máxima ao final do curso: legislação, 10; grafoscopia, 10. Laureado o melhor do curso. Faltava apenas a prática nos guichês de atendimento.

Nos guichês Mangabeira explodiu. Era o mais ágil e seguro dos caixas da empresa. Conhecedor profundo das normas de atendimento e execução. Narrador dos fatos mais pitorescos vividos por ele e seus colegas. Nos diálogos rotineiros entre empregados e clientes, no fim do expediente contava os casos mais cômicos. Os colegas rodeavam-no esperando a estória do dia, como alunos esperando a mensagem do mestre. Era a liderança de Mangabeira que se fazia sentir.

Pigarreava sempre antes de iniciar a narrativa, como todo bom orador, e para encanto de todos sua coleção de fatos era completa, como o caso de "seu" Antônio. Antônio, dizia Mangabeira, chegara ao guichê do caixa para retirar a importância de Cr$ 60.000,00. Estava a preencher sua guia de retirada quando o caixa observou que havia escrito CeCenta, com dois "cês". Tentou corrigir dizendo:
— "Sessenta com C?" e "seu" Antônio rindo:
— "Desculpe, esqueci o cedilha!"...

Outro caso desconcertante ocorreu entre um portador de cheque e um auxiliar, velho e pirracento:



— Estava o auxiliar num de seus dias piores de atendimento, em razão de problemas financeiros e particulares, quando um jovem entra na agência e o interpela:

— Posso ir direto ao caixa?

— Vá direto se quiser. Senão, vá fazendo zigue-zague no salão.

Ou aquela em que o cliente reclamava demais da fila por causa da grande demora e, quando chegou ao caixa, perguntou:

— E o senhor, o que é que diz?

— Eu não digo nada, eu só como! (referência à propaganda da geléia de mocotó).

Risos e mais risos ecoavam junto a Mangabeira. A função de caixa executivo lhe facultava demonstrar conhecimentos vários. As filas de Mangabeira eram sempre as maiores. Não que ele fosse vagaroso. Era o seu atendimento perfeito e sua grande rapidez que lhe granjeava uma maior procura. Graças a isso, sua figura já se tornara bastante conhecida dentro e fora da Caixa. De caixa executivo a gerente de núcleo foi um piscar de olhos. Cinco meses de Caixa e lá vai Mangabeira para Recife fazer curso de gerente de núcleo.

Não poderia acontecer outra coisa. Mangabeira tornou-se líder da turma, além de obter as melhores notas.

Recife havia sido uma festa. Tanto nas salas de reuniões e testes, como nas avenidas da bela cidade. Curtira bastante as praias de Olinda e Boa Viagem. Parecia que as garotas já o conheciam, tão grande era o número de amigos que fez na cidade. Em termos de agência, Recife foi o

reconhecimento de toda a sapiência bancária de Mangabeira.

Ao jantar comemorativo, feito por dona Alzira, compareceram inúmeros colegas bancários, inclusive o Gerente Geral e o gerente de operações. Mangabeira, apesar da liderança que exercia, mantinha-se numa postura humilde, abalado talvez pelo sucesso citado em versos e prosas pelos seus colegas.

Seu primeiro dia de trabalho como gerente de núcleo foi exercido em um 'bureau' coberto de ramalhetes oferecidos por clientes e colegas. Seu atendimento não mudou. Era a mesma rapidez e eficiência.

Coincidência ou não, o número de clientes aumentou consideravelmente. A agência teve que ser suprida de vários 'bureaux' e funcionários. O movimento passou a ser fechado às 18 horas impreterivelmente. As arrecadações dos serviços triplicaram. O saldo das contas ultrapassaram as perspectivas do núcleo operacional. As reuniões semanais deixaram de ser obrigatórias, ressalvando-se que o número de presentes continuava em cem por cento.

Começava a vida social de Mangabeira.

Até hoje Mangabeira não sabe a razão do convite para assistir à passagem de comando do QG do Exército. E o da primeira reunião da Assembléia Estadual?... e tantos outros?...

Por conta de tudo isso Mangabeira teve de construir uma casa no bairro mais 'soçaite' da cidade. Dona Alzira custou a se adaptar à nova situação. Mangabeira já era gerente de agência. Sua bolsa estourava de tanto cartão de crédito e cheques especiais. Uma das características de sua casa era a sala de som. Havia projetores, vídeo-cassete, sistema de

som e... logicamente um bar equipado com as melhores bebidas do momento.

Todo o ano de 1984 foi coroado de glórias.
Na universidade concluíra o curso de Economia. Curso que além do diploma trouxera-lhe um romance com a filha do ex-governador do estado. Foi o noivado de maior badalação na cidade. Não havia espaço nas colunas sociais que não trouxesse notícias da nova situação de Mangabeira.

Do noivado ao casamento, da gerência da agência à Gerência Geral, a demora foi a mesma: 90 dias.

Gerência Geral!... Gerência Geral!... palavras que martelavam o pensamento de Mangabeira. Alguma coisa lhe dizia que ainda não havia acontecido a concretização dos seus sonhos. Voltava-se aos tempos de caixa executivo, gerente de núcleo, gerente de agência, das comissões de que fizera parte, de tantos eventos funcionais de que participara quase sempre como chefe. Muitas vezes ficava a recordar "aquela ordem de pagamento" de que não conseguiam acertar a chave de segurança; o ROD que não emitiram por puro esquecimento; o trabalho em contornar os namoros dos funcionários com estagiárias; a quebra da máquina de contar moedas; o atraso dos relatórios do processamento; os 'slips' que não chegaram a tempo de passar a compensação, e tantas coisas que já se armazenavam nas estantes do que parecia coisa do antigamente.

Teria sido sua vida condensada apenas nesse tão curto espaço de tempo? Teria chegado ao cume da escalada funcional? E agora?

Foi nessas meditações que desembarcou em Brasília a convite do Ministro da Fazenda. Havia um quê no ar que

dizia a Mangabeira que a Presidência da Caixa estava perto. Faltava muito pouco.

Já não faltava nada. Mangabeira havia sido escolhido para assumir a Presidência.

Tão logo soube da notícia, correu ao telefone e discou para a Filial.

Alguma coisa estranha acontecia ao telefone, pois antes mesmo de dar a notícia, várias vozes do outro lado da linha murmuravam seu nome. A princípio bem baixinho, depois tão alto que lhe doíam os ouvidos. Mangabeira!... Mangabeira!... Mangabeira!... Mangabeira!... Foi aí que acordou, abriu os olhos e ficou totalmente desnorteado ao se achar na agência, ainda de ressaca, como auxiliar de escritório, na mesma quarta-feira de cinzas, às 18 horas, com um grupo de colegas tentando acordá-lo.

Até hoje ninguém entendeu porque Mangabeira olhou para o gerente de núcleo e, dando-lhe tapinhas nas costas, exclamou:

— Você vai ser meu superintendente!...

A SENHA

MIGUEL ANGELO GARAVELLO



Gaúcho, que passou metade da sua vida em Brasília, Garavello, 48 anos, jornalista e advogado, trabalha na assessoria de comunicação da Caixa. Em sua opinião, **"A Senha"** *reúne numa única narrativa os dois temas que mais o fascinam: a importância histórica da Caixa e o papel do negro no processo sócio-econômico brasileiro. O episódio que deu origem ao conto faz parte de um romance inédito. Sua atividade literária vem-se desenvolvendo "nas horas vagas, espremidas entre o trabalho e a faculdade onde leciono". Sua esperança — afirma — é poder dedicar-se integralmente ao estudo do acervo da empresa, principalmente no que diz respeito à legislação do século passado. Para ele "a história e o folclore da Caixa se consolidam pelos dois lados dos guichês".*

Liberto, mas sob rígidas condições, o pequenino Tonico Malê, semovente arrolado no espólio do Comendador Freitas Santos, mantinha-se preso à sapataria do velho Ubaldo Ferrão, onde desempenhava as funções de segundo oficial.

Pelo tamanho e mais o fato de ter sempre vivido entre remendos e consertos de calçados, crismaram-no com outro apelido: Meia Sola.

A alcunha o agastava. A ponto de, vez por outra, sair nos calcanhares da molecada que lhe atazanava a paciência.

Mais do que os aborrecimentos com os moleques da rua, na maioria filhos de brancos, Meia Sola magoava-se com o tratamento que recebia de sua própria gente, escravos como ele.

Tinha um grande sonho. O de se ligar aos movimentos de libertação dos negros. E não tendo recursos ou o dom da oratória para campanhas ou comícios, oferecia o seu trabalho e, se preciso fosse, até mesmo a própria vida pela causa.

Mas sempre que tocava no assunto, seus irmãos de cor, ou mesmo brancos que lutavam pela abolição plena, não o levavam a sério. E o pior, tocavam fundo nas suas feridas, do tamanho e do apelido.

— Ora, Meia Sola. Vá crescer primeiro para depois fazer revolução.

E por anos a fio, intrometeu-se nas conversas dos domingos, depois da missa ou nas noites de roda de jongo, quando invariavelmente a abolição terminava sendo discutida.

Até que um dia, um forro, muito ladino, parou para ouvi-lo. E acabou convidando o pequenino conspirador para uma visita à sua casa.

***

Um, dois, vários encontros. Negaças e perguntas aparentemente sem sentido. E sem que se apercebesse, Meia Sola passou inclusive a ser seguido por esguios e barbudos espias.

O forro ladino, de fato, liderava uma sociedade secreta, formada por negros de fé muçulmana. Aos poucos Meia Sola foi sendo iniciado. Tanto na nova religião, como nos segredos da organização.

As reuniões não tinham lugar certo. E muitas vezes Meia Sola ficava tempos e tempos sem nenhum contato. Quando menos esperava, recebia de um escravo ou mandalete, a serviço de levar calçados para conserto, um recado dando hora e local onde deveria comparecer.

Não recebia nenhuma missão. E isso preocupava o aprendiz de insurrecto, que desejava ardentemente entrar em ação.

Enquanto isto, levava vida de monotonia e esperanças.

***

Antes de passar, por aluguel, ao velho Ferrão, Meia Sola tinha promessa do comendador de liberdade total.

Com a morte do patriarca, no entanto, os herdeiros esqueceram o prometido e consideraram somente as cláusulas de liberdade sob condições, o que permitia à família do comendador continuar com o usufruto do seu trabalho.

Assim, o velho Ferrão mantinha o eficiente segundo oficial a seu serviço, a semana inteira, sem maiores compromissos. Meia Sola obrigava-se a trabalhar na oficina, sem direito a cama e mesa. Uma situação confortável para o locatário, que tinha os benefícios do escravo, sem as obrigações de sustento e abrigo. E apenas pagava, semanalmente, o aluguel de Meia Sola, direto ao procurador da família, a quem de fato o pequenino ainda pertencia.

A única vantagem do liberto sob condições, era o direito de ir e vir, sem a necessidade de salvo-conduto.

Este direito, no entanto, pouco valia.

Da oficina, de onde saía exausto, no fim da noite, ia direto para uma meia-água, onde morava de favor.

O teto e as ralas refeições diárias tomadas junto à escravaria do dono da casa, as recebia em troca de serviços de arrieiro, que fazia à luz de candeeiros e, às vezes, ao longo dos domingos.

O dono da casa, um português rabugento mas de coração mole, mantinha um negócio de transportes em carroças.

Cabia a Meia Sola manter os arreios dos animais em ordem, remendando rédeas e cilhas. Caprichoso e hábil no trato com couros, trazia o arriamento aparelhado, untando as dobras e os metais com sebo de carneiro, o que dava ao equipamento o luxo de carruagem e a resistência de carro de carga.

O capricho valia, sempre, o reconhecimento do português. Numa empreitada de maior ganho, o carroceiro deixava escorrer algumas moedas para debaixo do colchão do pequenino, bem como permitia que o seu protegido fizesse serviços extras para alguns conhecidos.

Aos poucos, Meia Sola fazia seu pecúlio.

***

Na procissão de São Benedito, os homens de cor, livres e forros, escravos e libertos de qualquer tipo, entoavam cantos e rezas.

— Meu nome é Ahmed.

Sem que se apercebesse, Meia Sola, que acompanhava o ato religioso com vela e canto, tinha atrás de si um negro alto e elegantemente trajado.

— Beeendiito... e Louvado Seja...

O canto do negro era alto e bem afinado. Entremeio ao refrão, falava entre os dentes:

— Não olhe para trás. Apenas ouça.

O pequenino tremeu, mas continuou caminhando.

— Ooooo Santíiissimo Sacraaaamento...

O negro elegante continuou:

— Por muito tempo não haverá reuniões.

O refrão encheu de novo a rua:

— Beeendiiito... e Louvado Seja...

Interrompeu o canto e falou de novo:

— Cuide só da sua vida. Estamos tentando uma forma de conseguir os documentos deixados pelo comendador. Cuidado com o seu dinheiro no colchão. Muita gente sabe das suas economias. Arranje um lugar mais seguro.

Na virada da esquina, a voz de tenor do negro alto sumiu de vez.

Meia Sola não soube, ao certo, com quem estivera falando.

***

A Caixa Econômica da Corte funcionava num antigo casarão, na Rua da Misericórdia.

Do casarão contavam histórias. Teria sido uma prisão para muitos homens. Alguns deles lá morreram ou de lá saíram para serem sacrificados por defenderem idéias de liberdade.

Do novo estabelecimento, sabia muito pouco. Apenas que era uma repartição do Governo Imperial, dedicada a receber em depósitos as economias do povo. Livre ou não.

E que estranha era esta coincidência. No antigo lugar de sacrifício de idéias, nascia uma instituição que não discriminava e, ao contrário, dizia-se que, entre as suas paredes, muitos ideais de liberdade foram alcançados.

Desconfiado e temeroso, Meia Sola cruzou os grossos portais do estabelecimento.

Lá dentro, um imenso balcão em madeira negra separava o ambiente. Na parte externa, homens e mulheres, jovens e até crianças acompanhando os familiares, traziam em pequenas bolsas ou amarrados em lenços punhados de moedas. No interior, atentos funcionários, de colete e colarinho, faziam escritas ou conferiam números.

Uma negra baixa e gorda falava com um dos funcionários, no balcão.

Meia Sola aproximou-se, devagar, e tentou entender alguma coisa:

— Foram-lhe abonados juros de oitocentos e nove réis. Com isso o seu saldo fica em duzentos mil, oitocentos e nove réis.

A negra deu um largo sorriso, guardou uma espécie de livrinho entre os seios e despediu-se.

— Pois não?

O funcionário da Caixa Econômica falava agora com ele.

Meia Sola gaguejou, mas não conseguiu responder.

— Chegue até aqui. O que você deseja?

Com o saquinho de moedas na mão, aproximou-se.

— Quer fazer um depósito? Tudo bem. Já tem a caderneta?

Respondeu negativamente, com um aceno de cabeça.

— Não se acanhe. Deixe que lhe explique.

Com paciência e simpatia, o funcionário mostrou como a coisa funcionava. Era muito simples. Qualquer pessoa poderia fazer depósitos, mesmo os negros, escravos ou não, sabendo ou não ler e escrever. Para os escravos, no entanto, havia algumas formalidades. Antes, porém, o funcionário quis saber qual a sua situação.

Um tanto confuso, Meia Sola explicou. Era escravo do Comendador Freitas Santos. Não tinha parentes. Ou pelo menos não conhecia nenhum. E nem mesmo sabia como tinha parado na casa do comendador. Seu nome de batismo e registro era Antônio. Diziam ter vindo da África, ainda muito pequeno. Mas não lembrava. Teria chegado com um grupo de escravos malês. Associaram, pois, o nome de sua nação ao seu nome de cristão. Por não ter crescido muito, chamavam-no Tonico. Tonico Malê, à falta de um sobrenome.

De pouco físico para o trabalho pesado, mandaram-no para aprender um ofício. A custa de palmatória e castigo, tornou-se oficial de sapateiro. E daí, escravo de aluguel para várias oficinas.

Assim que caiu doente, o comendador prometeu sua alforria. Deu-lhe, a princípio, certa liberdade sob condição de que o aluguel do seu trabalho ficasse com dona Mariinha, mulher do patriarca, em caso de viuvez. Ficou também acertado que, depois do passamento de dona Mariinha, ele ficaria inteiramente livre.

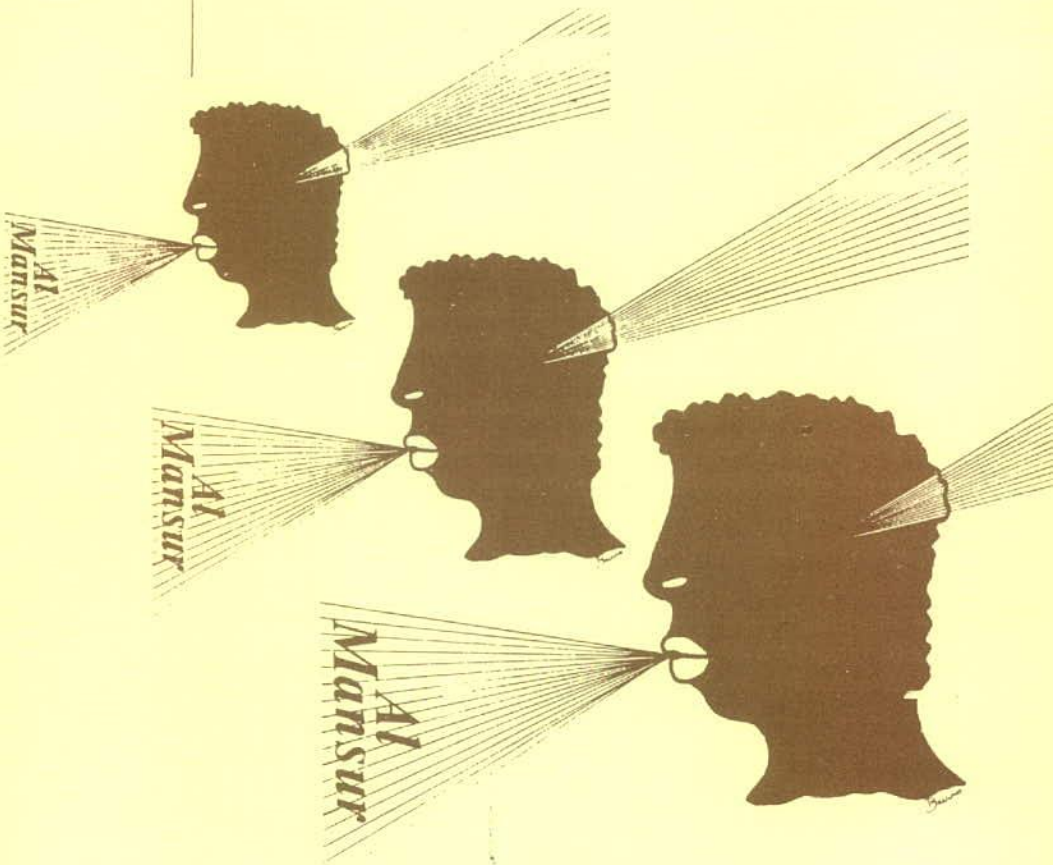
O velho ainda durou alguns anos. Uma febre brava, no entanto, acabou levando o patriarca e sua mulher numa mesma semana.

Depois disto, Tonico Malê, já conhecido por Meia Sola e alugado ao velho Ubaldo Ferrão, não soube mais de sua situação. Apenas que era obrigado a trabalhar na sapataria e os herdeiros do comendador ficavam com o resultado de seu trabalho.

Para o funcionário da Caixa Econômica, estas histórias eram comuns. Muitas vezes discutia o assunto com os seus superiores. E para cada caso, às vezes, vinham soluções boas e ruins, em função da lei vigente ou do seu mau uso.

Para o novo depositante não tinha, de pronto, uma fórmula para dirigir o procedimento de depósitos e retiradas. Mas, com muito tato, pediu ao pequenino que aguardasse, enquanto fazia algumas consultas.

***



Para movimentar uma conta de depósitos na Caixa Econômica, explicou o funcionário, o pretendente teria que definir sua situação. Se considerado escravo, haveria a necessidade de autorização do seu proprietário para efetuar retiradas, ou na falta deste, a ciência do Juiz de órfãos a quem as causas dos servis estavam afetas.
Se comprovasse sua liberdade, dependendo das condições, poderia ser considerado como se livre fosse.

Como nenhuma das condições se comprovaram, o habilidoso funcionário da Caixa Econômica, que volta e meia se arvorava em intérprete da lei, acabou arranjando uma outra saída.

Tonico Malê, por ser analfabeto, firmaria compromisso, por assinatura a rogo, de apresentar os necessários documentos no ato de fazer qualquer retirada. Até lá poderia efetuar seus depósitos, com direito ao abono de juros convencionais, de seis por cento ao ano.

E, como no Registro Público de escravos o seu preço fora fixado em seiscentos mil réis, sobrava-lhe, ainda, a seguinte opção: caso o seu saldo atingisse valor igual ao seu preço, faria, igualmente por assinatura a rogo, uma cessão da referida importância ao seu legítimo dono, a quem o depósito passaria a pertencer. Com a declaração da Caixa Econômica, Antônio Malê iria até o Juiz da vara competente, com direito a requerer a alforria plena.

Um outro expediente pouco usado, a não ser em casos especiais, foi também sugerido pelo funcionário.
A garantia da identificação de Antônio Malê, com a caderneta que se abria em seu nome, seria dada também por uma senha.

A senha, guardada em segredo de ofício pelo tesoureiro da Caixa Econômica, seria usada no caso de as testemunhas falecerem ou mudarem de domicílio.

Se o tesoureiro deixasse a função, a senha seria passada ao seu substituto, igualmente em seguro de segredo.

***

A polícia, avisada por esbirros, sabia de um movimento estranho envolvendo negros muçulmanos. Mas não acreditava que pudessem se repetir os graves conflitos que ensangüentaram a Bahia e mesmo o Rio de Janeiro, quando negros háussas, ajudados por malês, insurgiram-se em luta armada.

Pelo sim, pelo não, botou espias nas ruas e becos.

Também avisada pelos seus informantes, a irmandade chefiada pelo forro ladino encolheu-se.

A ordem era de que, até que a maré baixasse, cada um cuidasse da sua vida.

Tonico Malê, que já se desacostumara de ser chamado por este nome, passou a ser Antônio Malê, depositante da Caixa Econômica da Corte do Rio de Janeiro.

Uma caderneta, escrita em letras de calígrafo competente, trazia seu nome, os números de sua fortuna e esperança.

Na Caixa, em conversa de reservado segredo com o tesoureiro, quando lhe foi perguntado qual a senha que escolheria, lembrou-se de uma expressão ouvida num rabo de cochicho entre companheiros háussas. E escolheu "Al Mansur" que, soubera depois, significa em árabe "O Invencível".

Semanalmente trazia suas moedas e, os primeiros seis meses decorridos, viu o fruto dos juros abonados.

Gostava da senha e, vez por outra, à guisa de maiores esclarecimentos, pedia uma conversa reservada com o

tesoureiro para testar a senha. "Al Mansur" — "O Invencível".

E passou a acreditar que realmente assim o era.

***

A família do comendador finalmente concluiu o inventário. E por interveniência de um jovem advogado, abolicionista e impetuoso, a situação do jovem liberto sob condições começou a clarear.

Tonico nunca soube quem o contratara e por que razões o jovem causídico patrocinava, gratuitamente, a sua causa.

Apenas foi informado por um mandalete do advogado de que breve seria cumprido o desejo do finado comendador, de fazê-lo um homem integralmente livre.

A polícia andava nas ruas. Havia tensão entre negros, muçulmanos e cristãos.

Falava-se de prisões e suplícios. Comentava-se sobre traições e relação de nomes envolvidos.

O sapateiro, esquecido um pouco da irmandade, dedicava-se ao trabalho na sapataria do velho Ferrão e desdobrava-se em biscates para engordar sua Caderneta da Caixa.

***

No dia aprazado, Tonico chegou à Caixa Econômica. Tudo estava pronto. Conheceu, inclusive, na oportunidade, o jovem advogado que cuidara dos papéis.

A reunião foi solene, com leitura do termo que foi inscrito na sua caderneta.

—... "Cedo e transpasso... os direitos da presente caderneta... por haver do mesmo recebido a minha liberdade..."

Eram palavras que ele não entendia. Apenas entendia o significado. Estava prestes a se tornar livre para sempre.

Ao final da cerimônia, o tesoureiro convidou Antônio Malê para, em conversa reservada, destruir o registro da senha.

Emocionado, Tonico Malê, o Meia Sola, não se conteve. E alto e bom som gritou para os presentes:

— Não precisa mais segredo. Sou "Al Mansur", "O Invencível".

Havia muita gente na Caixa Econômica. Inclusive um cidadão, meia idade e de grossos bigodes.

Este, para o espanto de todos, segurou o pequenino negro pelo pescoço e o imobilizou com um par de algemas de ferro.

***

Na manhã daquele sábado, o "Clarim da Alvorada", gazeta dedicada a assuntos explosivos, comentava:

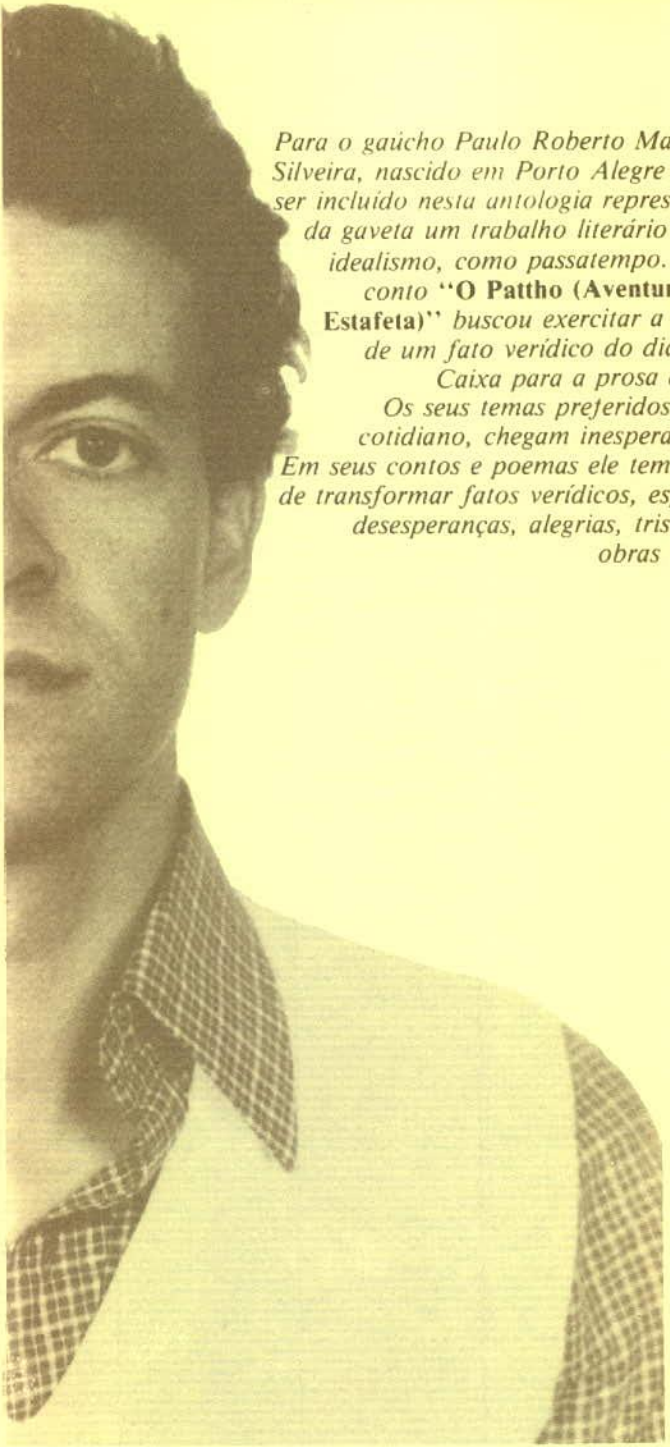
"O ÚLTIMO INSURRECTO ESTÁ PRESO". A polícia declara: "Al Mansur" não é mais "O Invencível".

O negro forro, muito ladino, lia o jornal. Uma discreta lágrima correu pelo seu rosto liso.

E, cabisbaixo, foi em direção ao local onde a irmandade, sob a sua liderança, voltaria a se reunir.

"O PATTHO"
(Aventuras de um Estafeta)

PAULO ROBERTO MACHADO DA SILVEIRA



Para o gaúcho Paulo Roberto Machado da Silveira, nascido em Porto Alegre em 1951, ser incluído nesta antologia representa tirar da gaveta um trabalho literário feito por idealismo, como passatempo. Com seu conto **"O Pattho (Aventuras de um Estafeta)"** *buscou exercitar a passagem de um fato verídico do dia-a-dia da Caixa para a prosa de ficção. Os seus temas preferidos estão no cotidiano, chegam inesperadamente. Em seus contos e poemas ele tem o hábito de transformar fatos verídicos, esperanças, desesperanças, alegrias, tristezas, em obras literárias.*

I

Ele se antecipou ao expediente. "Atravessou" (atravessou mesmo!) a porta de entrada da agência, atropelou vigilantes, mesas, cadeiras, gerente de núcleo, escriturários e todos os etecéteras que compunham a agência (naquele tempo ainda não existiam os auxiliares de escritório) e correu, cego, na direção do seu amigo Tranqüilo.

Um agarrão descontrolado no braço do amigo escriturário (acompanhado de um gemido nervoso: "Vem cá!"), carregando-o com toda pressa para a intimidade da sala do cafezinho, onde sempre ele contava as suas venturas e desventuras de estafeta. E, parecia, desta vez a coisa era séria.



— O que tu achas, cara?

— O que eu acho de quê?

— Ela sabe tudo!!!

— Ela quem?... Sabe o quê?...

— A matéria!

— Que matéria?!

— Pô, cara, me orienta!

— Espera um pouco, Pattho! Calminha! Vamos por partes. Primeiro me responde: ela, quem?

— A Ni!

— Que Ni?

— Ora, a Ni! A mais gostosa da minha aula!

— Certo. Segundo: ela sabe o quê?

— A matéria. Matemática.

— E daí? O que é que tem se ela sabe Matemática?

— É que ela senta do meu lado e fica o tempo todo me cutucando e pedindo explicação. Tô encucado, cara! Acho até que ela tá a fim!

Taí! Não foi preciso nem isca! O Pattho armou a arapuca e se entregou a ela com toda a avidez. E o Tranqüilo, como todo bom brasileiro que já dispõe da lenha à mão, apenas riscou o fósforo.

— Mas tu já chegaste junto, não é?

— Ainda não. Eu queria antes falar contigo. O que tu achas?

— Rapaz, é tudo contigo! Ela nem te deu a faca na mão. Ela já te entregou o queijo cortadinho! É só comê-lo!

— Bah!... Como eu sou trouxa!

— Trouxa, nada! Pra começar, se fosses trouxa, não estarias ocupando a função de estafeta! Depois, estás até valorizado com esse gelo que deste nela.

— É isso aí, cara! Nisso eu nem havia pensado! Eu sou o estafeta mais feliz desta agência!

A Ni! Logo a Ni! A Ni que dá aula de malandragem em qualquer petisco destas paragens! Logo a Ni, que já derrubou do cavalo, com sela e tudo, os maiores cavaleiros desta távola!

Logo a Ni!

II

E o dia passou... para os outros. Porque para o Pattho ele se arrastou. Aliás, a agonia se arrastou. A hora da aula não chegava nunca! Parecia que os ponteiros do relógio andavam no sentido anti-horário. E aquele relógio era tão bom!... Tão fiel!...

E ele tinha já mil planos na cabeça. Principalmente pelo fato de (segundo a cabeça dele) ela já estar "no papo".

III

— Oi!

— Oi.

— Vamos... quarta-feira?!

— Ãh!! Aonde?

— A Porto Alegre!

— Porto Alegre?! Pra quê?

— Curtir uma boa, pô!! Vamos?... Vamos?

— Ah! Pode ser... A que horas?

— De manhã... bem cedo!

— De manhã?

— Claro! Indo bem cedo a gente fica com bastante tempo pra curtir.

— E o teu trabalho? E a nossa aula?

— Ah! A gente dá um jeito. Vamos?... Vamos?

— Tá certo. Já tens tudo planejado?

E tinha. Tinha planejado pedir todas as coordenadas para o Tranqüilo. Por isso marcara o "passeio" para a quarta-feira, deixando a terça livre para os conselhos e a experiência que todo marinheiro de primeira viagem necessita ouvir do capitão.

IV

— E então, Pattho?

— Tudo numa boa, cara. Só quero que tu me orientes a manobra. O "esquema" tá na mão.

— Que orientação, Pattho?

— Ah! Tu sabes que a Ni é uma guria fina. Então, eu queria que tu me desses as coordenadas: os nomes dos hotéis mais quentes, a hora certa do bote, enfim, a maneira como eu terei que agir.

— Podes contar comigo. Amigo é para essas coisas. Quando vai ser a festa?

— Amanhã de manhã? Pode ser?

— Amanhã? Já?!

— Claro! Comigo é assim! Não tem moleza!

E o Tranqüilo despejou nomes de hotéis, nomes bonitos, sugestivos, que encheram de água a boca do Pattho; traçou coordenadas que encheram de sangue as veias do Pattho; traçou planos de ataque com todas as estratégias imagináveis e mais os etecéteras de que o grande caçador necessitaria. E, no último instante, a derradeira "lembrança":

— O pozinho tu já tens, né?

— Que pozinho?

— Aquele que deixa a caça em ponto de bala.

— Mas existe isso?!!

— Claro, rapaz! Tu não sabias? E olha que ir pra a festa sem o pozinho é como ir para a guerra sem arma. Sem pozinho tu não vais longe... lamento dizer... mas eu acho que posso consegui-lo...

— Consegue pra mim, cara! Por favor! Tu tens?

— Não. Eu estou em falta, mas o Carioca tem. Deixa que eu falo com ele.

E o Tranqüilo falou com o Carioca, um colega de labuta que "contribuiria" com o máximo prazer para o pleno êxito da aventura primeira do Pattho.

— Pattho, já falei com o Carioca. Tudo certo, só que ele precisa ir apanhar o produto em casa. Mas logo tu o terás. Podes ir falar com ele.

E o Pattho foi, com o sangue fervendo só de pensar no pozinho mágico e desconhecido, negociar com o Carioca.

— "Seu" Carioca, o Tranqüilo falou com o senhor...

— Ah! O pozinho? Falou sim — falou o Carioca vestindo uma perfeita máscara de pecador.

— O senhor me vende um pouquinho?

— Olha, Pattho, esse pozinho é muito caro. Mas o Tranqüilo falou que se trata de uma causa muito especial. Por isso, eu vou te presentear com uma boa porção. Podes considerar uma contribuição espontânea para uma justa causa. Eu só tenho que ir até em casa apanhar essa porção mágica.

— Não faz mal, "seu" Carioca, eu espero. Muito obrigado, viu "seu" Carioca? Muito obrigado, mesmo!

E o Carioca disfarçou um sorriso enigmático (e satisfeito, é claro, aquele mesmo sorriso dos vilões dos desenhos animados) em direção ao Tranqüilo, dando ciência do cumprimento da tarefa em sua primeira etapa.

V

... E o Tranqüilo e o "seu" Carioca arranjaram um "serviço" externo para o Pattho. Qualquer coisa como ir a qualquer lugar pagar qualquer coisa sem qualquer importância.

Feito isso, uniram suas forças em torno de dois comprimidos de "Melhoral" (não é propaganda; a verdade é que era o único à mão no momento) e, munidos de duas colheres das de sopa (as mesmas das receitas culinárias), entregaram-se à árdua tarefa de "produzir" o pozinho mágico em benefício da ansiedade do Pattho. Aliás, a opinião de ambos era unânime: o Pattho, muito bom rapaz, muito bom estafeta, merecia qualquer sacrifício por parte deles (inclusive transformar "Melhoral" em pozinho mágico o que, por si só, já caracteriza uma mágica).

— Tá tudo pronto, cara! É amanhã! Às cinco da matina eu pego o 'bus' na rodoviária.

— Tu pegas?! E ela?

— Ah, cara, nós temos que usar muita discrição, né? Ela vai me esperar naquela parada perto da casa dela. Vamos numa boa até Porto Alegre.

— Tu pensas em tudo, hein Pattho?

— Claro! Não esqueci nada! Até anotei tudo. Os nomes dos hotéis, o que eu terei que dizer, o que eu terei que fazer... tá tudo aqui anotado, ó!

— E o pozinho...

— Tá aqui, ó!! Tá tudo "em cima", cara! Tu achas que eu sou bobo?

— Não! Isso nunca! Eu te conheço, Pattho! E sabes que eu estou arrepiado só de pensar? Pena eu não poder estar lá na hora para te ver ao vivo e a cores... A única coisa que eu posso fazer é te desejar boas festas.

VI

O alvorecer chegou radioso. O sol, ainda se espreguiçando, testemunhava os trinares insistentes dos despertadores e rádios-relógio dos felizes contemplados com o novo dia. Mas, como toda regra que se preza tem uma exceção, essa não fugiu à regra: apenas um desses fiéis criados, em toda a cidade, permaneceu silencioso no radioso principiar: o do Pattho, é claro! Logicamente, ante as perspectivas (e pensando nas conseqüências das perspectivas) desse novo dia, o consciente, o subconsciente e, principalmente, o inconsciente do Pattho deram expediente durante toda a madrugada.

"... A Ni! Puxa vida! É uma oferenda do céu!" — exultava ele de si para si. "Algum santo ouviu as minhas preces".

E se imaginava envolvido por aquela paisagem branca que ele só conhecia do cinema e das estórias dos amigos, contadas nas populares rodinhas e que ele tanto invejava. Mas agora, ah!, agora não haveria mais motivo para invejá-los! Pelo contrário, a situação, a partir de agora, vai-se inverter. Vão passar a me chamar de "seu" Pattho!

Durante a interminável madrugada, intermináveis preocupações. Preocupação primeira: a aparência. E preocupou-se tanto com ela que tomou quatro banhos. E iguais a esses, só aqueles banhos que a mamãe lhe ministrava quando ele, ainda piá ranhento, voltava para casa após uma jornada futebolística no campinho barrento da esquina. Mais meia lata de talco depois do quarto banho, já considerava a "Fase Asseio" superada.

Ah! A roupa! "A Ni vai adorar a minha roupa nova. Escolhi a cor deste "Safári" com todo carinho... e combina com a cor das meias e sapatos novos!"

Ele não tencionava tomar o seu café-da-manhã. Estava muito nervoso, mas pensou: "...e se na hora H o meu estômago inventar de roncar? O que ela iria pensar? Teria um ataque de riso! E eu, como ficaria? O que faria? Estaria perdido já na primeira vez!" Então, tomou o seu café como se dele dependesse a sua sobrevivência. E é até compreensível que, após o café, tenha escovado os dentes cinco vezes.

Meio frasco de perfume depois da última inspeção, já se considerava apto para a experiência sobre-humana. E lá se foi ele, em direção ao sonho, desfilando as olheiras do não-dormir da expectativa.

VII

No ônibus, ria sozinho. Claro, ninguém compreendia! Mas o que importavam os outros? O que realmente importava era o que ele estava vivendo e, principalmente, o que iria viver nas próximas horas. Se esses bobos de risadas fúteis soubessem o que ainda estava por vir... Não achariam tanta graça de uma pessoa rindo sozinha. Será que eles não haviam uma vez só conhecido a felicidade?

E quanto mais o ônibus se aproximava do local do sonhado embarque, mais ele alargava o sorriso "vocês-vão-ver" e menos conseguia controlar os sentidos. Aliás, eles se encontravam muitos quilômetros à frente e haviam deixado naquela poltrona um corpo em sua forma mais primária... apenas um corpo completamente dependente.

— É na próxima parada! Se o meu coração agüentar a emoção! — falou ele em voz alta, sozinho no seu banco de ônibus, atraindo os olhares curiosos dos passageiros e atraindo, para o seu rosto, um rubor indisfarçável.

Parecia mentira, mas até que enfim havia conseguido. Após tantos sonhos e fantasias, o inatingível fora atingido! A emoção era incontrolável.

"Lá está ela! E está linda! E está me esperando! Mas tenho que ser discreto. Nada poderá transparecer. Como nós combinamos. Também, não há motivo para afobação. Teremos o dia inteiro!"

VIII

O ônibus parou. Assumiu vários passageiros. O Pattho abriu um sorriso embriagado quando a Ni se aproximou da sua janela. Mas ela ali parou.

— Oi, Pattho. Vais passear? Quando voltares me conta como foi a aventura.

Ela atirou um beijo de despedida em direção à janela atônita, rodou nos calcanhares e se afastou para qualquer lugar.

Enquanto o ônibus se afastava, o Pattho, desesperado, meteu a cabeça pela janela e gritou:

— Ni! Esqueceste o que combinamos? Por favor, Ni! Vem! Eu tenho até pozinho!

Mas ele conseguiu levar consigo apenas o sorriso irônico e gratuito da sua amada(?), coisa que, a princípio não conseguiu decifrar, tal o tamanho e a dor da ferida que instintivamente se abriu em seu coração e, rapidamente, se alastrou por todo o corpo, impedindo-o de organizar as idéias e os pensamentos. Não deu importância sequer ao riso dos passageiros, que agora se repetiam, nem às lágrimas que lhe fluíam dos olhos salgando-lhe as faces. Estas, ele não as sentia. Entretanto, aquelas lágrimas geladas e ácidas que jorravam para o seu interior

corroendo-lhe os sentimentos, o amor próprio e o próprio coração, estas sim, eram dolorosas e não haveria como estancá-las. E ele foi até Porto Alegre perdido dentro de si mesmo, sem ao menos mudar a posição em que fora alvejado por aquele sorriso mortal. Só saiu do transe ao ouvir a voz do fiscal do coletivo:

— Acorda, Pattho! Fim da linha. Onde já se viu dormir de olhos abertos!

IX

— E então, Pattho, cansado da maratona?

— Nem me fala, cara! Estou com vontade de morrer. E morrer uma morte bem morrida. Mais nada.

— ?!?!

— Não é que a desgraçada se deu o trabalho de acordar às cinco da madruga e ir até a parada só pra me gozar? Mas isso não vai ficar assim! A vingança virá em dobro. Juro!... ou não me chamo Pattho!

X

E, efetivamente, a vingança aconteceu. Seis meses após a tragédia e após um silêncio completo do Pattho a respeito de assuntos do coração (ele abandonou completamente a sala do cafezinho), ele se antecipou ao expediente, "atravessou" (atravessou mesmo!) a porta de entrada da agência, atropelou vigilantes, mesas, cadeiras, gerente de núcleo, escriturários e todos os etecéteras que compunham a agência (naquele tempo ainda não existiam os auxiliares de escritório) e correu, cego, na direção do seu amigo Tranqüilo.

Um agarrão descontrolado no braço do amigo escriturário (acompanhado de um gemido nervoso:

"Vem cá!") carregando-o com toda pressa para a intimidade da sala do cafezinho onde, outrora, ele contava as suas venturas e desventuras de estafeta. E, parecia, desta vez a coisa era séria. Sem ao menos cumprimentar o amigo foi falando, digo, berrando, despejando realizada e afoitamente:

— Me vinguei, cara! Me vinguei totalmente!

— De quem?!

— Da Ni!! Da Ni!! Missão cumprida!!

— Ora, Pattho, eu pensei que já havias esquecido aquela desventura. Eu havia esquecido, confesso.

— Nunca! Eu passei esse tempão todo só pensando nisso. E agora estou realizado. Estou vingado, cara!

— Mas tão cedo?

— E tu achas que eu sou bobo? Vê só: ela dava pra todo mundo, só não quis dar pra mim. Agora ela tem que me dar todos os dias! Não é uma vingança, cara?

— Mas como conseguiste? Chantagem?

— Não!! Ah, ah... tu achas que eu sou bobo?

... eu casei com ela!...



PELOS CAMINHOS DE MINAS

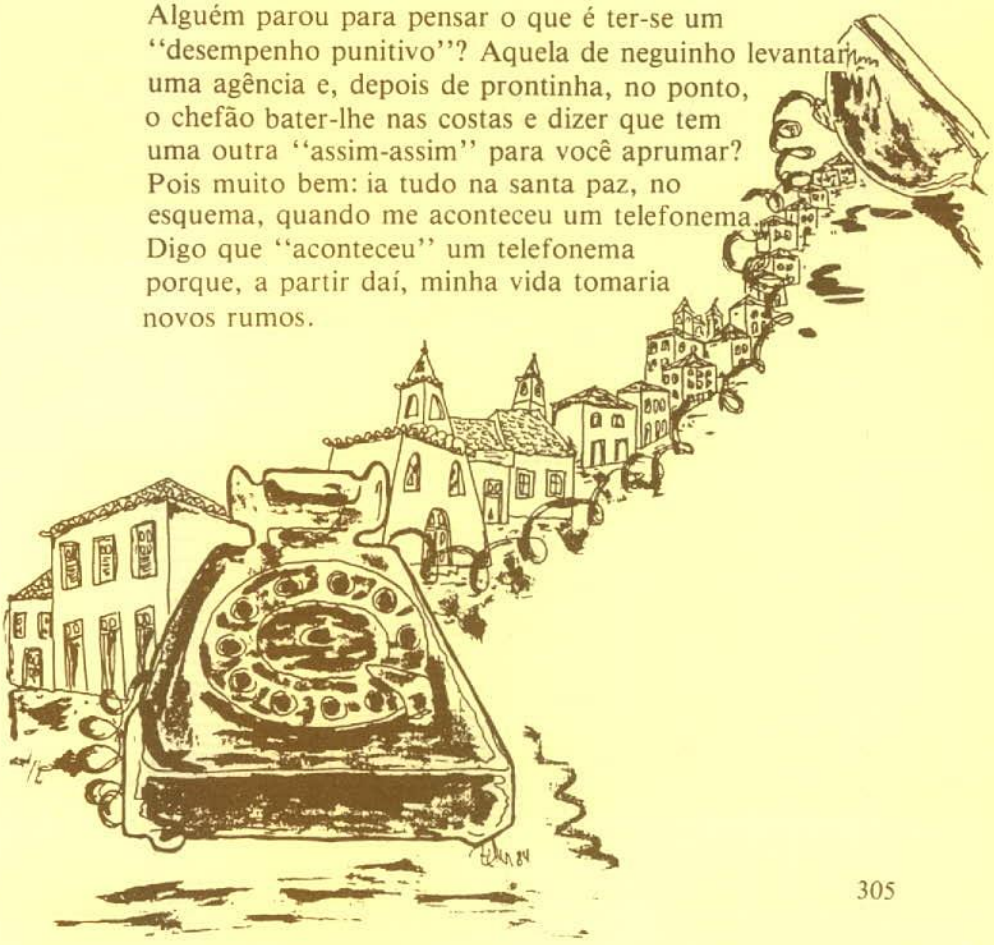
REGINA CELI DE OLIVEIRA TAVARES

Formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, a autora de **"Pelos Caminhos de Minas"** *entende que "escrever é um exercício lúdico". Os gêneros prediletos de Regina são o conto e a crônica e sua temática preferida "o homem, suas angústias e ansiedades, contradições e encantos". Neste conto ora publicado, faz a recriação de um fato do cotidiano, prestando homenagem literária à figura do gerente de agência da Caixa — o "gerente de fato e de afeto".*



Há algum tempo eu gerenciava a Agência de Santa Efigênia. Embora se tratasse de uma unidade de porte médio, naqueles idos de 1965, seu movimento, a par de todo o vaivém do bairro, era intenso. Ali funcionava a sede do Batalhão de Infantaria, de onde conquistei o "grosso" de nossa clientela; havia também os pequenos comerciantes, todos amigos meus, que também movimentavam com a gente. Assim, com a vida organizada para inspetor nenhum botar defeito, eu ia tocando: tive sorte, a agência adquiriu vida e até cresceu; dois anos após minha designação, já mudara da água para o vinho.

Alguém parou para pensar o que é ter-se um "desempenho punitivo"? Aquela de neguinho levantar uma agência e, depois de prontinha, no ponto, o chefão bater-lhe nas costas e dizer que tem uma outra "assim-assim" para você aprumar? Pois muito bem: ia tudo na santa paz, no esquema, quando me aconteceu um telefonema. Digo que "aconteceu" um telefonema porque, a partir daí, minha vida tomaria novos rumos.



Era o doutor Izaltino, com aquele jeitão camarada de quem envolve a gente sem nunca dizer tudo à primeira vez.

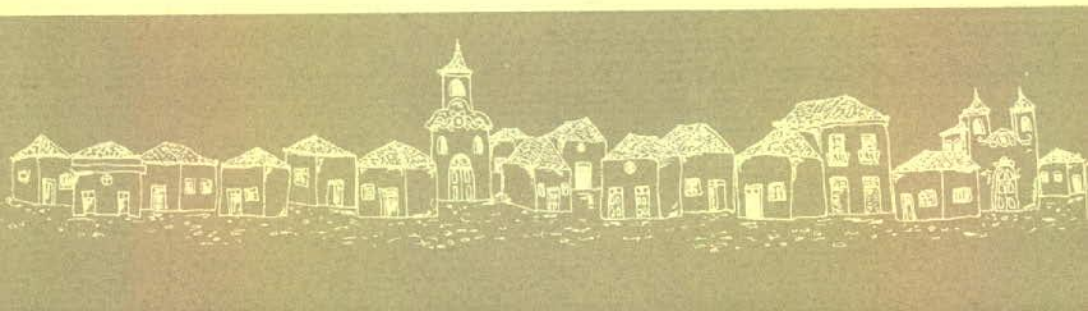
— Pois não, presidente. Passo aí hoje mesmo, vou só atender a... Ah, está bem. Muito obrigado, mas a gente faz o que pode, doutor. Então estarei aí às duas da tarde, amanhã. Até lá, doutor Izaltino!

Puxa vida! Era o que faltava: pelo papo do velho eu estava cotado como um dos melhores gerentes da capital e ele estaria precisando de meus serviços para substituir, temporariamente, numa agência do interior.

De início, baqueei-me. Mas o doutor Izaltino não era pessoa para se negar nenhum favor. Gente boa, um coração de mãe, porém tinha lá seu geniozinho!... Pelo sim, pelo não, o melhor que eu teria a fazer naquele momento seria ir preparando o espírito da patroa...

Pensando bem, não seria tão má idéia mudar de ares por seis meses. Nosso filho único já estava casado e era também funcionário da Caixa (graças a Deus e ao saudoso doutor Juscelino). Quem sabe Diamantina, com seus sonhos e casarões seculares, sua poesia e suas noites de serestas? Ou São Lourenço, com suas termas miraculosas, capazes até de curarem o meu problema renal? Ainda havia Varginha, princesinha do sul...

Falei à noite com a Marieta e quase apanhei. Mas tudo bem! Sou pacato demais para discussões e, além do mais, mulher a gente ganha é no carinho, na maciota, pensei. (Não posso negar minha veiazinha machista de bom mineiro).



No dia seguinte estava diante do presidente, com o coração aos solavancos, para ver que bicho ia dar.

— Pois é, Rui, você vem desenvolvendo um belo trabalho na Agência Santa Efigênia. Da melhor qualidade!

Elogio vai, elogio vem, eu, que sempre fui muito do pão-pão, queijo-queijo, cortei: — Pois sim, doutor, mas como o senhor ia dizendo...

Ele jogou o corpo para a frente, bateu com os dois punhos na mesa e sintetizou:

— Temos uma agência aí do interior em estado lamentável! Ruim em depósitos, ruim em aplicações, clientela fraquíssima... E não é dizer que Boa Esperança seja uma área de poucos recursos. Pelo contrário, lá o dinheiro gira, principalmente por causa do café e do gado...

Quando ele disse o nome da cidade, dei um salto sem querer.

— O que é isso, doutor Izaltino! O que é que o senhor queria de mim? Não me faça uma dessa, presidente! Tenho vinte e cinco anos de Caixa, estou tranqüilo aqui em Belo Horizonte, adoro a minha agência, lá somos uma família... Agora, Boa Esperança é uma cidade que já começa errada pelo nome. Olha só: boa. Alguém já ouviu falar em esperança que não seja boa? Seria então moda dizer: "tenho esperança de que vou morrer de câncer" e outras coisas mais. Pelo amor de Deus!



— Ah, Rui, antes que eu me esqueça, quero cumprimentá-lo pelo desempenho que o Ruizinho vem apresentando na mecanizada. Homem, o garotão é bom. Estive até pensando em passá-lo para a chefia da divisão com a aposentadoria do Antônio Alves.

Outro susto meu. Então meu menino era bom assim? E eu, como pai, ignorava o fato. Como somos ausentes! Mas que satisfação interior, que orgulho, meu garoto já chefe de divisão! Marieta iria vibrar.

— Mas, Rui, voltando ao assunto, já preveni o prefeito local quanto à sua ida. Trata-se de um parente do Benedito Valadares, o Pedro Vilela, você conheceu o pai dele, lembra, o Constantino Vilela...

Saí de lá às oito da noite, com a portaria assinada. A partir da semana seguinte eu me apresentaria em Boa Esperança, para ocupar a gerência por um período de seis meses.

Os primeiros tempos foram difíceis, não nego.

Comecei a fazer amizades e contatos. Fui ao colégio das Irmãs e peguei uma boa clientela. Tornei-me sócio do Rotary e pude contar com outra fatia boa do mercado. Ataquei a classe média local com empréstimos da Carteira Hipotecária.

Em seis meses minha aplicação havia-se triplicado, com índice quase nulo de inadimplência. A captação andava a mil... Eu já estava gostando da terrinha. Atendia aos principais clientes em horários especiais. Usei de artifícios



'sui-generis' para acabar de recuperar a agência. Percebi um detalhe da personalidade dos meus novos clientes: vi que o mineiro procura, antes de tudo, o lado afetivo do atendimento de suas necessidades básicas. Acho difícil explicar, nunca fui bom em ciências do comportamento, mas é como se o cliente fizesse mais questão de ser bem atendido, de merecer de mim uma atenção, um dedinho de prosa, do que propriamente um sim imediato sobre determinada operação.

E assim fomos caminhando...

Passei a acompanhar a vida da comunidade, só que ao pé da letra. Ia a todo casamento, batizei umas trinta crianças, fiz palestra no colégio sobre a criação do FGTS (era coisa nova, tive de passar a noite estudando, mas, e daí?).

Tive clientes pitorescos. Certa feita entrou pela agência um rapazinho de aproximadamente vinte anos, boa aparência, querendo um empréstimo. Queria porque queria que eu lhe arranjasse determinada quantia, para uma causa de "alto fim social". Tentei explicar-lhe que daquela forma eu não tinha como atendê-lo, mas que ele passasse a depositar com a gente e, assim que fosse possível...

— Rui, interrompeu ele, acabo de descobrir quem você realmente é.

Fiquei atento para ver o que viria. Quando alguém me dá um 'feedback' sempre fico interessado.



— Você, com esse tipo de tecnocrata, não passa de mais um colaborador dos infundados princípios capitalistas: emprestar dinheiro para quem já tiver dinheiro! Ideais para você não devem existir, ou se existem, se resumem em patrimônio e conta bancária. Assim, contempla os ricos, os poderosos, pouco se importando com o que se passa com a massa, com o povão!

Não deixei de ficar surpreso, mas, como já conhecia esse tipo de problema, chamei dona Benedita e lhe pedi que servisse um cafezinho caprichado para o garoto. Enquanto tentava acalmá-lo, ouvi o resmungar do velho Nonato, o tesoureiro.

— Conheço comunista até pelo cheiro!

— Calma, Nonato, ponderei, também não é assim! Olhe, meu amigo, disse voltando-me para o moço, eu compreendo o problema, também já fui jovem. Mas é preciso ter paciência até com os ideais da gente. No fundo você até tem razão: realmente é necessário voltarmo-nos para o povo, para suas principais carências. Nesse ponto, a nossa Caixa sempre esteve atenta. Só que não vivemos de brisa e temos de trabalhar com dinheiro. Recebemos de um, aplicamos com outro, numa cadeia que, ao fim, beneficia a todos. Veja as obras que a Caixa vem financiando na cidade: quanto trabalho geraram, como são importantes para a comunidade!

— Trabalho! Você não vê que é justamente no trabalho que vocês, capitalistas e pelegos, mais exploram as camadas inferiores? Vou até pedir aqui à boa Benedita que nos comprove, como lídima representante da classe operária, o que significa o sistema.



— Uai, seu Rui, não era café que ele tinha pedido?
(Benedita não estava entendendo mais nada).

Nessas alturas foram chegando os curiosos e vi que teria de levar o rapaz para a copa e ter com ele outra conversa.

Saímos dali amigos. Ele queria uma verba para auxiliar na reconstrução do telhado da Santa Casa, que tivera a parte dos fundos destruída pela chuva do dia anterior. Abrimos logo uma lista, entre funcionários e clientes, contei com o apoio de entidades de classe e, em dois dias, estávamos com o dinheiro apurado. A Caixa Econômica acabava de ganhar um cliente e a Santa Casa, um telhado novo.

Minha vida se integrara à vida da cidade. Amava Boa Esperança.

Marieta nem pensava mais em sair de lá.

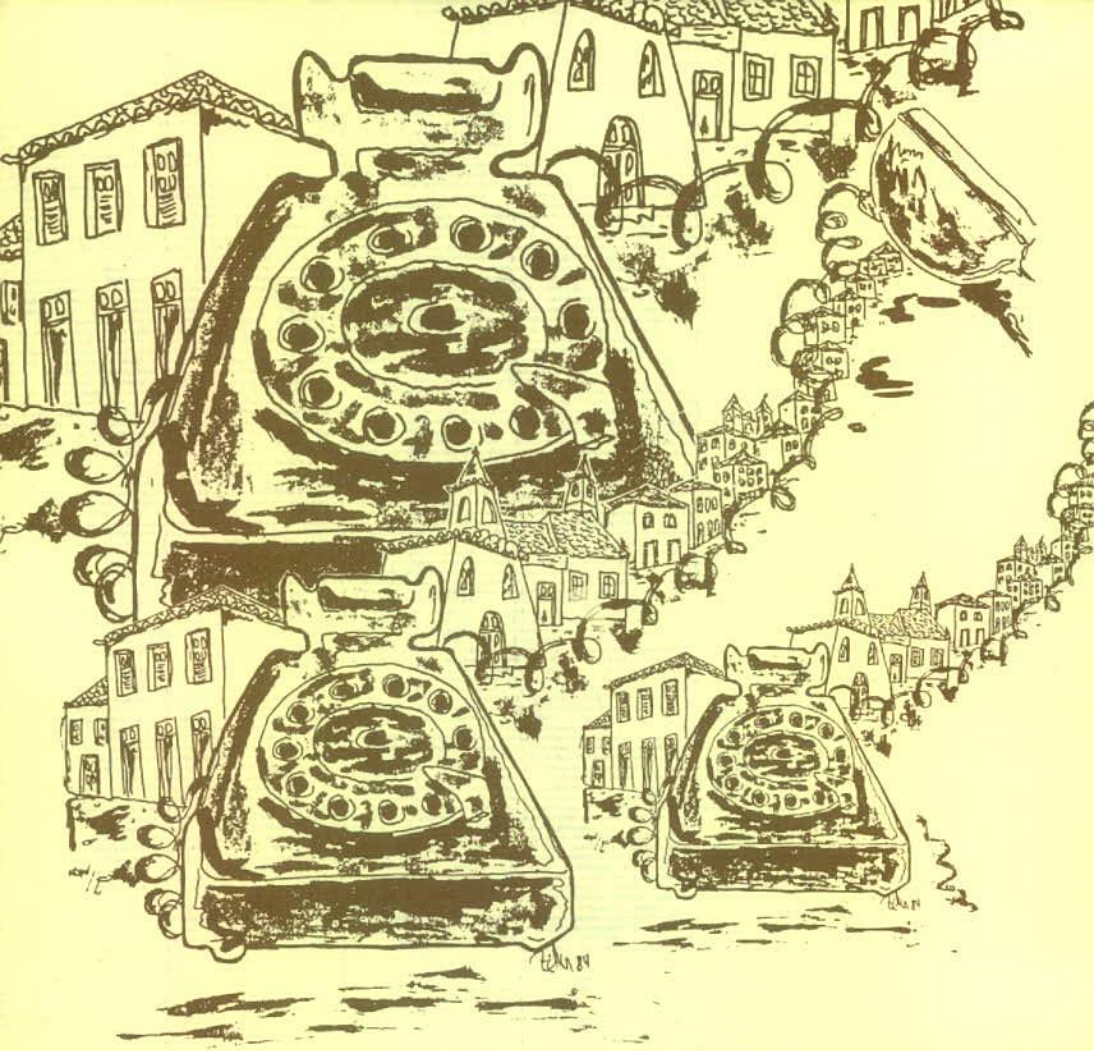
Compramos um sitiozinho nas imediações, para passar algum fim de semana.

Foi aí que começaram a falar em unificação. A princípio, certa desconfiança, mas, depois, muita fé.

Era nossa Caixa crescendo...

Faltava-me pouco para aposentar-me, quando tive outra surpresa: com a unificação, a estrutura de nossa então Filial Minas Gerais fora remodelada e a administração estava constituída; na Gerência Geral, o Arthur Vieira. Para a Adjunta, dois nomes em questão: o meu e o do Murilo Cardoso. Optaram pelo meu e o Murilo foi chefiar o Departamento de Contabilidade.





E, mais uma vez, arranquei-me de minhas raízes e tive de voltar para Belo Horizonte.

Hoje estou aposentado. Mas não é sem emoção que, às vezes, me sento em casa e me ponho a lembrar de casos passados.

Invariavelmente, a Caixa está envolvida. Parece até que já está no sangue...

Pois não é que o Ruizinho Neto, agora com dez anos, já fala em ser economiário?

O CASO DA VELHA DA VERRUGA

ZENI ISQUIERDO DANELON

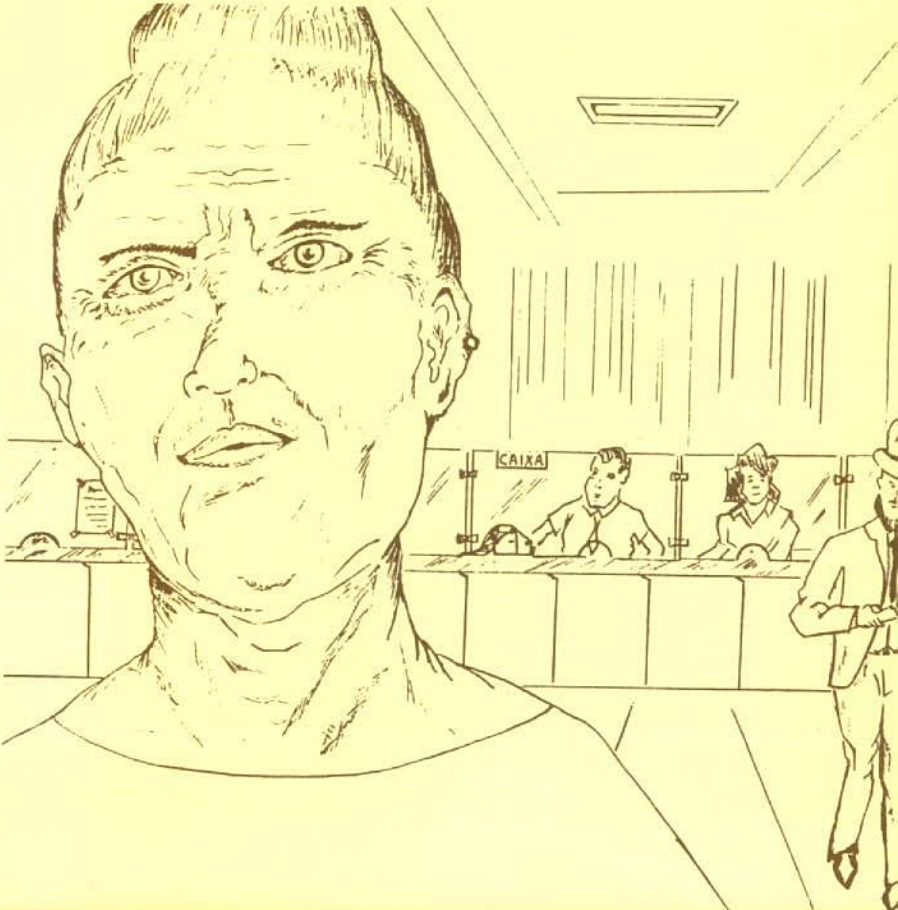


Gaúcha de Camaquã, onde também reside, Zeni foi estudante de Letras, curso que interrompeu para dedicar-se à educação das filhas, "assumindo o papel de mãe e economiária". Escreve quando solicitada por temas concretos, em ocasiões especiais, sem preocupar-se em colecionar seus escritos. "Até este Prêmio meu universo de escrita era restrito apenas à agência onde trabalho", assinala. "Só depois do concurso vislumbrei novas possibilidades e vi ampliado meu pequeno mundo, passando a acreditar mais em mim", diz a criadora de **"O Caso da Velha da Verruga".**

Quatro de abril de mil novecentos e oitenta e três, tempo em que as cadernetas de poupança recebiam rendimentos trimestrais.

Em frente à agência, o povo se acotovelava, na ânsia de entrar assim que o vigilante abrisse a porta. Dentro, os caixas apressavam os serviços de compensação de cheques, preparando-se para iniciar o atendimento do dia.
O movimento prometia ser intenso.

Quando enfim bateram dez horas, a multidão invadiu a agência, enfileirando-se afobadamente em frente aos guichês, formando cinco cordões que se estendiam quase até a porta de entrada.



Estava eu substituindo um colega que se encontrava em férias, na função de caixa executivo. Entusiasmada pela oportunidade que me fora concedida, lancei-me a um atendimento rápido e atencioso a todos os clientes que desfilavam pelo meu guichê. Pagando, recebendo, fornecendo saldo, prestando informações. E assim foi por todo dia. Ao final do expediente, orgulhosamente exibi duzentas e cinqüenta e sete autenticações e caixa zerado. Sentia-me satisfeita com meu próprio desempenho.

Minha alegria, no entanto, estava fadada a durar pouco. Ao verificarmos o fechamento final entre os caixas e a contabilidade da agência, constatamos uma diferença de sessenta mil cruzeiros, a menor nesta última.

Somados novamente todos os documentos, ficou comprovada a ausência de um comprovante de pagamento, mais precisamente uma guia de retirada. E ao se fazer uma conciliação entre os documentos existentes naquele valor e as autenticações constantes das fitas dos caixas, concluiu-se que era de minha responsabilidade o extravio. Eu entregara, indevidamente, o documento para o cliente.

Tentei inutilmente relacionar o movimento com seu autor, já que, para meu desalento, não lançara aquela retirada na listagem. Assim, só me restou recolher a importância que, na época, representava sessenta e seis por cento da função mensal de caixa. Vali-me do empréstimo de um colega.

Iniciei então uma exaustiva pesquisa para localizar o cliente que fizera aquela retirada, para reaver o documento a fim de ressarcir-me do prejuízo. A primeira providência foi reconstituir minha fita de caixa e apurar, face à documentação do dia, os "vizinhos" de fila desse cliente.

Foi conversando com um deles, funcionário de uma farmácia local, que obtive preciosos elementos a respeito.

Lembrava-se ele perfeitamente daquela senhora gorda, baixa, morena, de cabelos semicurtos, já idosa e com uma verruga na orelha, que estava logo a sua frente na fila. Ela lhe chamara a atenção porque da orelha, além do sinal, pendiam uns brincos de argola, os quais, segundo julgou, serviam para disfarçar o sinal. Interessado em colaborar, garantiu-me que a reconheceria de imediato caso a encontrasse e que, se isso acontecesse, a encaminharia de pronto para mim.

A partir daquele dia, passamos, meus colegas e eu, quando tratávamos do assunto, a nos referir a ela como "a velha da verruga". E toda senhora gorda, baixa e morena que entrasse na agência, era observada atentamente até que pudéssemos reparar se em suas orelhas não havia uma verruga. Todas com essas características eram suspeitas.

Conhecidos esses elementos, tentei descobri-la por eliminação, através do fichário da agência. Relacionei, com auxílio de uma estagiária, todas as senhoras titulares de caderneta de poupança, na faixa etária entre os quarenta e os sessenta anos, e que possuíam saldo superior a sessenta mil cruzeiros, dando atenção àquelas conhecidas de algum colega e que fossem, sabidamente, gordas, baixas e morenas. Algumas até tinham sinais, às vezes no nariz ou no queixo, mas na orelha, nenhuma.

Visitei pacientemente cada uma das suspeitas, incluindo uma no interior do município. Mas, em cada visita, uma decepção: A "velha da verruga" parecia ter-se evaporado. Já começava a aceitar minha triste sina. Minha única chance agora era a remota possibilidade de identificá-la entre a multidão que novamente se dirigiria à agência no início do próximo trimestre. Depois, então, desistir e esquecer.

Um dia, uma colega convidou-me a visitar um vidente que havia na cidade e que parecia ter muita credibilidade, pois

trabalhava nesse ramo já fazia anos. Concordei e lá fomos nós, cheias de novas esperanças, procurá-lo.

No 'hall' de entrada do hotel onde ele se hospedava, a proprietária nos informou ser de um mil cruzeiros o preço da "consulta". O famoso vidente, porém, após obter sutilmente a informação de onde trabalhávamos, cobrou-me o dobro daquele valor.

Inicialmente ele não queria permitir a entrada de minha colega ao "consultório", mas por fim assentiu, e sentamo-nos muito sérias a sua frente. Ele me mandou anotar num pequeno papel o nome de uma pessoa já falecida e as questões para as quais gostaria de obter respostas, retirando-se da sala enquanto eu escrevia. Ao retornar, retirou o papel que eu dobrara e colocara sob um crucifixo, conforme sua orientação, rasgou-o em pedacinhos e passou a responder às perguntas formuladas, citando o nome de minha mãe, que lá eu havia anotado.

Minha colega e eu estávamos boquiabertas.
Suas respostas, no entanto, foram vagas e generalizadas, denotando total desconhecimento da solução para o meu problema. Tratava-se apenas de um bom truque.

No dia seguinte, quando chegamos à agência, o assunto estava na ordem do dia. Fomos motivo de grande gozação por parte dos colegas. Houve até quem bem lembrasse que meu prejuízo agora estava em sessenta e dois mil, sem contar o combustível que gastara em minhas andanças.

Eis porém que numa tarde, ao final de mais um dia de labuta, recebo um telefonema memorável. O jovem da farmácia cumpria o que prometera: acabara de encontrar-se com a "velha da verruga" e ela estaria em seguida dirigindo-se para a agência. Ainda pelo telefone forneceu-me seu endereço e, como se tratava de local bem

próximo da agência, o gerente de núcleo incentivou-me a ir até lá.

Já no meio do caminho nos encontramos. Tratava-se de uma senhora muito conhecida do pessoal todo, que estivera por diversas vezes após o ocorrido na agência, nem de longe suspeitando que estivesse envolvida, mesmo inocentemente, num caso como aquele.

Dirigimo-nos ao seu apartamento, onde ela abriu uma caixinha de sabonetes, cheia de papéis, pelos quais eu corria os olhos em busca do encantado papelzinho branco, até que o identifiquei e, juntas, demos boas gargalhadas.

Convidei-a então para acompanhar-me até a agência, a fim de combinarmos com o gerente de núcleo como se daria o ressarcimento.

Quando lá chegamos, o pessoal estava em reunião. Entrei, acenando o papelzinho e, não resistindo, solicitei uma salva de palmas para ela, no que fui prontamente atendida pelos colegas.

Combinamos então que, já que faltavam poucos dias para o final do trimestre, aguardaríamos até o primeiro dia útil de julho, quando então meu dinheiro receberia juros e correção monetária na conta dela. Afinal, eu fizera uma poupança forçada.

No dia marcado, ela compareceu à agência e efetuamos toda a operação, encerrando assim aquele caso. O capital, depositei em poupança em meu nome; dos rendimentos, comprei uma camisa para o rapaz da farmácia, uma caneta para o colega que me emprestara o dinheiro por dezesseis dias, e um buquê de rosas para a "velha da verruga".

Até hoje, a minha querida velhinha, que nem é tão velha, nem tão gorda, nem tão baixa, e cuja verruga quase nem se enxerga, não entra em fila. Recebe meu atendimento especial. Ainda ontem ela esteve na agência para fazer uma retirada da poupança, porque ia hospitalizar-se para submeter-se a uma cirurgia. Eu estava mais uma vez no caixa, mas vim atendê-la no balcão. Perguntei-lhe o motivo da internação, e ela, baixando o tom de voz, me respondeu: — "Vou extrair um pequeno sinal que tenho na orelha!" E virando-se indicou-me discretamente a já para mim famosa verruga, como se estivesse me revelando um íntimo segredo que eu, respeitosamente, fingi desconhecer.



RELATÓRIO DA COMISSÃO JULGADORA

Os membros da Comissão Julgadora do "Prêmio Literatura da Caixa", abaixo assinados, têm o prazer de apresentar a Vossas Senhorias o Relatório do trabalho realizado de acordo com as normas estabelecidas no Regulamento do Concurso.

Os 215 (duzentos e quinze) trabalhos inscritos foram examinados atentamente pela Comissão, que levou em conta, principalmente:

a) os elementos de literariedade apresentados em cada um deles;

b) seu enquadramento na modalidade ficcional do gênero narrativo denominado CONTO;

c) a presença, no conteúdo de cada trabalho, de elementos ligados às atividades da Caixa Econômica Federal, sua história, sua tradição, seu folclore etc.

A Comissão Julgadora utilizou-se de critério bastante elástico quanto à conceituação do que seja conto, admitindo como válidas todas as variações até hoje conhecidas dessa modalidade ficcional (o conto conservador, convencional, o conto intimista, o conto atmosfera, o conto fantástico, o conto urbano, o rural, o miniconto etc.), preocupada principalmente com o valor literário de cada trabalho.

Ao dar por cumprida a missão que lhe foi atribuída, a Comissão Julgadora apresenta a Vossas Senhorias — e à Caixa Econômica Federal — as suas sinceras felicitações pela nobre iniciativa de estimular, entre os economiários, o surgimento de novos valores literários, e pelo inegável bom êxito do seu 1º Concurso Literário.

Brasília, 06 de agosto de 1984.

Almeida Fischer — Presidente

Alan Viggiano — Membro

Ronaldes de Melo e Souza — Membro

ILUSTRADORES:

Anelise Maria B. Remigio (PE)
"Meu Pai Trabalha na Caixa"

Antônio Carlos D. F. de Freitas (PE)
"Garimpo: Esse Mundo Encantado que a Caixa Conquistou"

Bruno Matos Canielo (DF)
"A Senha"

Cesar Benvenuto Palvarini (DF)
"A Caixa de Pandora"

César D'Ávila (BA)
"Aposentados"

Crescêncio João C. de Araújo (RS)
"O Pattho (Aventuras de um Estafeta)"

D'Annunzio François de S. Dias (GO)
"O Caso da Velha da Verruga"

Domingos de Oliveira (RS)
"Palmares, Palmário, Palmério e Poupança"

Edir Antonio Monteiro (DF)
"É Pato ou Galo?"

Emir Lopes Godinho (DF)
"Promessa é Divida"

Fernando Lima (PR)
"Pé-de-Meia"

Flávio Luís P. Silveira (DF)
"A Quina"

Hélvio Rodrigues (MG)
"Cobra Coral de Alagoas"
"É do Penhor?"

Hirma Teixeira Nóbrega (CE)
"Aconteceu em Setembro"
"Alforria"

Márcio Freitas de Souza (RJ)
"Cérebro Eletrônico"
"Financiando a Liberdade"

Marilene Jorge Pulga (SP)
"Armas e Bagagem"

Sebastião Rodrigues da Silva (GO)
"Nasce um Gerente"

Sérgio Faria (DF)
"Cargo de Confiança"

Suely Penha de Almeida (MA)
"Fechamento"
"Mangabeira, O Presidenciável"

Toyoko Hayasaka Kuiti (SP)
"Um Conto de Negro"

Zéllo Visconti (DF)
"Pelos Caminhos de Minas"

Composto e impresso por:
DUPLIGRÁFICA Editora Ltda
Fones: 225-3798 – 225-3848 – 226-9185
Brasília-DF

"Uma Instituição sem Memória corre o risco de repetir a História"

Uma instituição não tem cara e não tem alma. Tem História mas não tem histórias. Cara e histórias têm as pessoas que trabalham na instituição.

Estas histórias de funcionários da Caixa Econômica Federal, todas elas direta ou indiretamente sobre a Caixa, o seu passado, o seu folclore e o seu significado na vida dos outros, resgatam o humano detrás da fachada empresarial.

Não é sempre que se vê uma instituição expor sua alma assim, em público.

Luis Fernando Veríssimo



CAIXA
ECONÔMICA
FEDERAL

CONJUNTO CULTURAL DA CAIXA
Alma de um Banco Social

Ao assinar o Decreto nº 2.723, no dia 12 de janeiro de 1861, criando uma Caixa Econômica e um Monte de Socorro no Rio de Janeiro, Sua Majestade Imperial D. Pedro II certamente não imaginava que estava começando a escrever a história de um verdadeiro Banco Social.

Uma história que continua sendo escrita por todos os brasileiros, quando abrem uma Caderneta de Poupança, adquirem sua casa própria, compram um bilhete da Loteria Federal, apostam na Esportiva, na Loto ou, ainda, se beneficiam dos inúmeros programas sociais da Caixa.

O Folclore da Caixa — Contos revela uma nova faceta do economiário, agregando ao perfil deste prestador de serviços à comunidade uma insuspeita vocação literária que se manifestou com rigor nas 215 inscrições ao concurso que deu origem a esta coletânea. Os 25 contos selecionados pela comissão julgadora do **Prêmio Literatura da Caixa** fornecem um amplo painel da realidade vivida diariamente por mais de quarenta mil empregados nas unidades da CEF espalhadas por todo o país, propiciando, também, uma verdadeira incursão pela história do Brasil.

Além do escritor, aqui comparece, também, outro artista economiário: o desenhista. Convocados pela comissão organizadora, empregados de diversos Estados prontamente atenderam ao convite, criando as ilustrações dos contos de **O Folclore da Caixa**.